VOLUME 28.º **N.ºs 1-4** **1930**

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico Português

SUMÁRIO

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA:

BIBLIOGRAFIA:

NECROLOGIA:

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1930

REVISTA LUSITANA

PORTO — Imprensa Portuguesa
Rua Formosa, 116

REVISTA LUSITANA

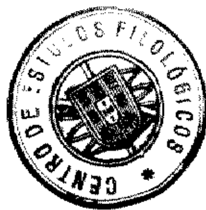
Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico Português



VOL. XXVIII

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1930

REVISTA LUSITANA

VOL. XXVIII 1930 N.os 1-4

A LENDA DO CORAÇÃO COMIDO

Entre os trovadores provençais ha um que, embora pouco produtivo, a julgar pelo numero de canções que lhe são atribuidas, dez apenas, e d'essas ainda tres de autenticidade duvidosa, iguala todavia, se é que não excede em ternura e sentimento os que melhor souberam cantar o amor; é Guilherme de Cabestanh. Os seus versos, pela sinceridade que neles transparece e pelo tom vivo e ardente que os caracteriza, dão claramente a ver que foram escritos, sob o dominio de forte paixão, o que aliás é confirmado pelo que da vida do seu autor nos contam todas as quatro biografias que d'ele existem, as quais, embora escritas muito depois da sua morte, são bastante antigas. D'essas, cada uma mais pormenorizada do que a outra, apenas transcreverei a mais resumida, que todavia os criticos não julgam a mais antiga; diz ela assim:

«Guilhem de Cabestanh era um cavaleiro da comarca do Rossilhão, vizinha da Catalunha e da Narbenense; era formoso, muito bom cavaleiro e muito cortês. Havia na comarca uma senhora chamada Seremonda, mulher de Reimão, senhor do Castel de Rossilhão. Este era um homem mûito rico e nobre, mas duro e mau, asselvajado e orgulhoso. E Guilhem de Cabestanh amava D. Seremonda, e cantava d'ela e fazia canções a seu respeito. E a dama, que era moça e nobre e formosa e agradavel, amava-o mais que tudo. Isto chegou aos ouvidos de Reimão de Castel de Rossilhão, que enfurecido e cioso, ao saber que o que lhe haviam contado era verdade, fez vigiar a mulher e encerrou-a severamente.

E um dia Reimão de Castel-Rossilhão encontrou-se com Guilhem, que passava pouco acompanhado, e matou-o. Em seguida arrancou-lhe o coração e ordenou a um escudeiro que o levasse ao castelo.

Depois mandou-o assar e bem temperado de pimenta deu-o a comer a sua mulher. Depois que esta o comeu, o marido disse-lhe o que ela tinha comido, com o que ela perdeu a vista e o ouvido. Quando voltou a si, disse para ele: Senhor, destes-me tão bom manjar que nunca mais comerei outro.

Ao ouvir-lhe estas palavras, ele quis bater-lhe na cabeça com a espada, mas ela atirou-se da janela e morreu.»

A 2.ª redacção, além de contar uma circunstância que a 1.ª omite, isto é, que, para lhe provar que o que ela acabava de comer era o coração de Guilhem, o marido lhe mostrara a cabeça, tem mais este pormenor:

«A noticia correu pelo Rossilhão e por toda a Catalunha que o senhor Guilhem de Cabestanh e a dama tinham perecido assim desgraçadamente e que o senhor Reimão de Castel-Rossilhão tinha dado o coração do senhor Guilhem de Cabestanh a comer a sua mulher. E grande foi o dó que isso causou em todas aquelas comarcas, e a queixa chegou ao rei de Aragão, de quem dependiam os senhores Reimão de Castel-Rossilhão e de Guilhem de Cabestanh. E veiu então a Perpinhão, em Rossilhão, e mandou vir á sua presença Reimão de Castel-Rossilhão. E, quando ele chegou, prendeu-o e tirou-lhe todos os castelos, que mandou deitar a baixo, e quantos bens possuia e fê-lo encerrar numa prisão. Depois ordenou que o corpo de Guilhem de Cabestanh, conjuntamente com o da dama, fossem levados a Perpinhão e metidos num moimento diante da porta da igreja. Fez depois escrever no moimento como os dois tinham morrido e ordenou que todos os cavaleiros e damas do condado de Rossilhão fossem todos os anos celebrar o aniversario da sua morte. E o senhor Reimão de Castel-Rossilhão morreu na prisão do rei.»

Nas restantes redacções nota-se a preocupação dos seus autores em citar a poesia que deu causa aos ciumes do castelão e o motivo que levara o trovador a compô-la, isto é, saber que a sua dama, por suspeitas do marido, havia sido por ele encerrada numa torre, depois de lhe ouvir e sofrer palavras e acções muito desagradaveis. Nessa poesia, que começa por estas palavras:

Le dous cossire
Que'm don'Amors soven,

dizia o trovador:

Tot quan fas per temensa
Devetz em bona fey
Penre, neus quan no'us vey;

nisso viu o cioso marido a confirmação das suas suspeitas, pois realmente o poeta não podia ver o objecto da sua paixão.

Mas historia muito parecida com a que nos transmitiram as biografias do trovador provençal e referida a personagens diferentes vamos nós encontrar noutras partes. Assim:

Bocácio, na novela 9 do 4.° dia, ou seja na 39 do seu *Decamerone* conta historia identica de dois cavaleiros, chamados ambos Guilherme, mas apelidados um Rossiglione, outro Guardastagno. Pela fonte aonde a foi buscar, que revela nas palavras *secoudo que racconlano i Provenzali* de que se serve, vê-se claramente que, não obstante a leve alteração dos nomes dos dois homens e da omissão do da mulher, causadora da tragedia, se trata dos mesmos personagens, que figuram nas biografias de G. de Cabestanh.

Num livro intitulado *Comptes amoureux de Madame Jeanne Flore* e cuja edição mais antiga conhecida é a que se publicou em Lyon (França), segundo todas as probabilidades, pois não traz data, no ano de 1540 ou pouco antes, além da novela 8 do 5.° dia, ou seja, a de *Nastaglio degli Onesti* do citado *Decamerone*, o seu desconhecido autor intercalou tambem uma historia semelhante, que só diverge da contada pelo novelista italiano em fazer a condessa morrer de desgosto pelo que acaba de ouvir ao marido, desgosto tão profundo que, levando a mão ao coração, cai por terra sem vida.

Mas já antes, no romance em verso, intitulado *Le Châtelain de Couci*, composto, segundo parece, no fim do sec. XIII ou principio do XIV, conta-se uma historia muito parecida. Com efeito lá se diz que um cavaleiro, o que deu nome ao poema, se apaixonara por certa dama casada, tendo porém os seus amores sido descobertos pelo marido enganado, este, para afastar o seu rival, faz-lhe saber pela mulher que com ela tencionava acompanhar uma cruzada que estava a organizar-se em defesa dos lugares santos. O apaixonado, acreditando nestas palavras, cruza-se e parte para o Oriente, levando consigo umas tranças, que a sua amada lhe dera por ocasião da despedida, mas é ferido por uma lança envenenada num

combate com os serracenos. Achando-se meio restabelecido, embarca num navio de regresso á patria, mas durante a viagem, sentindo que a morte se aproximava, pede ao pagem, seu confidente, que, depois da sua morte, lhe tire o coração e com as tranças e uma carta que então escreve, tudo metido num cofre, entregue este á sua dama. O marido desta, que nunca pensara em tomar parte na expedição, dá um dia de frente, num atalho, com o mensageiro do cavaleiro, que já conhecia por seu confidente, sob ameaça de o mandar enforcar, obtem d'ele o cofre, tira de lá o coração, que entrega a um cozinheiro, recomendando-lhe que o prepare e sirva á dama somente. Esta acha a iguaria tão saborosa que estranha não a ter visto repetida. Ao que aquele lhe replica que não era de admirar achar-lhe ela tanto sabor, pois era o coração do Castelão de Coucy o que acabava de comer, e, para prova, lhe mostra a carta, as tranças, e o cofre.

A resposta d'ela é identica á da condessa do Rossilhão, mas não se atira, como esta, da janela abaixo e morre puramente de dor, como a heroina da precedente narrativa. O marido faz-lhe solene enterro com receio da familia e depois dirige-se ao Ultramar, onde morre de tristeza.

Ainda historia parecida acha-se na Alemanha, referida ao trovador ou *minnsinger* Reinman von Brennenberg, que viveu no seculo XIII. D'ele se diz que, adorando a duquesa d'Austria, com aprazimento d'ela, a cantava em seus versos, sem revelar o seu nome, como verdadeiro poeta cortesão. Aconteceu-lhe, porém, um dia, ao falar de outra dama, na presença da marquesa, dizer que igualava em beleza á rainha de França. Semelhante expressão era então usual na Alemanha e servia, á laia de proverbio, de caracterizar a máxima formusura. A duquesa não gostou do dito e exigiu do seu adorador que fosse a Paris certificar-se da veracidade do que afirmara. Disfarçado em vendedora, ele conseguiu entrar no palacio real e chegar até junto da rainha, a oferecer a sua mercadoria; esta regateou no preço, mas não comprou. De regresso, embora convencido do contrario, disse á duquesa que ela era a mais bela. O marido que soube do caso por sua vez teve ciume do pobre trovador e a historia termina por forma já conhecida das outras versões.

Mas a referência mais antiga a esta lenda, na sua parte essencial, isto é, na vingança que o marido atraiçoado toma do seu rival, matando-o e dando depois o coração a comer á

mulher, encontra-se num romance em verso, composto na 2.ª metade do seculo XII por um poeta anglo-normando, de nome Thomas, sobre os amores de Tristão, onde se diz que a Iseu de brancas mãos, com o fim de minorar as saudades do seu amado, que não via desde muito, cantava ao som da harpa um lais no qual se dizia:

Coment dan Guirun fu supris,
Pur l'amur de la dame ocis,
Que il sur tute rien ama,
E coment li cuns puis dona
Le cuer Guirun a sa moillier
Par engin un jor a mangier
Et la dolur que la dame out,
Quant la mort de sun ami sout.

Acresce ainda que todas as versões concordam entre si na qualidade de poeta que dão á vitima do marido ciumento, apenas Bocácio e conseqüentemente a redacção francesa do seculo XVI a omitem, talvez, como pensa Hauvette, porque se cingiu não a um texto escrito, mas a uma tradição oral, que provavelmente ouvira a muitos senhores e damas da nobreza provençal com que conviveu em Napoles, onde passou parte da sua mocidade na corte de Roberto d'Anjou (1).

Lenda muito parecida com a que anda ligada ao nome do trovador provençal, apenas com uma pequena diferença — subir a heroina a uma torre e precipitar-se d'ela — existe na India, onde foi, não ha muito, colhida da tradição oral, referente a Rosalu, um velho heroi do Punjab. Essa descoberta levou Gaston Paris, que a estudou, a dar á primitiva versão origem oriental, contrariamente á sua primeira opinião, que era pela celtica, de certo levado pela consideração de que tantas outras de lá vieram á Europa, transmitidas pelos árabes. Patzig, que d'ela tambem se ocupou num estudo sobre G. Cabestanh, dá-lhe igualmente origem oriental, associando o Rossilhão da Provença com o indiano Rasalu, que identifica com Castel-Rosolho, no ducado de Rossilhão, perto do qual ha dois lugares chamados Capestang e Cabestang. Na sua opinião, adaptado á geografia e nomenclatura local,

(1) *Romania*, XLI, pag. 189.

um conto de proveniência estranha, fez-se heroi d'ele o trovador provençal, por ficar a sua morada nas vizinhanças do castelo de Rossilhão.

Mas pela mesma razão poderemos pensar o contrario, isto é, que o topónimo Rossilhão teria sido associado ao Rosalu da India e que portanto a emigração se fez do Ocidente para o Oriente, como pensa Hauvette, sendo seus importadores os muitos mercadores italianos que do fim do seculo XIII ao meado do XV, por meio da Persia, chegaram á India e até á China (1).

Lenda similhante ás referidas encontra-se ainda no n.º 62 dos *Cento Novelle Antiche*, mas, acompanhada de aventuras picarescas, que em certo modo lhe diminuem o primitivo caracter trágico. Aí, o cantor apaixonado é substituido por um rustico potente que se presta aos desejos libidinosos das criadas de quarto de certa condessa e por fim aos d'esta propria, mas depois é morto pelo marido, que a todas manda em seguida servir o coração, que elas comem com prazer; sabedoras, porém, da verdade, não se matam, como as heroinas anteriores, mas morrem para o mundo, fazendo-se freiras e fundando um convento onde recebem com requinte de amabilidade os que lhes vão pedir pousada. Novela muito parecida com esta inseriu Bocacio na 1.ª das quatro do 3.º dia do seu *Decamerone* a proposito das aventuras do jardineiro de certo mosteiro com as respectivas monjas e abadessa.

Ambas devem provir da mesma origem ou seja um lais, igualmente bretão, como o de Guirun, no qual se conta que um cavaleiro, chamado Ignaure, servia doze damas ao mesmo tempo e cujo coração e mais alguma cousa (2) foi dado a comer a todas, que tambem acharam o manjar muito saboroso, mas depois, quando informadas do que ele era na realidade, deixaram-se morrer de fome. Esta extravagante versão, que aparece já no seculo XII, deve, como a de Guirun, ter origem comum, naturalmente de data mais antiga do que aquela em que pela primeira vez aparece escrita. De igual proveniência,

(1) Cf. a revista citada, pag. 203 e 204.

(2) Hauvette (id. 193 n. 3) é de parecer que os *genitais* entrariam na mais antiga versão da lenda, mas que o espirito cavalheiresco os teria feito desaparecer como improprios do seu caracter refinado de cortesania.

a julgar da semelhança do nome, deve ser tambem uma lenda muito semelhante que a respeito de um trovador provençal, chamado Linaure, que parece ter sido contemporaneo de Cabestanh, conta Arnaldo Guilhem de Marsan nos seus *Ensenhamen*. Tambem de certa marquesa de Astorga do tempo de Carlos II se diz ter matado a amante do marido, a condessa de Aulnois, e dado a este a comer o coração da sua vitima, retirando-se depois para um convento onde endoideceu.

D'estas versões, de outra que vem referida nos *Sermones parati de tempore et de sanctis* (CXXIV) e ainda de um conto que sobre o mesmo tema compôs o poeta alemão Conrado de Wurtzburg, que faleceu em 1287, vê-se quam popular se tornou a lenda de que me estão ocupando e que ela ainda não desapareceu mostra uma cantiga existente na Suecia sob o nome de *Hertig Frojdenberg* e *Fröken Adelin*.

Em todas estas versões da mesma lenda um ponto ha em que todas concordam, é no coração do amante, depois de guisado, dado a comer pelo marido á adultera, verdadeira ou suposta; no que diferem é na maneira como esta morre, depois de provar do macabro manjar e de o afirmar de excelente sabor, precipitando-se numas de uma janela ou de uma torre, finando-se noutras de puro desgosto. Pondo de parte as restantes personalidades que nela figuram, por me parecerem puramente fantásticas, vejamos aquelas cujos nomes pertencem á historia, ou sejam o Castelão de Couci, e os dois trovadores, o germano e o provençal. De *Guido*, o castelão (isto é, governador em nome do senhor do castelo), de *Couci*, que faleceu em 1203, é positivo que nada tem com a lenda que se lhe atribuiu; se o autor do romance em verso do mesmo nome o fez figurar aí, foi só no intento de poder intercalar nele algumas das suas canções. De *Reinman von Brunnenberg*, natural do país de Ratisbona, cuja existência em 1283 se acha provada por documentos, consta que foi morto pelos seus compatriotas antes de 1276. *Guilhem de Cabestanh*, que tirou o seu apelido da povoação onde nasceu, no cantão de Perpinhão, sabe-se que em 1212 tomou parte com outros cavaleiros na batalha das Navas de Tolosa, contra os mouros da Andaluzia. Da sua pretendida amante Seremonda, antes Saurimonda de Peralada, existe o termo do seu casamento celebrado em 26 de Março de 1197, com Raimundo de Castel Rossello. Documentos posteriores, isto é, de 1210 a 1221, informam-nos ter ela contraído terceiras nupcias com Adhemar de

Mosset, cujo nome figura igualmente entre os combatentes de Navas de Tolosa.

Quando desposou Raimundo de Rossello, já ela era viuva de Ermengaudo de Vernet, como viuvo era ele tambem e, além d'isso, pai de um filho, de nome Bernardo, que por essa ocasião deveria não ser criança, visto figurar no dito termo como dando o seu consentimento ao segundo matrimonio do seu progenitor. Acrescente-se ainda que o rei Afonso II de Aragão, que se diz ter castigado Raimundo, faleceu em 1196, portanto um ano antes da data do segundo casamento de Saurimunda. D'aqui se infere ter o trovador com a sua suposta amante, em contrario do que diz a lenda, sobrevivido ao que ela faz castigador do marido d'esta.

É certo que as biografias dos trovadores provençais, se por um lado conteem factos de pura imaginação, por outro dão informes seguros acerca da sua condição social, patria, relações, etc. Ora, entre as canções de Guilhem de Cabestanh ha duas que são dedicadas a um personagem chamado Raimon. Seria este o senhor de Castel Rossello? Mas, perante a historia é impossivel, como acabamos de ver, a associação das tres personagens que figuram na lenda, a não ser que tivesse havido confusão entre elas. Vejamos. Entre os cavaleiros do condado de Rossellon, que, acaudelados por D. Fernando, irmão do rei d'Aragão, combateram em Navas de Tolosa figura um de nome Guillen de Cabestany. Mas em documento datado de 1162 aparece um *Guillelmus de Cabestan*, que não pode ser o mesmo individuo, pois de contrario teriamos de admitir que ele, pelo menos octogenario ou quasi, se aos 50 anos que medeiam entre as duas datas ajuntarmos mais de 20, a meu ver, o minimo da idade indispensavel para figurar num acto publico, ainda tinha forças para desempenhar a ardua tarefa de combatente e de mais a cavalo. Não será antes este o poeta, como tudo leva a crer? Neste caso o que d'ele se conta podia muito bem cair no reinado de Afonso II, rei de Aragão, que governou de 1162 a 1196. Quanto ás duas restantes personagens, afigura-se-me que entrariam na lenda por associação ou confusão de nomes, atribuindo-se-lhes o que se passara com outros, talvez por serem os seus nomes mais conhecidos ou por outra circunstancia qualquer. Não se daria o caso de Raimon das cantigas, evidentemente protector ou amigo do trovador, ser um desconhecido da historia e depois ter-se confundido com outro bas-

tante notório, como parece haver sido o segundo marido de Saurimonda de Peralada?

Da mesma maneira poderá talvez argumentar-se a respeito do trovador germano. Não me parece provavel que aos dois poetas se tenha atribuido destino igual ao do lendario Guiron do lais bretão, só porque ambos, por um lado, exerceram profissão identica, pois é de crer que o heroi da ficção celtica fosse tambem poeta e cantor como tantos outros que, acompanhando-se principalmente da harpa, percorriam na Idade-Media as cortes de Inglaterra e França, cantando historias maravilhosas, por outro, imprimiram ás suas trovas a ternura e melancolia que caracterizam em geral as composições oriundas do outro lado da Mancha.

Mas aquilo que, por assim dizer, constitui a medula da lenda, isto é, o coração do amante, dado a comer á sua amada pelo marido, que assim vinga a desonra, real ou suposta, recebida da mulher, deve ter-se dado mais de uma vez e de certo muito antes da sua atribuição a certos e determinados individuos. É possivel que o que se disse de um tivesse sido aplicado a outros, como provavel é tambem que a lenda fosse com o tempo recebendo novos acrescentos e que, na sua forma mais simples, compreendesse apenas o assassinato do pretenso culpado. Não me repugna, porém, a crer que ela se tivesse realizado na pessoa dos dois trovadores a que a tradição a ligou, embora não pela forma por que conta; essa é que poderá ter sido tomada d'outras lendas; como em todas, no fundo d'esta deve existir alguma coisa que, fixada na mente da respectiva geração, foi pelas que se lhe seguiram revestida de circunstancias a principio desconhecidas. Em todos os tempos a vingança se albergou no coração dos homens ou mulheres e, sempre que se originou no ciume, revestiu caracter mais sanguinario do que, quando resultante d'outro qualquer facto. Haja vista, já em idades puramente mitologicas, o sinistro banquete, memorado pelo nosso poeta, no qual:

> .... Tiestes
> ... os filhos por mão de Atreu comia

e recorde-se o que o mesmo diz, quando, referindo-se a Medea, que, para se vingar dos novos amores de Jasão, mata os filhos que d'ele houvera, depois de ter envenenado a sua rival e, falando de Progne que a Tereo, seu marido, deu a comer o

pequenino Itis, em castigo da violencia que ele exercera sobre sua irmã Filomela, verbera a magia da primeira e a crueldade da segunda, que se vingara nos proprios filhos.

Da maldade dos pais, da culpa alheia:

Não ha, por assim dizer, pagina da historia em que a vingança amorosa não esteja gravada e quasi não se passa dia algum que ela se não patenteie por actos mais ou menos ferozes. Se assim foi, é e ha de ser, emquanto no mundo houver homens e mulheres, não vejo realmente motivo para que se negue autenticidade ao que se conta, sobretudo dos dois trovadores, o provençal e o germano.

Analisemos agora o facto em si. Na sua essencia relaciona-se ele com a antropofagia, que em geral era e é uma das caracteristicas dos povos bárbaros; depois com a crença, existente nalguns, derivada de certo da ideia de ser esse orgão a sede dos sentimentos, de que, comendo-se o coração de um individuo, dotado de qualidades distintas, sobretudo de valentia, estas se transmitiam por esse modo. Foi, conformando-se com essa crença, que o trovador mantuano Sordel, em um pranto que compôs á morte do seu amigo Blacatz, aconselhava a comer d'ele quantos reis e barões julgava falhos das virtudes que devem caracterizar o perfeito cavaleiro, dizendo assim:

C'om li traga lo cor e qu'en manjo l baro
que vivon descorat: pueys auran de cor pro
Premiers manje del cor....................
l'emperaire de Roma.....................
e deseguentre lui manj'en lo reis frances.
Del rei engles me platz, car es pauc coratjos
que manje del cor pueys er valenz e bos
....
Del rei d'Arago vuelh del cor deia manjar
....
Al comte de Toloza a opos qu'en manje be.

Na primeira das Novelas do 4.º dia do já citado *Decamerone*, o principe de Salerno, depois de matar o amante da filha, manda-lhe numa taça de ouro o coração que por ela tantas vezes palpitara d'amor, cevando nele por esse motivo todo o seu odio. Se o nosso D. Pedro mandou arrancar os

corações aos assassinos de D. Inês de Castro, fê lo provavelmente por que os considerava como impulsores do feito que eles haviam praticado.

A motivo idêntico atribuo eu a vingança exercida sobre os seus rivais pelos que as lendas dão como maridos atraiçoados, mas outro sentimento deve ainda tê-los impulsionado, ao darem a comer os corações d'eles ás suas consortes. Procedendo assim, era talvez ideia sua fartá-las d'amor, acumulando ao que elas já tinham o que se encerrava na iguaria que lhes apresentavam e todas acharam saborosa em extremo, como não podia deixar de ser, visto tratar-se em especial de um orgão no qual estivera em vida concentrado todo o afecto de que haviam sido alvo.

Nascida certamente em data muito anterior áquela em que primeiro nos aparece escrita, e quiçá referida a determinado individuo em que se teria realizado, a lenda estendeu-se depois a outros, ou porque neles se verificou ou por simples fantasia de quem depois lha atribuiu, talvez por se lhe depararem quaisquer pontos de contacto entre ambos, ou ainda por qualquer outro motivo que desconhecemos por completo.

J. J. NUNES.

Ineditos de D. Carolina Michaëlis

I [1]

A metafonia na lingua portuguesa

Meta-fonia do prefixo grego meta = *trans* (— que todos conhecemos de estrangeirismos como *metamorfose*, *metátese*, *metafisica*, *metáfora)* e da raiz φων = phōn «som», significa transformação, alteração do timbre: «*Mutação (Umlautung, Umtönung)* da vogal tonica em vocabulos que do latim passaram para fases neo-latinas.

Em regra o acento tonico — como alma da palavra e seu centro de gravidade — conserva-se intacto no seu lugar; e na lingua portuguesa tambem quanto ao *timbre* em muitos casos.

Das dez vogais do latim classico — as cinco longas conservam-se, e mesmo das cinco breves, menos resistentes, — *ă ĕ ŏ*, — mantêm-se com timbre aberto. Somente as duas semi-consoantes *ĭ ŭ* sobem um grau na escala vocalica, passando a *ê* e *ô (sêde, cêdo, sêco:* de site citu siccu; — *gôta, bôca:* de gutta, bucca). Eu ia dizer *côpa*, mas a metafonia fez de cŭppa *cópa*.

Ha todavia excepções. As consoantes vizinhas e as vogais postonicas influem nas tonicas. Sobretudo o *ĭ* atono, e *ŭ* atono pertencente á silaba final são atraidos pela tonica em *raiva* de rabia, *seiva* de *saiva* — sapia, *contrairo* de *contrario*, *des-*

---

[1] [Á amabilidade do D.or Carlos J. Michaëlis de Vasconcelos, filho da S.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, deve a *Revista Lusitana* a grande ventura de poder inserir nas suas colunas este e os seguintes artigos que a sábia e inolvidavel Mestra deixou ineditos, e que representam lições dadas por ela na Faculdade de Letras da Universidade conimbrigense. Ainda depois de falecida, continua pois a S.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos a colaborar nesta Revista, que tantas vezes já havia honrado e abrilhantado em vida! — J. L. DE V.].

vairo de variu; *chuvia* por *chuiva*, pluvia; *entrudo* de *entruido* introitu; *estudo* de *estuido* studiu; *houve soube coube* de habui sapui capui; *limpo vidro suspiro vindima*, *Lima Coimbra* em vez de *limpio*, de limpidiu vitreo suspiriu vindemia Limia Coimbria.

a e *o* simples final (e mesmo *e*) não·são tambem completamente inactivos na fixação musical sutil do português. São essas vogais, pelo contrario (em combinação com *i*, ou sem ele), que produzem os verdadeiros efeitos *metafónicos*, actuando no *o* e *e* do tema, quer verbal, quer nominal. Só nessas duas, porque só elas são, e já foram em latim, e tinham sido no idioma dos Helenos, as que tinham timbre variavel e variado.

Fixemos exemplos antes de historiar.

Dizemos um *óvo* (de galinha ou passaro), mas a *óva* de peixe ou marisco (colectivo, que provêm do plural do neutro latino), por os ovitos dos invertebrados aquaticos de sangue frio de peixe serem sempre numerosissimos como sementes de flores.

Dizemos o *pôrto*, mas a *pórta*; o *pôrco*, mas a *pórca*; o *trôco* e a *tróca*.

Dizemos por igual os *óvos*, os *pórtos*, os *pórcos* — e está claro as *pórtas*, *pórcas*, *trócas*. — Usamos *nôvo*, mas *nóva*; *formôso*, mas *formósa*; *tôrto*, mas *tórta*. Distinguimos o masculino topografico *Pàçô* Palatiolu do fem. *Pàçó* Palatiola.

Assim mesmo como distinguimos dos singulares com *ô* tonico os plurais *óvos nóvos pórtos*, distinguimos as formas verbais dos substantivos correspondentes, postverbais, colocando a par de *o pôrto* — eu pórto, *o rôgo* — eu rógo, *o rêgo* — eu régo.

E agrupamos com *eu pórto*, *tu portas*, *ele pórta* o postverbal o *pórte*, sem nesse caso nos importarmos com o caracter da vogal final.

Quero dizer que a distinção entre as funções gramaticais prevalece fonetica.

De *levar* vem *eu lévo*, *tu lévas*, *ele léva*; o adj. é tambem *léve*, *léves*; e *ào léo*. Mas a par de a *léva* diz-se a *lêva* de prisioneiros. Parece-me mesmo que essa pronuncia é comum. Gonçalves Viana, respeitador das leis gramaticais como Leite de Vasconcellos, e desprezador de costumes e de tendencias analogicas que as contrariam, exige *léva* no seu *Diccionario Ortoepico*.

O *lêvedo* fermento (de lévitu) tem *ê* fechado.

De *pesar* tira-se *eu péso*, mas o *pêso*. Mesmo o *pêsa-me* os *pêsames* (ignoro o motivo).

Vejamos agora o curioso e melindroso fenomeno, quanto ao seu ponto de partida e á sua lenta evolução. Está no verbo como principal categoria com multidão de flexões. E provêm daquele hibrido, dubio, revolucionario *ĭ* atono, que é provocador de tantas evoluções foneticas.

*

Na conjugação latina havia para a 1.ª p. do pres. ind. a terminação *-o: laudo amo lego —*. Para os verbos em *-ere* havia *eo: moveo sedeo video ardeo jaceo teneo habeo debeo timeo*; e para os verbos em *ire* havia *io: dormio morio audio facio sapio capio venio.*

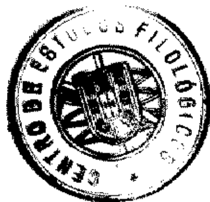
O *e* jotizado (e o *i*) influiram na evolução fonetica, fusionando com a consoante, sempre que isso era possivel: *sejo vejo; arço jaço faço ouço; tenho venho.*

Quando a consoante não se prestava a tal fusão, houve mera atracção do *i*. De moveo debeo timeo, morio dormio, veio primeiro *moivo deivo teimo, moiro duirmo*. E depois, por redução do ditongo a mera vogal: *môvo dêvo têmo; mor(ro); durmo.*

As 1.ªs pessoas têm portanto *ê* e *ô* fechado por causa do *i*.

Na 2.ª e 3.ª, pelo contrario, temos *ó* e *é* aberto, por não haver *i* na terminação.

Destes e doutros exemplos paralelos, foneticamente representantes directos de modelos latinos, fruto de evoluções materiais, mecanicas, provêm por analogia o costume de distinguirmos em todos os verbos de segunda e terceira conjugação, em cujo tema haja *o* ou *e*, — a 1.ª pessoa, quanto ao timbre, da 2.ª e 3.ª, pronunciando:



eu *vênço*	tu *vénces*
bêbo	*bébes*
vêndo	*véndes*
pêrco	*pérdes*
escôndo	*escóndes*
rômpo	*rómpes*
côrro	*córres*

Mesmo de nomes, cuja vocal tematica seja *ê* ou *ô*, derivam-se verbos cujas formas *rizotonicas* ficam com o timbre *é-ó*. De siccus veio *secar:*

eu séco — de *sêco*
eu encéro — de *cêra*
eu escóvo — *escôva*
eu adóço — *dôce.*

E é dos verbos — nervo principal da fala humana — que, salvo erro, provêm tambem, por analogia, as variações metafonicas dos nomes.

A diferenciação da 1.ª p. que fala, da 2.ª a que se fala e da 3.ª de que se fala, passou a ser diferenciação — da pessoa *masculina, como primeira*, e mais importante, da 2.ª feminina, de menos importancia.

Essa diferenciação é antiga, mas ainda não lhe foi fixada (por meio de rimas, p. ex., de *rosa* e *groriosa).* (Podia ser *ouso* e *glorioso?)* A diferenciação do singular e do plural é muito posterior. Em 1600 Duarte Nunes de Leão falava na sua *Ortografia* (p. 192 da ed. de 1784) da dos generos, mas não da dos numeros.

*

Conclusão que se deve tirar dos factos é que embora o influxo, exercido por vogais postonicas nas tonicas, fosse a principio simplesmente fisiologico, material — inconsciente, — o espirito dos que falam aproveitou a *metafonia* para fins espirituais.

Usada em vocabulos ela constitue uma especie de flexão interna.

Funcional, gramatical, tem tambem valor na euritmia e musica linguística.

*

Vocabulos como *a óva, a tróca, a pórta* influiram em outros que, segundo as regras da fonetica, deveriam ter *ô* fechado, quer por provirem de *o* longo latino, como em *hóra, óra, agóra*, quer por provirem de *ŭ* breve, como em *copa* de cuppa, *nóra* de nurus. Mas tem ó aberto.

Pelo outro lado pronunciamos *pôvo* em vez de *póvo*, como deveria ser, em vista do cast. *pueblo*, fr. *peuple*, pois representa pópulus; *póbre*, em vez de *poubre* pauper, para rimar com o oposto *nóbre?*

Tambem dizemos *fôgo* em lugar de *fógo* (cast. *fuego*, fr. *feu*, ital. *fuoco*). O proprio *ôvo* deveria ser *óvo*, como se vê do cast. *huevo*, fr. *oeuf*, ital. *uovo*: mas quanto a esse vocabulo houve provavelmente em Roma ambas as pronuncias.

Formações analogicas são tambem: *êle ela ilo* (em *aquilo*); *êste ésta isto*; *êsse éssa isso*. A transformação de *ê* fechado em *i* depois de 1450 nos três neutros reconduziu inconscientemente ás formas latinas.

*

Ha ainda outra especie de *mutação* ou alteração vocalica: nos verbos fortes a substituição de uma das vogais alfabeticas por outra, conforme o tempo e a pessoa. Ha e houve-a em latim: *faz* é facit, *fez* fecit, *fiz* feci e *feito* factu.

Privativamente portugueses são apenas: *eu fiz vim tive estive sive pus pude* (por *puis puide*) *crive* — de fecī venī tenuī stetuī seduī posuī potuī creduī. Para produzir o *i* final longo, embora atono, levantaram a lingua antecipadamente, produzindo o assim na 1.ª silaba, e não na 2.ª silaba. Origem fonetica portanto. É tambem um dos traços caracteristicos do português essa antecipação — precipitação.

A esse fenomeno dá-se o titulo de *apo-fonia*, *Ablönung*.

Temo-la em português em verbos como *frijo frejes*; *sinto sentes*; *acudo acodes*.

II

Historia da consoante «l» em português

Entre as 22 consoantes do alfabeto português a mais movel ou lábil é a liquida *l*. Não do incompleto alfabeto herdado dos latinos, mas do que é verdadeiramente nacional, idiomatico, em que figuram os sons novos palatais: *ç ch j nh lh z*, todos eles, menos *nh lh*, compostos na pronuncia antiga, mas simplicados na moderna, pela queda da dental inicial: *tç tch dj ds*.

Na escala dos sons *l* pertence ás consoantes vozeadas, ou consoantes-vogais (l m n r z), que ficam proximas das vogais. E ao influxo dessas é muito exposto.

Sendo especialmente fraca e vaporosa, quando *interna* intervocalica e desprotegida, adquire caracter mais firme e

resistente fóra dessas circunstancias, como inicial e como final. Forte tambem quando é (ou era) dupla ou agregada.

Sob a acção da semi-consoante *i* palataliza-se. — E em certas circunstancias (antes de *t)* é vocalizado.

1) *L inicial* mantem-se inalterado. Exemplos: *ladrão leve lingua louro luz* — *lavar leite lista lombo luar* — *lagarto ledo lince longo luta* — *laço leito lima lobo luxo* — *largo lebre livro logo lua lado lêr lidar lodo lume.*

Na lingua catalã, no dialecto mirandês e no leonês *l* inicial é palatizado.

2) *L final.* — Nesse estado não existia na lingua latina, a não ser em nominativos como *sol sal* — caso que não passa ás linguas neo-latinas. Nelas, e portanto em português, chega todavia àquela posição pela queda do *-e* (ou *-em)* atono dos acusativos ou *-et* dos verbos. Exemplos: *sal anel abril sol sul tal móvel gentil lençol azul,* e as arcaicas terceiras pessoas do pres. do ind.: *cal val fal dol sol.*

Este *-l-* (sobretudo quando se trata de final de silabas seguido de consoante, como p. ex. em *alto saldo caldo),* adquire som mais ou menos guturalizado, para o distinguir do intervocalico em *sala mala iguala;* os antigos duplicavam-no, escrevendo *reall fallta ell-rei* (1), grafia pela qual tambem caracterizavam bastantes vezes a energia do *l* inicial: *lleal llei ller.*

3) *L interno.* Circundado de vogais evapora-se. Esse traço é privativamente português. Conservando-se em *mal* de male; *tal* de tale, caiu em *mau* de malu; *má* de *maa,* mala, *taes* de tales. Mantendo-se em *sol* de sole, caiu em *só* de *soo,* solu. Caiu tambem em *pau,* palu; *pá,* pala; *sair,* salire; *saude,* salute; *soidade,* soledade; *voar,* volare; *muar; soão moinho candea tea; céu veo; cobra,* colubra; *vontade pombo comba paço paio besta* (balista) *aquentar aquecer pego dôr côr escada.* E mesmo em palavras de introdução mais recente, como *nodoa* (notula), *nevoa magoa taboa,* ou em *bago* (baculu), *perigo artigo parvo* (parvoo < parvulu).

Numa palavra, em todos os vocabulos transmitidos oralmente, por contacto directo entre Lusitanos e os conquistadores e colonos romanos; isto é, os que costumamos chamar *populares.* E todos eles distinguem se dos paralelos castelha-

---

(1) Os fonetistas designam-no por *ł*.

nos, catalães, provençais, franceses, italianos, porque essas linguas conservam mesmo o *l* intervocalico, desprotegido, constituindo assim particularidades da lingua.

Sol sal tal qual mostram que o lusitano pronunciava *sol-e*, e não *so-le*. Mas porque não, nesse caso, *sol-es*? porque a vogal posterior se conservava na silaba *-es*, apoiada pelo *s* final, e, ficando assim entre duas vogais nem decididamente final de silaba, nem decididamente inicial, a liquida enfraqueceu, liquesceu de todo.

4) Sendo interno, mas protegido, isto é, tendo por encosto ou apoio uma consoante, *l* mantem-se.

Já vem assim, *primario*, como final de silaba, da lingua latina, seguido de explosiva surda ou sonora, em *alto, salto, vulto, golpelha* (vulpecula), *sulco, alda, alba, alga, pulmão olmo, malva, calvo, selva (t p k d p b g m v).*

Secundario, tendo passado de *interno* (intervocalico) *s final*, por causa da queda usual de vogal atona postónica em formas esdruxulas (-ω -ωω), temos *l*, p. ex.: antes de *t, p*, em *falta volta solta, golpe* cólapu; antes de *k*, sendo todavia essa surda reduzida a sonora, em *galgo* gallicu; *salgueiro* salicariu; *folgar* follicare; *delgado* delicatu; *algo* aliquod, etc.; antes de *d: caldo, maldade, beldade*; antes de *b*, reduzido a *v: alvo.*

5) Vocabulos antigos e populares ha, em que tal *l* final de silaba se vocaliza. Antes de *t* e depois de *a* passa a *u*; e de *au* a *ou*, p. ex., em *outeiro* altariu; *outro* alteru; *souto* saltu; *poupar* palpare; *toupeira* talparia.

Ás vezes o ditongo, passa a simples *ô* fechado, fenomeno que se observa tambem em outras circunstancias, p. ex., em *orelha* auricula, *Odiana* Guadiana, etc. Por ex. em *escôpro* por *escoupro* de scalpru.

Depois de *u* passou a *i* em *muito escuita cuitelo buitre enxuifre.*

Em todos esses exemplos o ditongo é reduzido na fala moderna a simples *u (escuta cutelo abutre)* e a *ô* em *enxofre* (não sei porquê). Unicamente em *muito* subsiste o ditongo.

Antes de *k*, reduzido a sibilante nas linguas neo-latinas, dá-se o mesmo fenomeno: *l* passa a *u*; e do ditongo *au* chega-se a *ou*, pronunciado ás vezes *oi*. Calce deu *couce coice*; falce *fouce foice*. Em cast. o *l* perdeu-se, arc. *duce*, vulg. *duz*.

Em *doce* de *dulce* talvez haja outro caso. Mas indo mais longe ainda, a lingua reduziu o ditongo *ui* a *ôi* e *ôi* a *ô*? Cf.

enxôfre de sulfur. *Càveira* talvez provenha do cast. *calavera*, e não de *caiveira* por calvaria?

*

Em grupos consonanticos cujo segundo elemento era *l* houve evoluções que alteraram completamente o caracter original deles. E isso, não em todas, mas em diversas linguas neo-latinas — as *meridionais:* as da Italia, Espanha, Portugal. Em França, na Provença e na Catalunha *fl cl pl* conservaram-se. Nas três meridionais palatizaram-se. O *l* vocalizou-se, e o *i* que resultou dele, actuou no primeiro elemento, ou então por analogia com grupos em que havia em latim esse elemento perturbador, o vulgo pronunciava *plj flj klj* — e sobretudo *tlj*, que em português passou a *tj* — *tsch* — hoje simples *sch*, escrito *ch*. Em castelhano *tj* escrito *ll*. Em italiano *pi fi chi (ki)*.

Pl deu-nos *ch* em *chaga cheio chato chegar chorar chumbo chuva*, e no popular *chantar chantagem tanchagem* = plantagine *chumaço* (em cast. *chubasco achantar chumacera* são portuguesismos) (cast. *llaga lleno llegar llorar (biplomo) lluvia llanten)*. — Interno em *encher* (implere).

Cl deu o mesmo som em *chave chavelha chamar choca* (da raiz omonotopaica clócló) (cast. *llueca)*. *Chôpo choupo*, ploppu<poplu.

Fl subsiste transformado da mesma maneira em *chama cheirar chorume (chor chorente chorecer) Chaves*. — Interno em *achar inchar*.

7) Em outras palavras de introdução mais recente, e de significado menos popular, ou talvez mais usadas em outras classes sociais (lavradores e marinheiros), os mesmos grupos *pl cl fl* — e tambem *bl gl* — foram robustecidos pela substituição da liquida pela vibrante, porque essa (a letra canina) figurava em numerosos termos latinos. Em grupos iniciais e inalterados entraram na lingua portuguesa:

pr — *prado preço preso primeiro*.
tr — *trave trazer trilho truta*.
cr — *crer cru cruel cruz*.
br — *braço braga (celtico)*.
fr — *frade freio freixo fruto* etc.

Os influidos são:

praça prata prato prazer preito pranto (cast. *llanto*, ao passo que nos outros correspondentes ha *pl: plaza* etc.);

cravo crasta cris (eclipse);
brando branco bredo;
grude (gluten);
fraco (cast. *lacio* vem de flaccidu) *frasco freima frouxo.*

Muitos mais ha na linguagem arcaica, que dizia: *craro, groria, froco,* etc.

Gloria, globo; claro, floco, planta, pluma, bloco são em parte formas refeitas pelos poetas (como *flor* por *frol* e *chor),* em parte vocabulos cultos por eles introduzidos.

Claro que entre as formas divergentes ha muitas em que, a par de uma com *ch* ou *pr*, ha outra com *pl* (chantar prantar plantar; chave clave).

8) *L* geminado ou duplo subsistiu *graficamente* em português até á reforma de 1907. Na pronuncia foi reduzido sempre a simples, seguindo a tendencia geral da lingua, que desconhece a verdadeira duplicação, porque *ss* e *rr*, que subsistem na escrita, designam sons simples, fortes.

Vale cavalo cabelo degolar cadela belo. Em cast. *ll* palatizou-se como *nn.*

9) Onde hoje na ortografia rectificada *l* aparece entre vogais, sem ser representante de *ll*, é preciso indagar as causas.

Temo-lo em *ala* p. ex. dos Namorados, a par do antigo e galego *aa*, transformado em *asa;* em *sala* (germ.), a par do nome topografico e de pessoa *(Saa Sa):* vocabulos livrescos. Em *escola feliz* (arc. fiiz Fis Fins: S. Pedro Fins etc.); *silencio* tambem (arc. *seenço) gelo* e *zelo;* em *palavra* por metatese de parab'la; em *melão* por influxo de *mel;* em *pelo* por influxo de *cabelo;* em *valor valer valente*, porque o imperativo ou invocativo *val Santa Maria* era usadissimo assim como a forma *valha (valha me Deus).* Em *alegre* de *alăcre*, com o seu *e* estranhavel por *a*, pode ser actuasse o outrora muito usado adjectivo *ledo. Alento* está por *anelto* anhelitu. *Moleiro* está por *mõnleiro* monilariu, em vez de molinariu; *esmola* por *esmonla* por *lemosna*, eleemosyna; *caleira* por *canleira*, canalária, etc., etc.

Mas *calor* a par de *quente aquentar aquecer?*

E *baleia?* porventura *ballena*, com *l* duplicado?

E *oliveira* com *olivas?*

10) *L*, hoje inicial, não e sempre representante de *l* latino, provêm de *gl*, frouxamente articulado, em *landre, lirão* (de glire) e *latir* (glattire), de glandula, *leira* (glarea), e no arcaico *lovelo* hoje *novelo* por dissimilação de globellu, e tal-

vez em *louco* de *Glauco*. E provêm de *bl* em *lastimar* transformação de blasphemare. O ital. *bestemmiare* foi influido seguramente por *bestia*.

Como final de silaba seguida de consoante *l* passou a *r* em *pardo* pallidu e *urze* de ulice (influido por erica?), em *marmelo* (melimelu), *armazem* por almazem (arabe), *argola*, *argaço*.

A *n* passou em *mortandade* mortalitate; *rondar* (rotulare), *pondra*.

Featdade de *feio* encostou-se a *lealdade*, etc., etc.

Quanto á representação de *l* palatizado por *lh* (e posteriormente de *n* palatizado por *nh)*, ela veio da Provença com os escrivães de prelados franceses que na reconquista governavam as sés principais. Para distinguir *folha*, em latim da Idade-media *follia* de *folia*, eles ligavam por um traço horisontal o *i* atono ao *l* precedente *foll-ia*. Esse *l-* parecia ser um *h*. Transcrito como tal, estava inventada a grafia *lh*.

Só em *lhe lhes* de illi illis e no castelhano *lhano* (llano) temos *lh* inicial; *negalho* por *legalho* ligaculu.

Nas Lições de Filologia Portuguesa de Leite de Vasconcellos ha uma sobre o *L* latino em português, p. 293-299.

III

Historia do fonema «n» em português

N é um fonema consonantico *dental-nasal* ou *nasal-dental*. *Dental*, por ser enunciado, colocando nós a ponta da língua, o seu ápice, perto dos dentes; ou por outra, apoiando-a nas gengivas dos incisivos superiores. *Nasal*, porque para articular *n* abaixamos o véo palatino, fechando o tubo bucal, de sorte que a corrente de ar que dos pulmões sobe pelos bronquios á traquecia tem de procurar saída pelas cavidades nasais. Quanto ao resto, *n* é uma *continua* sonora, porque a sua emissão faz vibrar, pouco embora, as cordas vogais. Podemos prolonga-la e cantarolá-la. Mas essa *continua sonora dental nasal* é de pouca consistencia em português. Depois do *l*, que é a mais liquida, lábil ou móvel, das consonantes, vem logo o *n*.

Em português ele é tão exposto a acidentes, que a sua historia tem muitos capitulos.

Tambem em francês se dá o fenomeno principal que caracteriza o *n* português. A consoante comunica *ressonancia nasal* á vogal antecedente. Mas o influxo que sobre ela exerce é diverso. Basta lembrar-lhes vocabulos como *enfant inconnu pain mon un*, de um lado, e do outro *lã bem mim bom um*, para imediatamente reconhecerem que as vogais nasais-orais *ã ẽ ĩ õ ũ* são em português de mais puro valor alfabetico; mas em francês a nasalidade do seu timbre é mais forte, prolongavel e *cantabile*, por a oclusão ser maior. E os ditôngos nasais, *ãi ẽi ũi ãe õe ão* são privativamente portugueses. E privativamente portuguesa é a sorte de *n* medieval, interno.

Por esses motivos, mas não só por eles, não é provavel que a nasalação nacional provenha da francesa, seja fruto da maneira como p. ex. o Conde D. Henrique de Borgonha, pai de Afonso Henriques, e seus apaniguados, pronunciavam o francês arcaico e o neo latino lusitano. A meu vêr ha paralelismo, e não dependencia. E paralelismo só parcial.

*

O curioso contraste que ha em português entre o tratamento de *n* (e *l*) *final* e *n* (e *l*) *medial*, conservando-se o primeiro e desaparecendo o segundo — nas mesmas palavras — como *sol* (s.) e *soes* (pl.), deve provir da maneira como os Lusitanos separavam as silabas dos vocabulos latinos.

Só de *sóo* = solu; *cã* de *cãa* = cana; *mão* de manu etc.; a par de *sol* = sole; *pan* = pane; *sal* = sale; *ar* = aere; *mar* = mare; *quer* = querit; *fim* = fine; *mes* = mense; *faz* = facet; só se compreende (eu pelo menos o compreendo), supondo que os antigos ouviam e diziam — 1) ar-e — mar-e; 2) sol-o — sol-e; 3) pan-e — man-u; 4) fin-e — mens-e — faç-e. Consideravam, sentiam como final de silaba aquelas consoantes que na musica vocabular nacional estavam aptas a fechar vocabulos e silabas: *l n r s z x*. — As outras, não. Nomen p. ex. deu *no-me*; na-pu deu *na-bo* etc., etc.

*

Vamos considerar agora *n* (simples) em todas as suas funções. I. — *como inicial*; II. — *final*; III. — *medial simples*; IV. — *duplo, sempre interno*; V. — *agrupado*, e VI. — nos sufixos latinos *-ana -ane -anu -one*.

I. — *Inicial.* — Em harmonia com a regra geral, abstraida dos factos, que em Portugal principiamos com impeto, e afrouxamos no decurso e no fim — é que *n* inicial se conserva inalterado. Exemplos: *nau, neve, ninho, nó, nú.*

Raras vezes esse *n* é substituido por *l.* Só para efeitos dissimilatorios. Sendo secundario, p. ex., em *lembrar* por *nembrar* de *membrar* — memorare. O fenomeno oposto ha-o em *negalho* por *legalho* de ligaculu; e em *novelo* por *lovelo* globellu, deminutivo de globulu.

II. — *Final.* — Resulta da queda do *e* surdo final (depois de *n*, como consoante que pode fechar silaba e palavra em português), principalmente em monossilabos, por causa da energia impetuosa com que se enunciava a *silaba inicial,* p. ex., em *pan* (arc. por pane, hoje *pão); ben* (bene); *fin,* fine; *vem* < vene venit; *tem* < tene tenit etc.; da queda das vogais finais 1) *-a,* 2) *-o,* 3) *-u* por sinizese com a mesma vogal anterior e tonica, isto é, em casos em que a nasalação fôra originariamente medial.

1) Com *ã* de *ãa,* temos *chã* — plana, *lã* — lana, *rã* — rana, *sã* — sana; *vã* — vana; *irmã* — *irmãa* — germana.

2) Com *õ* temos *bõ* de *bõo; dõ* de *donu,* por dominu: dois nomes que estando em regra em proclise perdem com a sua independencia o seu acento proprio, e por isso a silaba final. Ex.: *bon dia; don Antonio,* acidente que tambem sucedeu a *belo (bel prazer); santo, San João; grande (Gran-Bretanha);* ao adverbio *muito* (mui grande); e aos substantivos *freire* (frei João); *fonte* (Fonseca); *monte (Monchique); ponte* (Ponsul); *vale (Val Formoso); castelo* (Castel-rodrigo); *Valmor.* Por analogia com *bom, dom* é que tambem *sõo* de sonu; *don* (donu) = dádiva; *tom* de *tõo* tonalidade, e o arcaico *trõo* abstraido de *troido tonitru* por tonĭtru), tiro de canhão e trovão. O processo de sinizese repete-se no interior de vocabulos polisilabicos. De medial, a ressonancia nasal, passa a final em *finda;* de *fĩ-i-da; vinda* de venita; *trindade* de *trĩ-i-tate; virgindade; cristandade (mortandade,* por *mortaldade,* é diverso).

3) Com *ũ* temos *um,* de unu por *ũn,* em proclise; e *algũ, nenhũ, comũ. Um,* ou antes o feminino *uma* em que a nasalação foi *labializada* pelo influxo da vogal labial *u-,* influem — a meu vêr — na maneira de representarmos graficamente a nasalação final. Ela é ou era representada de três modos: pelo simbolo til ~; pelo simbolo latino *n;* e pelo simbolo impro-

prio *m*. Esse, que é o mais tardio e surge no seculo XV, é posterior á evolução ou contemporaneo da evolução de *ũa* para *uma*. Esse numeral e artigo indefinido, muitissimo usado, levou trás si *non*, escrito *nom*, *razom* e as centenas de derivados em *-one* com grande facilidade, porque nos monossilabos *quem quam tam com* (cum) e *rem (ren)* a grafia latina se havia introduzido sobretudo nas prosas judiciais.

III. — *Medial*. — Entre vogais *n* traspassa a nasalação á vogal antecedente. E essas nasalações internas subsistiram entre vogais durante toda a época arcaica. Mas na linguagem classica tal nasalação desapareceu na pronuncia e na escrita. O *til* que a simbolizava falta por descuido em muitos manuscritos. Exemplos: *arẽa avẽa cẽa fẽo mẽos mẽor mẽudo mõeda mão são rãa lãa* etc., etc.

a) A evaporação da ressonancia nasal deu-se por exemplo entre *o* e *e*, acentuado: em *moeda, coelho, moela; e-ô: teôr* (tenore), *joelho (gẽolho), doestar* de *deostar* (de dehonestare); *o* e *a*: *perdoa doar meolo* (medulla) etc.; *u-a: lua*.

b) *Avẽa arẽa cẽa frẽo sẽo* (sinu) passaram no seculo XV (de transição) a *avea area* etc. De 1500 em deante pronunciou-se *areia aveia freio seio*. Houve intercalação de um *i* eufonico, a qual se realiza ainda em muitos outros casos de hiato *(creio leio passeio rodeio* etc., *ceia receia* e por analogia *odeio*.

c) Em certos casos em que a intercalação do *i* provocava equivocos, os cultores ou paladinos da lingua preferiram reintegrar o *n* intervocalico latino. *Fẽo*, de foenu, evolucionando a *feo* e em seguida o *feio*, colidia com o adjectivo *feo feio* de foedu. Por isso os classicos reconduziram-no a plena forma latina *feno*. *Mẽos* de minus, evolucionando para *meos meios*, colidia com *meios* de medios. Por isso dizemos *menos*. *Pẽa* de *poena*, evolucionando para *peia*, colidia com *peia* pedica.

d) *ĩ-i* dá *ĩ* em *finda vinda trindade* etc., como já registei; *ẽ-e* dá *ẽ* p. ex. em *benzer* de *bẽ-e-(di)zer*.

e) Se duas vogais aproximadas pela evolução do *n* são capazes de formar ditongo nasal, esse surge transformando vocabulos graves de duas silabas em agudas de uma só: *não, são, chão, cão* (canu), *põe*, — pone, *razões*, etc.; deve-se tratar juntamente com *ão* de *anu*; *ã* de *ana*; *ães* de *anes*; *õ* de *one*; *õesA* de *ones*.

f) Se *n* medial nasalou a vogal *ĩ*, a ressonancia não desaparece. Pelo contrario robustece-se. Torna-se nasal-palatal. *Pĩ-o* de pinu dá *pinho; vĩ-o* de vinu dá *vinho; lĩ o* de linu dá *linho; nĩo* por *ni-o* (com nasalação que é um eco de *n* inicial) dá *ninho*. Cf. *dinheiro adevinhar endemoninhar louvaminheiro*, etc. Em três formas verbais a dificuldade da pronuncia *ẽ*, e de *ũ*, antes da vogal gutural *a*, alterou-lhes mesmo a *alma*, o acento. *Tenia* por tenebat é hoje *tinha; veniba* por veniebat é *vinha* e *ponía* por ponebat é *punha*. A vogal palatal palatizou a nasalação.

g) A labialização provocada por *u* de *ũa algũa neũa* hoje *uma alguma nenhuma* levou o vulgo do Norte, na Galiza de *aquem* e *alem* Minho, a pronunciar *luma* e *jejumar* (ou com aferese de *je* simplesmente *jumar* e *debrumar*.

h) Em *Janeiro janela manada* temos *n* entre vogais. Mas tivemos a principio *n* protegido por *u: janveiro janvela manvada*. Cf. *antigo cardo* e sobretudo *contino*. Em *mano mana*, formas hipocoristicas equivalentes a *irmão irmã* (germana) talvez tenhamos castelhanismos? arcaicas, perdidas, porque hoje não me consta que se usem.

IV. — *N duplo.* — Conserva-se, simplicado embora. P. ex. em *ano pano cana*. Em formas como *dano sono outono, nn* era secundario, assimilação de *mn*.

V. — *N agrupado.* — Ha que distinguir entre grupos proprios e grupos improprios. Grupos em que ha 1) na mesma silaba uma explosiva *k t p* ou *g d b* ou a continua *l* e ligado a ela precedendo-a *n*; em outros casos *l r s*, e 2) casos em que *n*, ocupando tambem o primeiro lugar, pertence a uma silaba diversa.

Exemplo de grupos proprios: é *gn: punho* de pugnu; *anho* de *agnu; tamanho*, tam magnu; *camanho* = quam magnu; *lenha* = ligna; *senha* signa; *conhocer* (hoje *conhecer)* = cognoscere; *cunhado* = cognatus.

Não populares e de introdução posterior são *dino* = *dignu; reino* = *regnu; Inês* de *Einês* e *Inacio; Dignu* tem por verdadeiro representante popular a forma *denho* em *desdenho*.

Os grupos improprios mais freqüentes são *nt nd; nc ng; np nb* escrito sempre *mp mb*, porque a labial torna homorganica a nasal. Além disso ha: *mn ns nr rn*.

nt primario mantém-se em *monte fonte ponte gente mente;*

secundario, e proveniente de um grupo de três, subsiste tambem em *contare comp'tare.*

nd primario temo-lo em *vender grande onde onda mundo funao redondo*; secundario p. ex. em *conde* de com'te; *senda* de semita; *bondade* de bonitate.

nc é primario em *junco manco anco* e em *monco*, porque em latim pop. já se dizia muncu em vez de *mucu*. Secundario p. ex. em *mango manga*. Cf. *Franco frango*. Sempre antes de *a o u*. Segundo a evolução geral, *k* palatiza-se antes de *e i*, p. ex. em *tanger vencer ranço*.

ng primario existe em *longo* (cf. *lo̊nge)*; secundario em *domingo* dominicu; *vingo* vindico, reduzido a *j* em *tanger cingir; ranger tingir* etc.

ns latino passa a simples *s* por assimilação, p. ex. *mesa* mensa; *mês* mense; *preso* preensa; *esposo* sponsu; *pesar* pensare; *defesa devesa* = defensa; *mostrar* monstrare etc.

De dificilima explicação é *ilha* de *insula*, que tambem deu *insoa* (em vez de *isoa); n* caiu no ital. *ischia* de *inscla*, com introdução de *k* por analogia com os inumeros deminutivos em *clu cla*, e caiu no cast. *isla* e franc. *isle* hoje *île*. Com o port. *ilha* concorda o catalanesco *illa* por *ĩlha*.

nr permanece em *tenro* e *genro*.

rn em *terno* e *perna carne torno*.

nv conserva-se em *enviar inveja convidar envidar*.

VI. — Sufixos, cuja consoante de apoio fôra *n: (-ana -anu -ane -one* são nominais, *-ant -ent -unt* verbais); e temas como *ranu vanu sanu planu granu manu cane pane* tiveram uma evolução curiosa: *fonetica* no periodo arcaico; *analogica* na época de transição, visto que *-ã* proveniente de *-ane*, e *-ant*, e *-õ* provenientes de *-one* e *-unt* passaram de simples nasais orais a ditongos nasais em *-ão*. Esses monossilabos, pronunciados talvez grosseiramente, soavam aos ouvidos de estrangeiros como ladrar de cães, e provocavam por isso censuras e ironias conhecidas de ha muito, e ha pouco catalogadas por Agostinho de Campos nos seus *Paladinos da Linguagem*. Eu acho que, privativa e caracteristicamente portugueses, são uma nota agradavel na musica da lingua — quando usados com discreção — e compreendo que se substituissem, por mais sonoros a *-on* e *-un*, que me parecem muito mais rudes, bruscos por *oxitonicos*.

Quanto a *-ana*, já mostrei que, pronunciado *ã-a*, passou

a *a-ã* pela contração ou sinizese da vogal atona com a tonica, nasaladas tanto em *lã chã rã sã*, como em *vilã-a irmã-a*.

Quanto a *-anu*, tanto em temas como *mã-o*, *grã-o*, como nos masculinos dos adjectivos em *-ana-*, *vilã-o irmã-o anã-o* etc., ele passou de *bissilabico* a *monossilabico*.

-ane deu *ã*, grafado tambem *an* (e no seculo XV *am)*, tanto onde pertence ao tema, como em *cã* de cane, *pã* de pane, como em raros nomes em que é sufixo *(ermitan escrivan guardian capelan gavian cidadan tabelian)*, proveniente da declinação germanica de nomes proprios como *Witiza Witizanem*, *Cintila Cintilanem*, *Wamba Wambanem*, imitada pelo vulgo latino em nomes comuns como *barba barbanem* e no tempo neo latino em *amita amitanem*, formações como as que citei. Cf. *alemã, catalã*.

Os numerosissimos vocabulos que tiveram a terminação *-o -onis*, *-io -ionis* em latim (na 3.ª declinação) tinham o sufixo afixado directamente a raizes verbais, como em *legio regio* de *legere regere*; ou a raizes nominais, como em *leo patro latro*; ou a temas participiais de verbos fortes em *-tus* e *-sus*, como *cautione*, *lectione*, *occasione*, *fusione* (de *cantus lectus occasus fusus)*, quer a participios fracos em *-atus -itus -utus*, verbi gratia em *consolatione*, *punitione*, *resolutione*.

A par do simples *on* tivemos por isso em português os sufixos compostos *-açon -içon -uçon* em nomes femininos que indicam acção em abstracto, e são portanto equivalentes de infinitivos substantivados; ou indicam os resultados concretos da acção, sendo então equivalentes de vocabulos em *-mento* ou *-ura*, p. ex. *lig-açon* = ligamento ligadura.

O grupo é grande, enorme. Em teoria existem tantos nomes em *-ação* como ha verbos em *ar*. Além disso avulta com os masculinos tematicos em *on*, com *leão ladrão padrão pregão*; aumentativos em simples *-on (caixão cadeirão)*, ou em *-agão -arrão -eirão (rapagão homenzarrão vozeirão)*; e nomes proprios de diversas proveniencias: hebraicas como *Aarão*, *Abraão*; germanicos como *Beltrão*.

-ant dera *ã*: em *amam* = amant, *amavam* = amabant, *amáram* = amaverant, e tambem *amarâm* (futuro) = amare habent, etc.

-unt dera *õ* p. ex. em *son* sunt, *fezeron* fecerunt etc.

Desse modo a linguagem arcaica — até 1350, e a de transição — até em 1500 começar o periodo moderno, possuía portanto numerosissimos termos em *-ã* e *-õ -ũ*. Termos de ritmo

agudo, em contraste notavel com o ritmo grave predominante da lingua, de som brusco e rude.

Nas poesias trovadorescas as rimas são em regra masculinas, agudas, oxitónicas; — graves só por excepção. Ai está, a meu vêr, a origem da substituição de *-ã* e *-õ* por *ão*, que por constar de duas vogais, *ã tonico* e *õ atono*, foi bissilabico grave a principio, e continua a ter caracter bissilabico — deve tê-lo na pronuncia cuidada, a meu vêr. Não é evolução fonetica, material. É fenomeno analogico, estetico, imaterial.

Foram os poetas do *Cancioneiro Geral* da segunda época da poesia portuguesa, — isto é daquela em que o país vizinho actuou na arte palaciana, e muitos palacianos poetaram em castelhano (desde o Condestavel) — que transformaram os vocabulos em *ã* e *õ* (não os graves como *rã cã lã* de *rãa cãa lãa* etc.) em outros tantos em *ão*. Essa evolução e outras da mesma época (p. ex. a redução de *-ades -edes -ides* primeiro e *aes ees iis* e em seguida a *ais eis is)* talvez começasse quando com D. João I e Felipe de Lencastre e depois com os inclitos Infantes, *gente nova*, e em parte *estrangeira*, veio a ocupar logares de destaque na côrte e nos postos sociais superiores, levando os seus modos de dizer, anteriormente desusados, aos paços reais.

Quanto aos sufixos cujo ponto de apoio era *-n-*, o estado de hoje, em que ha confusões — após seculos — autoriza-nos a supôr houvesse confusões na complicada distinção entre *-õ* com o plural *-ões*, *-ã* com o plural *-ans*, *-ã* com o plural *-ãas*, *-ão* com o plural *-ãos*.

Os plurais arcaicos — mais provimos dos modelos latinos e dos paralelos castelhanos — estavam originariamente em harmonia absoluta com a vogal tonica do singular.

De *-ana -anas* sairam *ã* e *ans*, p. ex. em *irmã* e *irmãs; hermana hermanas*.

De *-anu anus* sairam *ão* e *ãos* p. ex. em *mão mãos; vilão vilãos: villano villanos*.

De *-ane -anes* sairam *-ã* e *-ães*, *capelã capelães; escrivan escrivães*. Em castelhano preferiram a forma analogica *escribano escribanos;* quanto a *capelã*, hesitaram, dizendo *capellan capellano*.

De *-one -ones* saira *razão razões*.

Os ultimos, numerosissimos, foram analogicamente transformados em *razão coração tenção* etc. Quanto a plurais hesitou-se sobretudo quanto a *ães*, mas tambem quanto a *ãos*, sufixo.

As hesitações manifestam-se sobretudo nos monumentos poeticos da epoca de transição — no *Cancioneiro Geral*, que abrange obras de seis decénios (1450 a 1516). A ortografia deficientissima, caotica, muito hesitante, dificulta a investigação, mas as *rimas* revelam o desejo de empregar termos graves ou semi-graves em vez dos agudos do primeiro periodo. Elas, as consonancias, são o fio condutor no labirinto das grafias.

Eis em duas palavras o que se apura.

A terminação *-õ* (*-on -om*, como já então se escrevia) desaparecera por completo.

Facto importante — visto que nas prosas, p. ex. do *Leal Conselheiro* del-Rei D. Duarte, composto antes de 1438, ela subsiste, tanto em substantivos como *razom coraçon*, como no adverbio *nom* e no verbo *som*. No Cap. 44, p. ex., ha os exemplos seguintes: *obrigaçom tençom coraçom razon copreyssom afeiçom delleitaçõ meençõ saluaçom conversaçom determinaçom prisom nom* e *ssom*.

O sufixo *-õ* entremeteu-se mesmo indevidamente em verbos da 1.ª conjugação, substituindo *deseiõ deseiom peensom partyrom*. É dificil ou impossivel dizer se realmente pronunciavam assim, ou se se trata apenas de erros graficos — julgo todavia poder abstrair d'eles que *am* e *om* começavam a fundir-se.

Pois bem, no *Cancioneiro* o primitivo *-õ* é representado ora por *-am*, — mesmo em *non*, grafado *nam* (I 209) e *son*, grafado *ssam* (I 53), e mais vezes onde é sufixo, p. ex. em *tençam* (I 503), *rezam* (I 470), *payxam* (I 12). Ha mesmo *vam*, como adj., masc. vanu (II 457 e 458), e até *mam* em vez de *mão* (II 517). Ora temos *-ão*: não somente onde representa -anu, mas onde representa -one: por ex. em *melão* (I 23) *altrecação* e *tenção* (I 3).

Em segundo lugar aparecem formas em *-ão*: etimologicamente correctas que rimam entre si: *mãos vãos* (I 29): *serão irmão* (I 27); *mão vão* (= vadunt) e *cortesão* (60); *mão cortesão* (81); mas tambem em rima com vocabulos em *-ã* (*am*): *mão Joham* (II 256); *verão capitam* (II 298). E igualmente em rima com *om* etimologico: p. ex. *mão coraçon*, grafado *coraçam* (II 45).

Em terceiro lugar formas com *-ã* etimologico proveniente de -ane ou de ant rimam entre si (I 37: *dam escrivam*); mas rimam tambem, como mostrei, com *-ã* e com *-õ*:

I 97 *cam* = cane e *coraçam*; I 23 *melão* (isto é, *melom*) com *pam* pane.

Em quarto lugar vê-se que nas formas verbais prevalece *-am*, não só onde a silaba é atona: I 8 *perderam morreram*; mas tambem nos futuros, onde é tonica: I 53 *doeram* em rima com *payxam* e *sam* (sunt); I 102 *veram serviram conheceram*. Mas em ambos os casos tambem se encontra *-ão*: I 9 *morrerão ensandecerão perderão* (perf.); I 89 *poderão darão* (fut.) em rima com *payxam*.

Ao todo: predilecção pelo ditongo nasal *-ão*.

Nos verbos, a escrita e pronúncia *-am*, em silaba atona, manteve-se e, a meu ver, deve manter-se, por causa das formas correspondentes da 2.ª e 3.ª conjugação: *sentem ouvem*. Para o meu ouvido ha tambem diferença entre *amáram* e *amarão*: nasal oral nas formas atonas e ditongo nasal nas tonicas.

Quanto aos plurais dos nomes, eles se conservaram *em regra* inalterados, dando indicio do estado arcaico do singular: *-ãos* é plural de *-ão*; *-ãs* de *-ã* (*-ãa*); *-ães* é plural de *-ã* -ane (*escrivã*, etc.); *-ões* de -one, forma radical da qual saem naturalmente os derivados em: *-oar* (*afeiçoar abotoar abençoar*), *-oavel* (*razoavel*), *-oeiro* (*carvoeiro*), *-oeira* (*carvoeira*), *-oaria* (*cordoaria carvoaria*), *-oalha* (*cordoalha*), *-oal* (*meloal*), *-oïce* (*ladroïce gargantoïce*), *-oa* (*pavoa leitoa Brandoa*).

Ainda assim, houve no seculo XVI a tendencia de abolir os plurais, em *-ães* e *-ãos*, por estarem na menoría, por outros em *-ões*, mesmo em casos onde derivados com *a* lembravam as origens, p. ex. em *vilões* por *vilãos*, de que eram parentes *vilania vilanagem avilanar*. Todavia essa tendencia analogizante não foi capaz de extirpar de todo os plurais em *-ães* e *-ãos*.

Camões empregou *verões* (V 15). Todos nós dizemos *serões* (com a variante divergente *saraos*). De *aldeão ancião anão cidadão hortelão vilão sòtão truão rifão* são hoje mais usados os plurais *aldeões anciões anões* (*anõezinhos*) *vilões sòtões truões rifões* do que os antigos correctos e por isso preferiveis *aldeãos anãos vilãos sòtãos, truães refrães* (*refranes*). Subsistem *capitães escrivães capelães alemães catalães*. Ha mesmo formas analogicas como *deães* de *deão* e no periodo arcaico *dean* de decanu. E existem *órgãos órfãos rábãos cortesãos pagãos* etc.

O analogico *bênção* é muito usado.

Só brincando dizemos: estas *mões*, e uma *alamoa*.

Num Folhetim do *Comercio do Porto* li outro dia *corrimões*, em lugar de *corrimãos* (corre-mãos) e *artesões* em vez de *artesãos*.

*

Entre as formações latinas em *-ō -onis*, sobre tudo entre as femininas, tiradas de raizes verbais fortes, com ajuda da semi-vogal *i*, ha muitas, cujos representantes portugueses são curiosos, porque a semi-vogal actuou revolucionariamente e de modo muito variado nos modelos, conforme o caracter da consoante ou das consoantes que a precediam.

Podem-se distinguir os grupos seguintes:

1) *razão sazão* de ratione satione.

2) *ração estação* do mesmo ratione e statione, *feição dição lição eleição poção moção noção tição traição devoção punção menção tenção* etc.

3) *lesão* laesione; *visão* visione; *prisão* preensione; *fusão* fusione; *divisão* divisione.

4) *missão scissão procissão promissão pressão cessão.*

5) *questão gestão congestão combustão.*

6) *cajão* < occasione; *aleijão* < laesione *(abujão, bijão* no 1.º periodo).

7) *comichão* por *comischão* < comestione; *cachão* por *cochão* < coctione.

8) *paixão* < passione; *puxão* < pulsione. Todos eles populares. Cultos ou semi-cultos são:

9) *fricção fracção acção facção secção opção cocção.*

10) *opinião união reunião religião rebelião região legião ocasião.*

11) Vindos de fora, tendo mudado de genero, temos o arcaico *maison* (casa de Ordem) e o castelhanismo *meson* (ambos de mansione); e *tosão* (o de oiro) de tonsione, fr. *toison*.

Entre os populares nacionalizados havia mudado de genero *cajão* — de occasione (porque o vulgo considerou o *o* inicial como artigo) e *avejão* por *abujão* (abusione), como se fosse uma ave grande; assim mesmo *aleijão* e *puxão*.

Quanto a *-atione -itione -utione*, o francês, o italiano e o castelhano possuem esses sufixos em duas formas: uma popular e outra livresca, mas tambem bastante popularizada, em todos os sentidos.

Em França ha *-aison (venaison* de venatione, caça); e

-içon: nourriçon (m.) de um lado, e do outro lado *-ation -ition -ution: narration punition résolution.*

Na Italia ha *-agione (ragione stagione)* e *-azione (popolazione).*

Em Hespanha ha *-azon* e *-acion: armazon consolacion.* Nas formas livrescas a semi-vogal *i-* subsiste.

Só em português é que mesmo nas formas livrescas houve fusão do *i-* com *-t* assibilado, com pouquissimas excepções. É um dos muitos traços democraticos que caracterizam o idioma desta praia ocidental lusitana.

IV

O supletivismo nas linguas romanicas e em especial em português

Como termo tecnico linguistico, *supletivismo* é moderno. O fenomeno por ele designado é, pelo contrario, antiquissimo. Existe desde que ha linguas indo-germanicas. Em Portugal foi F. A. Coelho, sempre disposto a introduzir as ultimas descobertas das sciencias que cultivava, quem o introduziu e empregou ás vezes nos derradeiros lustros da sua actividade na aula Romanistica da Universidade de Lisboa.

Lá fora o termo fôra criado por um dos Glotologos que com mais sciencia e consciencia se ocupam de estudos indo-germanicos comparados: Hermann Osthoff. Esse publicou em 1900, em Heidelberg, um tratado em forma de conferencia: *Vom Supletivwesen der indogermanischen Sprachen: dos processos supletivos das linguas indo-germanicas.* Nele tenta explicar como elas procediam quando por razões quer fisiologicas, quer psicologicas, certos nomes e certos verbos não eram usados em todas as formas que, segundo o sistema geral ou os traços privativos de cada uma das linguas, *teoricamente* poderiam ter existido.

Supletivismo, de *supletivo*, claro que deriva de *suppletus*, adjectivos participial, tirado de *suppleo supplevi supplere* = suprir = completar. Derivado portanto da raiz ple-, contida em *plenus*, *completus*, etc. Por isso *supletivismo* é o fenomeno que consiste em se recorrer em paradigmas incompletos, defectivos, a formas de radicais, diversos do primario e fundamental da familia, afim de assim preencher as *lacunas* e *falhas.*

Exemplos caracteristicos são: *sum fui esse*, *fero tuli latum* e *ferre*.

Paradigma: παράδειγμα, é o *mostruario* ou *indicador* das formas modelares ou tipicas, que caracterizam certas classes *verbais*, *nominais* e *pronominais*, formas que o estudioso deve conhecer para poder declinar nomes e pronomes, tirar ordinais de cardinais, fazer gradação de adj.; e principalmente conjugar verbos, e que por isso são registados em dicionarios e gramaticas.

Ha *supletivismo* portanto em *nomes* (subst. e adj.) e *pronomes*, mas sobretudo em *verbos*. Isto é, nas mais importantes das categorias de palavras, não só quanto ao sentido (como designações de pessoas e objectos, qualidades, actos e acções), mas tambem quanto ás formas, por serem *môveis*, *flexiveis*, *variaveis*, *produtoras* ou *produtivas*.

Para compreendermos a razão de ser do supletivismo devemos lembrar-nos do que os lingüistas pensam a respeito da evolução lenta dos idiomas indo-germanicos, e da maneira como se formaram *vocabulos* flexivos: lexicograficos ou *objectivos*, opostos ás particulas invariaveis, subjectivas, estéreis.

A principio, depois de meras *interjeições*, houve raizes *primarias* como simbolos de ideias. P. ex. *pá* proteger, alimentar; *má* amamentar. Dessas se formaram por fusão com outras raizes secundarias, como *-ter* que indicava o realizador, o agente, palavras simples ainda, mas muito significativas. Como *pater* o que arranja e dá o alimento, *mater* a que amamenta, *frater* (ainda não explicado a contento de todos). E dessas sairam por meio de outras raizes, *terciarias*, pouco a pouco reduzidas a meros sufixos, termos derivados como de *pater* — *paterno paternal*. E sairam finalmente, por meio de variadissimas desinencias de significado formal, as declinações e conjugações. Processos muito interessantes, mas complicadissimos, que não se podem explicar de passagem.

Nas silabas ou nos fonemas flexiveis dos *nomes* ha indicação:

1) do *numero*: singular, plural, dual;

2) do *genero*: masculino, feminino (e neutro);

3) dos *casos*: isto é, das relações sintacticas dos nomes entre si e dos nomes com o verbo;

4) Quanto aos adjectivos ha alem disso indicação do *grau* do significado.

Nas silabas flexiveis do *verbo* ha indicação:

1) da *pessoa* (1.ª, 2.ª e 3.ª);

2) do *numero* (sing., dual e pl.);

3) do *tempo* (presente, passado, futuro, com cambiantes: com *passado perfeito* e *imperfeito*, futuro ant. e post., etc).;

4) do *modo* (ind., conj., imperativo);

5) da *voz activa* realizada pelo sujeito; ou *passiva* realizada por outra pessoa no sujeito; *media* (ou antes *reflexiva, mal denominada, depoente)*;

6) da *classe* conjugativa a que cada verbo pertence.

Devido a essa multidão de noções contidas na multidão das suas formas, o *verbo — nervo da fala* — é a unica categoria de palavras, por meio da qual podemos dar expressão a pensamentos completos. *Veni vidi vici, cogito* — ergo *sum*.

Na representação das noções verbais e nominais por meio de desinencias ha todavia falhas, em geral por motivos extrinsecos, as quais conduzem ao emprego de formas *supletivas*.

Nos nomes é p. ex. deficiente a representação do *genero*, ou seja do *sexo*.

Na designação de *pessoas*, o genero gramatical corresponde em regra ao sexo natural.

Da maneira mais simples, temos em latim para o masculino a terminação *-us*, e para o feminino o *-a*, e nas outras linguas indo-germanicas ha maneiras correspondentes de distinguir as formas femininas das masculinas.

Temos *deus* e *dea*; *filius* e *filia*; *equus* e *equa*; *vitellus* e *vitella*; *porcus* e *porca*, e com alargamento pelo infixo *-in*, *gallus* e *gallina*. Temos *amicus amica*; *inimicus inimica*; *dominus domina*; *magister magistra*; *socer socrus* (mas vulgarmente *socra)* ou tambem com o infixo *-in*: *heros heroina*, *rex regina*. E com sufixo diverso, ex. *victor victrix*.

Raiz igual e desinencia diversa (oposta), eis o que caracteriza os nomes *móveis*, e nos parece ser o processo, mais logico, normal, legal, natural, regular. Mais natural do que a existencia de nomes *comuns*, que sem diferença alguma de forma podem designar os dois sexos, como *conjux*, *cliens*, *sacerdos*, *testis*. Muito mais natural tambem do que a existencia dos *epicenos* (gr.) que não tem senão uma forma gramatical quer masculina quer feminina, para ambos os sexos: *passer alauda vulpes mus rana turdus*, em português: o *tigre*, o *tordo*, etc.

Mas a par de tais processos a lingua latina possue, e todas as linguas possuem, nomes *especiais*, formalmente nada

aparentados, para cada uma das entidades que formam pares —animais que formam casais (*catus felis, taurus vacca, haedus capra*.

Nesses casos a forma feminina é *supletiva*.

A coexistencia de *pater mater* (que pelo menos são de formação analoga), — a de *vir mulier; maritus uxor; frater soror; gener nurus* é por não terem nada de comum, um defeito das linguas, *aparentemente*.

No fundo, creio que é uma força, um valor, uma beleza (o estudo do sentido primitivo de cada um desses vocabulos é muito interessante), um fenomeno *exteriorizado* que corresponde a desigualdades interiores.

Só quem tem funções pessoalmente suas, e tambem nome propriamente seu, é um *individuo*.

E os seres humanos, socialmente mais importantes, tiveram sempre, e tem em toda a parte, funções especiais bem definidas que os caracterizam. Repitamos que *pater* é, além de gerador, quem arranja o pão; *mater* a que dá a vida ás crianças com o sangue branco dos seios.

Pena é que a etimologia de *frater vir mulier maritus uxor gener nurus* não seja igualmente clara e transparente.

Parece-me naturalissimo que tenham nomes distintos. Naturalissimo tambem que quanto aos animais domesticos principais existam nomes particulares para os machos e outros para as femeas, porque os serviços que p. ex. o boi e a vaca prestam ao homem são bem diferentes e importantes.

*

O estado latino permaneceu, no fundo, nos paises neo-latinos. Não inalterado (mesmo abstraindo-se das alterações foneticas). Houve evoluções e substituições, na Peninsula, p. ex., a de *frater soror* por *irmão irmã — hermano hermana* de germanus (ficando *frade* e *freire freira* em sentido restrito — ao todo tantos e tais, que dariam assunto para uma dissertação curiosa.

Em português subsistem os nomes comuns, cultos, *conjuge cliente testemunha*, diferenciados só pelo artigo. Podemos, querendo ser rigorosos, dizer: *o* e *a tigre, unicorne, antilope*, por acabarem no ambiguo *-e*, terminação ora de masc. *(o leite)*, ora de fem. *(a ave, a grade)*; mas dizer *o lontra, o pantera, o vibora* seria paradoxal. Nos *Lusiadas* ha todavia *os focas*.

Ha epicenos como *tubarão, tordo, abelha, aguia, baleia, besta, formiga, gazela, girafa, lontra, mosca, onça, zebra (bada* e *garça).*

Mas sobretudo temos nomes *móveis*, em maior numero do que os Latinos, e grande facilidade (não ilimitada contudo) de formar outros novos.

Pelo processo simples latino do *-us, -a*, conservamos *deus deusa; dom dona; esposo esposa; sobrinho, neto, sogro, cunhado; mestre e discipulo; amigo e inimigo, vizinho, hospede*. Além de *porco, vitelo, pombo*, temos *pato pata, gato gata* (por *felis), rato, ganso, camelo, bugio, macaco*. Com sufixação, a par de *galo galinha, rei rainha, czar* e *czarina, heroe heroina* (livrescos, bem se vê), conservamos *cão* e *cadela* (com *cach-orro*, de *cacho* por *cat'lu-)*, o grupo assás povoado, *pagão pagã, cristão cristã*, de um lado, e do outro *leão leoa, pavão pavoa, leitão leitoa* (que levou os Nobiliaristas a chamar *Brandoa* á mulher de um *Brandão)*, e o isolado *sultão sultana*. Assim mesmo distinguimos, devido a evoluções foneticas, *avó* e *avô, Paçô* e *Paçó*, etc. Pelo modelo *victor victrix*, temos *actor actriz; embaixador embaixatriz; imperador imperatriz* (arc. *emperador).* Termos livrescos. Fizemos biformes diversos nomes comuns ou seja uniformes em latim. P. ex. todos os em *-ôr*, formando *cantora doutora escritora superiora*; em *-ês (-ense)*, formando *português portuguesa*, etc., *inglês, francês*; em *-ante, -ente, -inte*, dizendo desde a epoca classica: *infanta governanta giganta ajudanta*, e mesmo *mordoma juiza petiza*, por analogia.

Aproveitamos sufixos de origem grega, derivando em *-isa: sacerdotisa profetisa poetisa*; em *-esa: princesa baronesa duquesa marquesa prioresa*; em *-essa: condessa abadessa condestablessa juglaressa*; em *-issa: diaconissa pitonissa.*

Temos a facilidade de, brincando, masculinizar nomes femininos, falando de um *ninfo*, um *damo*, um *Maricas*, um *criancelho*, etc., como um *gazolina*.

Num estudo exaustivo sobre o Supletivismo deveriam figurar os pares: *padre madre, pai mãe, padrinho madrinha, padrasto madrasta, homem mulher, genro nora, marido mulher, boi vaca, bode cabra, carneiro ovelha, cavalo egua, veado cerva, gamo corça.*

*

Isso quanto aos substantivos. Na classe dos adjectivos (em que figuram os em *-ôr -ês -ante -ente -inte)* devem-se considerar como formas supletivas os comparativos e super-

lativos sinteticos: *bom melhor optimo, mau peor pessimo, grande maior maximo, pequeno menor minimo.* Na dos numeros *um* e *primeiro, dois* e *segundo.* Na dos pronomes *eu, me*, etc., etc. Entre os verbos *ir* — com *vou* e *fui.*

O exemplo mais nacional e completo — no periodo arcaico — é a entrada de *sedere* no incompleto e complicado *sum fui esse* dos Latinos. Vid. p. 82 83 do meu Glossario do Cancioneiro da Ajuda. Sedere deu *seer*, e do sec. XIII em diante *ser*, forma que surgiu no fut. e cond. perifrastico, por nela haver perdido, com a independencia, o acento tonico (tal qual de *poer pões* saiu *pôr*, nos compostos *pôrei pôria)*, que nos primeiros seculos significava *sentar-se, estar sentado (ben sej'acá, non quero seer melhor)* e *esse.* O seu paradigma era completo:

Pres. ind. — *sejo sees see* (se ando ou sejo), conj. *seja* (que subsiste);

Imperf. — *sedia* (sedia la fremosa seu fuso torcendo, sedia-m'eu na ermida de S. Simon), *seia, siia, sia;*

Imp. — *sei, sê, sede;*

Ger. — *sendo;*

Part. — *sido*, por *seido;* de sedita: *seeda;*

Pret. — de sediui (por *sedi): sivi seveste seve* etc.; *sevesse sever.*

Como auxiliares de verbos activos, serviam ao lado de *esse: stare ire ambitare jacere habere tenere: sejo morrendo, siia pensando*, sinonimo de *stare.*

O uso de *seer* como auxiliar, e a sua quasi completa sinonimia com *estar*, fizeram que algumas formas entrassem supletivas no incompleto e anormal paradigma de *esse.*

Subsistem: *sê sede, sendo sido, seja, ser (seres sermos serdes serem serei* e *seria);*

Na concorrencia com *sou és é, era, fui fosse*, por *fôra*, e tambem com *estou estava estive* desapareceram as restantes: *sejo seia sive.*

Na lingua cast. corresponde: *sey, seyendo, seido.*

Os Negros da Guiné e os Ratinhos da Beira dizem: *eu sentar* (por *ser) cansado.*

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

A GREI PORTUGUESA

Notas para um programa de Etnografia Portuguesa

I

Descrever um povo não é só estudar-lhe a história, enumerando os factos da história da humanidade em que colaborou ou para que êle contribuiu. Há, em verdade, na crónica de um povo acontecimentos que se explicam pelo carácter de êsse povo: — se é pacificamente votado à agricultura e às riquezas industrializadas do seu terreno; — se procura no mar, por comércio, por expansão simultaniamente política e mercantil, a aplicação da sua actividade; — se vive no planalto, na serrania, com pátria inóspita, entre penedias e vales profundos, entre os cumes e o céu, a tentar a fortuna e assegurar a existência na guerra aos que tem boas terras e colheitas avonde.

A essência de um povo não tem na história senão as demonstrações conseqüentes de um *substratum* dirigentemente actuador. É necessário ir buscar ao fundo do que por simplificação se chamou a Raça, as qualidades próprias. A psicologia de êsse agregado estuda-se no conjunto orgânico das manifestações colectivas, apreciadas como unidade sintética. Recorre a sciência ao método etnográfico, para de êle tirar conclusões de ordem social; e ao informe antropológico, para definição de origens, mais ou menos prováveis.

Consistindo a Etnografia no estudo descritivo de um povo na sua expressão tradicional, que é o seu característico étnico, há-de forçosamente recorrer-se ao ambiente próprio, onde êsse tradicionalismo existe mais radicado, se quiser proceder-se a tal estudo.

Não é nas cidades que esse ambiente de tradição se encontra. Quem procura em um povo os restos de sobrevivências dos velhos usos e costumes, crenças e tendências, de outro tempo, que são a sua típica individualização, mais ou menos distinta e original, não os vai buscar às

cidades [1]. Uma cidade por mais bairrista que seja no seu regionalismo, está eivada sempre de grandes doses de cosmopolitismo, que é a sua «honra de cidade», e será tamanho quanto o grau político e industrial ou comercial o fôr. Fora dos centros de aglomeração mais densa, constantemente à mercê das modas desnacionalizantes e das doutrinas subversivas, ao largo de êles e um tanto mais a coberto de estes seus defeitos, por circunstâncias especiais, é que se devem de ir procurar os elementos de estudo [2].

---

[1] «... O caracter portuguez» (aliás o de todos os povos nas cidades) «... prefere as apparencias ás realidades... Se se trata de apparecer em publico, veste-se á ultima moda (refiro-me ás cidades).» Isto observava Maria Rattazzi, no seu *Portugal de Relance*, tradução de *Le Portugal à vol d'oiseau*, ed. de 1882, vol. II, 161.

A condição moral é absolutamente diversa na cidade e no campo. Bocage, em um dos seus mais notáveis sonetos, estabelece o contraste entre o vilão e o nobre, sintetizando no nobre, e ainda no cortesão o verdadeiro protótipo do homem da cidade, com todos os seus defeitos e artifícios. «—Nos campos o villão sem sustos passa... —O que é ser infeliz aquelle (o villão) ignora... —Aquelle canta e ri; não se embaraça—Com essas cousas vãs que o mundo adora:... —Aquelle dorme em paz no chão deitado... —Antes ser camponês, e venturoso.» Bocage, *Sonetos escolhidos*, ed. DELTA 1921, Lisboa, p. 37.

À própria gente do campo não escapa a diferenciação fonética da linguagem da cidade para o campo, e uma quadra da Atalaia (Beira-Alta) o diz:

Ai de mim, que já não posso
Cantar como já cantei:
Eu bebi agua no Tejo,
Até a fala mudei.

C. Monteiro do Amaral, na *Revista Lusitana* 1908, vol. XI, p. 118.

[2] Maria Rattazzi como contraste do espírito da cidade, refere-se nestes termos ao espírito do campo: —«nas provincias ruraes o caso muda um tanto de figura... Quanto ao

A dispersão do campo, o isolamento das aldeias, que são centros agrícolas, de proprietários, autênticos *lavradores*, e de *homens de ganhar*, como se dizia no seculo XVII, os *ganhões* ou *jornaleiros* de hoje, a vida em plena natureza, o recurso primário de cada um a si próprio, a simplicidade mais ou menos primitiva, o trabalho absorvente de tôdas as energias e mealheiro da economia doméstica, vínculo do homem à terra, o que o mesmo quere dizer que liga o pensamento e o sentimento ao que viu, ouviu, aprendeu de seus pais, estes dos seus, em uma cadeia de mestres que é a teoria social da essência do *lar da família*, — todas estas causas eficientes predispõem o aldeão, o camponês, para conservar os velhos hábitos locais.

Por isso êle é o protótipo das gerações passadas, do nacionalismo, agressivo ao estranho, aferrado ao seu por espírito intrínseco, e de antipatia natural a exotismos. De fora, ainda poderá parecer mudado, onde os trajos o hajam mudado, ou se tenham perdido; mas, interiormente, êle é o mesmo que poderiamos chamar *homo traditionalis* ou *homo Portugalensis*.

Evidentemente são extensivas à montanha as condições etnográficas do campo. Se a *zona campestre* é uma boa mina de exploração para o etnografo, a *zona serrana* excede-a, por ter em maior grau as condições do campo. Sabe-se muito bem nos estudos antropológicos, nas suas estatísticas insinuantes, como a gente da montanha, mais isolada, mais aspera na lucta com a natureza, mais altiva e aguerrida em sua arrogância e fôrça, conserva melhor índice de velha raça comum, ou tipo comum (1). E, se o padrão antropomé-

---

vestuario nacional e typico, é indispensavel penetrarmos nos confins remotos das aldeias, para o encontrarmos.» *Liv. cit.*, II, 162.

(1) Ainda no seu livro, *Raça e Nacionalidade*, Pôrto, 1919, o Sr. Mendes Correia, referindo-se a êste facto, nota: «o tipo mediterrâneo ou íbero-insular, que se filia de certo na raça Baumes-Chaudes, já representada nas estações neolíticas do país, encontra-se mais puro nas recônditas regiões montanhosas, em que os baluartes naturais o isentaram da transfusão de sangue estranho.» Pgs. 93-94. A p. 95 pregunta o mesmo A. se o tipo de estatura acima da média, moreno,

trico se mantém, o espírito ancestral, transmitido pelos séculos em gerações contínuas, não variou fundamentalmente nas mesmas condições de vida vegetativa e de relação.

Ambos, o camponês e o serrano, sofrem a mesma causa para o estudo etnográfico, apegados à mesma fôrça oculta do passado, sob a mesma condição geral de *homem da natureza* (1). Reunamos lhes tambem o homem do mar, que, pelo emprêgo especial da sua energia, pelo perigo de todos os dias, motivo especial da sua superstição aguda e da funda crença religiosa, além da hereditariedade profissional mais certa que algures, por tudo isto, tem carácter singular.

O *homem do ar livre*, salvo peculiares misteres, e não incluindo os pescadores, entrega se à agricultura. Mesmo porém nessas excepções, os misteres são *complementares*, *subsidiários* ou *derivados* da tarefa agrícola. «Complementares»: o homem prepara a alfáia agrícola, pastoreia os gados, etc.; até o próprio homem do mar traz para terra o moliço, a bajunça, e outras algas, para *adubos*. «Subsidiários»: transporta os produtos aos armazens, aos mercados e às feiras (abegões, almocreves, carreiros, etc.). «Derivados»: para alimentos, moe os cereais em moinhos de vento, de água (azenhas) e de mar (Algarve); faz o vinho, e sucedâneos, o azeite, lacticíneos, o mel;-prepara a tecelagem do linho, estopa e lã, e onde restam os teares caseiros, com que se fazem na província de Trás-os-Montes o burel, xergas ou enxergas e saragoças, no Algarve as mantas e cobertores de lã, saragoças e estamenhas, onde se fabricam em Coimbra e no Minho ricos bragais de noivado, que em Viana-do Castelo ornam de lindos bordados sobre riscos «tirados de cabeça»;-e são os riscadinhos, as serguilhas, os briches, de Barroso e do Minho, as cobertas de Santa-Clara de Coimbra e de Urros, as de lã

---

dólico, harmónico, que na Beira Alta predomina sôbre o moreno baixo e sôbre o nórdico mestiçado, não provirá da *raça atlanto-mediterranea*, ou «ibero-insular» modificada, e ainda se o trasmontano obedece a possiveis sobrevivências de um tipo primitivo, como o *Homo Taganus*. Estas observações correspondem a um factor especial, que destingue os montanheses altivos e bravos das duas províncias mencionadas.

(1) Falando do camponês, chama-lhe Fialho de Almeida «emanação da paisagem». *País das Uvas*, 3.ª ed. 1915, p. 37.

ou de farrapos de Viana-do-Castelo, as casteletas e saragoças da Beira, os panos e lenços velhos de rico decorativo pictográfico, de Alcobaça, panos de que já fala Gil Vicente na *Farça dos Almocreves* (1); são as meias e piugas de Âncora, de Darque, no Minho (2), de Mondim-da-Beira, a local «Mondim das Meias» (3), tudo de vestir e de cobrir;-são as mobílias de madeira (Évora, Monchique), de tabúa (Algarve), arcas e baús para as roupas e para a ucharia e frutas; é a cestaria para o transporte e guarda, quer das colheitas, quer das comidas, alforges listrados como os do distrito de Beja, do Carregueiro á Província do Algarve, e sacaria de estopa, de uso na condução em animais; ôdres para vinho e azeite; a olaria para vasos de todo o uso e capacidade, em aplicações domésticas e do trabalho, com tão activa e grande manipulação do barro: *negro* de Chaves (Vilar-de-Nantes), Vila-Real (Vizalhães, Mondrões) de Molelos (Tondela), Prado (Tijoso e Parada-de-Gatim), etc.; *vermelho liso*, Minho, Extremadura, Alentejo e Algarve, em maior escala e perfeição em Guimarães, Caldas-da-Rainha, Lisboa, Mafra, Extremoz, Viana-do-Alentejo, Loulé, mas um pouco por todo o chão de argila; *barro vidrado* das Caldas, Mafra, Guimarães, etc.

A mulher é, na mór parte das regiões agircolas, a auxiliar do homem; no entanto há serviços em que evidentemente se emprega a sua actividade exclusiva, como são as industrias caseiras, desde os preparos da matéria prima até o trabalho do tear; outras regiões há, onde não é sòmente preferida para certos trabalhos mais simples e leves, como as mondas, vindimas, apanhamento e contagem da azeitona, etc., mas ocupam o primeiro lugar no trabalho agricola e nos misteres «subsidiários», como condução de gados, carreagem à soga dos bois, etc., em grande parte do Minho, em que, por efeitos de emigração, o homem escasseia, ou aflue a outros misteres mais rendosos e garantidos, junto dos centros industriais, ou mais populosos (estucadores, caiadores, pedreiros,

---

(1) Gil Vicente, *Obras*, Lix.ª 1852, III, 203-205.

(2) *Lusa*, Viana-do-Castelo 1917, I (n.º 14), p. 30.

(3) Leite de Vasconcellos, *Etnografia Artística*, II, «Apetrechos de meia», Lisboa 1916 (sep. da *Alma Nova*, vol. II, n.º 19), p. 10 e ss.

padeiros, que correm às cidades e sobre tudo a Lisboa). No Douro a mulher faz tudo que o homem faz; cava, lavra, conduz os carros; guia os barcos no Douro em Avintes (1). A de Barroso, durante os trabalhos campestres, traz os filhos às costas, como as negras e as ciganas.

II

Um tratado de etnografia, que venha abranger a vida específica do homem tradicional neste conceito, por fôrça o há-de estudar nos seus termos particulares e comparados sob o tríplice plano da «terra», do «homem», que dela é a emanação, na frase de Fialho, e da «arte», com suas indústrias e espírito criador.

A *Terra* é o condicionante, e, quer pela sua natureza qualitativa, pelas suas condições corográficas, quer pela sua especialidade agrícola, determina o aspecto externo, cuja primeira acção é a nomenclatura regional. Esta, por seu turno, condiciona as divisões administrativas, lògicamente estabelecidas, tanto na política local, como na grande divisão da província.

O nome da província, que é o conjunto de regiões diferenciadas por si, mas ligadas por carácter comum, traz esta vantagem real da concordância da terra com o homem. Esta caracterização arrasta consigo o particularismo nas construções de casas, nos trajos dos habitantes, nos seus usos e costumes, no espírito revelado nos cantares, nas culturas, nas instituïções locais. O homem sofre a influência ancestral e actual do seu meio.

A *Gente* observa-se na crença e superstições, que a misturam do paganismo, nascido do homem ante os fenómenos

(1) Rebello da Costa, *Descripção do Porto*, § IX. Acontece o mesmo com a mulher da Ria de Aveiro, na Gafanha por exemplo, onde ela na ausência dos homens, que emigram para o Brasil e vão á pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova, se emprega em todo o serviço mesmo o de arrais. No Distrito de Leiria, Marinha-Grande por exemplo, as mulheres, descalças, com polainas de lã, vão ao pinhais, com carros de bois, buscar lenha para a vila.

da natureza. Todos os seus actos domésticos, tôdas as operações do trabalho, todos os divertimentos, o próprio calendário agricola do povo, se norteiam pela fé nos Santos e a superstição de amuletos preservativos e esconjuros salvadores. A medicina popular é um mixto de superstição, amiudadamente da mais grosseira, e da fé nos poderes celestes de agentes religiosos. Nas fórmulas hectairistas de Santa Marta e de S. Gonçalo, por exemplo, a recorrência dos curandeiros e benzedores, «pessoas de virtude», é por vezes o que denota maior primitivismo na alma popular. As mèzinhas caseiras, a classificação das doenças, o seu tratamento, a transmissão ou transferência pessoal de doenças, a homeopatia rude, benzeduras e esconjuros mais ou menos complexos, tudo isto é surpreendente e característico. A vida de família nas suas três fases do «namôro, casamento e vida doméstica», depende fundamente da economia agrícola, e, como a família do aldeão é um lar de trabalhadores da lavoura, a própria aldeia não sendo mais que uma colonia agrícola, o homem vive em casa como vive ao ar livre. A alma conserva a mesma essência do nacionalismo tradicional, evidente nos mesmos folgares e festas, em que se divertem as aldeias, quer nos dias do orago, quer nas horas alegres das ceifas, das vindimas ou das colheitas da azeitona.

A *Arte* compreende as manifestações de rudimentares belas artes, sejam religiosas (cantigas e música de loas e preces, imagens de escultura, pintura ou gravura, «alminhas» «milagres»), sejam profanas (cantares de amor, décimas de acontecimentos notáveis e de sensação, bonecos de barro, a *arte dos pastores* em obras de osso, madeira e principalmente cortiça); compreende também as indústrias domésticas e locais que, de utilidade prática ou de uso decorativo (tecidos, vasilhame, cestaria, mobiliários, rendas, bordados, filigranas, flores e recortes de papel ou pano), sempre tem um carácter próprio e tipico de beleza, com ornamentações notáveis e abundantes, de complicação grande, estilizadas pela tradição ou pela fantasia, que lhe obedece, num reduzido e esquematizado sistema de modelos; e, como complemento, sendo os mercados, as feiras, as romarias, o entreposto comercial dêstes produtos, deve o etnógrafo, criteriosamente, defini-los na sua origem e causas, no seu aspecto mercantil, na sua continuidade, economia, vida, movimento e mostruário etnográfico.

Assim, em esquema, o estudo incidiria sôbre os três capítulos essenciais:

I — A TERRA

1 — Divisão popular e tradicional do país: província, região caracterizada.
2 — Paisagem típica, regional: serra, planície, litoral; aldeias; casas.
3 — Caracterização do habitante (elemento regional): trajos; linguagem; costumes salientes; cantigas regionais (tipo médio, canção, melodia, coros, instrumental, — quadras coreográficas); etc.
4 — Trabalho de cultura agrícola: regimen de cultura; constituïção do trabalho; sistema de pesos e medidas, etc.
5 — Instituïções locais (condicionadas pela terra): comunismo primitivo, de direito público e privado, etc.

II — A GENTE

1 — Crenças: práticas católicas, romarias, etc.
2 — Superstições: lendas, amuletos, esconjuros, bruxaria, almas e espíritos, etc.
3 — Medicina popular: curandeiros, benzedores, receituário, etc.
4 — Família: *a)* namôro ou «derrête», os «conversados», o amor, cantares alusivos, etc.; *b)* casamento: actos propiciatórios, costumes, festas, etc.; *c)* vida doméstica: o lar, usos e costumes, etc.
5 — A aldeia: sua constituïção social, costumes de sociedade, etc.
6 — Festas tradicionais: religiosas e campestres; dansas, jogos, touradas, etc.

III — A ARTE

1 — Folclore: *a) poesia, teatro, narrativas:* autos, romances e xácaras, «literatura de cordel», quadras, etc.; *b) música:* carácter, tipologia musical, canto, grupos corais, instrumental, coreografia.
2 — Arte religiosa: *a) escultura:* «ex-votos», imagens de madeira ou de barro; *b) gravura:* «registos de santos»; estampas; *c) pintura:* alminhas, «milagres», retábulos.

III A ARTE	3 — ARTE PROFANA: *a) construção:* tipos de casa, edificação; *b) escultura:* bonecária popular; *c) entalhe:* «arte pastoril»; *d) pintura:* quadros rudes, decoração, etc. 4 — INDÚSTRIAS TRADICIONAIS: origem, localização, tipo, trabalho, uso, ornamentações; *a) indústrias caseiras; b) indústrias em comum:* oficinas. 5 — MERCADOS E FEIRAS: sua organização, uso, fins.

Nestes três capítulos, com os seus parágrafos diferenciais, cabe o estudo não só do tradicionalismo do homem no ambiente natural, mas o de tôda a etnografia.

Pode dizer-se dos velhos usos do povo o mesmo que D. Francisco Manuel de Melo dizia dos rifões, que do povo são: «os rifões, senhor N., sentenças são verdadeiras, que a experiência, summa mestre das artes, pronunciou pelas bocas do povo» (1). Transplante-se a idea aplicando-a em geral às manifestações de nacionalismo, e desde o indivíduo, que se apaga na onda comum do mesmo espírito, às instituïções naturais, logo se verá que são «sentenças verdadeiras, que a experiencia summa mestre das artes, pronunciou pelas bocas do povo». É tudo natural, espontâneo na sua criação, inspirada na natureza, e inconsciente na reprodução por atavismo, que numa herança de séculos se não apaga. Todos estes factos tem a sua raiz no passado longínquo; foi essa a continuidade do seu equilíbrio e a estabilidade do seu carácter. Em tôdas as catástrofes da história é o nacionalismo que nos tem valido na salvação pelo regresso ao passado, ou seja a volta à terra, à familiaridade da terra, nos seus hábitos e regras, que são leis do tempo e da natureza. Hoje, na tragédia em que o mundo se comove, é êsse regresso às verdades nacionais ou das raças, o que se está a impor e realizar mais ou menos ràpidamente por tôda a parte, como reacção contra o esquecimento, que cada povo teve do respeito de si próprio no sacrifício e no dever dos antepassados.

O homem do campo, da serra, do mar, em contacto da

---

(1) D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, 1916, ed. da «Renascença Portuguesa», p. 57.

natureza, sem comodidades e afeminamentos, é o modêlo vivo dêsses antepassados. As virtudes próprias de uma raça, de uma nacionalidade, residem neles, entregues, como sempre, os homens da terra à mesma vida de luta agreste e de descansado repouso, ao mesmo sacrifício pela terra comum, e valentia sem interêsse na defesa como soberba no trabalho afanoso, em que as gerações os pregam.

A própria arte regionalista vai procurar a beleza na vida típica do carácter local. Os melhores e mais sadios períodos da história de um povo são êsses, em que o seu íntimo é ouvido nas vozes do instinto e nas indicações do sentimento. A arte aristocrática das subtilezas é requintada, mas, como todo o requinte, nem sempre corresponde senão aos períodos de riqueza ou de desvario. No cadeirado do meio século XVI, que se conserva no côro da linda sempre-noiva que é a Sé de Évora, a principal ornamentação dos costados, em frisos de admirável relêvo de escultura em madeira, são scenas agrícolas, como a lavra, a vindima, a pisa da uva, o mata-porco, a tosquia dos carneiros, a caça, onde os trajos, os utensílios, os costumes da larga época de D. João II, de D. Manuel e de D. João III se evidenciam em scenas de pitoresco etnográfico.

III

A divisão popular do país acentua o condicionalismo da terra. A nomenclatura da província já é evidente. Ou se funda em raízes étnicas como o *Algarve*, — ou vem da sua situação geográfica, como o *Entre-Douro-e-Minho*, depois dividido pelo nome dos rios em *Douro* e *Minho*, e como a antiga comarca *d'Antre-Tejo-e-Odiana*, hoje *Além-Tejo* ou *Alentejo*, e como *Trás-os-Montes*, antigo *Trá-los-Montes*, «Detrás das Serras», em relação ao Minho, por vezes chamado «Aquém dos Montes»; — ou tem origem em factos históricos, com carácter etnográfico definidos e mantidos, como a *Beira*, à beira do condado portucalense, e a *Extremadura*, no extremo das conquistas sôbre os Mouros (1).

---

(1) J. Leite de Vasconcelos: *Pela Beira*, sep. de *O Archeólogo Português*, vol. XXII, 1917, p. 5; em um doc. do séc. XV a província chamava-se simplesmente *Terra da Beira*. *Por Trás os-Montes*, sep. id. XXII, 1917, p. 42; *De Terra em*

Cada província tem o seu carácter primacial, que a terra lhe imprime. É porém o somatório de regiões menores, cujo onomástico é derivado da sua configuração, da sua cultura, ou das condições do meio.

Assim: no *Minho*, as *Terras de Bouro*, que formam o concelho do mesmo nome; a *Terra Negra*, de pinhais altos e densos, entre Bougado e Famalicão, compreendendo Trofa-Velha, Carriça, Ribeirão, Bougado, Peça-Má, Lagoncinha, S. Martinho; *Terra de Santa Maria*, entre as margens do Vizela e a Serra da Falperra, incluindo Guimarães; *Terras de Basto*, largo trato de Mondim a Refojos, a um e outro lado do Tâmega; e *Terras de Bouro*, de *Riba-Cávado*, etc.

Em *Trás-os-Montes*: as *Terras de Barroso*, a Este do Gerez, no planalto que vai à *Veiga de Boticas*, confinante das *Terras de Bastos*, e divididas em parte serrana. ou *Alturas de Barroso*, e parte baixa ou *Covas de Barroso* (1); a *Veiga de Chaves*, que entra pela Galiza, apertada entre a Serra da Brunheda e as alturas que sobem a Barroso; as *Terras de Miranda*, desde o Norte de Vimioso até Alcaniços ao Sul, e onde o português é a língua *grave* e o mirandês a língua *charra*, conforme se lá diz; a *Terra Quente* ao Sul, para o Douro, em contraste com a *Terra Fria*, ao Norte da província; as *Terras de Vinhais* e *Terras de Bragança*; as *Cimas do Mogadouro*, ao centro do Distrito de Bragança.

No *Douro*: o *Baixo-Douro* até o Corgo, *Alto-Douro*, desde o Corgo; *Terra de Gatão*; a vasta e doirada *Baião*, a *Maia*, das «maiatas», meio Douro, meio Minho.

Nas *Beiras*: as *Terras do Dão*, as *Terras de Riba Côa*, com o Douro ao Norte, a Sul e Poente o Côa e a Nascente Leão e Extremadura Espanhola, *Terra de Lafões* no vale do Vouga, *Bairrada* caminhando para o Mar, a *Ria de Aveiro*, *Palheiros* (de Mira, de Tocha, de Quiaios, etc.); a *Borda da Água* ao longo da Costa e na monteira a misteriosa *Beira*

Terra, Lisboa 1927, I, 97 e 156-158. J. Mendes Saraiva, *O Conceito histórico da palavra Beira*, Lisboa 1928.

(1) Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, IX, 552, Fr. Luís de Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. III, cap. 5 e 6; Leite de Vasconcelos, *Por Tras-os-Montes*, já cit., 27, com a *Veiga de Boticas*, e *De Terra em Terra*, I, 96. Camilo Castelo Branco, *Os Brilhantes do Brasileiro*, 4.ª ed., p. 191.

Baixa: a *Charneca*, de Oleiros a S. Vicente-da-Beira; a *Cova da Beira*, no Vale do Zézere; a região confinante com esta, formada por parte do concelho do Fundão e parte do da Covilhã, que se chama *Rio* ou *Rio abaixo*, em relação ao mesmo rio Zézere; *Trás* ou *Detrás da Serra*, além da Cumiada da Estrêla; *Terra Fria*, nos concelhos de Sabugal, Manteigas e Guarda; *Campo*, ao Sul da última, abrangendo parte dos concelhos do Fundão, Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor, que é a parte baixa e plana da Beira; *Campanhas da Idanha*, na planície desta vila; *Raia* e *Arraia*, nos extremos orientais dos concelhos fronteiriços ([1]).

Na *Extremadura:* o vasto e vago *Pinhal de Leiria;* os *Campos de Santarém;* as *Lezírias* do Tejo; o *Ribatejo*, e a *Borda d'Água* à beira do rio, de um e outro lado; além do rio a *Outra Banda*, em relação da Lisboa e seus arredores çaloios, as *Cimas de Ourem* até Mugem e à charneca de Ponte de Sôr; a *Comporta*, do Sado, em terras de Setúbal, e a charneca do Alentejo extremenho, enquadrado entre a costa e o Sado.

No *Alentejo:* a *Serra* e a *Charneca*, por todo o Norte e Centro até a Serra de Ossa, *Charneca* para o Sul; ao Norte, *Terras de «Areias»* (Portalegre), zona granítica, a abranger Nisa, Crato, Flor de Rasa, Gafete, e *Terras de «Barros»* (Portalegre), zona calcárea, de Avis e Alter; *Charneca* de Ponte de Sôr; a *Charneca*, a Oeste de Pavia e Ponte de Sôr; os *Campos de Avis, do Ameixial, de Évora*, etc., entre os montes do Alto-Alentejo; os *Campos de Ourique, de Beja*, etc., no Baixo-Alentejo, etc.

No *Algarve:* «Barlavento» e «Sotavento», em relação ao lugar onde se fala, mais precisamente em relação à parte central de Lagos e Olhão ou Faro e Portimão; parte dos *Serranos*, ao Norte, zona das serras, a *Charneca*, o meio da província no sentido longitudinal, e terra dos *Algarvios*, pela costa.

São apenas amostras, que provam como se pode constituir o mapa de Portugal com a divisão etnográfica das regiões, e como a essa divisão corresponde uma nomenclatura caracterìsticamente agrícola, em *Terras*, *Campos*, *Campanhas*, *Charnecas*, *Serras*, etc.

([1]) Leite de Vasconcelos, *Pela Beira*, já cit., 5 a 7; *De Terra em Terra*, 156-158.

IV

Na paisagem regional entra não só o elemento orográfico, hidrográfico, mas o aspecto da cultura, as culturas dominantes, a construção local e a aparência das aldeias, o trajo [1], os costumes salientes, as canções locais, que estabeleçam a comparação geral.

Vem à cabeça da enunciação as provincias do Norte «o mais classico povo de Portugal», na frase de Camilo em *A Bruxa do Monte Cordova*, e o «classico povo» das *Noites de Insomnia* [2].

São os campos miudinhos, cercados de muros pequenos, do Minho, com lameiros fofos pequeninos, *côchos* [3], muita água, muita verdura, serras ao longe, terra de muitos «onde os mais pobres possuem pelo menos um naco de broa e uma malga de vinho» [4]; são as vinhas de enforcado, o vinho verde, as serras aos degraus; é nas tornas e leiras o linho de flor azul pelo Santo António, e de meadas brancas de neve, a còrar ao sol; é o centeio em campos verdes; é o trigo a loirar; são os milharais húmidos e túrgidos; são os montes com pinhais e sobreiros, coroados de capelinhas de Nossa Senhora; as casas brancas, a alvejar muito na verdura e na sombra do arvoredo; montes e casas, casas engrinaldadas de *giestas de Maio*, flor santa, fartura do casal, protectora de crianças, bezerros e bacorinhos; *espigueiros,* muito vermelhos no meio do

---

(1) «L'habit n'est pas une simple couverture, c'est un symbole. J'en atteste toute la flore si riche des costumes nationaux et provinciaux, et de ceux qui portaient nos anciennes corporations». — Ch. Wagner, *La Vie Simple*, 18.ª ed., 1917, Colin, p. 215.

(2) Camillo Castello Branco, *A Bruxa do Monte Cordova*, 2.ª ed., p. 12, *Noites de Insomnia*, n.º 2, 1884, p. 35.

(3) *Côchos* são lameirinhos em Monsão e Arcos de Valdevez; Felix Alves Pereira, «Glossario dialectologico do concelho dos Arcos de Valdevez», na *Revista Lusitana*, 1916, vol. XIX, p. 212.

(4) Antero de Figueiredo, *Jornadas em Portugal*, Lisboa 1921, p. 104; «... terras regadias como prados, chãs como a palma da mão», do mesmo em a *Senhora do Amparo*, p. 4.

arvoredo, beijados aos abraços pelas vides, que neles se dependuram; rios mansos, margens frondosas, açudes no Minho, Lima, Cávado e Ave; serras ao Nascente; os trajos vivos, de côres berrantes, serguilhas rexadas de listras de côres, agitados nas feiras, como a de Barcelos, nas romarias, como a da Senhora da Agonia, em Viana; cantigas alegres, dansas vivas, como o «vira», o «verde gaio» e a «cana verde»; mulheres *oiradas* de filigranas, grandes cordões ao peito e arrecadas nas orelhas, os fatos escuros dos homens de Perre (Viana), as bragas, carapuças, chapéus bragueses, da Serra, as «mantelas» e «manteletas», de lã, na cabeça das mulheres de Monsão e de Castro-Laboreiro, as rendas de Âncora e Gatinhães, em aventais (Guimarães e Mealhada) e em casaquinhos ou jaquetas (os *«boleros»* de Caminha) (1), mas sôbre tudo, ornamental e garrido, o *trajo à lavradeira* (à «moda do Minho»), à «Vianesa»; são os «picamilhos», de Bluteau (2) com as suas cantigas alegres e vivas, melodias simples, coros unissonos e a duas vozes, às vezes em terceiras (Braga), e dansas animadas; é a terra do cavaquinho, do *gaiteiro*.

São as serras nuas (típica a do Marão, que marca a barreira, para além da qual mandam os que lá estão) (3), com rios bravos, muitos moinhos e azenhas, castanheiros nas devesas, pinhais densos nas vertentes, lameiros nas almargens, de Trás-os-Montes; terra de linhos alvíssimos, de pão de milho, das searas de centeio, das castanhas, da hortaliça abundante, dos bois barrosões, «piscos» (em oposição aos galegos, preferidos pelos carreteiros), e dos mirandeses, da batata e dos presuntos; serras e mais serras, vales profundos, cheios de vegetação; gente altiva das guerrilhas mais famosas; cantigas e dansas animadas como nas «segadas» e «vendimas»; trajos de burel e tecidos grosseiros, feitos, pisoados e amanhados em casa; curiosidades das «modas» serranas, côres sombrias, polainas de burel; *nisas* com rabo, dos homens; *jaqués* com pestanas, das mulheres, de pano preto; *casibeques* sem cinta, apertados com atilhos de couro, saias de xerga; *capuchos* de

(1) Cláudio Basto, *Lusa*, 1918, I (n.º 20), p. 155 e 159. Figueiredo da Guerra, *Id.*, I (n.º 22), p. 172 e 174.

(2) Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «picamilho».

(3) O adágio trasmontano é: «para cá do Marão governam os que cá estão».

burel e *capelas* de briche, ou saiotes pela cabeça; as *crossas* e *coroças* ou *palhoças* de palha centeia, de resguardo da chuva; a *capa de honras* de Miranda, de saragoça ou burel, de talhe fradesco, muito decorada, com capucho e fitas pendentes; casas serranas, negras por falta de cal, com as paredes de schisto e granito descarnadas, sem aparelho, telhados de colmo de canas de milho e palha de centeio (colmaço), seguras com pedras e troncos de carvalho novo (Barroso); «terras de invernar», nos vales; «terras de veranear» ou «verandas», nas serras; ruas das aldeias, atapetadas de tojo a curtir ao sol, para estrumes; costumes primitivos da serra, gente de menos, emigração despovoante; melodia simples e variada, ora alegre ora melancólica, dansas e ritmos vivos e rudes.

São as terras do Douro cortadas em degraus, montes abaixo, até os rios, ricas de arvoredo, pinhais espessos, e, sobretudo, as vinhas do famoso vinho do Pôrto; montes, vales profundos, serras longe; paisagem cinzenta, campos de tremoço, milhais, muitas éguas em Amarante e Baião; rio Douro, barrento; mais para o interior taboleiros, limpos, sôbre muros de schisto, vides alinhadas nos degraus, alto ou abaixo dos montes, enforcadas em tudo, em árvores, esteios, postes; Baixo Douro, ardente, schistoso, vinhas rasteiras; casais brancos; terra menos repartida que no Minho; actividade das mulheres no trabalho; grande densidade; cantigas vivas, puladas, terra da *chula*.

São as chãs verdes da Beira, entre o Caramulo e a Estrêla, com castanheiros nas vertentes, vinhas nas baixas, fartura, laranjais nas almargens; as serras alpestres do Centro e Sul da Província, com searas de centeio, oliveiras; os pinhais por tôda a parte, os arrosais da Beira-Litoral, as dunas, as salinas e os barcos da Borda-d'Água; a Ria de Aveiro com os seus *canais* (de Ílhavo, ao S., de Ovar ao N.), as suas *cales* (da Vila, do Espinheiro, do Ouro, da Marta, de Almundacel, do Vouga, do Chegado), os seus *esteiros* (de Oudinot, dos Frades, de Esgueira, da Formata, de Canelas, de Salreu, de Estarreja, de Vairos...), os *veios* (da Arada...), os *rios* (Rio Novo, Rio Velho), os *lagos* (do Paraíso...), as *ilhas* (de Sama, do Poço, do Monte Farinha, dos Ovos, da Gaivota...), rio e mar; são terras escalavradas,-*birreiros*, e charneca escalvada pela queimada,-*ucha*; são «as infinitas virgindades dessa sagrada terra da Beira, nucleo de fôrça, e ainda agora a mais impoluta ara da familia portuguesa» na observação sentida e

justa de Fialho (1). São as «quinzenas» de estamenha, côres escuras, casteletas, saragoças; os chapeirões de lã negra, os capotes de burel e «crossas» de palhas, calças de velocino; as aveirenses de chale negro de merino e bandós negros, a ovarina de saia rodada, chapelinho preto de feltro sôbre o lenço amarelo ou vermelho, e vidrilhos na casaca, as tricanas de Coimbra com a blusinha cingida, muito clara, e chale traçado; os *palheiros* de Mira, Quaios, Tocha, Cova-de-Lavos, de madeira, sôbre estrados em estacaria, para a areia movediça lhes passar por baixo; casas negras na serra; brancas, alegres, caiadinhas na baixa, entre medas e hortas na Beira-Litoral; cabanas de pastores, rebanhos de ovelhas e varas de suínos.

Canções, no dizer de Michel Ângelo Lambertini, as mais belas de Portugal, melodia simples, variada, harmonia abundante e cheia, ritmos vivos.

Na Extremadura, são as *Lezírias*, baixas, verdes, «monotonias de luz à flor do trigo verde-verde, verde» (2). «Leziria plena e rio pleno, agua e verdura, salgueiros por toda a parte... mergulhando os cabellos verdes na corrente» (3); «regadios immensos da margem do Tejo» (4); os *nateiros* deixados pelas cheias, sustidos pelas *marachas*, vedações de suporte constituidas por grupos de salgueiros; as lezírias com os seus campinos a cavalo, meias brancas, calções azúis com botões amarelos, jaqueta de bríche, carapuça verde na cabeça, faixa vermelha; é o Estremenho vestido de estamenha negra ou côr de mel com a camisa branquíssima, que levou Sergent a proclamá-lo o mais belo e pictural do mundo. É o típico *çaloio*, dos arredores de Lisboa; são as mulheres de Leiria, côres garridas, vermelho vivo, lenços na cabeça, debaixo de chapelinhos de feltro negro, com borla caida ao lado, saias de serguilhas mescladas, com riscas, faixadas de azul e encarnado; outra saia preta, ou pelo menos mais escura que a outra, anda no braço ou às costas como capa de ceremónia (põem-na quando entram na igreja ou em casa de respeito); são os *zagorros* ou *sagorros* da charneca de Alcácer-do-Sal,

---

(1) Fialho de Almeida, *Paiz das Uvas*, 3.ª ed., 1915, p. 87.
(2) Fialho, *Os Gatos*, 4.ª ed., Lisboa 1920, vol. IV, 140.
(3) Fialho, *Id.*, p. 134.
(4) Fialho, *Id.*, p. 141.

correspondendo aos çaloios dos subúrbios de Lisboa; terra de pão de trigo e de fruta, moinhos nos altos, grandes vales, serras pouco elevadas, aldeias alegres, círios célebres a templos concorridos (Senhora de Nazaré, Senhora do Cabo...), cantos mixtos, mais suaves e expressivos para a costa, canções tricanas de Coimbra, bailados elegantes, leves, ondulados, cantos das fogueiras de Coimbra (S. João) lembrando as antigas festas de Piedigrotta (Napoles), em que se punha na moda a romanza do amor.

É o Alentejano da terra do trigo, o celeiro de Portugal. Grandes searas a ondear ao vento. Muito pão, água escassa «enxuto d'agua e mui seco de prado», no dizer de Bernardim Ribeiro. Planície sem fim, onde qualquer monte ou simples outeiro é uma *serra*, charnecas, montados, onde pastam na engorda os suínos, sobreiros descascados da cortiça, a sangrar. Azinheiras simbólicas do apêgo à terra. Olivais de azeitona de Elvas, azeite de fino paladar; vinhas e searas. A propriedade é imensa, latifundiária com os seus *montes*. A terra é tôda verde na Primavera, amarela no Verão, queimada no Inverno. À roda das eiras, erguem-se as medas, *almearas* ou *almeadas*, de palha de trigo, e vêem-se no cimo cruzes de palha ou de cana e alfazema benta. É a terra dos lavradores por excelência; estão agarrados ao campo como nenhum mais; a emigração foi quási nula em todos os tempos; as aldeias disseminam-se, muito brancas, para se adaptarem melhor às necessidades, à terra e ao clima; o capote alentejano, a polaina de couro cru sôbre as *botinas* de atanado (*botinos*, no vale do Sado), os *çafões* e *ceifões* (*guarda-mattos*, no vale do Sado) de pele de ovelha, de borrêgo, ou de cabra, bordados de gregas, de coiro, costuras a côres (Beja), os *pelicos*, çamarras de rabicho, casacos de pele, e o chapéu aguadeiro, os alforges de coiro ou de lã dos malteses (Beja), caracterizam o Alentejano. A mulher é incaracterística; côres ricas, ou claras no Verão, escuras do burel no Inverno, chale cruzado no peito, chapéu grande de homem, adornado de penas de pavão e flores de papel, sôbre o lenço, saias arranjadas em calções nos trabalhos do campo. Cantares dolentes, saüdosos; dansas arrastadas, monótonas, ou vivas no *fandango* e *estalinho*. Terra de pastores, êles são a maior riqueza etnográfica em trajos, arte de gravar, estro de improvisadores de décimas; o trajo, que o «Carrasquinho» tinha visto ao pai e ao avô, ambos cabreiras, era o seguinte: chapéu antigo, bragão, de três borlas,

calções de terciopêlo azul-mar, polainas de couro cru, ceifões de pele de borrêgo, da descrição de Fialho no *Paiz das Uvas* (1). A casa é térrea; as chaminés são a parte mais importante, grande lar, dentro, grande e elegante chaminé por fora; é o *monte;* caiam-na amiüdadamente, para reflectir a luz do sol e o seu calor, e afugentar as moscas, vício da cal. Espalham-se pela sombra das árvores.

No Algarve, é a *serra* com os moinhos de vento, onde ela é árida, com azenhas nos rios, principalmente em Loulé e S. Brás de Alportel; a *charneca* pedregosa, árvores «esgalhentas», chão duro, espartos; *várzeas* em antigos arrosais, com searas de trigo e hortas; *arieiros*, areais cobertos de pinhal cerrado; *sapais*, terras alagadas, na costa, lodaçais *(marismas)* com pasto para o gado e com os curiosos *moinhos de mar*. São as amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras, piteiras, espartos; casais mui brancos entre a verdura de diferentes côres. É um pomar. Vive da agricultura e da pesca, e as cidades brancas debruçam-se pora o mar, achatadas e aconchegadas. Romarias movimentadas, religiosidade pitoresca e festas pagãs dos marítimos, cantigas alegres, fáceis e vivas, dansas ágeis.

*

Na costa alonga-se uma série variada de usos, trajos, barcos, uma idiosincracia particular de gente anfíbia, meio humana meio mitológica de sereias e tritões. É um cosmorama: os *sargaceiros* de Castelo-de-Neiva, Anha, sobrecasaca de lã forte, branca, cingida ao tronco, apertada com uma correia de couro à cinta, solta à roda (2); os *sargaceiros* e *moliceiros* de bragas e branquetas de flanela de lã ou baeta grosseira e carapuça, em Viana-do-Castelo e na Apúlia; camisolas de serrabeco e boinas aos gomos de três côres, fatos de baetilha branca, as mulheres com serguilhas das côres dos barcos, na Póvoa; as camisolas de baeta, calças de serrabeco de Matosinhos, os remadores de Camilo no *Cavar em ruinas* (3); os guapos pescadores de Buarcos e de tôda a ria, com

(1) Fialho, *Paiz das Uvas*, 3.ª ed., 1915, p. 148.

(2) Cláudio Basto, *Rev. Lusit.*, 1910, vol. XIII, p. 84-88; *Lusa*, 1918, I (n.º 21), p. 165-166.

(3) Camillo Castello Branco, *Cavar em ruinas*, 3.ª ed., 1912, p. 85.

as rêdes a secar ao sol em varas de madeira, paralelas; o calção largo e pernas nuas, camisola ampla, caída, gorro vermelho, dos pescadores de Peniche; e êsses tipos lestos do Tejo, Sezimbra, Sines, costa algarvia. São os barcos: jangadas do Minho para o moliço ou sargaço; os barcos revirados em crescente, dos pescadores do largo; os barcos «rodeiros» («rabelos» sem «apègada»), «rabelos», a remos, à vela, à sirga de homens e bois (1); a *barca das lezírias* em forma de «pão de bico, mas revirada como as gondolas, chata de fundo, o almegre da vela à luz morrente... com o pampilho ribatejano, que na terra guia o touro, — na agua servindo de remo» (2); as galeotas do Tejo, canoas, fragatas, chalupas, de uma vela, palhabotes, hiates com o seu gaftope, patacho, de vela de mesena, a duas velas, a galera e o lugre a três mastros.

*

Por esta rápida resenha se vê o grande alcance do estudo regional, pelo seu aspecto externo, e a lição de nacionalismo, que prende o homem à terra, como seu elemento íntimo.

Daqui se depreende que, delineado o campo de acção do homem, se há-de lògicamente seguir a forma por que ela se exerce, isto é, a organização agrícola e as instituïções locais.

V

O trabalho agrícola exige homens de permanência, com a sua *jornada (jornaleiros* e *ganhões)* e homens eventuais, nos grandes períodos de cultura, especialmente nas *vindimas* (no Norte, isto é, no Douro, e em geral nas regiões vinícolas), nas *ceifas* (Alentejo, principalmente) e na colheita da azeitona, *apanho* ou *apanhamento* (nas zonas de grandes olivais); e andam êles aos grupos, oferecendo-se aos patrões e *menageiros* (de «menagem» ao patrão, — capatazes), de terra em terra; andam em *malta*, são os *malteses*.

O *empreiteiro* toma o serviço de empreitada; o *menageiro* é o director do *rancho*, formado pelos *malteses*, que buscam em conjunto em *malta* o trabalho, e pelos *ganhões*, que andam

(1) Camillo, *Maria da Fonte*, 2.ª ed., 1901, p. 177.
(2) Fialho, *Os Gatos*, IV, 134.

dispersos de «monte» em «monte», no Alentejo. O pagamento dos trabalhadores é por *empreitada* de serviços ou por *jorna* ou *soldada*, ao dia. No Minho (Arcos) os trabalhadores associam-se na lavoura uns com os outros, em trabalho recíproco, chamando-se a isso por lá *embeleirar* (¹).

Há migrações constantes, ocasionadas pela procura de pessoal, «família», se diz no Alentejo. São os *ratinhos*, malteses da Beira, que descem ao Douro nas vindimas, e ao Alentejo nas ceifas; os *caramelos*, que procuram no Sul os trabalhos de campo; são também os *galegos*, Minhotos, que trabalham nos lagares de azeite, no Alentejo (²).

Na vasta e celeira província alentejana, a lavoura tem uma constituïção particular, mais complicada que na cultura simples do Norte e Centro. Compreende: uma ou um grupo de *herdades* associadas na *lavoura* de exploração agrícola e pecuária, do dono, — o lavrador. O *rendeirõ* é o lavrador que traz propriedades de renda, é o típico *lavrador rendeiro*, que paga a renda ao *lavrador senhorio*. As propriedades que formam a *lavoura*, constituem um conjunto intitulado o *Cómodo*, cuja sede ou centro é o *monte*, onde está o *casco da lavoura* (a *ucharia*: mantimentos, forragens, alfaia agrícola...). As lavouras distantes do *Cómodo*, não tendo *cómodo* próprio, diz-se que andam de *cavalaria*. O «monte» abrange a moradia do lavrador e as dependências: casas, barracões, telheiros, horta, quinta, às vezes olival, vinha, monturos.

Entra neste capítulo com a constituïção da lavoura ou exploração agrícola e processos de cultura a organização do trabalho, o amanho, limpeza, rega das terras, o regimen proletário, nos vários serviços e misteres, com as horas de descanso e vagares; as festas do fim, nos trabalhos de longa dura como ceifas, vindimas e colheita da azeitona, os descantes, o regimen tradicional da cultura das terras, os instrumentos e seus nomes da alfaia agrícola, o calendário do

(¹) Oscar de Pratt, *Revista Lusitana*, vol. XVIII, p. 104.

(²) Leite de Vasconcelos: *Ensaios Ethnographicos*, Lisboa 1910, IV, 332 e ss.; *Lusa*, I, 161, 162; — Garrett, *Arco de Sant'Anna*, cap. XXXII «... é dessa gente de ganhar que nas comarcas do Sul do reino chamam *ratinhos*»; *Fenix Renascida*, vol. I (1746) p. 326, V, 27 e 181-182; — Carolina Michaëlis, *Revista Lusitana*, 1908, vol. XI, p. 27 a 38.

campo ou folhinha [1], os anexins respeitantes, os cantares predilectos dos trabalhos.

VI

Nas instituïções locais incluir-se hão os regimes de pastoreio, de caça e pesca, de regas, de lenhas [2] e carvão, do forno aldeão; como a comunidade familiar da propriedade em Miranda *(Terras de Miranda)* com um juiz, eleito pelos aldeãos para fiscal rigoroso, que impõe multas em vinho, mais tarde bebido em conjunto por todos; a comunidade de pastos do Marão e da serra de Maçãs, entre o Minho e Trás-os-Montes; as do regime agrário, pegoral e silvícola das Alturas de Barroso; a comunidade de moinho, touro, forno e carvão nas serras barrosãs; a comunidade de águas, forno e pasto no Alentejo; a comunidade do rabisco de cevada e centeio, depois das ceifas, para os pobres, em Trás-os-Montes e Beiras.

No monte se procuram os *langanhos*; diz Gil Vicente:

> Diz hum verso acostumado:
> Quem quer fogo busque lenha [3].

De troncos velhos, *canhotos* tira-se lenha *(canhotas)* em Valdevez; achas, *brinchas*, na Beira Alta; as vinhas no Alentejo dão as *feixotas* de ramagem.

Não podem esquecer-se as formas primitivas do imposto hoje ainda em uso. As *avinças* ou *avindas* em géneros ao abade, ao curandeiro do gado, etc. [4]. A *maquia* e a *poia*, pagas ao moinho que moe o trigo e ao forno que coze o pão,

---

[1] Cláudio Basto, *Revista do Minho*, XX, «Folhinha popular»; D. Leite de Castro, *Folk-lore Vimaranense*, Espozende 1908, p. 23 e 24; Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnographicos*, Lisboa 1906, III, 258, *Rev. des Traditions Populaires*, IV, 651; Tomás Pires, *Calendario Rural*, Elvas 1853.

[2] Estêvas, urzes, trovisco, tojo, etc., ramagens.

[3] Gil Vicente, *Pranto de Maria Parda*, *Obras*, Lisboa 1859, III, 371.

[4] Viterbo, *Elucidario*, s. v. «avinça». Oscar Pratt, *Revista Lusitana*, XVIII, 71.

que os forais estipulavam. Na Figueira-da-Foz, pagar a *maquia é queimar as meias*. Diz uma quadra de Barroso:

Coitado de ti, coitado,
Coitado por muitas vias;
Quantos foram ao moinho,
Só tu pagastes as maquias (1).

Em Santo-Tirso, os carpinteiros e pedreiros, quando findam as obras em uma casa, põem nela um ramo. O patrão tem de lhes dar ou pagar uma «patente», chamada *molhadura* (2); em certo lugar, como Palmeira, êsses artistas tem direito a três «molhaduras»;-no princípio das obras, no travejamento, considerado o meio das obras, e no fim. Paga-se a *patente* a qualquer pretexto, uma coisa que se acaba, ou finda, uma situação em que se entra, etc. Fala dela António José da Silva, o *Judeu*, no *Amphytrião* (3).

O pagamento de rendas e foros em géneros é uma sobrevivência natural, lógica do comércio primitivo e dos seus pagamentos por troca.

Os *celeiros comuns* foram criados por imposição das circunstâncias, como tôdas as instituïções naturais, quer iniciadas de acôrdo mútuo e prática comum, quer de ordem hierárquica pelo reconhecimento das condições imponentes. O mesmo se deu com gafarias, albergarias e mais tarde as *misericórdias* com a *roda* dos expostos, o hospício, etc. Outra coisa não são os *municípios*, comunidades criadas pelo povo e legalizadas pelos Reis ou Senhores.

O roubo teve a sua instituïção consuetudinária. Para as cabras medrarem, devem comer erva roubada; gato roubado é bom rateiro; as plantas e estacas dispostas, para pegarem melhor e florescerem bem, hão-de ser roubadas; o roubo medicinal prescreve que a telha roubada e oferecida a certa imagem de S. Pedro, corta as sezões.

---

(1) F. Barreiros, «Tradições pop. de Barroso», *Revista Lusitana*, XVIII, 253.

(2) Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Pôrto 1882; Pires de Lima, *Rev. Lusitana*, XVIII, 189-190.

(3) Antonio José da Silva, o *Judeu*, *Amphytrião*, ed. 1916, p. 193.

As medidas antigas, hoje usadas na província e que a nomenclatura conta, não podem esquecer-se na sua instabilidade e variedade local, em redor do padrão: — o *almude*, de 12 canadas, que vai de 7,5 em Midões (Táboa) e 8 em Arganil e Táboa, até 60, da chamada «medida de Trancoso» (Almeida e Manteigas) e 64 de Almeida; — a *canada*, de 1^{l},40, que varia de 1^{l},375 em Moncorvo, 1^{l},395 de Sintra, a 4^{l},500 em Melgaço, 5^{l},045 no Soajo, e 5^{l},320 em Salvaterra-do-Extremo; — o *alqueire* de 13^{l},80, para sólidos, de 13^{l},00 em Rio Maior, 13^{l},060 em Lagos, 13^{l},070 no Cartaxo, a 20^{l},024 em Amarante, 21^{l},734, a «rasa grande» de Vila-do-Conde, 24^{l},320 em Pêso-da-Régoa, 45^{l},210 em Castro-Laboreiro (Melgaço).

Vem depois as medidas especiais, para sólidos e líquidos: a *medida de cogulo* de Melgaço, alqueire de cereais, de 30^{l},112; a *medida do Pôrto*, em Alijó, com a canada de 2^{l},090; Mesão Frio e Pêso-da-Régoa de 2^{l},083; Murça de 2^{l},130; Ribeira-de Pena 2^{l},108; a *medida de Santa Morta de Penaguião*, que no concelho do Pêso-da-Régoa é de 19^{l},180 para o alqueire, e 2^{l},186 para líquidos; a *medida de Vila Real*, no Pêso-da-Régoa e Poiares, 15^{l},890 e 2^{l},475; e a *medida do Eixo* (Oliveira-do Bairro, canada de 1^{l},980, almude de 10 canadas), de *Malta*, do *Reguengo*, de Famalicão (alqueire ou rasa comum de 17^{l},640), do *Cabido de Braga* com um alqueire para trigo, outro para milho, outro para centeio (17^{l},777, — 16^{l},506, — 17^{l},326), a do *Cabido de Valença* (21^{l},164, alqueire), a *medida velha do Cabido do Pôrto* (alqueire de 19^{l},170), a *rasa do Reguengo*, de Barcelos (17^{l},974), a *rasa grande ou velha*, da mesma vila (20^{l},163), a *rasa pequena* ou *alqueire* de Vila-do-Conde (15^{l},011), a *rasa de Guimarães*, também de Vila-do-Conde (19^{l},501), o *rasão de lagar*, de Arouca (114^{l}), o *cubo* (Castelo Branco, Coimbra, etc.), para castanhas, de 18^{l},510 a 29^{l},300 no Fundão, o *tacho*, de 25 quartilhos (12^{l},5) da Pampilhosa, e as medidas de contos, prasos, celeiros, de foros e rendas, de misericórdias, etc.

Há medidas de superfície, usadas na lavoura, como a *geira*, medida correspondente ao que uma junta de bois lavra num dia; o *astim*, medida de cem passos de comprimento usada nas margens do Tejo, etc.

«Não há légoa pequena, nem quartilho grande» — diz o adágio.

VII

No campo mistura-se demais a religião e a superstição, e não se encontra uma prática ou festa cristã sem um aspecto ou um ressaibo de paganismo. O que não admira, quer pela constância do condicionalismo natural do homem perante a natureza, quer por ser, em muitos casos, a fórmula cristã uma simples sobreposição de idea ou de facto pagãos. Por vezes não aparecem as relações do paganismo, no entanto encontra-as quem as procure.

A religião comum é a católica, apostólica, romana. Além das capelas rurais, mais ou menos sujeitas a modelos tradicionais, como êsses lindos alpendres à frente, sôbre colunas ou simples esteios, encontram-se por tôda a parte (nas encruzilhadas a santificar o lugar, que é o ponto de reünião das bruxas e do demónio, que faz perder o caminho aos viajantes, ou à beira de estradas e caminhos, onde um homem morreu), os cruzeiros de pedra ou de madeira, singelos ou artísticos, mudos ou com inscrições alusivas, a miúde com coroas de flores a lembrar a saüdade de alguém.

No Marão, cada viajante, que passa pelas cruzes de pedra, cruzes funerárias que marcam o lugar onde cairam mortos os que a piedade dos parentes assim faz evocar, ao lado da estrada de Vila-Real a Amarante, reza um P. N. e atira uma pedra (1) (são os *Fiéis de Deus* êsses montes de pedra, formados ao redor das cruzes). Em Rio Tinto dá-se o mesmo com uma cruz de ferro (2).

Em capelas, nichos, nas paredes, numa árvore, numa esquina, ou aplicadas numa cruz, vêem-se as *alminhas*, onde Jesus crucificado ocupa o principal lugar, ou só as almas enchem o retábulo de azulejos, ou pintado em fôlha de ferro, lata ou madeira, ou simplesmente no fundo rebocado sôbre a cal da capelinha ou nicho. «São as alminhas brancas nas encruzilhadas com os seus beirais encarnados, sua lâmpada, seu animismo e seus Padre-Nossos», — que nos descreve Antero de Figueiredo nas suas *Jornadas de Portugal* (3).

---

(1) Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Pôrto 1882, p. 93; in *Língua Portuguesa*, Lisboa.

(2) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, 205.

(3) *Op. cit.*, p. 42.

A religiosidade penetra tudo, trasborda, e dos Minhotos diz Oliveira Martins: «ai de quem lhes bolir ou nos interesses ou no culto! ou na egreja ou no chãozinho» (1).

Nas casas, por fora, os «registos» de azulejos têm pintados em retábulo as melhores invocações da Virgem e do Agiológio, ou os seus protectores contra incêndios (S. Marçal, S. Mamede, etc.), contra raios (Santa Bárbara, S. Lourenço...) assim como os de prestígio regional (N.ª S.ª das Brotas, em Évora, Santo António em Lisboa, etc.). Constituem por vezes lindos espécimes do azulejo de Setecentos.

Nas igrejas abundam os *milagres* pintados em quadros ingénuos, que descrevem o milagre pela pintura e pela inscrição que a completa, com os nomes, data, lugar e circunstâncias. Estão a-par todos os *ex-votos*, que são os sinais das promessas cumpridas, como corpos inteiros de cera, ou cabeças, gargantas, braços, pernas, seios, como tranças, mortalhas, ou olhos de fôlha e de cera (nos altares de Santa Luzia), ou animais de cera e madeira (nos altares de S. Marcos, S. Cornélio, etc.).

Garrett, no *Arco de Sant'Anna*, refere-se aos milagres de cera. «Na rua de Sant'Anna, uma das primeiras que a minha infancia conheceu, as gothicas feições d'aquelle arco... e a alampada que lhe ardia continua e os milagres de cera que lhe pendiam á roda» (2). Das *promessas* de fé, que o *ex-voto* recorda e cujo cumprimento êle marca, faz Gil Vicente alusão no *Auto da India* (3):

E eu fui-me de madrugada
A Nossa Senhora da Oliveira.
E co'a memoria da cruz
Fiz-lhe dizer huma missa,
E prometti-vos em camisa
A Santa Maria da Luz.

As romarias multiplicam-se em todo o país, principalmente no Norte e Centro, onde o povo é mais religioso; tem no Sul a paridade dos *círios*. Incluem os *clamores* como em

(1) Oliveira Martins, *Portugal Contemporaneo*, II, 186-187.
(2) Garrett, *Arco de Sant'Anna*, cap. I.
(3) Gil Vicente, *Obras*, III, 40.

Refojos (Ponte-de-Lima) na têrça-feira de Páscoa. O *clamor* é uma procissão, espécie de círio, com música, festiva, que, como a da Senhora da Ourada (Melgaço) vai em romaria a certos templos em determinada época, sendo em Maio os da Santa da Ourada. Em Vizela são tradicionais os *serões*, grupos de meninas que, em cumprimento de promessa de algum devoto, vão a uma igreja, cantando pelo caminho e à roda da igreja a Ave-Maria e versos de louvor.

A Senhora da Lapinha tem a sua capela junto de Guimarães, na Serra de Santa Catarina; no primeiro Domingo, após o Santo António, vai lá uma procissão rica de adornos, passando pela Senhora da Oliveira; desde êsse dia o bicho não entra no milho; nuns rochedos há umas «pègadas» e sulcos onde a Virgem seca as meadas e põe as maçarocas, a que se referem quadras regionais (1).

A Senhora da Lapinha
Anda no monte sem roca,
P'ra acabar uma meada
Falta-lhe uma maçaroca.

A Senhora da Lapinha
Tem uma meada de ouro,
Lavada na Fonte Santa,
Còrada no Miradouro.

A maior romaria do distrito de Bragança é a de N.ª S.ª da Assunção, em Vilas Boas. No Minho há romarias notáveis como a da Senhora da Agonia, de Viana, e a Senhora de Pôrto de Ave, a da Abadia, a da Peneda (Arcos), a das Cruzes em Barcelos, em honra do Bom Jesus da Cruz, que é a mais antiga e de melhor história, sem esquecer a romagem nacional do Sameiro. As festas de N.ª S.ª da Nazaré são as mais freqüentadas do Centro do País, e lá vão círios do Sul, deixando fama o antigo *círio da prata* que lá ia de Lisboa; da ladeira da Barquinha para a Nazaré, o povo diz, ao avistar a capela da Senhora: «Lá está a Senhora da Nazaré», e descobre-se; no regresso, ao deixar de ver a capelita, branca no horizonte, volta-se e diz: «lá fica a Senhora da Nazaré». E tantas tantas romarias por êsse país além. Descreve-lhes a animação Eça de Queiroz nos *Contos* (2): «era domingo de

---

(1) Oliveira Guimarães, abade de Tagilde, *Guimarães e Santa Maria*, 1904, p. 82-85.

(2) Eça de Queiroz, *Contos*, 4.ª ed., 1918, p. 94, «Civilização».

immensa poeira e sol — e encontrámos ahi (estação em *ola* a caminho de Tormes), enchendo a plataforma estreita todo um povaréu festivo que vinha da romaria de S. Gregorio da Serra... Para aquelle trasbordo, em tarde de arraial... E, sem mesmo attender ás lindas moças que alli saracoteavam aos bandos, afogueadas, de lenços flammejantes, o seio forte coberto de ouro, e a imagem do santo espetada no chapeu».

Dos finais das romarias, em que homens e povoações se desafiam e lutam veio o rifão, que aconselha:

Boa romaria faz
Quem em casa se fica em paz.

As cantigas provenientes das romarias são um rico album de folclore. As dansas, os descantes, as desgarradas, tem o pitoresco e a graça real das festas, como essas romarias do Minho e seus bailaricos pulados ao som do harmónio, e as rodas encristadas de Trás-os-Montes em volta do gaiteiro.

Nas festas de N.ª S.ª do Couto, em Arcozelo (Minho), as donzelas representam «charolas e dansas», comédias como uma de marujos simulando um naufrágio, e espingardeiros fingindo luta entre Portugueses e Castelhanos, pretos cantando e dansando o fandango, etc.

Os Santos são chamados em tôdas as necessidades, «são aquellas divindades mysteriosas, que servem como os proverbios, para se ageitarem a todas as situações da vida, para consolarem toda a especie de soffrimentos» (1). São patronos nos males do corpo e nos desaires da alma, protectores de interesses e de amores. Pede-se-lhes saúde, chuva, sorte e casamentos. Cada Santo protege contra um mal, e os seus devotos fazem-lhe romarias, promessas, oferecem-lhe *ex-votos*. — «Emquanto há saúde, quedos estão os santos», — diz o rifão. Depois: «deixa fazer a Deus, que é Santo velho».

E para a vista invocam-se Santa Luzia e S. Longuinhos; para o *ouvido* Santo Ovídio; para a garganta S. Brás (por êle grita quem se engasgar); para os aleijões Santo Amaro; para os males do juízo e da cabeça o decapitado S. João Baptista; para a pele S. Bartolomeu; para as bexigas S. Vicente; para

(1) Júlio César Machado, *A Vida em Lisboa*, 2.ª ed., 1901, I, p. 161.

a peste e febres S. Sebastião; para as sezões S. Paio [1]; para as nascidas ruins S. Bento; para os partos Santa Catarina e Santo André [2].

Santo Antão imaculado,
Patrono dos lavradores;
Santo assim, tão festejado,
Não o há nos arredores [3].

Oferecem-se animais; levam-se em romaria, todos enfeitados, vão à igreja ou em procissão (a *Festa da Burrinha*, cheia de flores e fitas, com a imagem de Nossa Senhora com o Menino; a do *Boi Bento*, ambas em Braga; as de S. Marcos, Santo Antão, S. Frutuoso (também protector dos *frutos*), S. Cornélio, protector dos animais de cornos, como em França o é *Saint Cornély*, em Saint-Herboos, perto de Huelgoat).

Correm môças, correm velhas,
À vossa festa, Senhor;
E mil carros e parelhas
Enfeitados a primor [4].

Os pescadores e homens do mar recomendam-se a S. Fr.

---

(1) Na Torreira (Aveiro) faz-se anualmente a romaria de S. Paio, padroeiro da freguesia da Murtosa. Nessa romaria as mulheres da Murtosa banham o Santo num alguidar cheio de vinho, e depois bebem o liquido, cantando:

Ó S. Paio da Torreira,
Ó milagroso santinho,
Hei de cá voltar p'ró ano
Lavar o Santo no vinho.

(2) D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de guia de casados*, ed. «Renascença», 191; P.e Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza*, ed. 1712, III, 355.

(3) Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, Coimbra 1913, «Santo Antão» (Covilhã), p. 92.

(4) Fernandes Tomás, *Id.*, p. 93.

Pero Gonçalves, o *Corpo Santo* (¹). «Em sendo chamado, acode logo com a luz, e não ha homem que possa dizer que depois de visto o Santo farol fizesse naufragio». — «He este farol hum lume como de huma vela, o qual não toma lugar certo na náo: ora apparece sobre os mastros, e ás vezes sobre lugares mais baixos dos navios: e o ordinario he não se ver senão em tempestades de grande perigo». Já no século XVI havia no Funchal uma igreja do *Corpo Santo* (²).

Por todo o país a crença faz aparecer imagens de Nossa Senhora, que são outras tantas capelas brancas de devoção (*Senhora da Anunciada*, *da Água* ou *Pequenina*, de Setúbal, a da *Arrábida*, a da *Peneda*, em Arcos-de-Valdevez, a da *Rocha*, junto de Lisboa, a da *Pena*, na Serra de Sintra, etc.), e de milagres (como o da Peninha, de Sintra, onde uma pastorinha muda guardava um rebanho, e, perdendo-se uma ovelha, foi procurá-la, ansiosa, e encontrou-a afagada por N.ª S.ª que lhe preguntou ao que ia: «buscar a ovelhinha», respondeu a muda; e a Senhora lhe ordenou: «vai a tua mãe e pede-lhe pão...»).

VIII

A superstição manifesta-se em todos os actos da vida. Há amuletos para tudo, *naturais* e *artificiais*; — nos *naturais*: os «animais» (hipocampo, mão de sapo, cabeça de víbora e morcego, ossos, crânios, dentes, chifres ou cornichos); os «vegetais» (trevo de «quatro fôlhas», caroço de azeitona, e cristãos: ramos de oliveira, alecrim, rosmaninho ou louro, cruzes de canas e ramos bentos), e os «minerais» (pedra, metal, água); — nos *artificiais*: anéis de defunto, pedaços de mortalha, figas, *sino-saimão*, ferradura, «pedra de raio»...

Entre os amuletos campestres, citemos o costume do Alentejo em Domingo de Ramos, em que todos os possuidores de sementeiras de cereais ou legumes, vão pôr-lhes cruzes de alecrim bento, para os livrar do *mau olhado* (³). A Senhora do

(¹) Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, Parte I, liv. IV, cap. 24.

(²) Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, ms. do séc. XVI, ed. e notas de Roiz Azevedo, 1873, p. 8.

(³) Tomás Pires, «Superstições, crenças, usos e costumes alentejanos», na *Revista Lusitana*, vol. XI, p. 263.

Vale é advogada contra a «bicha do milho» (1). Na Têrça-feira de Páscoa vai lá o *clamor* de Refojos (Ponte-de-Lima) com gente de tôda a freguesia, e o pároco à frente. Clama-se: «S. João Baptista guarde as nossas searas». Quando se faz a procissão de Guimarães à Senhora da Lapinha, o bicho não entra com o milhão, e o mesmo acontece com a procissão de N.ª S.ª das Candeias das Caldas de Vizela (S. Miguel) a Tagilde, no primeiro Domingo de Julho (2).

Quando se quere chuva, molha-se um santo escolhido, como S. Miguel, em Vila Real (3), um Santo António em Bragança... Segundo outras práticas de pedir chuva, *revolvem-se penedos* e deitam-se à água; em Fozcoa, no sitio do Lameiro da Azinhata, as raparigas, em número de nove, vão cumprir uma promessa a N.ª S.ª e viram para baixo uma pia de água benta, e regressam a casa (4).

S. Jerónimo e Santa Bárbara livram das trovoadas, e a *Campana Santa*, uma sineta na capela de S. Ciriaco, em Terras-de-Miranda (Genízio), ao tocar, afasta os raios, tal qual as *pedras do raio*, *coriscos* ou *scentelhas*, de pedra e ferro. Queimam-se plantas benzidas no Domingo de Ramos (alecrim, loureiro, oliveira, rosmaninho, etc.).

Para a superstição dos nomes, a invocação é preciosa. Chamar por S. Jerónimo ou Santa Barbara é quanto basta para salvar o perigo do raio; gritar por S. Brás livra o engasgado; chama-se pela Senhora da Guia, ao ver um meteoro. Tem valor especial a missa dita por um padre chamado João. Manuel e Maria serão as duas crianças, que devem de figurar em certas operações de desembruxamento (Brinches) (5); quando uma criança, pela ordem do seu nascimento, pode vir a ser lobishomem, põe-se-lhe o nome de Bento; João e Maria devem de ser as duas crianças, que passam pela fenda de um carvalho cerquinho, uma para a outra, qualquer

---

(1) Félix Alves Pereira, *Lusa*, 1917, vol. I, p. 35, § 25.

(2) Oliveira Guimarães, *Op. cit.*, 116; e Augusto José Vieira, *Minho Pittoresco*, I, 641.

(3) António Gomes Pereira, «Linguagem e Tradições populares de Villa Real», na *Rev. Lusitana*, 1909, vol. XII, p. 318, n.º 3.

(4) Almeida, *Diccionario Chorographico*, III, 229.

(5) Filomatico, in *A Tradição*, I, 75 e 111.

criança herniada, para a curar (Alijó, Pôrto, Beira...); para a sementeira ser boa, há de fazê-la uma môça chamada Maria; etc.

Das *figas* diz, por exemplo, «Cornucopia» a «Mercurio» no *Amphytrião* de António José da Silva, o «Judeu»: «tome, tome duas figas, que lhe não quero dar quebranto» (¹). Dos amuletos animais, eis alguns, além dos já mencionados: chavelho de boi, carneiro, cabra, ou veado, nas pastagens, hasteado num pau, para não dar o *cobro* ao gado e contra influências malévolas na agricultura; ferraduras de mula, id.; ôsso de cão, contra a *praga* dos animais, ao pescoço do gado com sarna; *dente de «barrasco»* ou *chavelhos*, contra o *mau olhado*, na testeira das mulas (²); a *figa* e a *unha* suspensas por uma fita vermelha ao pescoço do animal contra o *quebranto* (Alcanena).

Bruxas e bruxarias, agouros, feitiços, esconjuros, *carmina mágica*, fórmulas de magia, talismans, práticas de S. Cipriano, almas do outro mundo, sinas, quiromância, tôdas estas provas supersticiosas se reünem no mesmo capítulo.

São as bruxas que aparecem em forma de patos brancos a patinharem nos rios, de gansos (Guimarães) ou de ratas enormes (Vouzela). Encontramo-nos com a existência de *animais mágicos*: o cão ou o galo pretos, o bode, demoníacos, o corvo já do «Cancioneiro da Vaticana», o dragão, o lagarto e a serpente de *Corpus Christi*, os cavalinhos fuscos, de menção entre outros no «Regimento da Procissão de Corpus» em 1482 e de 1567, da Câmara de Coimbra (³). Vem a supersti-

---

(¹) Ed. de 1916, da *Renascença Portuguesa*, Parte I, Sc. II, p. 64.

(²) Vitorino de Almada, *Diccionario do Concelho de Elvas*, I, 496 e ss., artigo de António Pires.

(³) Os *cavalinhos fuscos* correspondem aos cavalos mitológicos, de superstição popular, chamados Bidoche (Orne), Cheval-Mallet (Loire Inferior), Cheval-Frux (Sul de França), Godon (Orleans), Cheval-Godin (Namur), Algodon (Espaul), Chinchin (Mons), Chevallet (quási geral) na França; Caballet na Catalunha, Hobby Horse na Inglaterra, Schlittenpferd na Alemanha... Adolfo Coelho, *Hyssope*, ed. de Castro & Irmão, p. 442. Falam dêles, entre outros: J. P. Ribeiro, *Dissertações Chronologicas*, IV, P. II, 201, 226, quando se refere ao «Regi-

ção dos dias (má sorte das têrças e das sextas, boa sorte de quintas e sábados), as *horas aziagas* («horas abertas», no Pôrto), a crendice do número (três a conta que Deus fêz, sete o Diabo que o espete, práticas supersticiosas com os números 3, 7, 9, e 13, a *oração do Santo Custódio*, de 1 a 13, o *Padre Nosso Pequenino*, etc.).

«Não se luta contra a credulidade popular, que escolhe cegamente as suas vítimas e cria ao acaso a lenda e as superstições», diz o tradicionalista saboiano, Henry Bordeaux (1).

Entre nós escreveu Fialho no *País das Uvas*: «É necessario renovar os cultos pagãos da natureza, resuscitar as festas rusticas e os deuses symbolicos, os evohés, as legendas, fazendo outra vez brotar anões dos rochedos, elfos das troncagens vetustas, e *nixes* dos tranquilos pégos das ribeiras» (2).

IX

A medicina popular é um mixto de práticas supersticiosas, recursos mágicos, invocações de animismo religioso, completado por um receituário e uma cirurgia da máxima simplicidade. Os *curandeiros* confundem-se com os *benzedores*, e são «doitores» e «santos» por acumulação, o que não admira, pois o curandeiro é «bento», fala dentro do ventre materno, como se afiançava já no Libelo de D. Luis de la Penha, na Inquisição de Évora, art.º 194; usam receituário vegetal de simples e ervas escusas, benzeduras complicadas e remédios misteriosos. Conhecem o segrêdo das coisas e das plantas em especial. Operam a cirurgia prática de *endireitas*, que tanto concertam uma perna fracturada, ou saram um entorse, como levantam a espinhela caida. Transmitem màgicamente doenças de um a outro doente, quer para libertar o padecente, quer por vinganças de áulico dos poderes ocultos. Conhecem

---

mento da Procissão de Corpus», do Pôrto, de 1621. D. Francisco Manuel de Melo, *Feira dos Anexins*, 160-61. É o Pardalo, o cavalo mágico da «Dama pé de cabra», o cavalo branco de superstição geral, do *Nobiliario*.

(1) H. Bordeaux, *La Maison Maudite*, ed. Nelson, «L'écran brisé», p. 101 (ed. 1908).

(2) *País das Uvas*, 3.ª ed., 1915, p. 13.

a homeopatia na cura da hemorragia pelo «sangue de drago», no tratamento da mordedura de cão pelo pèlo do mesmo cão, o ataque ao sarampo com a acção da côr vermelha, etc.

Êste capítulo compreenderia: — 1.° as superstições mágicas das benzeduras e exorcismos, esconjuros, — os amuletos preservativos, — fórmulas de hectairismo primitivo; — 2.° a medicina dos curandeiros: nas doenças exteriores (pele, olhos, feridas), no alívio de dores, no tratamento de febres, dos ossos («endireita»), nos partos, — a sua homeopatia, transmissão de doença, etc.

As regras da cirurgia rústica são curiosas pelo pitoresco de expressão como pela informação de facto. Mau geito (entorse), esticões, vão aos «jogadouros».

E passa a erva bicha para as «almorreimas», chá de betónica para as dores de barriga, infusão de hiparicão sèco para os rins, chá de cidreira e limonete para o flato, de casca de carvalho para as quartãs, beberagem de milfurada ou erva sapinha para o fígado; as fatias de pão torrado, embebidas em vinho fino e postas sôbre a bôca do estômago, para as «queixas do umbigo», fel da terra em jejum para o fastio... A lista das mèzinhas caseiras é interminável de chás, emplastos, compressas, escalda-pés. — «Chá de arestas e pó de bugalho... não há melhor para endireitar o canastro», dizia o curandeiro «Cachapuz» de Ponte-de-Lima aos campónios a quem tomava o pulso e via a língua (1).

Há coisas surpreendentes neste campo. As maleitas são tratadas a café sem açúcar, com entrecasco de *freixeiro*, fervido em água e aguardente, ou vinho e um *rojado* de osso humano desenterrado (2). Camilo fala de um pastel de carne de gato, para tratar as «almorreimas» (3). No Alentejo dispõe-se que, quando se tem uma ferida, se não coma pão e se ingira muito arrôs. Para as feridas contusas, nos Arcos-de-Valdevez, ferve-se um frango preto inteiro com as tripas, junta-se-lhe colmaço velho e esfrega-se a equimose. A quem sofre um delíquio, esfrega-se a garganta com um meote sujo (4).

---

(1) Delfim Guimarães, *Ares do Minho*, 1908, p. 39.

(2) Félix Alves Pereira, *Lusa*, 1917, vol. I, p. 66, § 59: «Colheitas Etnográficas em Valdevez».

(3) Camilo, *O Regicida*, 4.ª ed., p. 12.

(4) Félix Alves Pereira, ed. *Lusa*, I, 66, §§ 56 e 64.

O «chupesta» é o que cura por sucção, faz a sucção do corpo doente, cuspindo fora depois o mal sugado; suga-se a parte magoada, como se sugam os golpes e feridas para extrair o mal ou veneno e evitar agravamento.

A transmissão de doenças dá-se sôbre tudo com os sifilíticos, na crença de que a sífilis transmitida às crianças pelos atacados as mata ou não as ataca; esta superstição tem causado a desgraça de muitas crianças, e tem levado aos tribunais criminosos de estupro de crianças menores de dez anos. Caso inofensivo, neste género, é o da transmissão das sezões, em Santa Vitória-do-Ameixial (Alentejo-Estremoz); quem as tiver, corta as unhas, mistura os resquícios com tabaco fazendo com isso um cigarro, e passa por uma encruzilhada, onde atira o cigarro por trás das costas, sem olhar para a rectaguarda; quem o apanhar, fica com as sezões, e o doente fica logo curado (1).

Além destas espécies de curandeiros, há ainda as antigas *pessoas de virtude* a que se chamava *saudadores*, pelo costume de exercerem o seu mister pelo bafejo, pela saliva e com palavras. Falaram delas as *Ordenações Manuelinas*; a *Lozana Andalusa*, do P.e Francisco Delicado, é o repositório de tôda a medicina mágica da península da primeira metade do século XVI, e de interesse scientífico será o trabalho de quem, cotejando a enumeração, verifique as sobrevivências.

O poder màgico dêsses exorcismos, curas por palavras ou palavras inotas, está no seu desconhecimento, como já o reconheceu Maury (2). O arrábido Fr. José Jesus Maria coleccionou os *Methodos* de exorcismar no século XVIII. Os curandeiros benzedores usam ensalmos de palavras desconexas, com rimas consoantes (de balanço e manso, postila e Santa Camila), nomes de santos (S. Pedro, S. Silvestre...), e talham o mal com cruzes, facas, tesouras, silvas, palhas, etc. Irmãs e mãe de frades tinham privilégio de curas no Alentejo e no Minho (3).

Leite de Vasconcelos fala de um curandeiro de perto de Lamego. Ia a tôda a parte e curava tôdas as doenças, com um Santo Cristo ao pescoço, chás de ervas, bebidas de camisas dos doentes queimadas, rezas, etc. Só se pagava em géneros, e

---

(1) Luís Chaves, *Rev. Lusitana* (1916), vol. XIX, p. 330 *g)*.
(2) Alfr. Maury, *Magie et Astrologie*, 2.a ed., p. 42.
(3) *Hyssope*, ed. príncepe, 194.

nunca recebia dinheiro (1). Há já uma literatura de medicina popular, estudada por Cláudio Basto (2).

X

Da família far-se há o estudo curioso e encantador, — no *derrete* ou namôro —, no casamento com os seus oráculos pagãos (3), adivinhados aos acasos ou nas interrogações mais ou menos cabalísticas (ecos, pedras lançadas com ritual próprio sôbre rochedos ou nos orifícios de difícil acêrto, as *sortes* do S. João, os oráculos de S. Gonçalo, de Santo Antão, etc.), os seus costumes (rapto, simulacro dêle, festas de núpcias, o «alfinete» da noiva, etc.); — na vida doméstica, no lar da família, há muito que observar, no interior da casa, no seu arranjo, nas festas de família, no trato, nas comidas tradicionais, nos nascimentos, nos costumes funerários, no trabalho, nos enfeites.

O namôro tem os seus costumes, as suas práticas, as suas regras e predilecções. O simbolismo amoroso, os presentes próprios, os cantares que vão acompanhando tôdas as fases do amor são assunto vasto e variado. Tôdas as consultas do futuro, evocações amorosas, santos protectores e invocados no amor, formam capítulo pitoresco, para o estudo da alma popular.

Há restos curiosíssimos dos primitivos casamentos à «lei da natureza». Para Bouro, o casamento ainda recentemente principiava por um diálogo preambular entre o noivo e o pai ou parente mais idoso da noiva:

— Que procurais? — preguntava o pai da rapariga, ao noivo que o procura.

— Mulher, honra, fazenda e dinheiro, — respondia êste.

---

(1) Leite de Vasconcelos, *Encyclopedia Republicana*, Lisboa 1882, p. 188.

(2) Claudio Basto, *Medicina Popular*: I. *Espinhela-caída* (Viana-do-Castelo, 1914); II. *Raiva* (Pôrto, 1915); III. *Bexigas* (Pôrto, 1916); IV. *Quebradura* (Pôrto, 1916).

(3) Luís Chaves, «Sobrevivências neolíticas de Portugal» no *Arquivo da Universidade de Lisboa*, 1919, vol. IV (e sep.), p. 58 e ss.; *O Amor Português*, 1922.

— Ela cabras guardou, sebes saltou; mas se em algumas se espetou, e a quereis como está, assim vo-la dou.

Depois desta ceremónia, efectua-se o casamento, que é indissolúvel por motivo dos antecedentes da noiva.

São vestígios do rapto matrimonial, mais evidente nesta passagem de Bautista de Castro, referida a João de Barros na *Descripção do Minho*: — «Nos casamentos usavam as antigas portuguesas da provincia do Minho não sahirem de casa de seus paes para a casa de seus esposos senão como violentadas: os seus parentes faziam a ceremonia de puxarem por ellas para fóra da porta arrebatadamente, e indo no meio de dois padrinhos, adiantava-se a toda a comitiva um moço, que levava a roca cheia de linho e o fuso» (1). Outra sobrevivência havia para Santa Vitória-do-Ameixeal, de que falam os velhos, e consistia na fuga da noiva, que, depois da ceremónia religiosa, se disfarçava e escondia para o noivo a procurar e levar para casa. Em outros sítios a noiva, antes de sair de casa dos pais, tem de chorar em gronde alarido, para se mostrar forçada a acompanhar o noivo, como em Alpedrinha, etc.

O casamento compreende festas com costumes particulares e as bodas com culinária própria, os bailes aonde só vão os convidados, — à boda e baptizado não vás sem ser convidado, — e em especial as môças solteiras, que nessas festas têm seu atractivo e condão.

Tôda a vida de família com os seus desgôstos e alegrias, canseiras e descansos, norteada na economia do trabalho cá de fora, e na paz e harmonia lá de dentro, com os filhos, com as superstições da casa, que principiam à porta da rua e acabam no mais íntimo da vida, todo o amor caseiro, tôda a disciplina do sangue, tôdas as manifestações da colectividade moral e temporal que é a familia,-tudo isso enche na sua enunciação e apreciação scientifica, uma parte sensacional no estudo etnográfico do povo português.

*

A aldeia tem o máximo de carácter típico. Quer o seu agrupamento serrano, ou disseminação na planicie, o seu aspecto, a sua taberna, o barbeiro ao ar livre, as festas tradicio-

---

(1) J. Bautista de Castro, *Mappa de Portugal*, 3.ª ed., 1870, I, 134; João de Barros, *Descrição do Minho*, cap. 9.

nais, sejam religiosas com arraiais e procissões, foguetes e touradas, sejam festas do ano agrícola, tudo isto é um livro de nacionalismo, que nos enraíza mais, pelo espectáculo da ligação do homem à terra natal.

A aldeia na serra anicha-se nos recôncavos, resguardando-se dos ventos, das neves, das chuvas violentas. Na planície espraia-se na facilidade da sombra, da terra e da água. Na montanha as aldeias de Verão, onde as populações passam o tempo estival, são as «Veraneiras» ou «Verandas», e no Inverno descem às aldeias de hibernar ou «Inverneiras», em Trás-os-Montes (Barroso, Castro-Laboreiro, etc.). No Alentejo, cheio de sol e secura, as aldeias disseminaram-se, espalhando-se ao redor de fontes e poços e pelas sombras e terras férteis de horta ou pomar. Nos terrenos graníticos, onde a água brota escassa em numerosas nascentes, a aldeia espalha as casas em volta delas (Trás-os-Montes e Minho). Nos terrenos calcáreos, a água abunda em fontes menos numerosas, e a aldeia não se espalha tanto (Extremadura). As aldeias são escuras onde falta a cal (Trás-os-Montes, Beira), são claras onde ela abunda (Beira-Litoral, Alentejo e Algarve).

Na costa de Mira (Beira-Litoral) há curiosas aldeias de casas de madeira sôbre estacas, na areia. A areia móvel passa-lhes por baixo e elas, sobranceiras, mantém-se. São os *palheiros* de Mira, Quiaios, Tocha; os da costa de Lavos, para além da Foz do Mondego; e os de Vieira, já perto de Leiria.

Nas aldeias de cabanas de pedra solta e parede baixa, colmadas, da Serra-da-Estrêla às aldeias de pescadores, ao longo da costa, de barracas de madeira e barcos velhos, transformados em casas, pouco vai, na mesma rudeza, no mesmo primitivismo de cabana-abrigo, sem o mínimo conforto, casas apenas para protecção da intempérie, sem culto do lar.

Na aldeia há os passatempos, a taberna «social», o forno comum, as profissões características, o barbeiro de ar livre, o adro da igreja para *forum* rústico, as oficinas e poisadoiros, o ferreiro que malha na forja e é um potentado com o mestre e o prior. Os moleiros giram nas azenhas; nos altos, ao vento moem os moinhos *negreiros*, de milho e centeio, e os moinhos *alveiros*, de trigo, com uma ou mais rodas, onde a *roda* é o conjunto das «pedras poentes», a *mó* e o *pé*.

As festas do campo são numerosas, mas o espírito é sempre o mesmo: comer, beber e dansar. São as do *acabamento*

da azeitona (1), o das vindimas; as *desfolhadas* com os bandos da ajuda, as rodadas de abraços, o *milho-rei*, etc. São as festas do orago, com iluminações, fogo de vistas, bailados e música, barracas de comes e bebes, procissões com anjinhos, onde a hospitalidade portuguesa se manifesta exuberante, chamando cada vizinho à sua festa os seus convidados, que trata magnanimamente e com usura.

Festanças e jogos há-os próprios de cada região. A malha, a barra, são jogos de fôrça, mais do Norte; para o Sul, são preferidos os de destreza, como as corridas, o toureio. Há jogos classificáveis em tipos, pela sua natureza, pelo processo de marcação, pelos instrumentos de que servem os jogadores, uns para adultos outros para crianças, tendo em geral épocas próprias para cada um.

XI

Na arte, muito já fica disperso por estas observações, e é um vastíssimo campo de exploração.

O *folclore* é inexgotável. São os *autos* pastoris ou de presepe, composições teatrais executadas nas festas do Natal, Ano Bom e Reis, em palcos improvisados, scenários de ramagem ao longo das paredes do palco. Os *Reizeiros da Maia* representam o seu auto sôbre um carro de bois. No volume I das *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano o conto *A abobada* começa pela descrição do *Auto da adoração dos Reis* na Igreja do Mosteiro da Batalha. Em Terras-de-Miranda, na aldeia de *Duas Igrejas*, Antero de Figueiredo assistiu à representação rústica, sem scenário, com as indicações locais como em Shakspeare, *A muito dolorosa Paixão de N.° S.or Jesus Christo*, de Francisco Vaz, onde o actor que fêz de Jesus o impressionou pela emoção, que imprimiu à sua fala no Crucificado em oração (2). É grande a bibliografia dos *Autos de Santos*.

Nas festas de aldeia do Norte representam-se ainda amiu-

(1) Luís Chaves, *O acabamento da azeitona*, *Terra Nossa*, Junho de 1916, n.° 2, p. 26-30.

(2) Antero de Figueiredo, *Jornadas em Portugal*, Lisboa 1921, p. 147 e ss.

dadas vezes autos da vida de Jesus Cristo e dos Santos. As representações são animadas e irrisórias, mas cheias de melodramático e de pitoresco em geitos scénicos de coisas e pessoas.

Abundam as *farças*, como o *Cego e o Moço*, *Passarola*, o *Frade e a Beata*, a *Lambisqueira*, xácaras dialogadas e postas em scena como o *Duque de Mantua*, de tão brilhante aparato. É tôda a «literatura de cordel» com autos, narrativas maravilhosas, farças.

Há os *rimances* ou romances e *xácaras*, — a *Silvaninha*, *D. Claros de Alem-Mar*, *Bella Infante*, *Nau Cathrineta*, *D. Gaifeiros*, etc., — as *décimas* alentejanas, as *canções* do Norte e da beira-mar, o *fado* lisbonense. São as cantigas: quadras amorosas, corográficas, paisagísticas, irónicas, eróticas, etc. São as canções do berço, de «nanar».

Contos tradicionais de feição mitológica (histórias de fadas, de moiros, ondinas, trasgos, etc.), de assuntos histórico-lendários, narrações de valentias e casos extraordinários, que transmitidos de geração em geração, e mesmo de bôca em bôca («quem conta um conto, aumenta-lhe um ponto»), assumem o prestígio de lenda. São histórias de lareira, de avós para netos, veia deliciosa de fantasia e creativa populares.

*

As cantigas são cantadas a voz e côro, ou a côro em unissono e em grupos, com ou sem instrumental, acompanhamento a viola, cavaquinhos e guitarras, a adufe e castanholas, harmónio e concertina, ora dansando, ora passeando ou em descanso e nos trabalhos de campo, nas *desgarradas* no campo e nas romarias.

António Arroio, numa apreciação de conjunto divide musicalmente o país em quatro zonas, pela diferenciação das tendências e tipo fundamental da música popular. A primeira zona compreende a parte alta do país ao Norte do Tejo, para Este de uma linha, que vai do Alentejo, passa a Nascente de Tomar e de Coimbra, passa em Águeda até o Pôrto: *canção* variadíssima, profunda, *dansas* vivas, alegres, rudes, geralmente caracterizadas por um ritmo simples e persistente (como nas *chulas*). A segunda zona, a Oeste do limite da primeira zona, abrange parte do Douro e da Beira-Litoral e Extremadura, vai para o Sul do Tejo por Coruche e Alcácer do Sal: *canções* suavemente onduladas, leves, doces de expres-

são. A terceira corresponde ao Alentejo com *canções* lentas e tristes, *dansas* rudes, por vezes vivas e alegres. A quinta zona é o Algarve com a *canção* viva e alegre, erótica, pouco profunda (1). Miguel Ângelo Lambertini, mais de leve, marcou certos contrastes musicais: — Trás-os-Montes, harmonia rude, ritmos interessantes, melodias simples e melancólicas; — Beiras, canções superiores de Portugal, abundantes; — Coimbra, canções e dansas belas; — Alentejo, canções sentimentais, suaves, plangentes, de tonalidades vagas, que em Serpa tem coros a duas e três vozes, melodias muito simples, às vezes de carácter litúrgico, originalidade e doçura (2).

A dansa tem caracteres regionais, movimentos próprios, ritmos, corografia peculiares. Há dansas religiosas como as *charolas* de Arcozelo, as antigas dansas de S. Gonçalo. Há dansas profanas, regionais. Há dansas tradicionais: a dos *ferreiros* de Penafiel, a dos *paulitos* de Miranda.

É a pintura das *alminhas* e dos *milagres*, a gravura e desenho dos *registos de santos* das romarias e das ilustrações da «literatura de cordel». Faz o artista rude esculturas de madeira, que, em forma de grosseiros animais domésticos, representam milagres concedidos. Nas regiões do barro, onde a cerâmica se desenvolveu algum dia, remoto ou recente, os barristas populares criaram a sua arte de modelação coroplástica. Extremoz é um exemplo recente e mesmo actual da escultura popular de imaginária religiosa, especialmente destinada a *presépios*, de onde provém igualmente a bonecaria profana de pastores e povoléu da adoração do Natal.

Os pintores da aldeia fazem as *alminhas*. A. da Silva Túlio refere-se a um pintor de «pouco vulto», que nos fins do séc. XVI pintava *taboinhas das almas*, para suspender (3). Delfim Guimarães, no livro de contos *Ares do Minho*, mostra o tipo dêstes pintores rústicos no João Restantes, «modesto pintor limarense», que tinha a especialidade da pintura de

---

(1) António Arroio, na *Introdução* das *Velhas Canções*... de Fernandes Tomás, p. XXVI-XXVII; *Notas sobre Portugal*, vol. II, cfr. o artigo do A.

(2) M. A. Lambertini, *Chansons et instruments*; Pedro Blanc, *La musique populaire portugaise*, in *Revue musicale*, n.º 2 (15 de Fevereiro de 1912).

(3) Na *Revista Universal Lisbonense*, tomo III, p. 337.

santos, «aquellava» umas alminhas, e «encarnava» uma ou outra imagem, retocando qualquer painel deteriorado pela acção do tempo [1]. O autêntico tipo dêstes pintores era o «Pedro Paulo Pinto, pobre pintor português, que pintava portas, postigos, pilares e paineis». Camilo fala no pintar alminhas, em 1822, do pintor e ourives de Guimarães, Guilherme Nogueira [2].

Os *registos de santos* são documentos da arte ingénua e da fé sincera e pueril do povo, também como os *milagres* das igrejas, êsses quadros de uma rusticidade tão grande como o realismo, cheios de côr local e de informação etnográfica, que atestam promessas feitas e milagres conseguidos. Os pintores de *alminhas* são os que fazem os *milagres*, serão muitas vezes os desenhadores dos *registos*, que outros ou êles gravarão. Os *milagres* vão para a igreja, encher os altares; os *registos* são depois da romaria guardados com fé como os daquele Bartolomeu da Ventosa, falado por Alexandre Herculano, e que tinha essas gravuras por cima da cabeceira da cama torneada, de pau santo [3].

A *tatuagem* é por vezes um trabalho de bela fantasia. O assunto religioso de cruzes, imagens, mistura-se com emblemas mágicos, amorosos, etc. A «Senhora Maria» diz a Frei Jacinto, em *A Bruxa do Monte Cordova:*

«Meu marido encheu-me o corpo d'estas trapalhadas... Quer Vossa Senhoria vêr uma Senhora da Rocha que eu tenho na bucha do braço? — E noutro tenho um Santo Solimão, que livra de feitiços e maus olhados. Pois não livra, Sr. Frei Jacintho? — Foi meu marido que me fez estas cousas (tatuagem de «uns garatujos escuros na polpa de um braço, no outro umas armas reaes com lettras...») com tinta, que fica para sempre na pelzinha. Neste braço estão duas lettras: um T e um A. Não são? — Parecem-no. — Quer dizer Thomaz d'Aquino, que era pae do menino. Nest'outro bracinho está a corôa real da nossa rainha e por baixo as lettras dizem: Viva D. Maria II» [4].

---

(1) Delfim Guimarães, *Ares do Minho*, Lix. 1908, p. 52-53.

(2) Camilo Castelo Branco, *Novellas do Minho.*

(3) Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, 13.ª ed., II, 238.

(4) Camilo, *Op. cit.*, 2.ª ed., p. 168-69.

Entre os trabalhos de entalhe em madeira estão os *jugos* do Minho-e-Douro, abertos de rendilhado; as figuras e decorações são um mixto amalgamado de religião (custódia, cruzes, imagens), com superstição (sino-saimão), simbolismo amoroso (corações, chaves, guitarras) e decorativa tradicional (rosáceas, xadresados, *dents de loup)* e flores variadas.

XII

A arte profana é por excelência a dos pastores, que são os artistas da natureza, em cuja mão tudo se utiliza (de cortiça fazem: *cochos*, escudelas para água, *cocharros*, para aparar o leite ao mungir as vacas, *tarros* para comida, taça «feita d'um concavo de casca d'arvore» ([1]) outros maiores, de cortiça em prancha, caixas, etc.; de madeira, em especial o buxo, que por ser mais duro oferece maior perfeição à obra; colheres, bordões e bengalas, rocas e fusos, ganchos-de-meia, estojos, caixas, agulhas e bicos de escalpelar o milho, «chavões», facas de espadelar, etc., com decoração rica do genero da ornamentação dos templos românicos e dos jugos do Minho-e-Douro; de chifre: as *cornas*, para comida, *polvarinhos*, colheres, taças, caixas de rapé, etc.; de osso: agulhas-de-meia e de escalpelar, ganchos, etc.). A ornamentação aberta à navalha e com ponteiro e legra, é por vezes extraordinária; amiüdadamente a realçam de côres (azul e vermelho).

A construção das casas, o seu característico, as serventias e dependências, dão só por si um grande livro, cheio de belos pormenores. E há a lista de barracas, cabanas, casas-de-torrão, casolas, casas sôbre estacas, casas de madeira, de pedra solta ou nua, de pedra e cal onde esta aparece, de adobes onde falta e é cara a pedra (Aveiro para o Sul, Algarve); o aparelho é vario; nos forros junta-se palha à argamassa (Baixo-Minho), entretecem-se com cordas de palma os ripados de caniça nas divisórias (Algarve); paredes e chãos de tejolo no Alentejo. O primeiro embôço, — o *pardo*, rebôco; o segundo embôço ou camada de cal e areia, cobre o «pardo»; por fim o *guarnecimento*, em Lisboa. Em Tôrres-Novas e Alcanena, os muros são feitos em fiadas regulares de pedras maiores, colo-

---

([1]) Fialho de Almeida, *Pais das Uvas*, 1905, 3.ª ed. p. 41.

cadas horizontalmente, — *tufos* ou *cantos*, que são reunidas e fechadas, travadas, com pedra miuda, — o *travamento*. No Minho (Melgaço, Monsão, Arcos...) e Trás-os-Montes, a *cápea* é a pedra grande com que se reveste a parte superior dos muros (1).

As indústrias tradicionais prendem-se ao trabalho agrícola predominante e às necessidades locais. Cada região tem as suas. A sua origem, localização e desenvolvimento só podem ser um incentivo ao estudioso e ao protector delas, que as queira manter ou renovar. O seu tipo é definido pela continuidade dos modelos, usos e decorações. Se de gerações em gerações se transmitem os processos técnicos, a ornamentação, em desenho e côr, é secular. A resenha de tôdas as indústrias regionais formaria em síntese um quadro completo da actividade artística do povo.

São os *ferreiros*, artistas seculares, de Guimarães, Bragança, Coimbra, todo o Alentejo, com as guarnições de casas, como os «papagaios» de varanda, por exemplo, bem representados em Évora, grades de portas e janelas, os braseiros de Bragança, as grimpas, braços de lâmpadas, etc.; os *cuteleiros* vimaranenses; os *oleiros*, de barros vermelhos e de barros negros (Chaves em Vilar-de-Nantes, Vila-Real em Vizalhães e Mondrões, Tondela em Molelos, Prado em Tijosa e Parada-de-Gatim) com vasilhame de tôda a ordem, talhas ou tanhas, infusas, cântaros, cântaras, cantarinhos, pichéis, púcaros, canecas, olaria de cozinha (potes, panelas, assadores, caçarolas e caçoilas, chocolateiras, têstos ou *trinchos* na Póvoa, alguidares, malgas, pratos...) a que em Viana-do-Castelo se chama *gábedo*, os ceramistas de louça esmaltada e pintada (Prado, Caldas, Lisboa, Flor-da-Rosa, Redondo, Loulé, etc.); os *cesteiros* e *esteireiros*, com os gigos, cestos, canastras, ceiras, esteiras, em Coimbra, Penacova, no Algarve principalmente. E vêm as mobílias de madeira, pintada e variegada em Évora, de castanho aplainado em Monchique (2), Beiras, de couro em

---

(1) Augusto C. Moreno, «Vocabulario trasmontano», *Rev. Lusitana*, v, 35; Alves Pereira, *Glossario... Novo Diccionario*, s. v.; António de Pinho, «Provincianismos usados em Monção» na *Aguia*, n.º 73-74, p. 16.

(2) Refere-se-lhe Fialho no *Saibam quantos*, 1902, p. 139 e 140.

baús pregueados, de tabua no Algarve, de vime no Algarve, Alentejo (notáveis na Madeira) [1]. Mas sôbre tudo interessante como obra brilhante e incisiva são as indústrias femininas ou de aplicação feminina: as *rendas* da beira-mar, Viana, Vila-do-Conde, Peniche, Setúbal, Silves, em competência com elas as *filigranas* de Gondomar, os *bordados* de Guimarães, Viana-do-Castelo (estilizados de objectos vulgares, animais, vegetais, de simbolismo religioso e amoroso, estrêlas... com *encaixes, enchimentos* geométricos), os *atoalhados* célebres de Coimbra, *alinhavados* de Niza, as *meias* de Âncora, Darque, Lamego, Mondim-da-Beira, os *tapetes* de Árraiolos (indústria extinta, em via de ressurgimento), Beiriz, etc., as *colchas* do Minho, como as de Viana, as de Urros, Santa-Clara de Coimbra, as *mantas* grossas de Miranda, listradas no Alentejo e Algarve, os tecidos de lã (bureis, almafegas), de algodão (zuartes), de seda [2], dos teares aldeãos, que tanto floresceram em Trás-os-Montes, sobretudo na comarca de Moncorvo [3].

Há muitas indústrias extintas que cumpriria mencionar, como as antigas louças portuguesas, de tipo tão seu, em Lisboa, Coimbra, Pôrto, Viana; as sedas, veludos e damascos de Bragança, que ainda persistiam em vivo labor por 1826; tapeçarias como as de Arraiolos já mencionadas na sua forma actual; estampagens como as de Alcobaça, etc.

Sempre à frente aparece o tear caseiro, a recordar o trabalho tradicional, que o rimance canta na bôca misteriosa da filha do Rei:

Estando no meu tear,
Na minha teia a tecer,
Veio o Conde de Alemanha,
E a teia quis desfazer [4].

---

(1) Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, ms. séc. XVI, ed. cit., Funchal 1873, p. 106.

(2) «A mais nobre, a mais lucrativa, e a mais mysteriosa, he a arte da seda. He esta arte tão nobre que pode servir de occupação á nossa nobreza». Rafael Bluteau, *Prosas Portuguesas*, 2.ª parte, p. 319.

(3) Dr. José António de Sá, *Dissertações Philosophico-politicas sobre o trato das sedas na Comarca de Moncorvo*, Lisboa 1787: o Dr. António de Sá era Juiz de Fora da Vila de Moncorvo.

(4) Fernandes Tomás, *Velhas canções e romances populares...*, 1913, p. 6.

E a saída comercial, por intermédio dos mercados e feiras periódicas, reduz-se à forma simples do comércio local. Quem procura os produtos, sabe pela sua região de origem aonde há-de ir procurá-los.

O espírito das feiras é sempre aquele mesmo, a que já Gil Vicente aludia, na fala do *Diabo*, bufarinheiro, do *Auto da Feira* (1):

Eu bem me posso gabar,
E cada vez que quiser,
Que feira onde eu entrar,
Sempre tenho que vender,
E acho quem me comprar.
E mais vendo muito bem,
Porque sei bem o que entendo...

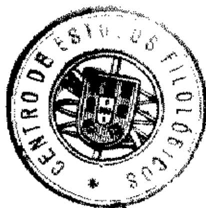
*

Quem mais perto se encontra das manifestações naturais do povo, mais sente a verdade do nacionalismo, que é necessário revelar e renovar pela sua expressão lógica. As nações impõem-se moral e materialmente pela grandeza do seu nacionalismo. É procurando-o e erguendo-o no campo, seu ambiente natural, que êle se torna consciente e estável. O lavrador é nacionalista por instinto e por lei da terra, onde aplica a sua energia, o seu saber, o seu dinheiro, e por êle se realiza o milagre do Senhor. É pela terra, e por todos que apegados a ela vivem, que a nacionalização de Portugal se desenvolverá. A lição sobe dessa terra comum.

LUÍS CHAVES.

(1) Gil Vicente, *Auto da Feira*, *Obras*, I, 157-159.

Linguagem popular de Turquel



Preâmbulo

Os camponeses, no que toca a assuntos da sua competência, exprimem-se, geralmente, com bastante facilidade e precisão.

Os rodeios a que, por míngua de termos, homens mais ou menos letrados às vezes recorrem, evita-os de ordinário, e, em regra, muito hàbilmente, o rústico aldeão. Valendo-se de símiles, parémias, translações, consegue não raro prestar à sua dicção expressões tão significativas, uma conveniência de tons e um vigor de colorido (além de certo *quid* pitoresco e conceituoso), que surpreende aos que consideram, tam-só, os acanhados limites do seu vocabulário.

Estes predicados do dizer aldeão, eminentes artistas da palavra os reconhecem e devidamente apreciam. Não apontando, agora, mais que um nome (muitos pudera aduzir), direi que o primoroso escritor António Feliciano de Castilho persuade a todos os que prezam a graça e a naturalidade da elocução, que procurem o trato e a conversação com os ignorantes na intimidade do lar doméstico, e que escutem a pálrea das mulheres, das velhas principalmente, «preciosos e mal encadernados tesoiros de expressões, frases, galas e jóias do dizer», conforme se expressa aquele nosso conspícuo literato.

No presente estudo exibem-se, além de boa cópia de termos regionais, muitas dessas fórmulas, de entre as quais sobrelevam, por seu alcance prático, as que, sob a vulgar designação de *ditados*, têm por fim registar noções mediante uma diuturna experiência adquiridas em pontos de higiene, economia doméstica e rural, agricultura, etc.

Os elementos constitutivos dêste trabalho foram todos colhidos por mim, directamente, na região que tem por núcleo a povoação de TURQUEL, antiga vila dos *Coutos de Alcobaça.*

I

Vocábulos [1]

A

abafar, v. t. — *Agric.* — Arrasar a leiva, para obstar a uma rápida e excessiva evaporação, que, secando ou endurecendo a terra, dificultaria os subseqüentes labores.
abichado, adj. — Diz-se do homem reservado, pouco comunicativo.
abocar, v. t. — Abrir a bôca a um animal, para, pela inspecção dos dentes, lhe conhecer a idade.
abordar, v. t. — Superar, levar de vencida: *canta bem ao desafio, êste moço; cá na terra, hoje, ninguém o aborda.*
açafatar, v. t. — Apagear.
açancanhar, v. t. — Acalcanhar uma terra, enchê-la de pègadas. (Em vez de *açancanhar* ouvi, há pouco, *achancanhar).*
aceitação, f. — Valor, merecimento: *homem de aceitação.*
achaloucado, adj. — Desajeitado; precipitado.
achegas, f. pl. — Carrêto de materiais, etc., para o lugar em que hão-de ser utilizados: *ando a fazer as achegas para a casa que tenciono construir; onde os caminhos são barrancosos, costumam os aldeões fazer as suas achegas de lenha e mato antes do inverno.*
acòcar, v. t. — Acarinhar com intuitos reservados.
acoitar, v. t. — O mesmo que *acoitadar* e *acoitadinhar.*
acoitar-se, v. p. — Acolher-se a um abrigo, quando chove.
acolher, v. t. — Obter, alcançar: *a custo acolhi um pão; F. acolheu um bom lugar.*
acondutar, v. t. — Servir de conduto (v. esta palavra): *dêem-me daí uma sardinha para acondutar êste bocado de pão.* (Diz-se também *ajudar* por *acondutar).*
acrescentada, adj. — Diz-se da mulher grávida.
acuar, v. i. — Cair sôbre as nádegas.

---

[1] Parte dêstes vocábulos incluiu-os o Dr. Cândido de Figueiredo, a quem eu os facultara, no seu *Novo Diccionário da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. e segg.

acumbar, v. i. — Acurvar, avergar: *com o grande pêso do telhado, a trave acumbou.*
adeantado, adj. — Abelhudo, intrometido.
aditar-se, v. p. — Fazer-se proclamar, na igreja, para casar.
à-furta-lh'o-fato, loc. adv. — Furtivamente, dissimuladamente.
aguamento, m. — Doença que advém a uma criança recentemente desmamada, quando vê mamar outra criança.
agulha, f. — Intrigante, o mesmo que *agulha ferrugenta.*
agulhar, v. i. — Incitar, estimular.
ajètivar, v. t. — Ajeitar, afeiçoar.
ajo, m. — Estado, situação: *eu, no teu ajo, repelia a proposta.*
ajoujado, adj. — Vergado, oprimido debaixo de grande carga.
ajudar-se, v. p. — Conseguir, com maior ou menor esfôrço, colocar sôbre o dorso, o ombro ou a cabeça um volume algo pesado: *êste feixe é grande, não me posso ajudar-me; ajudo-me bem a um saco de trigo.*
ala, f. — Disposição de quem se ergue do leito, pronto a agir: *às cinco da manhã pôs-se em ala.* Também se usa como interjeição, com o significado de «vamos!»: *são horas de partir: ala!*
albardina, f. — *Bot.* — Peónia silvestre, vulgar na serra de Albardos.
alças, f. pl. — Saldo positivo.
alcançado, adj. — Endividado.
alcobertas, f. pl. — *Fam.* — Boa aparência de trabalhos imperfeitamente executados: *é muito activo, aquele operário; infelizmente costuma fazer alcobertas.*
aldrácias, f. pl. — Chicanas, aldravices.
alevantado, adj. — Assomado, agastadiço.
alfacinha-do-monte, f. — Espécie de almeirão.
alfarrobado, adj. — Diz-se da ameixa e de outras frutas que se deformaram, fazendo lembrar a alfarroba.
alfeiro, adj. — Tomado do cio. Irrequieto.
alfunda, f. — O mesmo que funda, para atirar pedras.
...alhar ou lhar, suf. verbal. — Exprime inferioridade, deminuïção: *brincalhar* (de *brincar*), *comilhar* (de *comer*), *gritalhar* (de *gritar*), *pingalhar* (de *pingar*).
alheta, f. — Alho de cabeça inteiriça, não dividida em bolbilhos.
alimpalhos, m. pl. — Limpadura de cereais, grança.
alimpas, f. pl. — O mesmo que *alimpalhos.*

alimpo, m. — Ramagem que se suprime nas árvores, quando se podam.

alinhadeira, adj. — O mesmo que *arranjadeira*. (V. *alinhar*).

alinhar, v. t. — Cuidar da família e do conchêgo doméstico, aninhar: *a mulher, pôsto que viúva e pobre, traz a família muito bem alinhada*.

aljabra, f. — *Chul.* — Algibeira.

aloisar-se, v. p. — Retirar-se para um canto, a fim de dormir (falando-se de animais).

alonso, m. — Pobre homem.

alriota, f. — Galhofa, risota.

alto-e-mau, loc. adv. — O mesmo que *alt'-e-malo*.

alvorar, v. t. — O mesmo que *arvorar*, erguer perpendicularmente: *alvorar as paredes; alvorar o mastro*. Criar, instituir: *alvorar uma feira; alvorar festas anuais*. (Corr. de *inaugurar*?)

amalçoar, v. t. — O mesmo que *amaldiçoar*.

amarujo, m. — O mesmo que *amarugem*.

amerguçar, v. t. — Premer, de modo a lançar por terra. Amergulhar.

amota, f. — *Agr.* — O mesmo que *amontoa*.

amotar, v. t. — Fazer a amota ou rechega dos milharais.

amostra, f. — *Agr.* — Florescência; frutificação incipiente: *as oliveiras têm êste ano boa amostra*.

amougado, adj. — Abatido, adoentado.

andapé, m. — Andaime baixo que se poisa no chão; espécie de tarima.

andavais, m. pl. — Esqueleto desconjuntado de animal, cuja carne foi devorada por cães ou lobos; carcassa.

aniquilado, adj. — Exíguo: *não consigo vestir êste colete, que ficou muito aniquilado*.

apàjar, v. t. — O mesmo que *apagear*.

apalpado, adj. — Engelhado, contrafeito (diz-se de frutos, etc.).

apègado, adj. — Que tem os membros inferiores muito reforçados.

apertucho, m. — Apertadela intencional e dissimulada.

apitar, v. i. — *Andar a apitar*, andar desprovido de dinheiro.

apontanhar, v. t. — Coser, dando pontos largos e mal seguros.

aportar, v. i. — Chegar a um sítio, a uma povoação em que se quer fazer paragem: *aportaram aqui hoje dois negociantes*.

aradelo *(dê)*, m. — A constelação da Ursa-Maior.

arara, f. — Pessoa muito franzina.

areeira, f. — Lugar onde há ou donde se extrai areia.

argente, adj. — Agencioso.

argomas, f. pl. — Ramagem miúda que se elimina das árvores, quando se limpam.

armar, v. t. — Delinear e executar, num terreno prèviamente preparado e destinado a horta de água, renques de leiras ou alfobres.

armo, m. — Rôlo de estopa.

arpéus, m. pl. — As mãos de quem esforçadamente luta, ou apreende algum objecto: *a um que o escarnecia deitou êle os arpéus e pregou-lhe com o costado no chão.*

arraigado, adj. — Diz-se do indivíduo que em determinada terra possui bens de raiz.

arrancar, v. t. — *Agr.* — Obter com grande esfôrço: *tenho chegado a arrancar daquela terra cinco moios de pão.*

arratar, v. t. — Pastar, comendo todo o relvado: *as ovelhas arrataram o prado.*

arratelar, v. t. — O mesmo que *tarear.*

arrear, v. t. — Depor no chão objecto de pêso considerável: *os carregadores arrearam os fardos; arrearam o sino do campanário.*

arreatar, v. t. — *V. i.* — Seguir (a bêsta), sem resistência, a quem a leva pela arreata.

arreda, f. — Afastamento de terras, mais ou menos superficial: *o pomareiro, no outono, fêz uma arreda em volta de cada árvore.*

arredias, f. pl. — Azeitonas que o varejo impele, às vezes, a grandes distâncias.

arregôa ou **regôa,** f. — Greta, fenda, produzida por contracção.

arremichar-se, v. p. — *P. us.* — Abespinhar-se, arreminar-se.

arroz-de-telhado, m. — Coucelo ou Conchelo.

arruar, v. i. — Berrar como um toiro.

arrumar, v. t. — Arrimar, encostar.

artoso, adj. — Que tem arte, que é habilidoso.

arvelado, adj. — Mal conchegado, não comprimido: *a lenha dêsse cargo não pesa muito, porque está arvelada.*

àsado, adj. — Geitoso e de boa presença: *aquela môça é muito àsada.*

asamento, m. — Acção e efeito de àsar.

àsar, v. t. — Acomodar; afeiçoar.

ás-de-paus, m. — Magrizela.
assalariado, adj. — Assarapolhado.
assaturnado, adj. — Quente e abafadiço: *tempo assaturnado.*
assoalho, m. — Divulgação de factos que conviria calar.
assoanado, adj. — O mesmo que *assaturnado.* (De *soão).*
astros, m. pl. — *Vulg.* — As altas regiões atmosféricas.
atataranhar-se, v. p. — Tornar-se momentânea e acidentalmente tataranha.
até mais não, loc. adv. de *quantidade.* — Muitíssimo: *comeu até mais não.*
aterrado, adj. — Cosido com a terra, ananicado (diz-se de plantas): *com a extemporânea friagem da última quinzena, as searas estão aterradas.*
atirar, v. i. — Marrar, escornar.
atracaçado, adj. — Diz-se de quem transporta nos braços algum objecto volumoso, que lhe empacha os movimentos.
atricado, adj. — Muito entretido com algum pequeno trabalho manual.
au! au! ti-ti-ti-ti-ti!, interj. — Vozes de que os caçadores se servem para incitar e animar os cães. A primeira, proferida a grandes brados, empregam-na de preferência quando avistam algum coelho.
avaria, f. — Acto que revela fôrça ou destreza.
avelgar, v. t. — *Agr.* — Fazer velgas, por imperícia, numa terra que se semeia a lanço. (V. *velga).*
azeiteiro, m. — Chifre de boi em que o carreiro leva bôrras de azeite para lubrificar o eixo do veículo. Vaso feito dum pedaço de chifre de boi e no qual, em tempo, o trabalhador ambulante (maltês) levava azeite para seu consumo.
azeitonada, f. — Temporada durante a qual se faz a colheita da azeitona. Conjunto de trabalhos respeitantes a essa colheita.
aziado, adj. — Enfadado, aborrecido.

B

babugem, f. — A camada superior e mais bem adubada do solo agricultado: *as raízes da figueira andam à babugem.*
bachareleiro, m. — Falador indiscreto, tagarela.
balanços, m. pl. — Usa-se na expressão: *estar em balanços,* hesitar, balancear.

balhana, f. — Mobília reles.
balharota, f. — Bugalho pequeno e redondo a que as crianças adaptam um pé, para o fazer girar como um pião.
baluga, f. — Vagem.
bancal, m. — Rocha sedimentar: *um bancal de saibro.*
baralhou, m. — Indivíduo atabalhoado.
bardo, m. — Dimensões, tamanho: *a pedra que se despenhou tinha o bardo dum boi.*
barlavento, m. — *Tomar barlavento:* readquirir o vigor físico ou moral, acidentalmente perdido.
barra, f. — Estendal de fruta.
barrajola, f. — Terra barrenta e escalvada.
barreiro, m. — Lagoa pequena.
barrigana, m. — Homem gordo e pançudo.
barroso, m. — Coleóptero do género *coccinela;* chamam-lhe também *joaninha* e *bicho-de-Santo-António.*
batalhão, m. — *Hort.* — Série de leiras paralelas.
batecós *(bá),* m. — O mesmo que *batecu.*
bater-se, v. p. — Altercar; discutir: *a regaleira bateu-se lá com o fiscal.*
bêbeda, f. — Bebedeira.
beira f. — Local abundantemente provido de fruta e outros mimos.
beringel, adj. — Variedade de figo a que chamam também *lingel.*
berra, f. — Apêrto de trabalho: *esta semana há por aqui uma berra de sacha.* Urgência colectiva, acompanhada, às vezes, de certo clamor: *por falta de vento, há por aí uma berra de farinha; tem havido uma grande berra de pão.*
besoirar, v. i. — Andar volteando por aqui e por ali, para dar fé de qualquer coisa. Falar baixo, murmurar.
berzunda ou **berzundela,** f. — Pândega de súcios.
bicada, f. — A parte cimeira dum pinheiro, com sua ramagem.
bichaneira, f. — Abertura ou registo, por meio do qual os padeiros regularizam o calor do forno.
bichano! bichaninho! bicho! bs-bs!, interj. — Vozes e sons com que se chamam os gatos.
bicho-de-Santo-António, m. — (V. *barroso).*
bicho-flor, m. (V. *barroso).*
bico, bico-de-obra, m. — Trabalho breve: *o pedreiro, à sesta, foi fazer um bico.*
bilha, f. — O mesmo que *bilharda.*

bisalho, m. — Pequena porção, quantidade insignificante: *um bisalho de pão.*

bisarma, f. — Coisa de grandeza descomunal.

bísaro, adj. — Diz-se do porco que, além de outros caracteres, tem a pelagem mesclada de preto e branco (às vezes, de preto e ruivo).

bismo, m. — Abatimento das crianças prematuramente desmamadas, ou a quem apartaram de suas mães: *esta criança tem bismo; não há sol que a aquente.*

bita, interj. — Voz com que se chama uma cabra.

bocada, f. — Porção de comida que se mete na bôca duma vez.

bocado, m. — Sustento: *a criadita está só pelo bocado.*

bóco! ou **bucho!** interj. — Vozes com que se chama um cão.

bòdanha, f. — O mesmo que *bodana* e *boidana.*

bodelho *(dê)*, m. — Rapazelho com pretensões.

boisote, m. — Boi pequeno.

bolar, v. i. — Mudar freqüentemente de opinião ou propósito; variar: *o projecto sofrerá ainda modificações, porque seu autor bola muito; — é homem inteligente, mas anda sempre a bolar.*

bolisco, m. — Excremento de burro.

bordada, f. — Borda muito prolongada: *uma bordada de carvalhos.*

bordaneira, f. — Tábua um pouco falha, que, num toro longitudinalmente serrado, se segue a alguma das costaneiras.

bordão de São José, m. — Açucena branca.

bôrdo, m. — Excedente de grão que se deixa na borda da medida, furtando-o à rasoira.

bordôa, f. — Pequeno bordão.

borraça, f. — Chuvisco.

borranzeira, f. — Bôrra abundante e muito diluída.

botifol, m. — Criança pretenciosa, fedelho.

braça, f. — *Arbor.* — Pernada: *as braças da oliveira.*

braça, f. — Medida de comprimento usada pelos aldeões, e igual à distância entre os punhos de um indivíduo com os braços abertos.

braços, m. pl. — Varas a que se prendem as velas dum moinho de vento.

braga, f. — Qualidade, laia, estofo: *o tal sujeito é da braga do diabo.*

brandura, f. — Chuva branda, molinha.

brasão, m. — Fama procedente de qualquer acontecimento ruidoso: *os festejos deram brasão!*
brincadeira, f. — Bailarico.
brincar, v. i. — Bailar o fandango: *aquela môça brinca muito bem.*
brochado, adj. — Diz-se do terreno invadido e quási coberto de certas plantas: *a charneca está brochada de tojo.*
brózio, adj. — Brando, inconsistente: *pau brózio; madeira brózia.*
bucho! interj. — (V. *boco!*)
bugalha, f. — Bugalho pequeno, balharota.
bugalhão, m. — Indivíduo que, num meio restrito, se salienta por seus haveres ou por sua valentia.
buraca, f. — Gruta, caverna.
burrêca, f. — Carquilha.
burro, m. — *Hort.* — Divisória das leiras dum batalhão.

C

cabaço, m. — *Dar um cabaço*, furtar-se (uma mulher) a uma planeada entrevista; do mal sucedido pretendente diz-se que *apanhou um cabaço.*
cabeça, f. — O mesmo que *cabeço* em muitas designações toponímicas: *Cabeça-Feitosa, Cabeça-Alta*, etc.
cabeças (ou **cabecinhas**)**-de-Nossa-Senhora**, f. pl. — Variedade de perpétua silvestre.
cabeças-de-Santo-António, f. pl. — Idem.
cabeças-de-San-João, f. pl. — Planta do género *hieracium.*
cabeceira, f. — *Agr.* — Num terreno de forma oblonga, a parte adjunta a algum dos dois lados menores.
cabelo-de-cão, m. — Erva baixa, fina e espessa, que invade certos terrenos.
cabelos-de-Nossa-Senhora, m. pl. — Cuscuta.
cabo, m. — *Cabo de cebolas*, o mesmo que *réstia de cebolas*, se bem que esta última dicção é desusada. Aqui diz-se, geralmente, *cabo de cebolas* e *réstia de alhos.*
cabouqueiro, m. — Operário que rebenta pedra para construções.
cabreiro, m. — Homem grosseiro e incivil.
cabrejada, f. — Brincadeira desenvolta. O grupo que nela toma parte.

cabrejar, v. i. — Brincar com desenvoltura.

cabriola, f. — Rapariga turbulenta. Mulher descarada ou dissoluta.

cabroada, f. — Chusma de gente leviana, que brinca desenvolta e estrepitosamente.

cação, m. — *Fam.* — Indivíduo matreiro, sabido.

cachaçudo, adj. — Homem rico e poderoso.

cachapeira, f. — *Eufem.* — Cachaporra.

cachola, f. — O mesmo que *fressura.*

cagaçal, m. — Quintalejo; terreno exíguo e de inferior qualidade.

caga-no-ninho, m. — A mais desfavorecida das crias duma ninhada.

caguincha, m. — Homem importuno, fastidioso.

caixa, f. — Conluio.

calço, m. — Acrescento de aço que forma o gume dum instrumento cortante.

caldeano, m. — Pessoa natural das Caldas da Rainha. Adj. — Relativo às Caldas da Rainha. *Vento caldeano*, o que sopra dos lados daquela cidade.

caldeirar, v. i. — Cozinhar: *vivem juntos, mas caldeiram àparte.* Conviver: *não caldeiram bem com a sogra.*

calenta, adj. — Diz-se da argamassa que contém bastante cal.

calhandreira, f. — Bisbilhoteira.

calhar, v. substantivado. — Caso fortuito: *isso foi um calhar.*

calhestro, m. — Habilidade, geito: *o Manuel não tem calhestro para o ofício.* Verosemelhança: *isso que dizes não tem calhestro.*

calhostras — Usa-se na expressão: *cair de calhostras*, estatelar-se.

calmeirão, m. — Indivíduo corpulento, mas molangueirão, e às vezes pouco atilado.

cama, f. — Matrimónio. Usa-se nas expressões: *filho da primeira cama; filho de outra cama.*

cama, f. — Mancha esbranquiçada, na parte em que o fruto duma planta rasteira poisa na terra: *nas melancias, a cama é um indício de maturação.*

eamarço, m. — Constipação, catarreira.

camarneira, f. — Emprega-se como termo de comparação, para designar uma leguminosa avergada de vagens: *o ervilhal, todo êle é uma camarneira.* (De *camarinheira?*)

caminho, m. — Aptidão; adiantamento: *o rapaz anda a apren-*

der música, mas não tem caminho, ou *tem pouco caminho*. Verosemelhança, plausibilidade: *não tem caminho nenhum, isso que dizes*.

canal, m. — Canavial.

candeio, m. — Vaso de barro, largo e rasteiro, tendo a borda, a um lado, ajeitada em forma de bico. Provido de azeite e duma grossa torcida de trapo, serve de lampião nos lagares em que aquele óleo se fabrica.

cangalho, m. — Pessoa ou animal muito emmagrecido: *aquela mulher, em tempo regularmente nutrida, hoje está um cangalho*.

cangoça ou **cangorça,** f. — Mulher prematuramente envelhecida; cangalho.

caneira, f. — O caule da faveira. Canavial.

canelo *(nê)*, m. — Planta herbácea, comestível.

cantada, f. — Cantoria: *não ouvem a cantada das crianças?*

canzana, loc. adv. — *À canzana*, à maneira dos cães: *comer uvas à canzana*.

capa, f. — Condição social: *prefiro viver com gente da minha capa*.

capelão, m. — Bôlo que se confeiçoa com farinha de milho, água e algum azeite, e vai ao forno embrulhado em duas fôlhas de couve.

capelo *(pê)*, m. — Cobertura cónica e girante dum moínho de vento.

carago!, interj. — *Pleb.* — Revela satisfação, entusiasmo, às vezes surpreza.

caramba!, interj. — Revela admiração, e também estranheza, descontentamento.

cardão, m. — Artífice pouco hábil.

cardoça ou **cardoçada,** f. — Bátega de água.

carpentar, v. t. — Falquear toros que hão-de ser serrados.

carraceno *(cê)*, adj. — Pequeno, anão, miúdo: *milho carraceno; ervilhas carracenas*.

carrachola, f. — Pequena carrada, carrada meã.

carrada, f. — Bebedeira.

carramenho, m, — *P. us.* — Homem muito baixo.

carrapeta *(pê)*, f. — Criancinha de formas arredondadas.

carrapito, m. — Coruto; pináculo.

carregação, f. — Defluxeira.

carregadoiro, m. — Lugar onde um carro de bois pode còmodamente chegar para o carregarem de mato, lenha, etc.

carrejar, v. i. — Cobrir-se de carrejo, ennateirar-se: *com as últimas cheias, as várzeas carrejaram.*

carrejo *(rê)*, m. — Nateiro carreado pelas águas e depositado em depressões naturais, ou em mangedoiras de terra, mato, etc., adrede preparadas.

carrouqueiro, m. — Carvalhito cujo desenvolvimento foi perturbado por qualquer acidente.

carruagem, f. colect. — Porção de carros, carriagem.

cascalho, m. — A cúpula ou sobrecasca da bolota.

cascareta *(carê)*, f. — Camada cortical da casca do pinheiro; corcódea.

cascarrão, m. — Variedade de nozes de casca grossa.

casco, m. — Terreno que, numa quinta rústica, circunda a casa de habitação e anexos.

casinéu, m. — Casinhoto arruinado.

casqueiro, m. — Monte de cascas: *comeram aqui laranjas; não veem o casqueiro?*

castanheira, f. — Castanheiro destinado a produção de fruto.

castelhanada, f. — Algaravia.

catacego ou **catracego,** adj. — Que tem pouca vista.

catalão, m. — Rapaz de desenvolvida corporatura.

catapereiro, m. — Pereira procedente de pevide.

catrafumar, v. t. — Dissipar, esbanjar.

catrimpaço, m. — Reportório, borda-d'água. (Corr. de *cartapácio?)*

catrola, f. — Emprega-se na locução: *ir de catrola*, ir de súcia, fazer parte dum rancho. (De *quatrela?)*

caudatário, m. — Bisbilhoteiro ao serviço de alguém.

cavalete, m. — *Arbor.* — Ramo em que se enxerta, cavalo.

cavalidade, f. — Cavalgadura, montada.

cavalou, m. — *Inf.* — Cavalo grande.

cavar, v. t. — *V. i.* — Diligenciar: *anda a cavar para obter um lugar de amanuense.*

cedovém *(cê)*, adj. — Temporão: *milho cedovém, ervilha cedovém.*

celca, f. — O mesmo que *celga* ou *acelga.*

celestrina, f. — Mulher muito remexida.

cerieiro, m. — Trabalhador pachorrento.

cerneiro, m. — Pedaço de cerne. Toro de pinho, despojado do alburno.

cerrada, f. — Grande cerrado.

certa. — Usa-se na loc. adv. *à certa*, certamente. (Colhido na Serra).

certela, f. — Aparêlho para pescar enguias e se suspende da extremidade duma cana.

cesto, m. — Cesta grande, sem arco, às vezes com asas laterais: *cesto vindimo.*

chambão, s. e adj. — Malfeito, desairoso.

chamusco, m. — Manolho de tojos, urzes, etc., que se faz arder sôbre o corpo dum cevado morto, para lhe queimar as cerdas.

chancel, m. — Peça em forma de segmento, num tampo de pipa, etc.

chanfalhar, v. i. — Oscilar um pouco, produzindo, por isso, certo ruido: *a cancela, com o vento, esteve a chanfalhar tôda a noite.*

chanfana, f. — Borralheira, cujo processo consiste em queimar a terra excessivamente argilosa nuns fornilhos feitos da mesma terra, à mistura com raízes e outros despojos vegetais.

chaparreira, f. — Sítio bem exposto ao sol: *uvas criadas na chaparreira.*

chaparus!, interj. — Voz imitativa da queda dum corpo pesado na água: *chegou-se tanto à borda da levada que, escorregando-lhe um pé, chaparus!* Esvasiamento rápido dum cântaro: *quando regares o canteiro, não deites a água de chaparus.*

chapéu-de-sol, m. — Coucelo.

chapim, m. — *Porta de chapim,* porta envidraçada, tendo inferiormente, à guisa de soco, uma almofada ou barra de madeira.

chapoeirada, f. — Grande quantidade de dinheiro.

charroco *(rô),* adj. — Tôsco, desajeitado.

charrueco, m. — A mais simples das modernas charruas de volta-aiveca.

chascar, v. t. — Ressequir: *êste soão, agora, chasca tudo.*

chau!, interj. — Serve para recomendar segrêdo ou silêncio: *a respeito do que eu te disse, chau!*

chavasqueira, f. — Mulher grosseira, desalinhada, talvez pouco limpa.

chavelha, f. — O segundo lugar numa fila de manteadores, sendo o primeiro ocupado pelo respectivo *mandador.*

chavelhão, m. — Peça que, nas antigas fechaduras de pau, substituia a lingüeta.

chavelhar, v. i. — Imprimir a uma chave movimentos vários,

com o intento de fazer funcionar a respectiva fechadura, emperrada ou desconcertada.

chegada ou **chegadela,** f. — O mesmo que *chegunço.*

cheirabufas, m. — Homem metediço e espiolhador.

cheno *(chê),* m. — Porco. O mesmo que *cochino.*

chepe!, interj. — O mesmo que *chape!*

chiangar, v. i. — Chiar um pouco.

chião, m. — *Inf.* — Carro de eixo cantante.

chiça!, interj. — Emprega-se para aquietar suínos, e para repelir certos atrevimentos.

chichi, m. — *Inf.* — Porco.

chichinha, f. — *Inf.* — Carne.

chi-coração, m. — *Inf. e fam.* — Abraço.

chincada, f. — Reprensão algo irónica, ou encapotada.

chinim, chinim!, interj. — Vozes com que se chamam suínos.

chiqueiro, m. — Compartimento dum estábulo, onde se encerram as crias por algum tempo, para não mamarem.

chisca, f. — Jôgo infantil.

chispar, v. tr. — Aplicar às paredes um ligeiro embôço, deixando as testeiras das pedras a descoberto.

chorar, v. i. — Exsudar. Verter seiva.

chouriça!, interj. — Expressão de enfado, como *abóbora!* e outras.

chumaço, m. — Chumaceira.

cidrão, m. — Afecção do gado bovino, caracterizada pelo aparecimento de manchas esbranquiçadas na respectiva pelagem.

cieiro, m. — Estado de desagregação do solo recentemente lavrado, produzida pelo calor do sol.

cimeiro, adj. — *Casa cimeira,* a de tectos oblíquos, isto é, cujo fôrro assenta no varedo ou barrotes do telhado.

cirandar-se, v. p. — Menear-se, saracotear-se.

circunstoso, adj. — Difícil. Pouco provável.

ciscalho, m. — Argueiro.

citote, m. — *Pop. e deprec.* — Oficial de diligências.

cizânia, f. — Leguminosa cujas sementes, pretas, achatadas, muito rijas, inçam às vezes o trigo, depreciando-o.

clausuras, f. pl. — Considerações difusas de quem se desculpa, ou pretende alguma coisa.

coberta, f. — Telha que mostra, no exterior do telhado, a parte convexa.

còcão, m. — O mesmo que *cocão* e *coucão.*

cocho *(cô)*, m., ou **côcha,** f. — Vaso escavado num pedaço de tronco e em que se dá comida a animais domésticos. Estância de pedreiro.

còimeiro, m. — Sinal convencional que se põe em prédios rústicos como aviso de que será multado quem apascentar gado nesses prédios, ou por êles transitar.

coira, f. — Mulher dissoluta.

coirão, m. — O mesmo que *coira*. Homem grosseiro e malévolo.

coisada, f. — *Burl.* — Coisa que se não quer declarar: *é cá uma coisada.*

coisíssima, f. — *Fam.* — Usa-se na loc. *coisíssima nenhuma,* absolutamente nada.

coiso, m. — *Fam. e inf.* — Objecto de que se não sabe o nome. Quidam.

comedía, f. — Comedorias fornecidas semanalmente a azeitoneiros e outros serviçais.

cómodos, m. pl. — Dependências duma casa de lavoira (currais, palheiros, etc.).

compecilho, m. — Os primeiros lineamentos duma maçaroca de fiado.

comporta, f. — Canção popular análoga à *Desgarrada* e, como esta, hoje quási esquecida.

composteiro, adj. — Diz-se do indivíduo que se serve ordinàriamente de palavras mais artificiosas que sinceras, com o fim de agradar.

confessar, v. t. — Inquirir particularmente uma pessoa, com o propósito de obter uma revelação: *o polícia confessou o garotelho, que não se atreveu a negar o furto.*

cònhar, v. t. — Manobrar o cónho.

cónho, m. — Vassoira espalmada com que, nas eiras, ao padejar o grão, se vão retirando alguns fragmentos de palha ou carolo.

consciência, f. — Pedra, suspensa por um cordel, para retesar a teia nos teares manuais.

conteira, f. — Peça de metal com que às vezes se adorna, superior e inferiormente, um varapau.

contento, m. — *A contento,* para experiência: *a criada fica um mês a contento.*

contrameão, m. — Peça imediata ao meão, em vasilhas de tanoeiro.

conversalhar, v. i. — Conversar por mero passatempo.

convés, m. — Pequena cavidade: *na rocha há uma depressão que tem o convés de uma bacia.*

coraçudo, adj. — Que tem coração duro, pouco sensível.

coragem, f. — As côres do rosto: *as camponesas, geralmente, têm boa coragem.*

corda, f. — Caule reptante, como o da aboboreira; ou volúvel, como o do feijoeiro.

cordina, f. — Baraço com que se joga o pião.

cordovia, adj. — Diz-se duma espécie de oliveira.

córna, f. — Mulher dissoluta.

cornadura, f. — Certo processo de poda, galheiro.

corrichar, v. i. — Andar apressadamente, para aqui e para ali.

corrilhó, m. — Planta herbácea e leguminosa. O mesmo que *cornilhó.*

corrupio, m. — Brinquedo (o mesmo que *range* ou *cigarra).*

cortar, v. t. — Fazer corte em jornal de trabalhadores: *o patrão, esta semana, cortou alguns operários menos diligentes.*

cortar-se, v. p. — Vender por preços excessivos.

côscoro, adj. — Endurecido, crespo, rugoso: *terra côscora; calçado côscoro.*

cós-larós, m. — Jôgo infantil, para raparigas.

costas, f. pl. — *Fazer costas a* (uma pessoa), encobri-la, postando-se diante dela: *fizeram costas ao criminoso, que pôde evadir-se.*

costeiro, m. — O mesmo que *falheiro* ou *costaneira.*

criação, f. — *Alv.* — Aplicação de argamassa e pedra miúda à testeira de pedras falhas, para igualar a face da parede.

cuàpada, f. — O mesmo que *culapada.*

cucado, adj. — Enfezado. (V. *cucar).*

cucar, v. i. — Enfezar-se (falando de plantas herbáceas).

cumprimentar, v. t. — *Pop.* — Presentear.

cunhas, f. pl. — Empenhocas.

curão, m. — Curandeiro de animais.

curiosidade, f. — Trabalho leve e um pouco recreativo.

curta, f. — *Eufem.* — Puta.

D

dado, m. — Dádiva: *um dado ruím duas mãos suja.* (Adágio).

dado, adj. — Lhano, acessível. Próprio, conveniente: *não é dado ir à igreja em mangas de camisa.*

deanteira, f. — Junta de bois que, na frente de outra, reforça um movimento de tracção.
deanteiro, adj. — Diz-se dum carregamento que, por mal equilibrado, exerce maior pressão sôbre a parte anterior do veículo: *a carrada está deanteira.* Também se diz do veículo que sofre a pressão: *o carro vai deanteiro.*
debraçado, adj. — De braço dado; com um braço apoiado nos ombros de alguém: *os rapazes iam familiarmente debraçados.*
declinar, v. t. — Enxergar, divisar.
deitar, v. i. — Começar: *deitou a correr* (diz-se também *largou* ou *desatou a correr).* Caminhar: *deitámos até Lisboa.* V. p. — Efectuar um propósito; aventurar-se: *deitei-me ao trabalho; deitou-se a adivinhar.*
deitar, v. t. — Acomodar uma ave doméstica sôbre uma ninhada de ovos, para os chocar: *deitar uma galinha; deitar uma perua.*
demasias, f. pl. — Enredos. Usa-se na expressão: *meter* (alguém) *em demasias.*
derramado, adj. — Enérgico, ardoroso: *F. é homem derramado!*
derramoiçado, adj. — *Chul.* — (V. *derramado).*
derrega, f. — Acto e efeito de derregar.
derroiçar-se, v. p. — Dar ao corpo desordenados movimentos oscilatórios. (Metátese de *redoiçar-se?)*
derrotada, adj. — Diz-se da mulher prematuramente envelhecida.
desalvorar, v. i. — Abalar, escapar-se.
desandança, f. — Contratempo, revés.
desàsado, adj. — Que não é àsado. (V. esta palavra).
desaurido, adj. — Sem arrimo, sem protecção.
desbuchar, v. t. — Desventrar, eviscerar (uma rès).
desconversar, v. i. — Descambar no gracejo ou na chocarrice.
descortinar, v. t. — Injuriar, difamar.
desenfastiento, adj. — Que desenfastia.
desenganado, adj. — Desembaraçado, expedito.
desenrolar-se, v. p. — Desenvolver-se, tomar vigor: *as searas, que tam pouco prometiam, têm-se desenrolado com o bom sol dos últimos dias.*
desfavorecido, adj. — Desengraçado; apoucado.
desfraldar, v. t. — Desbatar, rarear: *o podador desfraldou muito as oliveiras; o bosque está um tanto desfraldado.*

desistir, v. i. — Expelir os excrementos; defecar.

desluzido, adj. — Diz-se dum manjar, duma gulodice que, em detrimento da economia doméstica, se consome breve e quási despercebidamente.

desmanchar, v. t. — Espostejar, retalhar (um cevado).

desmantar, v. p. — Regularizar a superfície do solo, recentemente manteado.

desmedrado, adj. — Desleixado, indolente.

desmentir, v. t. — *V. i.* — Não ajustar com exactidão (uma peça noutra).

despear-se, v. p. — Dizer tudo que se sabe ou que se sente.

despipar, v. t. — Tirar o pipo ao milho. (V. *pipo)*.

dessumado, adj. — Diz-se dum terreno sugado pela vegetação.

dessuquido, adj. — Dengoso. (Colhido no Vimeiro).

determinado, adj. — Hábil, expedito: *a nossa governanta é muito determinada.*

déu, m. — Usa-se na expressão *ir de déu em déu*, ir às cambalhotas: *perdendo o equilíbrio, foi de déu em déu pela ribanceira abaixo.*

diaço, diago, dialho, diango, dianho, diatras, diogo, m. — *Eufem.* — Diabo.

dióspiro, m. — Árvore fructífera originária do Japão e introduzida, há anos, nos nossos pomares. O fruto da mesma árvore.

dizente, adj. — Condizente. Decente.

doçar, adj. — Diz-se duma variedade de maçã.

dona-joana, f. — Planta gramínea.

donzelha *(zê)*, f. — Planta bulbosa.

dornalho, m. — Dornacho, dorna pequena.

E

...eco, suf. — Denota deminuïção e, às vezes, depreciação: *rapazeco, homenzeco.*

ega-sss..., interj. — Usa-se para açular o cão.

eia!, interj. — Expressão com que se intimam bois a caminhar.

eirado, m. — Porção de cereal que se estende duma vez na eira, para secar: *um eirado de milho.*

elha, f. — Usa-se na expressão *elha por elha*, uma coisa por outra de igual ou aproximado valor: *êle trouxe-me um*

alqueire de nozes e eu dei-lhe um alqueire de trigo; ficou elha por elha.

embaixada, f. — Sarabanda por meio de carta ou mensagem.

embarrear, v. t. — Sujar com barro.

embarreirar, v. t. — Travar um carro de bois, para que não resvale, obliquando-o contra alguma trincheira do caminho e encostando aí uma das rodas.

embirra, f. — *Pôr de embirra,* colocar (viga, barrote, etc.) a modo de botaréu. *Levar de embirra,* impelir por meio de alavanca; alçapremar.

emborralhar, v. t. — Envolver em borralha, farinha ou outro pó.

embosqueirar-se, v. p. — Esconder-se; retirar-se para lugar escuso.

emburrar, v. t. — Pôr (um tronco ou toro) na burra (cavalete), para ser serrado.

embutir, v. t. — *Fam.* — Comer muito.

emmaçarocar, v. i. — Produzir maçaroca (diz-se de milheirais).

emmarmar, v. i. — Impregnar-se de água (o solo): *com as últimas chuvas, algumas terras emmarmaram.*

emmorear, v. t. — Dispor (feixes de trigo) em moreia.

empancado, adj. — Hirto e dolorido: *quando caí, fiquei empancado.*

empinheirado, adj. — Erecto, levantado.

encandear, v. t. — V. i. — Florescer (diz-se da oliveira).

encaniçar, v. t. — V. i. — Produzir um caule bastante alto, mas franzino: *o milho, por muito basto, encaniçou.*

encardido, adj. — Diz-se do tronco cujo âmago se acha deteriorado.

encarnejar, v. i. — Entremostrar côr encarnada.

encascar, v. t. — Regularizar a superfície duma parede velha, introduzindo-lhe nas cavidades argamassa e telhos ou pedra miúda.

enchemez, m. — *Constr.* — O mesmo que *enxamel* ou *frontal.*

enchicharado, adj. — Desvanecido, ostentoso.

enchiqueirar, v. t. — Encerrar em chiqueiro.

enchume, m. — Enchimento, turgescência; tufo numa peça de vestuário.

encieirado, adj. — Diz-se do solo recentemente lavrado, quando o calor o encrespa e desagrega.

encolar, v. i. — Empenar, curvar-se (a madeira).

enconchado, adj. — Formado de peças fortemente encasadas umas nas outras (diz-se especialmente de rochas): *pedra enconchada.*

encozer, v. t. — Submeter à acção do fogo vergônteas destinadas a bordões, varapaus, etc., para assim as despojar mais fàcilmente da casca e lhes dar uma côr levemente tostada.

enfaruncado, adj. — Enfastiado; enojado: *coelho não o posso já comer; ando enfaruncado.*

enfornar, v. t. — Comer com voracidade.

enfrascar, v. t. — Fazer o enfrasque dum lagar de azeite.

enfrasque, m. — Moagem e expressão da primeira pilada de azeitona em cada ano agrícola.

enfrontes, m. pl. — Situação fronteira; rumo, direcção.

engaleirado, adj. — Engravitado, empinheirado (diz-se de plantas).

engenho, m. — Num lagar de azeite, o maquinismo que põe em movimento as galgas.

engoiado, adj. — Magro, enfezado.

engrilar, v. i. — Aplicar a vista com esfôrço, a fim de descobrir qualquer coisa.

enjorcar *(jór),* v. t. — Fazer alguma coisa um pouco desmazeladamente; atamancar, engrolar.

enqueijado, adj. — Pesado, abatido: *pão enqueijado.*

enrabar, v. t. — *Pirot.* — Ligar a um foguete o competente rabo de cana.

enrezinado, adj. — Pechingado.

ensapado, adj. — Estreito, acanhado: *vivenda ensapada.*

ensarilhado, adj. — Torcido, espiralado: *os eucaliptos têm às vezes o tronco ensarilhado.*

enseiradoiro, m. — O bagaço procedente duma moedura de azeitona.

ensertilhado, adj. — Enfezado, definhado. (Diz-se de crianças e de alguns animais, na primeira fase do seu desenvolvimento).

entisgar-se, v. p. — Entesar-se, inteiriçar-se.

entranquilhado, adj. — Intricado, emmaranhado, entretecido (falando-se de plantas): *uma sebe de ramos entranquilhados.*

entresseco *(sê),* adj. — Constitucionalmente magro, pouco fornida.

enviciado, adj. — Diz-se dos animais aluados ou tomados de cio.

enxaguata *(xá)*, f. — Molhadela.

enxulado, adj. — Imperfeitamente trabalhado, por excesso de humidade (diz-se do solo lavradio): *a várzea, porque foi lavrada mole, ficou enxulada.*

enxurdo, m. — O mesmo que *enxurdeiro.*

erva-cordeira, f. — Planta de raízes tuberculosas, cujo decocto fornece à medicina popular um activo purgante. (Espontânea no Carvalhal de Turquel).

erva-da-lua, f. — Planta empregada por mezinheiras, para livrar as crianças da suposta influência da Lua.

ervascal, m. — Terreno inçado de ervas inúteis.

ervascum, m. — Quantidade de ervas ruins que invadiram uma terra de lavoira. (O sufixo *um* denota quantidade excessiva, e também, às vezes, depreciação: *gadarum, verdum).*

esbagaçar, v. t. — Esmiuçar o bagaço, antes de o deitar na cova ou silo.

esbarrar, v. i. — Escorregar.

esbarrigado, adj. — Diz-se de quem traz um pouco descaídas as peças do vestuário que prendem na cintura.

esborrar, v. i. — Aluir-se, desabar (falando-se de trincheiras ou solcalcos amolecidos pela água).

esbulhar, v. t. — Descascar (fruta, batatas, etc).

escagaçar, v. p. — *Chul.* — Expelir freqüentemente, com fraca impulsão, dejectos semilíquidos.

escagarinhar ou **escagarrinhar,** v. p. — *Chul.* — O mesmo que *escagaçar.*

escalamoucado, adj. — Esmoucado, escalavrado.

escaldado, adj. — Descontentadiço, quanto à actividade de seus servidores. *Semana dos escaldados*, a semana da Páscoa, por preceder imediatamente aquela em que começam as sestas dos operários.

escaldão, m. — Destempêro do solo arável, por se revolver ainda mal repassado de chuvas.

escaldar, v. t, — Vender por preços excessivos.

escalviçado, m. — Pequeno tracto de terra escalvada, de ordinário calcárea ou gredosa.

escamado, adj. — Activo, empreendedor.

escamisas, f. pl. — Os envólucros das maçarocas do milho.

escanzinado, adj. — Escanzelado.

escapatório, adj. — Sofrível, tolerável: *êste vinho é escapatório.*

escápula, f. — O mesmo que *chambaril*.
escarcalhar-se, v. p. — Desagregar-se, esborralhar-se (a terra) com o calor do sol.
escardar, v. t. — *Culin.* — Eliminar das fôlhas do cardo hortense a lâmina ou palma, para se lhe utilizar a nervura principal.
escardear, v. t. — Tratar alguém com aspereza. Vender por preços exorbitantes.
escarvunça, f. — Pó de carvão. Qualquer resíduo negro.
escarrapichar-se, v. p. — Articular as palavras com ênfase ou excessiva meticulosidade. Catar-se, espiolhar-se (falando de aves).
escarvunçado, adj. — Encarvoado, encarvoiçado.
escavachar, v. t. — Cavar ligeira e superficialmente; esterroar.
escoçumelar-se (ou **escorçumelar-se**), v. p. — Contorcer-se por vergonha ou acanhamento.
escornejar, v. i. — O mesmo que *escornear*.
esfola-gato, m. — Cambalhota.
esgafanhotado, adj. — Revôlto, contorcido: *arbustos esgafanhotados; lenha esgafanhotada.*
esgampar, v. t. — Esgalhar: *esgampar vimes; esgampar carvalheiros, para lhes tirar a casca.*
esganipar, v. t. — Esfanicar.
esgazear, v. i. — Adelgaçarem-se as nuvens, depois de chover: *se esgazear, ainda hoje vou à quinta.*
esgòniçado, adj. — Diz-se de quem tem o pescoço longo e mal fornido.
esgrabulhar, v. t. — Separar manualmente o grão do carolo ou cascabulho.
eslarado, adj. — Achatado, abatido: *o pão da última fornada ficou eslarado.*
esmijaçar, v. i. — Mijar com intermitências.
espanado, adj. — Desocupado. Usa-se na locução *andar às mãos espanadas.*
espaparrado, adj. — O mesmo que *espapaçado.*
espargo, m. — *Vitic.* — Racimo, na fase que precede a florescência.
espassarinhado, adj. — Abespinhado, irritado.
espêlho, m. — Cada um dos tampos duma vasilha de tanoeiro.
espernaltado, adj. — Que tem grandes pernas. Também se diz de quem está em pé, com as pernas muito afastadas.
espezinheiro, m. — Terreno cheio de pègadas.

espigão, m. — A haste da cebola.
espinha-carnal, f. — Terçol.
espoldrinhar, v. i. — Retoiçar como um poldro.
esquinar, v. i. — Fugir, escapar-se.
esquivar, v. i. — Defecar.
estafar, v. t. — Gastar pròdigamente: *estafou quanto tinha.*
estalo, m. — *Coisa de estalo*, coisa excelente: *um vinho de estalo.*
esteira, f. — *Carp.* — *Fôrro de esteira*, o que reveste um tecto plano e horizontal.
esteirada, f. — Seara acamada.
estilo, m. — Música especial. Cantilena própria de determinada composição poética: *o estilo da Margarida-vai-à-fonte.*
estona, f. — Raspas do solo, mixto de erva e terra: *é boa prática, ao arar terras ervosas, deitar a estona no fundo dos regos.*
estonar, v. t. — Raspar a terra superficialmente; espanascar.
estontoado, adj. — O mesmo que *estonteado.*
estoque, m. — Brinquedo que se compõe dum tubo de sabugueiro no qual se introduzem buchas de estopa humedecida, as quais, fortemente impelidas por uma vareta, saltam a distância, com estrondo.
estornicada, f. — Efeito de
estornicar, v. i. — Escapar-se um líquido em pequenos jactos; esguichar, esparrinhar.
estorrejar, v. t. — Torrar muito; queimar um pouco.
estraboucha, m. — Indivíduo que faz habitualmente estrabouchada.
estrabouchada, f. — Acto de estrabouchar.
estrabouchar, v. i. — Fazer estrépito ou grande barulho.
estrafegar, v. t. — Estorcegar, estortegar.
estrangular-se, v. p. — Desorganizar-se, anular-se: *a filarmónica estrangulou-se.*
estranqueiro, m. — Grande espinho.
estrapoída, f. — Tropel, estrépito.
estravantar, v. i. — Cessar de chover: *se logo estravantar, irei dar um giro.*
estrincar, v. i. — Produzir estalido, semelhante ao de grãos de areia que se apertassem entre os dentes.
esvardascar, v. t. — Vardascar, vergastar.
ezipla, f. — *Pop.* — Enxaqueca.

F

fácil, adv. — Fàcilmente: *isso aprende-se fácil*.
fagueiro *(fá)*, adj. — Diz-se do solo ou terra solta, leve, mais ou menos pulverulenta.
faísca-velha, f. — A mãe do diabo, representada — dizem — num velho retábulo da igreja de Alcobaça.
farfalheiro, adj. — Jovial, gracejador.
farrombar, v. i. — Fanfarrear, blasonar.
farrombeiro, m. — Farronqueiro, farronca.
farroupo, m. — Cordeiro já desmamado.
fascal, m. — Meda de feixes de trigo, horizontalmente dispostos em fiadas circulares, com as espigas para dentro.
fava-sêca, f. — Sopapo que faz bater os dentes.
fazenda, f. — Coisa boa. Emprega-se na expressão: *isto é fazenda!*, com referência ao solo arável, a um manjar ou uma bebida, etc.
fêcho, m. — *Fêcho pedrês*, fêcho de correr, que prende na soleira, ou na verga da porta.
fedúncias, f. pl. — Impertinências, niquices.
feireira, adj. — Diz-se da rapariga vistosa e garrida.
feitureiro, m. — Manufactor, artífice. (Pouco usado).
felpa, f. — Erva baixa, fina e emmaranhada.
fere-lume, m. — Pirilampo.
ferrar, v. i. — Começar o trabalho (falando-se de cavadores): *os servos ferraram hoje às 5 da manhã*.
ferreiró, m. — O mesmo que *ferreiro* (pássaro).
ferrum-fum-fum, expr. onomat. — Arremêdo do toque dum mau guitarrista.
festanga, f. — Festa reles.
fezes, f. pl. — O mesmo que *solima*. (V. esta palavra).
fiel, adj. — Que não furta: *tenho uma criada muito fiel*.
figadal, adj. — Que tem o rosto excessivamente còrado.
fígado, m. — Mal de pele, que afecta principalmente as mãos, onde se abrem fendas que às vezes vertem sangue.
finadoiro, m. — Sensação de debilidade, por falta de alimento.
finar-se, v. p. — Sentir imperiosa necessidade de alimento.
fita, f. — Espaço vazio que o taberneiro deixa num copo que houvera de encher.
fôlha, f. — Cada um dos quinhões em que se reparte uma herança.

folhada, f. — Presente que se dá a recém-casados, e consta, em regra, de cereais ou dinheiro.
folosa, f. — Rapariga fraca e de cara mais ou menos chupada, sem côr e sem animação.
formiga, f. — *À formiga*, loc. adv., a furto, aos poucos. Constr. *Passar* (material) *à formiga*, transportá-lo em parcelas que vão passando de mão em mão por intermédio de serventes, convenientemente escalonados.
fraca-figura, m. e f. — Pessoa de pequeno corpo, mal fornida.
frade, m. — Planta bulbosa, cujo nome provém da forma da sua flor.
fradeiro, m. — Gavela de palha de milho atada pelas pontas, e escarranchada em varas ou cordas para secar. (Vimeiro).
fraldisqueira, f. — Frangalhona.
frangaiola, f. — Môça adolescente.
fraternada, f. — Advertência algo repreensiva.
freio, m. — Membrana sublingual: *cortar o freio a uma criança*.
frija, m. — Homem nervoso e irreprimìvelmente operoso.
frijocada, f. — O mesmo que *fritangada*.
frontal, m. — *Tábua de frontal*, a que tem 4 centímetros de grossura.
fuça, f. — *Chul.* — Cara, em sentido depreciativo.
fumaças, f. pl. — Vaidade, presunção: *fumaças de valentia*.
fundagem, f. — Os tampos de tonéis, pipas e vasilhas similares. Pranchas para o fabrico dêsses tampos.
fundalho, m. — Bôrra, sedimento.
funfar, v. i. — Chorincar, reprimindo a voz,
funganeiro, adj. — Diz-se duma terra leve, humosa e pulverulenta.
furaqueiro, m. — Passagem estreita, praticada através duma sebe viva.

G

gaboleia, f. — Louvor próprio, mais ou menos exagerado.
gadarum, m. — Grande porção de gado.
gaitas, f. pl. — Vagens de favas, ainda tenras. (Ouvido na Quinta do Vimeiro a uma senhora natural de Val-do-Sumo, Leiria).

galgar, v. t. — Elevar as paredes duma construção à altura conveniente.

galeirão, m. — Haste cimeira de qualquer vegetal. Caule muito desenvolvido de planta herbácea prestes a florescer: *cortei o galeirão do ulmo, para lhe formar a copa; — as alfaces, começa a apontar-lhes o galeirão.*

galo, m. — O indivíduo que mais se impõe, numa povoação rural. A vela que, nos ofícios da Semana-Santa, ocupa o cimo do candieiro triangular.

galrar, v. i. — Desenvolver-se ràpidamente: *com as últimas chuvas, as searas galraram.*

galricho, m. — Copo muito pequeno.

ganhadiço, adj. — O mesmo que *bastardo*, filho ilegítimo.

garganeiro, adj. — Falador inconsiderado.

gazola, f. — Garganta. Voz forte e destemperada.

gelmo, m. — Criaturinha indefesa.

gente, f. — Emprega-se, precedido de artigo, em lugar do pron. pess. da 1.ª pessoa do plural: *o brinde é para a gente* (para nós); *disseram isto à gente* (disseram-nos isto); *o primo vai com a gente* (vai connosco). Quando sujeito da oração, faz-se às vezes uso da silepse: *a gente vamos passear.* (V. *pessoa*).

gimo, m. — O mesmo que *gemido.*

gingar, v. i. — Recusar-se, um pouco desdenhosamente, à satisfação dum pedido: *rogaram-lhe um subsídio para os festejos, mas êle esteve gingando.*

goche, goche!, interj. — Vozes com que se chamam suínos.

goilão, m. — Homem alto e desajeitado; trangalhadanças.

golada, f. — *Culin.* — Cozido que compreende goéla de porco, bocados de fressura, etc.

goma ou **gomada**, f. — Os rebentos novos do mato: *quando pascem a goma do tojo, as cabras dão muito e bom leite.*

grama, f. — Instrumento de madeira, espécie de alavanca inter-resistente, com que se trilha o linho, depois de maçado.

graminheira, f. — Grama e escalracho que, de mistura com outras plantas reptantes, infestam terras de lavoira.

gravalhoiço, m. — Homem que se impõe por sua figura e traje.

grazinar, v. i. — O falar de quem está descontente e um pouco irritado.

gregório, m. — *Fam.* — Azeite.

grizó, m. — *Fam.* — Azeite.

H

hôrto, m. — Variedade de couve galega. (Usa-se quási sempre no plural: *hórtos).*

I

...icar, suf. — Denota deminuïção e repetição: *ladricar, pulicar, abanicar.*

ĩeixa *(in-eixa),* f. — Planta crucífera, o mesmo que *ieixa* ou *ineixa.*

impiamático, adj. — Aborrecido, impertinente: *lá o velhote está impiamático.*

inchaboi, m. — Planta herbácea.

inço, m. — Grãos que se reservam para semear: *as tais ervilhas temporãs, perdi-lhes o inço.*

in-eixar *(in* por *en,* segundo a pronúncia popular), v. t. — Adaptar um eixo às rodas dum carro.

ingerido, adj. — Escorrido de formas, magro, encolhido.

inònado, adj. — Ananicado, ananado: *plantas inònadas; animais inònados.*

instrutor, m. — Espertalhão.

inveja, f. — *Semear à inveja,* semear, em mistura, plantas de várias espécies.

inxerir, v. t. — Inserir, um no outro, dois pedaços de corda.

irmandade, f. — Conjunto de irmãos: *aquela irmandade herdou do pai uma doença sifilítica.*

irmão das portas, m. — Mendigo.

iscado, adj. part. — Maculado; contaminado.

italianada, f. — Linguagem ininteligível.

J

japonesa ou **japoneira,** f. — Nespereira do Japão.

japónia, f. — Fruto da *eryobótria japónica;* chamam-lhe vulgarmente *nêspera do Japão,* ou tão só *nêspera.* (V. êste nome).

jardinar, v. i. — Ocupar-se, por entretenimento, em trabalhos leves de jardinagem ou agricultura.

jero, m. — O mesmo que *jarro,* planta.

jenigar, v. i. — Exsudar (água): *em resultado da invernia, muitas penhas estão a jenigar.*
jenigueiro, m. — Lameira produzida por uma exsudação de água subterrânea.
jinó, m. — *Chul.* — Burro.
jogalhar, v. i. — Rolar; despenhar-se. Ir de déu em déu, impelido pelo próprio pêso.
joina *(ôi)*, f. — A sama da urze.
jòrgado, m. — Planta herbácea.
jôrra, f. — Zorra de arrasto, espécie de trenó, formada por um tronco em forma de Y, com uma argola num dos extremos.
jôrro, m. — Desvio da verticalidade, em relação a paredes ou muros de suporte.
judia, f. — *Semear à judia*, semear a lanço — não em linhas —, sacholando depois a terra para cobrir a semente.
juïzado, m. — Juiz, juíza e seus adjuntos, incumbidos de celebrar a festa dum santo.
junca, f. — Junco de caule triangular.

L

labrusco, adj. — Sujo, lambuzado.
ladrão, m. — Sifão destinado a reter, no lagar, o azeite que às vezes se escapa da respectiva tarefa, de envolta com a água-ruça.
ladrejar, v. i. — Ladroar, gatunar.
ladricar, v. i. — Soltar (o cão) pequenos latidos.
ladrisco, m. — Ladrãozinho que goza de certa tolerância.
lajoeira, f. — Pedra naturalmente chata, não muito pequena.
lampreia, f. — Lambisgóia.
landeiro, adj. — Diz-se do carvalho e de outras árvores, quando são muito produtivas.
landuns, m. pl. — Lábia, paleio.
lapada, f. — Bofetada.
lapardão, m. — Lapão, chambão.
lascarinho, adj. — Descarado, intrometido.
lastro, m. — Rasquido do forno. Camada de grão, por baixo do calcadoiro.
lata, f. — Cada uma das lâminas de chifre, etc., que revestem o cabo duma navalha.

lavajona, f. — Mulher habitualmente suja e desalinhada.
lavoirar, v. i. — Lavrar.
lega, f. — Utensílio para o fabrico de colheres de pau.
leiva, f. — Torrão que se tira duma vez, com enxada. Lista de terra que o arado ou a charrua vai cortando e invertendo, ao lado de cada sulco.
lêndea, f., ou **lendeaço**, m. — Molinha, nevoeiro molinhoso.
levante, m. — Tempo imediato a um período chuvoso: *agora no levante semeia-se muito trigo.*
leve, adj. — Indivíduo muito ligeiro de movimentos.
lêvedo, m. — Lameiro profundo, tremedal.
limite, m. — Qualidade (refere-se ao solo arável): *terra de bom limite.*
linheira, adj. — Diz-se da batata que, por doença, produz uns filamentos terminados por engrossamentos tuberculiformes.
liteiro, m. — Pano de estopa fabricado em teares manuais, e de que se fazem sacos, enxergas, etc.
lòló, m. — *Inf.* — Merendeirinha.

M

maçaneta, f. — O mesmo que *borla.*
maçaroco *(çarô)*, adj. — Diz-se duma variedade de trigo.
machio, m. — O morrão e a cárie do trigo. Conjunto dos zângãos duma colmeia.
machucão, m. — Brenha muito cerrada.
macio, adj. — Tardo, brando. (Diz-se de pessoas e animais de trabalho).
madragôa, f. — Mulher ordinária, extravagante ou desalinhadamente vestida.
maganagem, f. — Aglomeração de pessoas ou coisas de valor insignificante. Farandulagem.
magueixo, m. — Alça que se coloca na deanteira dum carro ao carregar pranchas ou toros de grande comprimento, para que não toquem nos bois. Cada um dos dormentes que se ajustam ao leito do carro para assento de pipas, ou de vasilhas semelhantes.
maia, f. — O mesmo que *dedaleira* (planta).
maino, adj. — Calmo, tranquilo: *tempo maino.*
mais, pron. pess. indef. — Outros (homens), outrem: *não faças aos mais o que não queres que te façam.*

mais, prep. — Emprega-se por *com*, designando companhia: *o menino foi mais o pai* (com o pai); *a Júlia saiu mais a irmã* (com a irmã). Alguns, em vez de *mais* dizem *má'*, a que apensam o artigo antiquado *lo*, *la*: *o menino foi má-lo pai; a Júlia saiu má-la irmã.*

majagante, m. — Tunante, meliante.

malcasada, f. — Planta herbácea, cujas fôlhas apresentam manchas escuras, como de equimoses.

malhadoiro, m. — Indivíduo que é freqüentemente sovado.

malhal, m. — O mesmo que *mangual.*

malmandado, adj. — Que não obedece de boamente.

manaça, m. — Homem indolente, madraço.

mancheia, f. — Carrachola: *mancheia de mato, de lenha, de azeitona.*

manhoso, adj. — Ordinário, de pouca estimação: *pôs na cabeça um chapéu manhoso.*

manicaca, m. — Velhaquete de maneiras requebradas. Peralvilho.

manido, adj. — Interiormente alterado; sorvado, apodrecido: *tronco manido; peras manidas.*

manta, f. — Fila de seis cavadores cujos movimentos são isócronos e simultâneos, e na qual o primeiro lugar, à direita, é ocupado pelo *mandador*, seguindo-se-lhe os da *chavelha, contra-chavelha, badelo, contra-rabeia e rabeia.* Chamam também *manta* ao sulco aberto por aqueles obreiros, e ainda à faixa compreendida entre dois sulcos.

mantear, v. t. — Cavar a grande profundidade, surribar.

mão, f. — *Mão de junco,* porção de junco que se pode abranger entre o dedo maior e o polegar.

maquiar, v. t. — Num rancho que anda colhendo azeitona, aliviar amiúde as cestas das apanhadeiras.

maquinéu, m. — Variedade de feijão.

marafantona, f. — Mulher de maneiras descomedidas e traje extravagante.

margaça, f. — Planta forraginosa (não *macela,* como dizem dicionaristas).

margalhau, m. — Planta herbácea.

maroufo, adj. — Adoentado.

marrada, f. — Pedaço de terra que o lavrador deixa em volta duma árvore, e que é depois amanhado à enxada.

marrear, v. t. — Quebrar (pedras) com marra.

marrucho, m. — Marrão pequeno, bácoro.

massame, m. — Camada de alvenaria para assento de lages ou ladrilho.

mau, m. — Coleóptero muito temido dos lavradores, porque causa a morte do boi que com as forragens o ingere, segundo creem. É preto e do tamanho duma joaninha. Quando o cobrem de saliva, exsuda um liquido avermelhado, e por isto o reconhecem.

mede-palmos, m. — Verme, cujo nome lhe adveio da maneira por que anda.

medida, f. — Fita benta, que, ao regressarem de certas romarias, alguns devotos trazem na lapela.

melfa, f. — Mosquito impertinente e de zumbido muito agudo. (O mesmo que *melga)*.

melfo, adj. — Diz-se de alguns animais que têm os beiços defeituosamente retraídos, ficando-lhes os dentes a descoberto.

mèmé, m. — *Inf.* — Animal ovelhum ou caprino.

mentastro ou **mentrasto**, m. — Hortelã de raposa. Graminheira.

merecer, v. t. — Pagar com serviços: *o operário comprou um saco de milho ao fazendeiro, com a condição de lho ir merecer.*

mesma, f. — Us. também na loc. pop. *à mesma:* do mesmo modo, da mesma maneira.

metediço, adj. — Intrometido.

miangar, v. i. — Soltar (o gato) pequenos mios.

migas, f. pl. — Sopas de pão de milho, muito fragmentado.

mijaneira, f. — *Chul.* — Necessidade de urinar.

mijão, adj. — Chocho (falando-se do pinhão de casca).

milhão, m. — Milho de verdeiros.

milhareiro, m. — A planta que dá o milho.

mimaça, f. — Mimalhice.

místicos, adj. pl. — Muitos e bastos: *nos trigais, as papoilas êste ano são místicas.*

misturadas, f. pl. — Comida vulgar, composta de hortaliça e legumes secos.

mochinga, f. — Castigo leve. Zurzidela.

moço, m. — Prumo que sustém o cabeçalho dum carro de bois em posição horizontal.

moedor, m. — Operário que se emprega no fabrico do azeite, lagareiro.

moeira, f. — Mango, cabo do mangual.

moer, v. i. — Diz-se do fruto da oliveira que, atrofiando-se,

toma a forma duma pequenina baga. (V. *rebôlo*). Por extensão, diz-se também de tôda a inflorescência que não vinga.

moina *(ôi)*, m. — Tunante, vadio. F. — Vida airada.

moiro, adj. — Não baptizado: *esta criança ainda é moira. Vinho moiro*, não aguado.

moita, f. — Cúmulo de pequenas plantas roçadas: *uma carrada de mato comporta, em regra, cem moitas.*

molejar, v. i. — Oscilar, balancear, em virtude do funcionamento de molas: *o carro moleja bem.*

moliana, f. — Cantiga? Usa-se na expressão zombeteira: *cantar a moliana*, chorar em alto vozeio ao receber algum castigo disciplinar. Diz-se de crianças. — Em lugar de *a moliana* ouve-se, às vezes, *a cantiga do ai-ai.*

molinhar, v. t. — Exercer o mister de moleiro: *molinhar um moinho; molinhar uma azenha.*

molanga ou **molangão,** m. — Molangueirão.

moluras, f. pl. — Emolientes.

momar *(mômár)*, v. i. — Falar em voz baixa e ininteligível; resmungar.

moreia, f. — Grupo de feixes de trigo verticalmente colocados na terra, com as espigas para cima.

morganiça, f. — Urze molar.

mortal, adj. — Que perdeu o uso dos sentidos: *ao receber tão violento choque, ficou mortal; — não podendo resistir ao sono por mais tempo, caiu mortal.*

mosqueiro, m. — Afecção do gado bovino, caracterizado por um conjunto de pequenas bolhas.

motano, m. — Farrapo de lã não manufacturada.

mougão, m. — Homem tristonho e reservado. (Cf. *amougado*).

murre-murre, adv. — Combalidamente, periclitantemente: *o homem andou muito tempo murre-murre, mas por fim restabeleceu-se; — o nabal, a princípio, esteve murre-murre; mas logo que choveu, galrou.*

murtinheira, f. — Cantiga e bailado popular.

musiquear, v. t. e int. — Cantarolar, trautear.

N

nabiça, f. — O mesmo que *couve-nabo.*

nação, f. — Origem, nascimento: *aquele sujeito é ruim de nação.*

naifo, adj. — Diz-se do animal que tem os pés tortos. (Cf. *náfego*).

nascediço, adj. — Nascido espontâneamente, não semeado: *erva nascediça.*

negreira, f. — Fumagina (ferrugem da oliveira).

negresia, f. — Reunião de muitas coisas negras: *o faval tem tanto piolho, que é uma negresia.*

nenja, adv. — O mesmo que *nanja: todos beberam vinho, nenja eu.*

negrela, f. — Equimose.

nêspera, f. — Pròpriamente, fruto da *méspilus germânica.* (V. *japónia* e *sôrva*).

noruega, f. — Rajada de vento frio, acompanhada, às vezes, de granizo ou aguaceiros, e procedente de algum dos rumos compreendidos entre Norte e Oeste.

novidão, f. — Verduras da mocidade: *releve-se-lhe a extravagância; aquilo é novidão.*

O

óca, f. — Fascinação; mandinga: *os benzilhões têm óca para iludir o ingénuo povo aldeão.*

oiraval, m. — Erva sabugueira.

oirejar ou **ourejar,** v. i. — Tornar-se pêco (um fruto), não chegar à perfeita maturação: *uvas oirejadas; figos oirejados.*

olé, interj. — Emprega-se às vezes por *òlou.* (V. esta palavra).

ólha, f. — O acto de olhar. *Estar à olha,* estar presente a uma refeição de que se não participa.

olharada, f. — Olhadela furtiva.

olheiro, m. — Atoleiro, lodaçal.

ôlho-de-sapo, adj. — Granuloso (diz-se de certos terrenos e de certas rochas).

òlou!, interj. — Emprega-se para corresponder a uma chamada: *ó Francisco. — Òlou!* Emprega-se também, às vezes, para chamar uma pessoa que se vai distanciando, e cujo nome se ignora. (Neste último caso, para individuar essa pessoa, gritam alguns, por exemplo: *ó do cesto!,* se ela leva um cesto; *ó dos bois!,* se guia um cingel; *ó do carro!,* se conduz um veículo; etc.).

ombrada, f. — Impulso dado com os ombros. Esfôrço, por ve-

zes interrompido: *os trabalhos, amiúde suspensos, vão levar agora uma ombrada.*

ó-ó, m. — *Inf.* — Berço: *o menino vai-se deitar no seu ó-ó.* Acto de dormir: *fazer ó-ó.*

opinião, f. — Vaidade, presunção.

opinioso, adj. — Vaidoso, presunçoso.

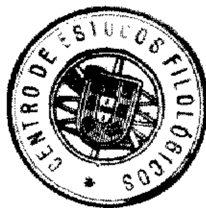
orgeira, adj. — Enconchada ou granulosa (diz-se de certa qualidade de pedra).

osga, f. — Aversão: *o patife sempre me tem uma osga!*

ostensório, m. — *Ecles.* — Custódia. (Pouco usado).

otar, v. t. — Outar, joeirar.

oua!, interj. — *Chul.* — Designa estranheza e repulsa.



P

padeirinha, f. — V. *Vòsónia.*

pagadilhas, f. pl. — Pagamentos de somenos importância.

pai-avô, m. — Um pobre homem; homem simplório.

paiorra, f. — *Chul.* — Mulher baixa e gorda.

palanguã, m. — Palonço.

palastrão, m. — O mesmo que *pastrano.* (Vimeiro).

palmar, v. t. e i. — Bater, a modo de quem dá uma palmada: *palmou-lhe uma bofetada; — palmou com o dinheiro em cima do balcão.*

palmela, m. — Homem espalmado, magrizela.

panasco, m. — Mentastro, graminheira.

pancadola, m. — Indivíduo um pouco desequilibrado. Telhudo.

pancão, m. — Homem desajeitado e palerma.

paquete, m. — Rapazito que, num rancho azeitoneiro, se ocupa em despejar cestas.

pardaleira, f. — Terra ordinária, de escassa e raquítica vegetação.

pardaloco *(lô),* m. — Passarolo, passarão.

páreas, f. pl. — Satisfação, desagravo: *tomar páreas a alguém.*

parga, f. — Pilha, ruma.

parreiral, m. — *Fam.* — Vivenda rústica: *poucas vezes saio do meu parreiral.*

paspalhão, m. — Codorniz.

passagem, f. — Bolha, mania.

passa-novas, m. e f. — Indivíduo chocalheiro, linguaraz.

passa-pé, m. — O mesmo que *escape.*

patalou ou **patalouco,** adj. — Meio louco; desacordado.
patarecos, m. pl. — Feijões de vagem tenra e comestível.
patinhar, v. t. — *Carp.* — Cortar em bisel a ponta de um barrote a que se quer apor outro barrote.
pau-de-fóra, m. — Qualquer madeira exótica de boa qualidade: *uma mesa de pau-de-fóra.*
paveia, f. — Porção de manípulos que o ceifeiro vai deixando em pequenos cúmulos aqui e além. Um atado ou reünião de paveias forma um feixe, molho ou — com referência a cereais de pragana — rolheiro.
peança, m. — Homem atado ou de fraco expediente.
pechingado, adj. — Um pouco perturbado por bebida alcoólica.
pé-de-galinha, m. — Planta reptante, de folhagem palmada.
pedra, f. — *Pedra broeira*, grés amarelado e um pouco brando. *Pedra orgeira* (v. *orgeira*).
pedreira, f. — Protecção, empenhos: *o pretendente espera um despacho favorável, porque tem boas pedreiras.*
pedrejar, v. i. — Exercer o ofício de pedreiro ou alvenel. (Usa-se apenas no inf. impess., do mesmo modo que *carpintejar*, *sapatear*, etc.).
peido-de-lobo, m. — Tortulho malcheiroso.
peixe, m. — Môça vistosa e garrida.
pele, f. — Barrigada: *uma pele de cerejas.*
peneiro, m. — Máscara de colmeeiro.
peniscar, v. i. — Comer pouco, sem apetite; debicar.
penisqueiro, adj. — Que penisca, que come pouco.
pequenichinho, adj. — Pequenino; ou, talvez, muito pequenino. Sendo assim, *pequeno*, *pequenino* e *pequenichinho* designam três graus de pequenez.
pequenininho, adj. — O mesmo que *pequenichinho.*
pequerruchinho, adj. — O mesmo que *pequenichinho.*
perdão, m. — *Dar o perdão a* (um mendigo), desculpar-se de o não socorrer, empregando, para isso, alguma das fórmulas usuais; v. g.: *perdoe, irmão; hoje não pode ser.*
perdiz, f. — *Fam.* — Perda, prejuízo.
permudar, v. t. — Espaçar, transferir: *a festa foi permudada para o domingo seguinte.*
pessoa, f. — *Uma pessoa* emprega-se às vezes por *qualquer pessoa*, *a gente* (dando-se a esta última expressão um sentido lato): *uma pessoa deve ser previdente; — o tal aviso é para se uma pessoa acautelar.*

pexim, m. — Indivíduo natural da Nazaré: *pelo falar, estes homens parecem-me pexins.*

pia, f. — Freguesia, paróquia: *a pia dá êste ano muitos recrutas; — Portugal tem quatro mil pias. Filho da pia*, natural duma determinada paróquia.

pião, m. — Cavidade natural ou artificial, aberta em rocha.

pial, m. — O mesmo que *poial.*

pica, f. — Pênis.

picadela, f. — Picada. (*Picadela [pica d'ela]*, dizem-na alguns expressão obscena).

pilada, f. — Conjunto de rolheiros para um calcadoiro. Quantidade de azeitona para uma moedura.

pilado, m. — Milho estraçoado e cozido.

pilha, f. — Comida muito salgada: *esta sardidha é uma pilha [de sal].*

pinar, v. i. — Estar visìvelmente alegre; folgar: *as crianças a quem dei tangerinas ficaram pinando.*

píncaro, m. — Pedúnculo de figo.

pingalhado, adj. — Pechingado.

pingalhão, m. — Grande pingo: *o céu toldou-se, e caíram alguns pingalhões.*

pintar, v. t. — Excluir alguém da participação dum brinde ou dádiva colectiva: *o patrão, quando oferece cigarros aos serviçais, pinta sempre o Manuel.*

piôa, f. — O mesmo que *pitorra.*

pipo, m. — A parte superior da cana de milho, com sua bandeira. Gaitinha monótona, ou ronca, feita dum pedaço de colmo verde, ou de caniço, fechado num dos extremos e lateralmente fendido, a modo de palheta.

pisão, m. — Obreiro pouco expedito.

pisoar, v. i. — Trabalhar com lentidão.

pitada, f. — Remoque.

pitio, m. — O mesmo que *pírtigo* (a peça mais curta do mangual).

platéia, f. — Galhofa.

pois, conj. — Quando insulada, essa partícula denota, em frases dialogais, afirmação ou assentimento: — «*Sempre vais à toirada?*» — «*Pois*» [não havia de ir]?! — «*O garoto fêz o mal e a caramunha*». — «*Pois*» [é verdade]!

porca, f. — Mulher impudica.

porca-sara, f. — Bicho de conta.

portinhola, f. — Cada uma das peças que limitam, anterior e

posteriormente, a caixa formada pelos taipais dum carro de bois.

pôrto, m. — Abertura na vedação duma propriedade.

postilhão, m. — Estafermo, basbaque.

pouparela, f. — Lírio roxo, espontâneo na zona oriental da freguesia de Turquel.

praina, f. — Planície.

prantar, v. t. — Pôr, colocar: *prantar o chapéu na cabeça.* (O verbo *pôr* é parcimoniosamente usado pelos aldeões, que lhe preferem *prantar* ou *pantar*. «*Quem põe é a galinha*», dizem alguns).

prau, m. — Emprega-se na expressão *a prau*, a par: *andar a prau* (com alguém); *correr a prau.*

preferências, f. pl. — Altercações.

primavera, f. — O espadice do jero ou jarro, suposto indício de futuras colheitas. Circunstância em que os camponeses se fundam, ao prognosticar abundância ou escassez de produtos agrícolas: *a ameixa é a primavera da azeitona.*

prossetas, f. pl. — Dichotes, facécias.

prumageira ou **prumagem,** f. — Macieira procedente de semente, e cujos frutos, em regra, são travosos.

pulicar, v. i. — Dar, repetidamente, pequenos pulos.

punhado, m. — O que se contém na concha formada pelas duas mãos, unidas lado a lado.

pútega, f. — Planta parasita que procede da raiz duma espécie de sargaço, e produz uma substância mucilaginosa e comestível.

puxada, f. — Subida em que os animais que tiram um carro têm de empregar grande esfôrço.

Q

quanto, adj. — *Pron. indef.* — Denota grande soma indeterminada: *eu não vendia esta casa nem por quanto!*

quarta, f. — Vasilha de barro, para água, de capacidade pròximamente igual à dum almude.

quartão, m. — Vasilha de barro, menor que a quarta e maior que a bilha.

quarteiro, m. — O indivíduo que cobrava os quartos e demais foros que os agricultores dos Coutos de Alcobaça pagavam aos bernardos.

quartel, m. — Cada uma das refeições diárias: *só bebo vinho aos quartéis.*
quebrada, f. — Desmoronamento de terra.
queimar, v. t. — Destilar: *queimar vinho; queimar medronhos* [fermentados].
queimar-se, v. p. — Sentir-se, melindrar-se, quando se é atingido por uma alusão mais ou menos satírica.
quinau, m. — Tento: *preguntas se o correio já passou? não dei quinau. Dar quinau,* dar fé, ter notícia.
quinim, quinim! ou **quinino, quinino!,** interj. — Vozes com que se chamam suínos, e que se alternam com *tiá, tiá!,* e às vezes com *goche, goche!* Na região serrana empregam também *u! u!* para chamar porcos que andam vagueando.
quitó, m. — Indivíduo de muito pequena estatura.

R

rabano ou **rabichano,** adj. — Que tem o rabo curto, ou cortado.
rabichudo, adj. — Teimoso; turbulento.
rabinostre, m. — Rabo, nádegas. (O mesmo que *rabioste),*
rabo-de-asno, m. — Planta aquática. (O mesmo que *erva-pinheira).*
rabo-de-leão, m. — Uma das formas que os empadores dão às varas da videira.
raigoto *(gô),* m. — Raiz mestra ou espigão de planta herbácea, ou de planta lenhosa ainda pouco desenvolvida.
ralassa, m. — Sujeito remisso e indolente.
rama, f. — A espuma do vinho: *êste vinho tem bonita rama.*
ramalheiro, m. — Grande ramalho.
rapar, v. t. — *Chul.* — Tomar preste e arrebatadamente: *rapa duma pedra e atira-lha à cabeça.*
rapa-terrão, m. — Passagem impetuosa dum corpo, rés duma superfície: *a prancha, ao cair, passou de rapa-terrão pelas costas dum operário; a rasoira passou de rapa-terrão pelo bôrdo do alqueire.*
rapinhar, v. t. — Separar do linho a baganha. Colher azeitona, ripando-a na árvore com os dedos.
rapinho, m. — Utensílio para rapinhar o linho.
rapoilas, f. pl. — *Fam.* — Rapaduras.
raposeiro, m. — Nevoeiro matinal.

rascada, f. — Repreensão.
rasgo ou **resgo**, m. — *Constr.* — Ângulo diedro, mais ou menos obtuso, que, num vão de porta ou janela, é formado pela incidência dos planos que limitam êsse vão e a face reversa da parede. (Cf. *aboamento)*.
rastão, m. — *Vitic.* — Vara muito longa que se estende no chão e procede duma videira luxuriante que se quer enfraquecer, para a tornar mais produtiva.
ratada, f. — O mesmo que *ratonice*.
rato, m. — Defeito mais ou menos oculto.
rebate, m. — Rebato, soleira de porta. Em construções antigas, ressalto do liminar, onde a porta encosta quando se fecha.
rebimba, f. — O mesmo que *birra, teima*.
rebôlo, m. — Azeitona acidentalmente redonda e muito miúda: *as oliveiras, êste ano, o que mais têm é rebôlo*.
rechega, f. — Redra dos milharais, amota.
rechegar, v. t. — Redrar os milharais.
refiar, v. t. — Dividir em fôlhas uma prancha ou tabuão.
refôgo, m. — O mesmo que *refogado*.
regadeira, f. — Sulco para condução de água de rega, nas hortas.
regalheira, f. — Usa-se na expressão *andar à regalheira*, passar vida ociosa e regalada.
regalito, m. — Propriedadezinha para recreio.
regresso, m. — Recreio, distracção.
reguengona, adj. — Reguenga azeda: *maçã reguengona*.
relambório, adj. — Adoentado, combalido.
releixo, m. — Toque de sinos, por defuntos; dobre funeral.
remanecer, v. i. — Ressumar: *porque foi mal construido, o tanque remanece*.
remédio, m. — Produtos agrícolas de primeira necessidade; abundância de alguns dêles: *êste ano há muito remédio; um remédio de trigo, um remédio de azeite*.
remelicar, v. i. — O mesmo que *remenicar*.
rengo-rengo, m. — Sucessão de movimentos pausados: *o operário não passa nunca daquele rengo-rengo*.
rentão, adj. — Rebelão.
reprainar, v. t. — Terraplenar.
rés-com-junteira, loc. adv. — À justa.
resgana, f. — Rasgão.
resgo, m. — (V. *rasgo)*.

restolhado, adj. — Coberto, como que atapetado: *no olival, em virtude das últimas ventanias, o chão está restolhado de azeitona.*
revender, v. t. — Vender por preços excessivos.
reveria, f. — Referência, homenagem: *a banda tocou o hino nacional à reveria de Sua Ex.ª*.
revoada, f. — *Às revoadas*, a espaços, de quando em quando.
rezandeiro, m. — Que reza muito, talvez inconscientemente.
rezento, adj. — Mal sêco, mal sazonado: *madeira rezenta; figos rezentos.*
riba, f. — Emprega-se em vez de *cima*, em várias locuções: *em riba, para riba (pa'riba*, diz o vulgo), *ainda em riba!*, etc.
ribaldar, v. i. — Vadiar. Mandriar.
ribaldeira, f. — Ribaldaria, vadiagem: *andar à ribaldeira.*
riscar, v. i. — Dar ordens, um pouco autoritàriamente. Delinear os primeiros passos do fandango.
risota, adj. — Diz-se da mulher bem humorada e que ri freqüentemente. (A forma masculina *[risôto]* é pouco usada).
roaz, adj. — Que tem sempre bom apetite.
roçana, f. — Foice roçadoira.
roda, f. — Distribuïção de alguma coisa aos circunstantes: *dar uma roda de vinho.*
rojeiro, m. — Vestígio que fica na terra ao transportar, arrastando-o, algum objecto volumoso.
romana, adj. — Diz-se da crista de algumas galinhas, grossa e denticulada.
rô-rô, m. — Jôgo das escondidas. Evasiva; conluio: *parece isto jôgo de rô-rô.*
rosa-de-Santa-Bárbara, f. — Planta cactácea.
rosca-mansa, f. — Doença que ataca os cães.
roupeiro, m. — Pegureiro; pastor de ovelhas.
roupinhas, f. pl. — Antiga peça do vestuário feminil, que consistia num corpete muito justo, apertado na cinta, e com ampla abertura sôbre o peito, que um lenço recatava.

S

sachadoiro, adj. — Que requere sacha: *milho sachadoiro.*
sagaz, adj. — Reservado, capaz de guardar segrêdo.
salgadiço, adj. — Salitroso: *parede salgadiça.*
salgueira, f. — O mesmo que *salgueiro.*

salha, f. (?) — *Andar à salha com alguém*, tomar alguém de ponta, andar com alguém entre dentes.

saltadoiro, m. — Lugar em que um muro de vedação pode fàcilmente transpor-se.

salvar, v. t. — Despedir um projéctil que transmonte algum objecto elevado: *o garoto salvou o carvalho com uma pedra*.

sama, f. — O mesmo que *caruma*. O mesmo que *joina*.

samarrão, m. — Homem gordo e atarracado.

santíssimo, adj. — Significa estranheza e protesto, em frases como esta: *não fizeram mais que bisbilhotar em todo o santíssimo dia!*

sapatear, v. i. — Exercêr o ofício de sapateiro.

sapateiras, adj. pl. — Diz-se das azeitonas velhas de salmoira, já um tanto chocas.

sapejar, v. t. — Enxotar (gatos).

sarapantum, m. — Coisa sarapintada (o mesmo que *sarapantão*).

sardana ou **sardanica**, f. — O mesmo que *lagartixa*.

sarnento, m. — Planta herbácea.

sarnícola, m. — Homem impertinente e rabujento.

sarnir, v. i. — Rabujar, serrazinar.

saro, adj. — De cabelo arruivado, ou pigarço. Com a primeira significação apenas se usa hoje no rifão: *homem ruivo, porco saro, nunca dêle bom bocado*; e com a segunda, só nas expressões: *porca-sara* (bicho de conta) e *cabra-sara* (a que tem as orelhas e o focinho grisalhos).

sedeira, f. — Rodela de palha que, na lareira, serve de acento a tachos, frigideiras, etc.

segunda, f. — Farinha de trigo feita com a mó segundeira: *pão de segunda*.

segundeira, adj. — Diz-se da mó para milho e cevada: *o moinho tem mó alveira e mó segundeira*.

seixo, m. — Ovo de pássaro.

selão, m. — Terra forte, muito argilosa (o mesmo que *solão*).

senhor, m. — *Adj.* — *Fam.* — Grande: *um senhor nariz; uma senhora bebedeira*.

sentar-se, v. p. — *Agric.* — Suspender o crescimento: *com o grande frio dêste mês, os trigos sentaram-se*.

sequilhos, m. pl. — Fruta sêca.

serenar, v. i. — O mesmo que *seroar*.

serrafar, v. i. — Roçar, serralhar: *os livros chegaram com as*

capas um pouco deterioradas, porque vieram a serrafar no caixote.

serralhento, adj. — Áspero e lactescente, como a serralha: *alfaces serralhentas.*

serredo *(rê)*, m. — Fraguedo; penedia.

servo, m. — Jornaleiro agrícola.

sê-sê, interj. — Vozes às quais uma galinha, agachando-se, se deixa tomar por quem a trata.

sete-coiros, m. — Verme felpudo.

sevilhano, m. — Fandango para guitarra, na afinação do fado corrido.

síria, f. — Animação, vivacidade: *o doente melhorou; mas, coitado! não tem síria nenhuma.*

sobreira, f. — Grande sobreiro.

solima, f. — Fleuma, isto é (Moraes, *Dicc.*, 1.ª ed.), «a parte aquosa e insípida que a destillação separa dos corpos».

solinhar, v. t. — O mesmo que *solapar.*

sorriscar, v. t. — Salpicar, esparrinhar.

sorrisco, m. — Gota; salpico.

sss!, interj. — Usa-se para que os gatos fujam ou se desviem. Emite-se igual som, alternando-o com *eia!*, para incitar ou animar os bois no trabalho.

sssta!, interj. — Assim como *sss!*, usa-se para esfugantar gatos.

stòquilé, m. — Magrizela.

suíça, f. — Cortejo noturno que em tempo se fazia em Évora (Alcobaça), na véspera do dia de Sant'Iago Maior.

sumário, m. — Descomponenda: *fez-lhe lá um sumário!...*

supormos, v. substantivado. — Suposição: *isto que eu agora digo é um supormos.*

surriar, v. t. — Fazer surriada: *porque não se atreveu a montar a égua, todos o surriaram.*

surribar, v. t. — Romper a terra a bastante profundidade; mantear, desbravar.

surroda, f. — Sulco aberto pela roda dum veículo.

T

taipal, m. — Cada um dos anteparos de madeira que se colocam verticalmente sôbre os chazeiros dum carro de bois, e formam, com as portinholas, uma caixa rectangular.

taipaleira, f. — Tábua de 2 centímetros de grossura.

talas, f. pl. — Espécie de tenaz de madeira, para uso de sapateiros.

talefre, m. — *Pop.* — Marco geodésico.

taleigo, m. — Saquitel de grão que o pequeno cultivador expõe à venda na praça, em dias de mercado.

talento, m. — Fôrça muscular; alento, esfôrço.

tanas, f. pl. — Mentiras, embustes?: *parecem-te verdadeiros êsses boatos? São umas tanas!*

tangalho, m. — Raminho (o mesmo que *tanganho).*

tapar-se, v. p. — Calar-se, por mêdo ou receio.

tarear, v. t. — Avaliar, por aproximação, pesos ou medidas; arratelar.

tascanada, f. — Repreensão um pouco satírica.

teeira, f. — Teia de aranha.

têlha, f. — *Têlha de canudo,* tèlha vulgar, de forma côncavò-convexa.

telhado, m. — *Telhado amoiriscado,* aquele em que os respectivos canais são cobertos por pedaços de têlha, assentes em argamassa.

têlho, m. — Pedaço de têlha.

temer-se, v. p. — Temer: *aquele boi atira* (marra); *o abegão teme-se dêle* (teme-o).

tendedeira, f. — Tigela em que se tende o pão que vai a cozer.

tendeiro, m. — Fanqueiro ambulante.

terrantês, adj. — Animoso e resistente.

terreiro, m. — Espaço limitado por uma roda de espectadores e reservado para bailaricos.

têso, m. — Ponto de apoio duma alavanca interfixa.

tesoira ou **bicha-tesoira,** f, — Bicha-cadela.

tèté, m. — *Inf.* — Ovo.

tiá! tiá!, interj. — Usa-se para chamar suínos (v. *quinim),* e também, anteposto ao nome dum boi, para o incitar a andar: *tiá, Galante!*

tição, m. — Diabo, pessoa ruím.

tieixx!, interj. — (V. *xó!).*

timbres, m. pl. — Birras, teimas de criança.

tinha, f. — Facto que tende a repetir-se, em detrimento de alguém: *como algumas vezes lhe dei, obsequiosamente, passagem pelo meu prédio, cuidou que era tinha.*

tinoca, f. — Tino, bom senso.

tio, m. — Amo. Era usado, e ainda hoje o é, um pouco, por criados adolescentes. Emprega-se também, às vezes, com

referência a uma pessoa idosa, ou mais considerada: *tio F.* em lugar de *senhor F.*

toiralho, m. — Estêrco de coelho.

toireira, f. — Usa-se na loc. adv. *à toireira*, precipitadamente, inconsideradamente.

tolitates, m. — Homem vaidoso e ridículo.

tomão, m. — O mesmo que *temão.*

tomar, v. t. — Jungir: *tomar os bois ao carro.*

tombadoiro, m. — Irregularidade que, num caminho ou estrada de rodagem, pode ocasionar a queda de veículos.

tonilho, m. — Dichote, facécia.

tontaça, m. — Sujeito algum tanto desequilibrado.

torga, f. — Espécie de urze.

tornadura, f. — O conjunto dos tornos duma grade de esterroar.

torneiro, adj. — Teimoso, renitente.

tôrno, m. — Comprimento igual ao da última falange do polegar: *a prancha tem de largura palmo e tôrno.*

torrôa, f. — Torrão pequeno.

torta, f. — *Vitic.* — Dobra que o empador faz, às vezes, na ponta da vara.

tôrto, adj. — Bravio, sanhudo (falando de pessoas).

tôsca-marrôsca!, Esconjuro ou imprecação contra bruxa, ou mulher de más artes.

tôtôtô, m. — Expressão onomatópica, referente a certos ímpetos de pessoas excitáveis: *F. tem, é verdade, aquele tôtôtô; mas, passados momentos, aquilo é como se nada fôra.*

trafagante, m. — Malandrim (o mesmo que *trafegante* ou *traficante).*

trainéis, m. pl. — Trastes usados e de pouco valor.

tralha, f. — Tralhoada, ferramentas ou utensílios de trabalho.

tranca, f. — Ramo ou braça de árvore.

tranco, m. — Tranca pequena.

trangoleirão, m. — Trangalhadanças.

trapazoilo, m. — Farrapo, rodilhão.

traseiro, adj. — Oposto a *deanteiro.* (V. êste têrmo).

travessenho, m. — *Constr.* — Pequena viga sôbre que assenta um dos lanços menores do pano da chaminé.

travíncula, f. — Travinca de cilha ou sobrecarga.

três-Marias, f. pl. — *Pop.* — As estrêlas que formam o cinto de Órion.

trevajão, m. — Variedade de trevo.

trévolas, f. pl. — Estrépito que, no fim de Laudes, se faz nas igrejas em que se celebram os ofícios de quarta, quinta e sexta-feira da Semana-Santa: *bater as trévolas*. (De *trévoas*? ou de *tréculas*?)

trilòlé, m. — Acêrto, conveniência; verosemelhança. Usa-se em frases como estas: *isso que dizes não tem trilòlé; coisas sem trilòlé*; etc.

trincho, m. — O mesmo que *cincho* para fazer queijos.

trinta-raízes, m. — *T. onom.* — Pássaro a que chamam também *trigueiró* (o mesmo que *trigueira* ou *trigueiro*).

tripa, f. — Grande irritabilidade: *o rapaz sempre tem uma tripa!...*

trísia, f. — Viga que, numa construção, se subpõe transversalmente a outras peças do emmadeiramento, para as reforçar.

tristécio, adj. — Alegre, bem disposto.

trôço, m. — Caule erecto, mais ou menos consistente, de planta herbácea: *um trôço de couve*.

trombão, m. — A haste da cebola. (Também se lhe chama *espigão*).

tromposo, adj. — Trôpego, achacado.

troncage. — Usa-se na expressão *à troncage*, sem cuidado, sem esmero: *há servos muito operosos, mas que fazem tudo à troncage*.

troncho, adj. — Atronchado, malfeito, desairoso.

tronga, f. — Mulher achamboada.

troularou, m. — Falador inconsiderado, paroleiro.

trovisca, f. — Planta dafnácea, o mesmo que *trovisca fêmea*.

trovisco, m. — Planta euforbiácea, o mesmo que *trovisco macho*.

trrr!, interj. — Sons imitativos de queda ou derrocada: *não podendo resistir ao abalo, a parede, — trrr!*

tuna, f. — Palavreado de tunantes: *aquilo sempre sabe tuna!...*

turdesca. — Usa-se na expressão *à turdesca*, atabalhoadamente.

tutar ou **atutar**, v. i. — *T. onom.*, *inf.* — Tirar sons dum canudo, embocando-o a modo de buzina.

txxx! ou **txxxta!**, interj. — Usa-se para desviar o cão, ou para o acalmar.

U

U, interj. — *Fam.* — Voz com que se corresponde a uma chamada: — «*Ó Maria*». — «*U*».
últimas, f. pl. — Secundinas.
urmado, adj. — Interiormente alterado (diz-se da madeira).

V

vaca, m. — Homem um pouco indolente, fracamente excitável: *ironias, motejos, tudo resignadamente suportou, porque é um vaca.*
valigoto *(gô)*, m. — Valezinho.
vareiro, adj. — Alto e delgado.
varejar, v. t. — *V. i.* — Oscilar, vergar: *ninguém ousou trepar ao mastro, que varejava muito.*
varzedo *(zê)*, m. — Continuidade de várzeas, vargedo.
vasilha, f. — *Má vasilha,* mau homem.
vazar-se, v. p. — Expelir ventosidades anais.
velga, f. — Tira de terra falha de semente, ou de novidade. Belga.
velhas, f. pl. — Faúlhas.
vê-lo hemos, dicção substantivada. — Desejo, aspiração; projecto: *isso ainda está em vê-lo hemos.*
veníssimos, m. pl. — Tempos passados: *há que veníssimos isso lá vai!*
verde, m. — *Agric.* — Intervalo de dois sulcos paralelos, ou de duas linhas de plantas herbáceas.
verdeiro, m. — Milheiral que se semeia basto e se corta ainda verde, para forragem.
verdum, m. — Gôsto acídulo, tal como o de vinho feito com uvas mal sazonadas.
vereno, adj. — Defeituosamente brando; que não atingiu a natural consistência: *estas canas não prestam; são verenas.*
vergoz, m. — Grande verga, própria para fustigação.
vigília, f. — Distribuïção de merendeiras feita numa igreja ou capela, e em honra dum santo.
virote, m. — Pessoa remexida e pouco circunspecta.
vòsónia, f. — A mulher que, na procissão do Entêrro, em Sexta-feira Santa, leva a Verónica e vai cantando: *O vos omnes...*

X

xaboco *(bô)*, m. — Cova, contendo água lodacenta, ou pouco limpa.

xó!, interj. — Emprega-se para acalmar ou fazer parar cavalgaduras. Quando fogem, e vão já a certa distância, preferem-lhe estas vozes: *tieixx! torna-aqui-eixx!*

xô!, e também **xô-xxx!**, interj. — Usam-se para enxotar galináceos.

xxx, interj. — Usa-se para enxotar quaisquer aves. Dando-lhe uma inflexão exclamativa, exprime surpreza.

Z

zagalote, m. — Rapaz alto e delgado.

zambujana, adj. — Diz-se da oliveira enxertada sôbre zambujo.

zangarilho, m. — Pau retorcido, ensarilhado. Criança muito buliçosa.

zaranza, adj. — Bêbedo.

zarolho *(rô)*, adj. — Pechingado.

zé-bode, m. — O mesmo que *zé-godes* e *jagodes*.

zêta! ou **zzzta!**, interj. — Designa o acto de quem abala ràpidamente.

zôa, f. — Brinquedo que consta duma tabuínha prêsa por um cordel, e que se faz girar com rapidez, produzindo grande zoada.

zombar, v. i. — *Zombar duma mulher*, seduzi-la.

zumba!, interj. — Som imitativo duma paulada.

II

Frases; modismos; expressões pitorescas

Abastança. — V. *riqueza*.

Abundância; excesso. — Na serra, as perdizes são agora mais que joina, mais que borraça. O nosso pomar está à verga; anda por lá a fruta aos pontapés. Azeitona, êste ano, é por uma pá velha. || No lugarejo há vendas em demasia; aquilo é a cada canto sprito santo. Tabernas, então, são mais

que praga. São muitos piolhos para uma cabeça. Não pode a cadela com tanto cachorro.

Acanhamento. — V. *vergonha.*

Aclaração, franqueza. — Tire lá isso do buxo; isto não são nabos em saco. Ponha-se tudo em pratos limpos. Saiba-se a lei em que havemos de viver. Ao outro já eu o disse na cara dêle; não lho mandei dizer por ninguém. Não fui metido em nenhum saco.

Actividade, diligência. — Àquele não lhe morre o trabalho nas mãos. Aquilo é sempre toca que toca; anda, mão, fia, dedo; pica, Pedro, pica, Paulo. Nunca está de braços cruzados, nunca põe a mão debaixo do braço. Trabalha como um moiro, como um negro. É um escravo. Anda sempre num corrupio. Anda ali tudo no ar, no pó do gato, numa poeira, numa roda viva, numa dobadoira, num sarilho, num badanal. (V. *agilidade).*

Adjutório, protecção. — Êsse homem vive à sombra de F.; F. é o seu braço direito. Tem as costas quentes. Êle até devia beijar o chão em que o outro põe os pés. (V. *empenhos).*

Admiração, estranheza. — Eia, com Deus! Com Deus e Santa Maria! Com Sant'-Antónío! Com San-Pedro! Ficou tudo de bôca aberta! Em nome do Padre! Aquele diabo tem oca, tem cabeça de víbora. Tem varinha de condão. Tem parte *(ou* pacto?) com o demo. Eu benzi-me. Benzi-me três vezes. Ora o diabo é tendeiro! (V. *exclamações).*

Afirmação. — Quando eu disser que o burro é pardo, olhem-lhe para o cabelo. Se eu vi? lá isso é que eu vi. Vi-o com estes olhos. Vi-o com estes que a terra há-de comer. Sou eu que to digo. Sei-o de raíz. Tam certo como eu ser José, como eu dizê-lo, como eu estar aqui. (V. *juras).*

Agilidade, desembaraço. — Faz tudo pelo ar, em quanto o demo esfrega um olho, num ai, num pronto, num assôpro, num abrir e fechar de olhos. Aquilo é dito e feito. Não está lá — ó tio, ó tio, deite para cá o batel. (V. *actividade).*

Agradecimento *(fórmulas gratulatórias).* — Seja esta a primeira esmola que ache no céu. Deus lhe dê muito que dar. Lá o achará. Deus lho aceite por esmola. Deus lhe acrescente o que fica. Deus lhe acrescente os bens e a saúde. Deus lhe dê tanta saúde como eu para mim desejo. Tantos anjos o acompanhem como de esmolas me tem dado. Seja pelo divino amor de Deus. Seja pelas almas das suas obrigações.

Agricultura. — As fazendas, o ano passado, pouco deram; faltou-lhes o sangue (1). (Água, nestes sítios, só em quanto mija a rã). O trigo, semearam-no à noite (2). Com êste frio, agora, as novidades assentaram-se (3). Estão aterradas (4). O soão chasca tudo. As terras parecem umas calçadas. É preciso cavá-las a dois golpes; rompê-las a três ferros. Fazendas são «fazendo-as». ‖ As árvores [de fruta] estão como lençóis (5). As oliveiras parecem chorões. ‖ Foi uma bênção de Deus, aquela chuva; foi um oiro. Com êste sol, agora, as novidades pulam. Parece que se vêem fugir à terra. Está ralo, o trigo? mas basto, só no celeiro.

Alegria, satisfação. — Onde êle está é uma casa cheia. Não cabe em si, não cabe na pele. Pula de contente. Agora cresceu êle um palmo (6). Ficou maior que Santarém. Até os olhos se lhe riem. Anda mais contente que um cão com um trambôlho (7). Anda mais contente que um gato com um chocalho (8). Adivinha ventos. Esfrega as mãos. Bate palmas. Dá vivas à Cristina. Ri-se como um perdido. Engorda a rir. Está como o peixe na água. Sempre muita festa para a festa, sempre muito contente da sua vida. O demo leve cuidados. (V. *êxito)*.

Aliciação. — Aquilo é negócio de mão pendente. Meteram-se por portas travessas. Untaram-lhe as mãos. Deram-lhe mel pelos beiços. Era torneiro, mas agora está como veludo. Está de cera. (V. *empenhos)*.

Alusões e referências. — O tal menînó, vi-o hoje na loja do Abel, seu pai; — el-rei tem costas *(ou*: outro dia será *senhor)*. Falava êle com seu avô, o Brito, que assim se fala na ausência. E então toquei-lhe na amora, toquei-lhe na ferida. Como êle gosta de talhar carapuças... Lá diz o outro: «chama-lho, antes que to chamem».

Ambição, egoismo. — Quer abarcar o céu com as mãos.

---

(1) «A água é o sangue da terra».

(2) Tardiamente, já um pouco fora da quadra.

(3) Suspenderam a crescença.

(4) V. *aterrado*, no cap. I.

(5) Alvejam, cobertas de flores.

(6) Em virtude de alguma ocorrência agradável.

(7) Expressão antitética.

(8) Idem.

Tem mêdo que lhe fuja o mundo. Tem mêdo que lhe falte a terra (e pouca o há-de fartar!). Não se afoga em pouca água. Quer um no papo e outro no saco. Não sabe senão o «venha a nós». Por dinheiro é como o diabo por almas. Não dá ponto sem nó. Não vai ao mato sem corda (1). Não balha sem castanholas. Não faz carreira a cego. Quer Deus para si e o diabo para os mais. (V. *avareza*).

Ameaças. — «Ólha que te derreto! Espera, que eu te convido! Só uma mão de ferro!» Bateu-lhe o pé. Arregalou-lhe os olhos. Arreganhou-lhe a dentuça. Jurou-lhe pela pele. «Eu te farei a cama. Hás-de pagar as favas. Deixa que as não perdes». Assim o quer, assim o tenha. (V. *perigo*).

Amizade, familiaridade. — Tratam-se tu cá, tu lá. Vivem debaixo das mesmas tèlhas. São como a unha com a carne. São como irmãos. (V. *concórdia*).

Amor, ternura, dedicação. — Trazem aquilo nas palmas. Trazem-no em panos quentes. Andam com êle mão por baixo mão por cima. Aquilo é «bôca, que queres? coração, que desejas?» Em êle dizendo *ai*, tudo acode. Querem-lhe como às meninas dos seus olhos. Querem-lhe como ao ver. Bebem-no num púcaro de água. É o seu «Sant'-Antoninho, onde te porei?»; é o seu ai-Jesus. Só falta trazerem-no ao colo. São capazes de tirar o comer da bôca para lho dar.

Andar, correr, fugir. — «Eu vou num rufo. Vou num pé e venho noutro. Estou aqui, estou lá». Pegou em si e abalou. Anda que desanda. Leva-se como o vento. Não lhe pesam os pés uma onça. Vai de ordens. Vai em passo de cão. Vai a vapor. Parece que tem olhos nos pés (2). Parece que voa. É como o pensamento. || O malandrim, não o percam de ôlho. Mas quero-o; que é dêle?! Deu-lhe a môsca. Mandou-se mudar. Deu à sola, ao chinelo, às trancas, aos calcanhares. Pôs-se na aragem, na alheta, na perna, na pireza. Atou as cardas. Meteu os machinhos à estrada. Fugiu a sete pés. Fugia que desaparecia. Fugia como uma lebre. Fugia como o diabo da cruz. Ia nas horas de estalar. Ia como um foguete. Não lhe esquecia nada atrás. «Pernas, para que te quero?» Até se desunhava. «Adeus; por aqui me sirvo!» Apanhou umas calças!... Onde irá êle agora, se bem andar: Quem anda, anda

---

(1) Para poder enfeixar bastante lenha.

(2) Diz-se de quem anda de noite sem impecilhos.

muito. Pôs-se no quartel da saúde. Agora assobiem-lhe às botas. Viram-no? também eu não. Viram-no por um óculo. Foi como o corvo (1). Ninguém aqui lhe pôs mais a vista em cima. Meteu-se no c... de Judas. Por fim, foi dar consigo à cidade; foi malhar com os ossos numa cadeia.

Aparências, exterioridades. — Êsse homem, ninguém o veja que diga quem ali está. Mostra azeite e vende vinagre. Quem o não conhecer que o compre (2). O outro, tem cara de poucos amigos. Parece que tem morte de homem. Tem mau ôlho. É como o boi que marra. É de más ventas. Não tem boa cara para santo. (V. *fingimento, vestuário)*.

Apaziguamento. — «Não lhe toques, que terás de o pagar por bom, e êle não presta. Deixa êsse diabo tentador. O que tiver mais vergonha, cale-se». Em-fim, lá deitaram água na fervura. Ficaram amigos como de antes. Até já beberam o vinho (3).

Apodos comuns. — Amor sem olhos (parvoide; sujeito de olhos pequenos e mortiços). Barca de passagem (passa-novas). Bôca aberta (basbaque). Bôca de fava (pateta de riso alvar). Brinco de cantareira (môça muito solícita em se enfeitar). Cabeça de atum, cabeça de burro (estúpido; insensato). Cabeça de vento (doidivanas). Campainha da Misericórdia (linguareiro). Cara de escárneo (descarado). Cavalo de estado (sujeito bem alimentado, sadio e robusto, mas ocioso). Cesto roto (passa-novas). Cheira-bufas (pessoa metediça). Doutor da mula ruça (médico insciente; curandeiro). Doutor de tripeça (palrador sentencioso; sapateiro). Espanta-lobos (estrabouxa). Estraga-albardas (pessoa que rompe muito fato). Filha da mãe (eufemismo, por Filha de p...). Filha da p... (4) (indivíduo esperto; tratante). Fura vidas (homem activo e ganancioso). Gata brava (mulher de génio desabrido). Jan-Ninguém (homem de corpo exíguo). Mal lavado (homem assomado e de maus fígados). Maltês da roupa atada (farroupilha). Manel Bolas (estafermo). Mãos de aranha (homem imbele). Mãos largas (pessoa liberal). Mãos rotas (perdulário). Maria dos bons pés

---

(1) Referência ao corvo da arca de Noé.

(2) Alusão a um conto popular.

(3) Para firmar as pazes; é isso praxe entre componeses.

(4) Esta expressão emprega-se igualmente com referência a indivíduos do sexo masculino: *aquele filha da p...!*

(pessoa em extremo complacente). Monte de esterco (pessoa imunda e desastrada). Môsca atordoada (songa-monga). Não te rales (mandrião). Nariz franzido, *ou* torcido (pessoa que afecta habitualmente um ar desdenhoso). Ovelha ranhosa (pessoa que se extrema entre muitas por seu mau procedimento). Panal de palha (nagalhé). Paninho de armar (pessoa franzina). Pão sem sal (pessoa desenxabida). Papa açorda (bolónio). Pássaro de arribação (vagabundo). Paz de alma (homem naturalmente brando e paciente). Pé de rôdo (homem de andar tardonho e arrastado). Peido florido (badameco muito arrebicado e pretencioso). Pouca roupa (maltrapilho). Procurador da boa vida (madraceirão). Rompe cilhas (o mesmo que Estraga albardas). Saco de misturadas (mulher desairosamente cinturada). Treme terras (farronca). Unhas de fome (sovina). Viola sem cordas (pessoa falha de ponderação). (V. *circunlóquios, comparações, símiles).*

Aptidão, capacidade. — Isso faz êle a cantar. Faz isso aos olhos fechados. Faz isso com uma perna às costas. Faz com as mãos tudo que vê com os olhos. É pau para tôda a obra. É pau para tôda a colher. || Tem muito boas mãos, aquela môça; tem dedo. Tem dedos de habilidosa (1).

Arrebatamento. — (V. *cólera).*

Arrependimento. — O homem batia lá com as mãos na cabeça. Todo se arrepelava. Torceu a orelha. Torceu a orelha e não deitou sangue. Mandou ao diabo a cardada. Muito lhe aturei eu, por mal de meus pecados. Aquilo era um demónio (Nosso Senhor me perdoe). Era o vivo demónio (Deus me perdoe se eu mal falo). (V. *reconsideração).*

Arteirice, astúcia. — Anda meio mundo para enganar o outro meio. O sujeito vinha com a orelha acachada. Vinha com pés de lã. Trazia-a fisgada. Queria tirar a sardinha com a mão do gato. Aquilo é um menino! é um melro! é uma rôlha! Ninguém lhe chega ao fundo da manha. Faz as coisas por detrás da cortina. Leva de longe a água ao seu moínho. Às vezes mete uma verde entre duas maduras. Até faz do ladrão fiel. Aquilo é deitar barro à parede. Aquilo leva sempre água no bico. Depois, se calha, faz o mal e a caramunha. O outro, enfia-o êle pelo fundo duma agulha. É capaz de lhe meter Lisboa pelos olhos. Sabe-a tôda. (V. *experiência, sondagem).*

---

(1) Compridos e afusados.

Aspereza, rispidez; taciturnidade. — É preciso tirar-lhe as falas do bucho. Custam-lhe as palavras dinheiro. O que diz é à má cara. Fala com sete pedras na mão. Anda sempre com cara de réu. Nunca mostra os dentes. Faz a sua pela calada. (V. *maldade).*

Assentimnto. — (V. *aquiescência).*

Astúcia. — (V. *arteirice).*

Atavismo. — (V. *hereditariedade).*

Atrapalhação. — Metia lá os pés pelas mãos. Misturava alhos com bugalhos. Não dava uma nem duas. Não dizia coisa com coisa. Andava às aranhas. Nem já sabia de que terra era. Fez-se de mil côres. Nunca se vira naqueles assados. (V. *disputa).*

Audácia. — (V. *resolução).*

Autoridade. — Está como o galo no poleiro. Está de cavalo. Faz o que quere o sobeja-lhe tempo. Tem a faca e o queijo na mão. Êle é que dá os dias santos. Quem pode, pode.

Avareza, tacanhice. — Naquela casa, o pão é por onças; a água por medida. É preciso, ali, apertar o cós das calças. F. corta as unhas muito rente. Apêrta muito os cordões à bôlsa. É escravo do que tem. Não dá peido que cheire. Não sabe o jôgo dos dados. Nunca lhe vi as cruzes ao dinheiro. É como o feto; nasceu com a mão fechada. (V. *ambição).*

Aversão. — (V. *quisilia).*

Bagatelas. — Isso não vale dez reis de mel coado. Não vale dez reis de coisa nenhuma. Não vale dois caracóis. Não vale um fósforo, um cigarro, uma pitada de tabaco. Espremido, não deita nada.

Bebedice. — Mata o bicho logo que se levanta. Agora tem êle já um grão na asa. Tem já os olhos piscos. Anda já quente da orelha. Já tem dois dedos de verniz. Está entre as dez e as onze. Está como um dez. Traz o carro carregado. É pouca a rua para êle. Que senhora êle traz! Que raposa! Que perua! Vá cozê-la! Agora está de vinha de alhos. Beba vinho, não beba o siso. A culpa é do rei David (da vide). Quando chega à taverna, ou o vinho ou êle. Bebe muito bem os caldos. Vinho, para êle, é correr-lhe por uma têlha. E mais sabe-lhe a cobre (1). Mas nunca lhe faz cara. Não lhe olha ao cabelo. Abre-

(1) Custa-lhe dinheiro.

-lhe as calhas. Um mosquito... um bagulho... tudo é cabelo do mesmo odre. Perdoa-lhe o mal que lhe faz pelo bem que lhe sabe.

Bênçãos *(fórmulas impetratórias).* — Benza-te Deus. Benza-te Deus; bons olhos te vejam. Deus te fade bem. Deus te abençoe. Deus te faça um santo. Abençoado sejas de Deus e da Virgem Maria.

Bondade, benignidade. — Por ali não vem o mal ao mundo. É um coração de pomba. É um coração lavado. É trigo sem joio. Não há ali que deitar fora. É uma pérola. É uma cara de riso para todos. Mete a gente no coração. É a bondade em pessoa. É a bondade do mundo. Conversa com uma criança. Não faz mal a uma môsca. Não gosta de fazer sangue. Aquele vai para o Céu vestido e calçado. Tem já uma cadeira no Céu. Podem correr o mundo à roda com uma candeia acesa [que não acham outro]. (V. *louvor).*

Camaradagem. — Olhem que par de França! Que par de botas! Juntou-se a fome com a vontade de comer. Lá vão agora os três da vida airada. Deus os fêz, o diabo os ajuntou. Êles chegam-se uns para os outros. Lêem pela mesma cartilha. Qual é o pior? venha o diabo à escolha.

Carinho, mimaça. — (V. *amor).*

Castigo. — Como é refilão, o outro assentou-lhe a espada; nunca as mãos lhe doam. E também já foi castigado pela língua (1). Tem feito muitas; agora é que lhe doe a cabeça. Chegaram-lhe as dores de barriga. Num tempo se fazem e noutro se pagam.

Casualidade. — Foi bem sucedido? estava o diabo atrás da porta (2). Porque é de cento, um. É um cego achar um vintém. Veio-lhe aquilo do Céu aos trambolhões.

Cautela. — Não mexam no santo que se borra a pintura. É preciso andar com sete jeitos. Não façam coisas no ar. Devemos julgar sempre o pior. Mas é manha de português; só se acautela depois de roubado. (V. *prudência).*

Circunlóquios, definições humorísticas. — Aquilo com que se compram os melões (dinheiro). — Armas de Santo Estêvão (pedras). — Bofetada sem mão (repreensão indirecta). —

(1) Isto é: sucedeu-lhe aquilo mesmo que êle censurava, por inveja ou malevolência.

(2) Alusão a um êxito de que se duvidava.

Calceteiro da serra (soão). — Caldeira de Pedro Botelho (inferno). — Caminho de cabras (carreiro, córrego). — Cana rachada (cantor de voz roufenha). — Capitão de charneca (cabreiro). — Chá de parreira (vinho). — Chave da cozinha (mascarra na cara). — Comida de urso (lambada). — Contas de enfiar pão (azeitonas). — Curral do concelho (fazenda amiúde invadida pelos gados da vizinhança). — Filho da pia (pessoa natural de determinada freguesia e aí baptizada). — Filho das ervas (exposto). Fole das migas (barriga). Irmão das portas (mendigo). — João da Cruz (dinheiro). — João Pestana (sono). — Juiz da fome (somítico). — Juiz de direito (sujeito que anda habitualmente empertigado). — Justiça de burro (pancadas). — Mal de peneira (fome). — Maltês de vista baixa (porco). — Maria Delgada (fome). — Maria de Salvaterra (preguiça). — Menina de cinco olhos (palmatória). — O das unhas grandes (o diabo). — Os dez mandamentos (os dedos das mãos). — Pá do bucho (barriga). — Pão branco (trigo em grão). — Papel de comédias (bobo). — Pardal de bico amarelo (finório). — Pinto de balseira (bastardo). — Pôrto das couves (garganta). — Sal do Brasil (açúcar). — Sumo da cepa torta (vinho). — Terra da verdade (além-mundo). — Tôrre dos piolhos (cabeça). — Vale de lençóis (cama). — Verduras *ou* tributos da mocidade (rapaziadas). ‖ — Arreganhar os dentes, arreganhar a tacha (rir). — Casar à moda da Covilhã (amancebar-se). — Cair na cama (diz-se da mulher que dá à luz). — Chamar à mochila (apreender). — Comprar vontades (instar). — Dar à perna (bailar). — Dar às de João Penha (fugir). — Dar de corpo (defecar). — Deitar óculo (espreitar, a distância). — Dizer mal de si (confessar-se). — Escorrer o caldo à carne (urinar). Esperar quem não prometeu vir (caçar). — Estender uma esteira (estatelar-se). — Fazer contas de cabeça (cabecear com sono). — Fazer o que outrem, por nós, não poderia fazer (urinar, defecar). — Governar o barco (administrar a casa). — Ir à Calvaria (encalvecer). — Ir à Rússia (encanecer). — Largar a trouxa (v. *Cair na cama)*. — Limpar a caldeira (desembaraçar interiormente a bôca, com a língua, de restos de comida). — Meter uma figueira (cair). — Meter-se nas encôlhas (retrair-se). — Molhar a palavra (beber). — Olhar para dentro (dormir). — Pôr o preto no branco (escrever). — Rasgar baeta (expelir ventosidades anais com um rumor surdo e prolongado). — Rezar o responso a alguém (censurá-lo [na ausência]). — Servir o rei (prestar serviço militar). — Tapar um buraco (pagar

uma dívida). — Vender aguardente, *ou* contar cento e dez (coxear). — Verter águas (urinar). (V. *símiles*).

Clareza, evidência. — Isso está bem de ver. Está-se a meter pelos olhos. O que se vê escusa candeia. Se o querem mais claro deitem-lhe água.

Cólera, arrebatamento. — O homem foi à serra! foi aos ares, foi às nuvens! Perdeu as estribeiras. Pegou-lhe muito rente. Foi logo às do cabo. Ficou a arder. Deu por paus e por pedras. Sempre espinotou!... Parecia um toiro, parecia um leão. Parecia um trovão. Arruava como um boi num vale (*ou* numa praça). Tem os bofes (*ou* o coração) ao pé da bôca. Ameaçava lá Céus e Terra. Estava de fel e vinagre. Estava de pólvora. Estava capaz de morder. Se lhe pusessem a mão na bôca, rebentava. Dava pulo de corça. Dava brado. Fizeram-no criar mau sangue. Até suava; até bufava. Até escumava. Bebia ventos. Rangia o dente. Abria uns olhos!... Parecia o diabo. — «Eu já não via. Andava tudo à roda comigo. Até me davam ondas. Uma se ia, outra me vinha. Danado! só acabar-lhe com a casta! Queimou-me o sangue! Em má hora eu o encontrei». Ia caindo o Carmo e a Trindade. (V. *irascibilidade, luta*).

Compaixão. — (V. *tristeza*).

Comparações. — Aguardente como pólvora. — Azeite como canos de oiro. — Crianças como tortulhos. — Homem (Um) como uma trave. — Maçãs como espelhos. — Oliveiras como damas, como ramalhetes, como mangericões. — Peras como púcaros de água. — Rapazes como novilhos, como bezerros. Sardinhas como achas. Trigo grado como pinhões. — Vinho como joio. || — Alto como um pinheiro. — Amarelo como uma cidra, como gema de ovo. — Amargoso como fel. — Áspero como tojos. — Assanhado como um gato. — Bêbedo como um cacho. — Branco como um pombo. — Branco como a cal da parede. — Cheio como um ovo. — Claro como neve, como jaspe de neve. — Còrado como uma romã. — Deslaçado como água. — Direito como um fuso. — Doce como um favo de mel. — Duro como pedra, como corno. — Encarnado como uma papoila, como um pimentão, como o sangue do nariz. — Estendido como um cação. Feio como o diabo. Fino como o coral. Fresca (Mulher) como uma alface. Frio como gêlo, como regêlo. — Gordo como um nabo, como um cherne, como um techugo. — Grande como a légua da Póvoa. — Leve como sabugo, como uma pena. — Leve como um sargento, como um pássaro. — Ligeiro como o vento. — Macio como uma luva. — Magro como um cão, como

um carapau. — Manhoso como uma raposa. — Manso como o chão. — Miúdo como sarna. — Moído como sal, como bagaço. — Negro como breu, como um tição, como um corvo, como a ferrugem [fuligem] da chaminé. — Pesado como chumbo. — Preto como uma amora, como uma azeitona. — Quente como lume; como um rato. — Redondo como uma eira; como uma laranja. — Rijo como um seixo. — São como um pêro. — Teimoso como um burro. — Vil como carne de cabra. — Vivo como azougue. Verde como limos. || — Arde como isca. — Berra como uma cabra. — Canta como um rouxinol. — Cheira que nem camoesas. — Come como um boi. — Come como um pisco. — Corre como um galgo. — Dorme como uma pedra. — Entorna como um cesto roto. — Escorrega como uma enguia. — Luz que parece oiro. — Mexe-se como um sarilho. — Salta como uma pulga. — Trepa como um gato. || — É como o filho da Inês; tem um ano e parece que tem um mês. — É como o João de Noronha; muito mêdo e pouca vergonha. — É como S. Benedito; não come nem bebe e está tão gordito. — É como a teia que o diabo tece; não minga nem cresce. — É como o tordo; magro de cara e o c... gordo. || — O povo é como o limão; quanto mais se espreme, mais sumo dá (¹). (V. *símiles).*

Compras e vendas, negociações. — Isso é caro como o fogo. É como o fogo; ninguém lhe pode chegar. Custa os olhos da cara. || Levam coiro e cabelo, naquela casa. Cortam-se muito. Aquilo, ali, é comprar carne a lobos. Nem só na estrada se rouba. || As Carmas, agora, também têm loja; compraram-na a trôco de Patrè nostre (²). Foi um ovo por um real. Vendem lá as coisas como canela. É mais a mim, mais a mim. || Tudo anda ao real do povo. Há fiados? mas a dívida só é ruim para quem a deve. (V. *despesas*).

Concórdia. — Andam, ali, todos de mãos dadas. Vivem como Deus com os anjos. O que um quer, quer o outro. Nunca ali se ouve uma palavra mais alta. Falam todos por a mesma bôca. A nós, também, ninguém nos há-de ouvir. (V. *amizade).*

Concorrência. — Lá na feira, agora, é um bicho vivo. Está lá povo que ferve! Não há onde caia um alfinete. Está-se lá como sardinha em pilha. Daqui foi tudo em pêso. Caiu lá

(¹) «Como dizia o Fontes», acrescentam alguns.

(²) Corr. de *Pater noster*. *A trôco de Patrè nostre*, por uma tuta e meia.

o poder do mundo. Há pouco, já lá não havia que trincar; algum pão que aparecia eram trinta cães a um osso.

Conformidade. — (V. *resignação)*.

Conhecimento. — O tal, é mais conhecido que cão ruivo. Eu conheço-o como aos meus dedos; conheço-o de ginjeira. Leio-o por dentro e por fora.

Conluio. — Piscaram o ôlho um ao outro. Fizeram caixa. Arranjaram uma panelinha.

Coragem. — (V. *resolução)*.

Cortesia. — Ora vamos lá até à Santa [1]; donde é vocemecê, ainda que eu mal pregunte? É lá de cima [2], talvez; dirá: que lhe importa? || Olhem, ali vem o senhor Fidalgo! — Então vais à feira? — Saberá Vossenhoria que vou; criei lá êste ano um bezerreco, por Deus querer, e vou ver se o aparêlho. Falando mal e depressa, preciso comprar também um jumento, — com sua licença, [*var.*: com licença de quem está; de quem me ouve; de quem é mais velho]; e duas ou três cabras, que não têm outro nome. (V. *eufemismos*).

Cubiça. — (V. *ambição)*.

Decaïmento. — Aquilo é chão que deu uva. Já ali não está quem era. Quem o viu e quem o vê! Passou de cavalo a burro. Perdeu o ramo. Perdeu os livros. Deu em calçado velho. (V. *revés)*.

Dedicação. — (V. *amor)*.

Definições humorísticas. — (V. *circunlóquios)*.

Demora, tardança. — Ainda agora a procissão vai no adro. Não esperem, que êle é como o burro do sardinheiro [3]. A noite o trouxe a casa. Foi tamanho o dia como a romaria. || Chegou ao atar das feridas. Tarde piaste [4]. Agora peguem-lhe com um trapo quente || Há trinta anos morreu um burro e agora lhe dão os sinais.

Dependência, sujeição. — Êsse homem está às sopas de F. Está pelo bocado. Está debaixo. Tem bôca e não pode falar. Agora teve êle de lhe ir beijar os pés. O outro não o deixa pôr pé em ramo verde.

Depreciação. — É boa mulher, essa de que falas? é uma

---

(1) À grande feira de Santa Suzana, no Landal.
(2) De alguma das terras do norte.
(3) Pára em tôdas as portas.
(4) De um conto popular.

figa! Casou à moda da Covilhã [1]. Quem tem uma prenda daquelas está livre duma penhora. O homem é um latagão; mas também o diabo é grande e ninguém o quer. Parece lambido das carochas. É um patife de marca. Não tem ponta por onde se lhe pegue. Nem Deus o quer no Céu nem o diabo no inferno. Aquilo é gente de pouco mais ou menos. De um a outro venha o diabo à escolha. Foi bom juntarem-se; porque, se haviam de sujar duas casas, sujam só uma. (V. *desdém*, *desregramento*, *maledicência*).

Desagrado. — (V. *enfado*).

Desânimo. — Deram-lhe más águas [2]. Anda de orelha murcha. Anda de beiço caído. Anda como o cão sem dono. Anda como o boi que perdeu a choca. Tem sido sempre um perdulário, e agora: «hac Deus, que não tenho ventura!» (V. *tristeza*).

Desapontamento. — Caiu-lhe o coração aos pés. Mordeu o beiço. Fêz beicinho. Adeus, minhas encomendas! Bolas! Babau! Babau cotovia! Sebo! Sebo de grilo! Sebo de grilo, que é manteigueiro! (V. *desânimo*, *enfado*).

Desaprovação. — Eu lavo daí as minhas mãos. Varro a minha testada. Para aí não dou eu prego nem estopa. Não lhe acho furo. Ora muito boas noites! isso não tem caminho. Não tem trilòlé; não é coisa que jeito tenha.

Desastres. — Há horas ruins, há horas da fortuna! Em má hora eu lá fui. Como o diabo as arma! Como êle as tece! Como êle as pinta!

Desatenção. — Passaram como gato por brasas. Passaram como cão por vinha vindimada. Mas escutem, por favor; deixem-me cá vender a minha sardinha. Então?! falo eu ou chia algum carro?... (V. *distracção*).

Descanso. — Trabalhar, hoje?! eu não sou fole de ferreiro. A semana tem seis dias [de trabalho]. A gente não é de ferro. Quem trabalha [de mais], trabalha a vida.

Descaro. — (V. *desregramento*).

Descomposturas. — Falou-lhe pela porta deanteira. Cantou-lhe que nem um órgão. Pregou-lhe com tudo na cara. Pregou-lhe com tudo nas bochêchas. Pôs-lhe a calva à mostra. Desfez-lhe a meada. É que êle não tem papas na língua.

---

(1) Amancebou-se.

(2) Más notícias.

— «Mente com quantos dentes tem na bôca!» — «Mente você, seu velhaco!» — «Isso! tiraste-me a palavra da bôca. Chama-lho, antes que to chamem. Está a pôr o nome dêle aos mais. Julgo os mais por si». Ficou de cara à banda. (V. *disputa*, *imprecações*).

Desconfiança. — Aquele sujeito, há pouco, veio aqui assentar banco [1]. Diz êle que tem lá na terra mundos e fundos. Se assim é, não há nada mais certo. Se assim é, o diabo o jure. Não ponho aí o rabo do meu gato. Mas qual história! qual carapuça! Isso entra-me por um ouvido e sai-me pelo outro. Pessoas a quem nisso falei amolaram o caso. Torceram o nariz. Agora diz que quer casar; mas as mulheres, aí, desconfiam da parte. Se êle fôsse mel, havia lá muito quem o lambesse. Veremos, como dizia o cego; e êle nunca viu.

Desconhecimento. — (V. *ignorância*).

Descuido, inadvertência. — Deixou ver o jôgo. Deu com o pé na peia. Deu com a língua nos dentes. Fugiu-lhe a bôca para a verdade.

Desculpa. — Zanguei-me; mas cada qual ponha o ponto em si. Veio com desculpas de mau pagador. Foi um remendo mal deitado. Mas emfim: por um burro dar um coice não se lhe há-de cortar a perna.

Desdém. — Vai para Londres, que é terra de gaiteiros. Vai à fava, emquanto a ervilha não engrece. Vai à tabua. Vai à missa, que se toca a *Sanctus*. Vai prègar aos moiros. Vai prègar a outra freguesia. Vai tratar das bombas, que é ofício leve. Não conheço framengos à meia-noite. As tuas batatas não se cozem com o meu bacalhau. Pois sim, já venho. Toma lá que te dou eu. Sim, sim, vai conversando. O que tu dizes não se escreve. Cuidas que sou da Lourinhã? Não é com essas. Coitado! ainda cheira aos cueiros. É um homem na terra dos cucos. Tomara êle papas numa amotolia. Há-de dar um bom burro ao dízimo! Lá o casal, o que cria são caracóis. Mas para quem é, bacalhau basta. (V. *depreciação*, *despreocupação*, *recusa*).

Desejo, impaciência. — Os dias lhe parecem anos. Não sabe a hora nem o instante... Está em grelhas. Está em brasa. Está como o cego por ver. (V. *pressa*).

Desembaraço. — (V. *agilidade*).

---

(1) Estabelecer-se; residir.

Desengano. — Pensas nisso? vai-te deitar a dormir. Estás a ler! Só se fôr para a semana dos nove dias. Ou quando as galinhas tiverem dentes. Há mais meninos bonitos. Tens os pés muito feios. Aquilo não é para teu dente.

Desequilíbrio, maluqueira. — Nunca ninguém sabe se o tem pelos pés, se pela cabeça. Tem bôlha, tem areia, tem têlha. É uma viola sem cordas. Não tem telhos nem trambelhos. Traz a cabeça a razão de juro. É feito a pé de saramago. Tem uma aduela de menos. (V. *incapacidade*).

Desfôrço. — (V. *reacção*).

Desgôsto. — (V. *tristeza*).

Desgovêrno. — (V. *indisciplina*).

Desilusão, escarmento. — Ora não há! Ora vai-te! O diabo não tem sono! Comeu por uma vez. Torna cá pelo avêzo! Por causa duns pagam outros. (V. *malôgro*).

Desinteligência. — Está o caldo entornado. Temos baralha na tasca. Desaviram-se [1] no preço. Não jogam certo. Cada qual puxa para sua banda. Estão de candeias às avessas. Quiseram aví-los, mas um dêles não esteve pelos autos. Saiu com fogo no rabo. Não pôs mais os pés em casa do outro. Fêz-lhe uma cruz à porta. Agora está de trombas. Está a prender o burro. Mas êles são como os gatos; ora se beijam, ora se arranham. (V. *enfado, irascibilidade*).

Desordem. — (V. *indisciplina*).

Despesas. — Diz-se que as coisas, de caras, quási nunca vão a caríssimas. Mas hoje em dia está tudo pela hora da morte. E é nestes tempos bicudos que a Junta se põe a gizar grandes obras! Obras que lhe hão-de cheirar a morrão. Hão-de-lhe cheirar a esturro. Aquilo só braço real. Ainda se fizesse o concêrto das fontes,... com isso não gastava ela as rendas dos cardeais. Por aí não se ia a renda da casa dos bicos.

Despreocupação. — *Escovei-o*; e então? não é morte de homem nem roubo de igreja. Ameaça-me? entre mortos e feridos alguém há-de escapar. Quem o diz não o faz. Mostrem-me cá as peles dos que êle matou. Não me tremem as barrigas das pernas. Êle não é nenhuma bicha de sete cabeças. Já me tem ladrado muito gôso. Abalou? se o mar o não comeu, a terra o dará.

Desregramento, descaro. — Casou, mas continua a ser

---

[1] Desavieram-se.

vadio. Não se contenta com o pão de casa. É como a varêja. Vergonha, êle? só se a tem nas solas dos sapatos. Nunca se lhe faz a face vermelha. É como um tacho lambido dos cães. Ela (dizem) é honrada... como as gatas em Janeiro. Que não há já água que a lave. — Não ponhas mais na carta.

Destreza. — (V. *aptidão)*.

Dia e noite. — Ainda lá estava o dia em casa de Deus verdadeiro. Ia o sete-estrêlo a pino. Foi ao cantar do galo. Ao sair da estrêla [1]. Ao cantar da cotovia. Ao romper da manhã na serra. Ao luzir do buraco. Era sol nado. Ao ferrar [2]. Às horas de almôço. Ia o sol a pino. À bôca da noite. Às Ave-Marias. Ao despegar [3]. Já as galinhas me não tiravam o pão das mãos [4]. Ao pôr do clarão [5]. Era noite velha.

Dificuldade. — Isso é procurar agulha em palheiro. Isso tem que se lhe diga. Isso fia mais fino. Aí é que a porca torce o rabo. É preciso dar voltas ao juízo. É preciso dar voltas ao carapuço. — «És capaz, tu? dava-te um doce». Começou bem; mas depois é que foram elas. — «Anda; descalça lá essa bota! Apanha lá agora êsse pião à unha». ‖ Para cima, só foguetes. — «Arriba, rapazes! Fôrça! Agarrem-lhe com mãos de sangue! Vai ou não vai?» — «Vai, mas tem andar de senhora». Viram-se lá à brocha, viram-se à rasca. Tiveram de fazer das fraquezas, fôrças; das tripas, coração.

Diligência. — (V. *actividade)*.

Disfarce. — (V. *fingimento)*.

Disputa, altercação. — Palavra puxa palavra. Chamaram-no a terreiro. Puxaram-lhe pela língua. Tinha um homem à perna, que o pôs em talas; deu-lhe chá; fê-lo em água. Pôs-lhe sal na moleira. Ensaboou-lhe o juízo. Meteu-o num chinelo. Levou-o à parede. Deixou-o a um canto. Apanhou uma descalçadela!... Viu-se lá da côr da melra, viu-se às escuras. Não tinha talhada para o outro. Perdeu a colher. Meteu a viola no saco. Um homem acha outro [6]. (V. *descompostura)*.

Distracção. — «És como o outro que estava a cavalo na

---

(1) A estrêla de alva.

(2) Ao começar o trabalho (falando-se de cavadores).

(3) Ao cessar de trabalhar.

(4) Por ser lusco-fusco.

(5) Ao fim do crepúsculo da tarde.

(6) Acha um competidor.

burra e a preguntar pela burra». — «É que eu estava agora na aldeia (e não via as casas)». (V. *descuido*).

Doença. — Olhem, aquele anda a estudar para tísico. Parece uma estátua. Parece de cera. Parece desenterrado. Está a pena última. Tornou aos dias em que nasceu. Aquela doença foi como um cavalo (1). Uma doença é um ladrão. (V. *fraqueza*).

Doestos. — (V. *imprecações*).

Dúvida, incerteza. — «Não caldeirou nunca bem com o marido, aquela Rosa». — «Qual Rosa? há mais Marias na terra». — «Aqui a vizinha; não sei se aquilo é do burro, se é da albarda. Preguntei já isso, por curiosidade; encolheram os ombros. O casamento do filho dizem que está ainda em vê-lo-hemos. Êle é bom moço; e se topar bem... mas aquilo são cartas fechadas. Quem o sabe está calado. (V. *desconfiança*).

Economia. — Para casa, [leva-se] nem que seja uma pedra. Não entornes [o vinho], que nem as galinhas o aproveitam. Êle [o dinheiro] não cai pelas gretas do telhado. É um legume custoso de engrècer. Não está o tempo para piões, que esgravelham muito. É preciso meter agulhas por alfinetes. Para mim, qualquer coisa faz a festa.

Efeito imediato. — Aquilo foi um ar que lhe deu. Foi como quem bebe um púcaro de água. Foi como a água que se deitou no lume.

Egoísmo. — (V. *ambição*).

Elogio. — (V. *louvor*).

Embuste. — (V. *mentira*).

Empenhos. — Bateu a todas as portas. Tem boas pedreiras. Tem bons padrinhos. Houve quem tocasse os bonecos. Houve quem tocasse os pauzinhos. Tem sprito santo de orelha. Tem o pai alcaide. — Isso então é fonte limpa. (V. *adjutório, aliciação*).

Enfado, desagrado. — Mau, Maria! Adeus, que me vou embora! Abóbora! Abóbora, que arroz é água! Cebolório! O mocito não quer broa; faz-lhe cara. Quanto mais cresce, mais aborrece. Faz perder a paciência a um santo. Estou farto dêle até aos olhos. Valha-te Deus, que bem pode! Valha-te S. Pedro! Queres sair? sai, nas horas de Deus. Vai para o céu, que há lá boa gente. (V. *desapontamento*).

---

(1) Por seu rápido avanço.

Entremetimento. — Mete o nariz em tôda a parte. Não cabe em sua casa. Em tudo mete a colher. Gosta de governar a sua semana. Gosta de meter foice em seara alheia. Mete-se como piolho por costura. Incomodam-no os piolhos na cabeça alheia. Ninguém dá um traque que êle não oiça. Ai está êle agora; veio pelo cheiro. Anda a ver se mete palhinha comigo. Vai já deitando as mãozinhas de fora. Vai já deitando os corninhos ao sol. Não se lhe podem mostrar os dentes. Onde acha mole, carrega. Se alguém lhe dá o pé, êle toma logo a mão.

Equivalência. — «Não quero o tostão; quero os meus cinco vintens». Não é a Murtinheira [1], mas leva as mesmas voltas. Tudo é a mesma gente.

Escapatória. — À minha pregunta, um dèles fugiu com o rabo à seringa; o outro fèz ouvidos de mercador. Por fim lá responderam, mas assim como quem não quer a coisa. Parece que andam a jogar o rô-rô comigo; parece que andam a jogar as escondidas. Ou será aquilo o jôgo do empurra? (V. *desculpa*, *fingimento*).

Escarmento. — (V. *desilusão*).

Escassez. — Estão magros, ali aqueles nossos vizinhos; coitados! têm a manjedoira alta. Como o ano foi mau, o pão que tiveram não lhes chega para a cova dum dente. A vinha já êste ano lhes deu uma pinguita; mas aquilo é uma mijadela de gato em terra sêca. (V. *pobreza*).

Esconjuros. — Cruzes! Cruzes, canhoto! Figas! Figas, diabo! Sume-te, diabo! Livre-me Deus do inimigo! Tôsca-marrôsca!

Esperança. — (V. *resignação*).

Esperteza, finura. — Aquele é pardal de bico amarelo; come o cigalho debaixo do espantalho. Tem os olhos muito abertos. Conhece tudo só pelo bulir dos beiços. É esperto como um alho. Não come miolo de enxergão. Não lhe fazem o ninho atrás da orelha. Gosta de ver toiros de palanque. Não o comem por tolo. É ainda novo? mas as idades estão muito curtas. Metam-lhe lá um dedo na bôca, a ver se êle morde. Isto, hoje, cada um é um doutor.

Esquecimento. — Isso entra-lhe por um ouvido e sai-lhe pelo outro. Vai para o rol dos esquecidos. É que èle tem memória de galo.

---

(1) Cantiga e dança popular.

Estranheza. — (V. *admiração, surpreza)*.

Eufemismos. — *Enganou* [seduziu] a pobre rapariga. || Com seiscentos *nabos* [diabos], que trovoada! Sabes a Magnífica? Olha! naquele carvalho caiu agora *uma coisa ruím* [um raio]. || Aquilo é homem levado de seiscentos! levado do diogo [do diabo]!

Evasiva. — (V. *escapatória)*.

Evidência. — (V. *clareza)*.

Exactidão. — A cada preto, sardinha e meia. Haja conta, pêso e medida. Uma moeda (1), faltando-lhe cinco reis, já não é uma moeda.

Excelência, superioridade. — O que é bom está ali. É bom como bom. É bom como o bom melão. É da ponta da unha. É galinha. É carne sem osso. É de se lhe tirar o chapéu. — Isso e o que eu quero é tudo o mesmo.

Excesso. — (V. *abundância)*.

Exclamações piedosas. — Jesus! Ai, Jesus! Ih, Jesus! Ih, Jesus, senhor! Ih, Jesus sagrado! Santo nome de Jesus! Jesus, Maria! Nossa Senhora! Oh Mãe Santíssima! Almas santas! Bem-ditas Almas! Sant'António! Santa Bárbara! Credo! Santíssimo Sacramento! Padre, Filho, Sprito Santo! Oh Deus do Céu! Oh Senhor do Céu! Oh Pai do Céu! Oh Deus Senhor! Oh Senhor da minha alma! Oh meu rico Senhor! Oh meu rico Senhor da minha alma! Po-las cinco Chagas! Po-las Chagas de Cristo || Graças a Deus! Graças a Deus para sempre! Graças ao Senhor! Graças à Mãe Santíssima!

Exclamações várias. — Oh rapazes! C'os diabos! C'os diabos de Castela! Com dez diabos! Com trinta diabos! Com um cento de diabos! Com trezentos, com seiscentos, com mil diabos! Com um milhão de diabos! Com seiscentas pipas! Com seiscentos macacos! Com trezentos nabos [diabos]! Os diabos se queimem! Os diabos se percam! || Oh homem de Deus! E esta?! não querem lá ver? Boa vai ela! || Olé! Olèzinho! Ai, que graça! Que beleza de hortaliça! Oh alminha de Deus! Oh anjo do Senhor! (V. *admiração)*.

Êxito favorável. — Em boa hora êle o encontrou. Tudo lhe calhou ao pintar. Saiu tudo à medida dos seus desejos. Tirou a sua a limpo. Caiu-lhe a sopa no mel. Deitou foguetes. Essa lebre está corrida.

---

(1) Referência à antiga moeda de 4$800.

Experiência. — «Bem te conheço, besugo! Cuidas que nasci ontem? Quando tu nasceste já eu gatinhava». Com efeito, êle tem visto bom e mau. É rato caçado. É macaco de rabo pelado. Está muito mordido. (V. *arteirice*).

Exterioridades. — (V. *aparências*).

Facilidade. — Isso faz-se do pé para a mão. Faz-se com uma perna às costas. Faz-se a cantar. É pão com mel.

Fama, nomeada. — É um grande jogador de pau, ali onde o vèem; valente como as armas; leve como pós de sapatos. Quem agora aí anda na berra, é êle. É o galo da terra. Nestas dez léguas em redondo não há quem o aborde.

Familiaridade. — (V. *amizade*).

Fato. — (V. *vestuário*).

Felicidade. — (V. *prosperidade*).

Fingimento, disfarce. — Aquele é dos tais que tèm Deus na bôca e o diabo no coração. Quem o ouve não o leva preso. Aquilo tem cantigas! Tem um mamar muito doce; tem mamar de cobra. Com aquela sua capa de virtude, as suas falinhas doces... Mas é tudo para encher chouriças. Engana um cristão. ‖ O outro fêz vista grossa. Fêz de conta que me não viu. Fêz ouvidos de mercador. Não se deu por achado. Fêz-se de novas, fêz-se André. (V. *arteirice, aparências*).

Finura. — (V. *esperteza*).

Firmeza. — O homem é dos que têm palavra de rei; não se desdiz. A palavra dêle é uma escritura. Tem uma cara — diz êle —, não tem duas. Não arreda pé. Não dá o braço a torcer. Agüenta tudo a pé quêdo. O contrato que fizeram — descansa! — está de pedra e cal. Aquilo é para a vida e para a morte. (V. *probidade*).

Fome. — Coitado! tem passado muita fome (ou, antes, a fome é que o tem passado a êle). A barriga dêle é como uma estriga. Anda-lhe a barriga a dar horas. Anda sempre a tocar harpa. Anda a fazer cruzes na bôca [1]. (V. *pobreza*).

Fôrça, robustez. — F. é um homem! Tem muitas posses [2]. Tem fôrça como um boi. Aquilo a que èle deita a mão é seu. Se botasse as unhas a um cristão atirava com êle a Santarém. (V. *luta*).

---

[1] Alusão às cruzes que alguns fazem diante da bôca, quando bocejam.

[2] Fôrça física.

Formosura, gentileza. — É uma rapariga como uma flor. E èle é um moço como um cravo. Que desenxovalhada criança! lava-se com um bochechinho de água. (V. *louvor*).

Fortuna. — (V. *êxito*, *prosperidade*, *riqueza*).

Fraqueza, debilidade. — Aquilo é uma arvela. É um paninho de armar. Não pode dar rêgo. Não tem a fôrça dum pisco. Não pode com uma gata pelo rabo. Coitado! nem para o comer, nem para o ganhar. Ontem, aqui caio, acolá me levanto, veio à feira. Mas diz que se lhe estava a ir a luz dos olhos. (V. *doença*, *magreza*).

Fuga. — (V. *andar*).

Furto, gatunice. — Cautela! aquele sujeito conhece os cantos à casa. Pega às vezes no alheio, *por engano*. É da companhia do ôlho vivo. Não pode ver nada; passa-lhe logo as mãos por cima. Tem uma unha na palma da mão. Tudo se lhe agarra às mãos. Aquilo é ôlho vè, mão pilha. Deita-lhe logo a unha, deita-lhe logo a fateixa. Deita-lhe logo os dez mandamentos. Gosta de comer a cão ([1]). Por aqui tem êle uma grande canzoada. — «Pagar, eu?! Façam-me penhora nas solas dos sapatos». Tanto ladrão, e a fôrca sem nenhum! (V. *parasitismo*).

Gatunice. — (V. *furto*).

Geografia. — Portugal é um ovo; a Espanha, uma joeira; a França, uma eira. A Turquia é senhora de meio sol e meia lua.

Glutonia. — Comeu que eu sei lá! Comeu à tromba estendida. Comeu até lhe chegar com o dedo. Encheu-se até o pescoço. É capaz de comer um boi por uma perna. Tem goela de lobo. Por fressura é como o gato por tripas. A que lhe puseram, mandou-a tôda ao convés do bucho. Chamou-lhe um figo. Os dedos lhe pareciam hóspedes. Lambeu o beiço; soube-lhe a pouco. Dá a vida por bons bocados. Ali, era pedir por bôca. — «Trataram-me lá como um pombo. Soube-me tudo que nem nozes. Até me regalou êste papo. Aquilo era comer e chorar por mais. Até crescia água na bôca. Mas não tenho pena do que ficou». Mas gosta de comer de Toledo ([2]).

Gravidade afectada. — Aquela môça não quebra um prato. Parece alguém que vem de algures. (V. *soberba*).

([1]) Sem pagar.
([2]) Gosta de comer a cão, isto é, sem pagar.

Grossaria. — Não se descobriu; os barretes, diz êle que custam dinheiro. Estava ali como o vilão em casa de seu sogro. Por fim abalou; mas não disse adeus, por não deixar saudades.

Gula. — (V. *bebedice, glutonia*).

Harmonia. — (V. *paz*).

Hereditariedade, atavismo. — O rapazote é filho de F.; conheço-o pela pinta. É o pai por uma pena. Dizem que é malandrote; tem a quem saia. É filho de pai. Isso está-lhe na massa do sangue. Vem-lhe de linha. Êle tem uma linha ruím. Tem más raízes. (V. *parentes*).

Honradez. — (V. *probidade*).

Ignorância. — Sem nada entender de negócios, fez-se lojista. Que sabe êle?... ler na água — dizem — e escrever na areia. Sabe tanto daquilo como do que vai na Índia. Sabe tanto daquilo como eu de lagar de azeite. Agora o caixeiro raspou-se; não há nova nem mandado dêle. E aí vai o patrão em procura do homem da capa parda. Partiu sem saber caminho nem carreira. Ainda êle não sabe da missa ametade. (V. *incapacidade, inexperiência*).

Iminência. — (V. *proximidade*).

Impaciência. — (V. *desejo, pressa*).

Imparcialidade. — (V. *justiça*).

Impossibilidade. — Está de perna quebrada. Está de mãos atadas. Trabalha debalde, coitado; êle bem se mata. Não está mais na sua mão.

Imprecações, pragas, doestos. — Raios o partam! Diabos o levem! Grande cão! Tição, tição negro! Cara de corno! Cara do diabo! Cara de Barzabu! T'arrenego! O raio do diabo! O alma do diabo! Alma de cântaro! Alma de chinelo velho! Alma de chibo, alma de lobo! Alma danada! Casta danada! Raça do diabo! Animal de cabelo! Vai para o inferno! Vai para o meio do inferno! Vai para os quintos do inferno! Vai para as profundas do inferno! Vai para casa do diabo! Vai para o diabo que te leve! Vai para o diabo que te carregue! Vai para o raio que te parta! Vai para a pata que te pôs! Morrinha te mate! Fezes te comam! Lobos te comam! Má'raios te partam! Ah bom marmeleiro! Justiça de Pôrto de Mós te valha! Tens muito dente, mas a mim não me comes nada! És muito rico? come de noite e de dia! Quebra a tijela em que me dás as sopas. Oh homem de Deus ou do diabo: já te não vejo bem! Vai-te da minha vista! Norte, norte, que é o rei

dos ventos! (V. *descomposturas, esconjuros, exclamações, maledicência).*

Imprevidência. — Meteu-se em bons assados! Meteu-se em bons lençóis. Fizeram-lhe fogo com a mesma pólvora. Deu lenha para se queimar. (V. *perigo, prodigalidade).*

Incapacidade, toleima. — Faz coisas sem quê nem para quê. Coisas sem pés nem cabeça. Poupa nos farelos e desperdiça na farinha. Nunca dá conta do recado. Mistura alhos com bugalhos. Nunca dá rêgo direito. Nunca sabe às quantas anda. Não sabe qual é a sua mão direita. Não sabe onde tem o nariz. Quer dizer amor e não lhe chega a língua. Caem lá de maduras. (V. *simpleza).*

Incerteza. — (V. *dúvida).*

Incitamento. — Leva arriba! Toca, toca! Ala, que se faz tarde! Vamos lá com Deus! Vamos lá com Deus e Santa Maria! Cheguem-se ao rêgo! Toca a trabalhar. Para deante é que é o caminho! P'ra a frente! Mãos à obra! À unha! Vamos lá embora! (1)

Incompatibilidade. — Quer sol na eira e chuva no nabal!

Inconstância, volubilidade. — O moço quer, emfim, estudar? mas isso é amor de pouca dura. Tanta como a do foguete no ar. É sol de inverno. É fogo de vistas. Porque êle é como a fôlha do álamo. Dobra-se como um vime. É como o feijão frade; tem duas caras. É como o galo da tôrre; anda com todos os ventos. Agora — dizem-me — voltou com a palavra atrás. Roeu a corda. Deu o dito por não dito.

Indecisão. — (V. *pusilaminidade).*

Indiferença. — Encolheu os ombros. — «Quer sim, quer sopas. Tanto se me dá como se me deu. Tanto se me dá que a água corra para baixo como que corra para cima. Quem lhe doer a cabeça que a aperte. Não quero saber de desgraças. Está prêso? não é por nenhum mal que eu fizesse». (V. *desdém, despreocupação).*

Indisciplina, desordem. — Não há ali rei nem Roque. Querem todos governar a sua semana. Cada um tem a sua bôlsa. Cada um puxa para seu lado. Anda ali tudo à lei da Natureza. Anda tudo fora dos eixos. Anda o carro adeante dos bois. Às vezes jogam lá os coices. Parece a feira da ladra.

---

(1) Usa-se esta frase ao comandar um trabalho de avanço, ou um movimento de impulsão.

Naquela casa governa mais a galinha que o galo. Vá lá uma pessoa ser juiz numa confraria dessas! Vá lá uma pessoa ser juiz com tais mordomos!

Indolência. — (V. *preguiça*).

Inexperiência. — Ainda tem os dentes com que mamou. Anda com os olhos fechados. Anda às escuras. Tem ainda de comer muito sal. (V. *ignorância, simpleza*).

Infelicidade. — (V. *malôgro*).

Inferioridade, imperfeição. — Êste carpinteiro não chega aos calcanhares do outro. Faz tudo por cima da rama. Nunca fêz coisa que se visse. Aquilo é um carpinteiro das dúzias; é um carpinteiro de meia tijela. É uma carpinteira fêmea. — Parece-te isso? pois somos dois. Não quero teimas.

Ingenuidade. — (V. *simpleza*).

Ingratidão. — Ensinaste-lo a cantar? agora zurra-te. Ensinaste-lo a bàlhar? agora escoiceia-te. O pago são dois coices. Ainda há quem faça bem, mas não há a quem.

Iniciativa. — Foi èle quem levantou a lebre. Foi êle quem trouxe aquilo a terreiro.

Injustiça, parcialidade. — Faz de uns, filhos; e de outros, enteados. Faz de uns, moiros; e de outros, cristãos. (V. *ambição*).

Insensatez. — (V. *incapacidade*).

Insinuação. — Meteram-lhe aquilo na cabeça. Meteram-lhe lá aquelas minhocas. Enlevou-se em lunduns. É dos tais que emprenham pelos ouvidos. Agora ninguém lhe tira aquilo dos cascos.

Insistência. — Lá volta èle à vaca fria. Êle dito, êle por dizer. É um quebra-cabeça. É um malhar de ferreiro. Aquilo já cheira mal.

Instrução. — (V. *inteligência*).

Inteligência. — Lá o homem tem cabeça; isso tem. Tem cabeça de ferro. Sabe tudo de cor e salteado. Sabe da poda. Sabe por onde há-de entrar e sair. Sabe mais com os olhos fechados que eu com èles abertos. Sabe mais a dormir que eu acordado.

Inutilidade. — Isso é malhar em ferro frio. Mais vale estar a dormir. É chover no molhado. É querer que a água corra para cima. É remar contra a maré. É prègar aos moiros. Não gastem cera com ruím defunto.

Inveja. — Como são dois galos no mesmo poleiro, não vê o colega com bons olhos. Nunca êle pôde ver uma camisa

lavada a um maltês. Cobre-se de más sombras. Dão-lhe suores. Morde-se de inveja. É como cão de palheiro; não come nem deixa comer.

Invocações piedosas. — (V. *exclamações*).

Irascibilidade. — Tomou o recado na escada. Chegou-lhe a mostarda ao nariz. Pôs-se nos bicos dos pés. Ficou escamado como uma barata. É dos que não agüentam espora. Tem má tripa. É levado da breca; é levado do diabo. É levado de S. Pedro. É de fôrma torta. É de cabelinho na venta. É mau de abocar. É grosso para palito. Ferve em água fria. Afoga-se em pouca água. Não tem barriga para caldos. A mulher é também levada de seiscentos. Bate lá o pé!... O marido vê uma bruxa. Tem sempre uma bicha à perna. (V. *cólera*).

Jactância. — (V. *soberba*).

Jovialidades. — (Dá-las hei no opúsculo *Jovialidades e argúcias*).

Juras. — Assim Deus me ajude, como isto é verdade. Assim eu viva; assim *ámen* (1). Os Anjinhos digam comigo *ámen*. Se isto assim não é, eu morra. Se isto assim não é, também *ámen*. [Juro-o] por aquela luz divina que nos alumeia. Por as Cinco Chagas. Por tudo quanto há de sagrado. Pela felicidade dos meus filhos. O mal que lhe eu quero, êle me caia. (V. *afirmação*).

Justiça, imparcialidade. — Eu não sou para aqui nem para ali. A minha faca corta a direito.

Lembrança. — (V. *memória*).

Liberalidade. — Aquilo é que se chama um homem amigo da pobreza (2). Está sempre de mão pendente. O que tem não é seu. Quem lhe compra meio alqueire leva três quartas. É capaz de dar o sangue do braço. Aquilo é uma porta aberta.

Linguarice. — Anda sempre a dar à lingua, a dar ao chocalho, a dar ao badelo. Gosta de deitar a lingua aos meotos. O que sabe, di-lo à bôca cheia. A quem não vê, passa recado.

---

(1) Esta palavra empregam-na como refôrço a uma afirmativa, a um desejo, a uma imprecação. Neste último caso, se os anjos, no Céu, ao mesmo tempo a proferirem, a imprecação surtirá efeito. É um prejuízo popular.

(2) Isto é, dos pobres.

É a campaínha da misericórdia. Às vezes é prudente; não o diz senão a uma pessoa de cada casa. Mas se lhe puxam pela língua, deita para fora quanto tem no bucho. Conta tudo tim-tim por tim-tim. Troca tudo em miúdos. É um cesto roto. O que aqui dissemos de F., foi êle logo meter-lho no bico. Ganhou com isso algum barrete de favas. E agora anda a deitar bando. A coisa até já é falada na pedra do rio. Lá estavam naquele dize tu direi eu do costume as tais mulherinhas. Faziam mais bulha que sete pobres num palheiro. (V. *loquacidade, maledicência)*.

Localidades. — Conheço aquilo a palmos. Nasceram-me por ali os dentes. Sei por ali tudo aos olhos fechados.

Locuções adverbiais, prepositivas, etc. — À roda de (cêrca de). Assim como assim (dum modo ou de outro; em qualquer caso). Às duas por três (em breve prazo [envolve censura ou depreciação]). Até ao ponto de hoje (até o dia de hoje). A tôda a hora e instante (freqüentemente). A todo o tempo (de futuro). A varrer (em conjunto). À vêrga (com grande flexão). À volta (em comum, de sociedade). Cai não cai (prestes a cair). Daqui a nada (brevemente). De grande (grandemente). De má mente (de má vontade). Em breves audiências (o mesmo que *às duas por três)*. Mais coisa menos coisa; mais ponto menos cifra; mais palmo menos polegada (aproximadamente). Mais hoje mais àmanhã (por estes dias; brevemente). Mais por aqui mais por ali (pròximamente, sem grande desvio). Não lhe conto nada (em conclusão). Neste meio tempo (entretanto). Palavras não eram ditas (imediatamente). Pelo sim pelo não (em todo o caso; na dúvida). Por amor de (por causa de). Por essas contas (em vista disso). Por volta de (próximo de [com relação ao tempo]). Se calhar (provàvelmente). Volta e meia (freqüentemente).

Loquacidade. — Falou as estopinhas; falou pelos cotovelos. Falou por sete. Desenferrujou a língua. Gosta de dar pasto à língua. Gosta de dar à taramela. Tem sempre o recado na ponta da língua. Tem sempre trôco. Dá sota e az a tôda a gente. (V. *linguarice)*.

Louvor, elogio. — Aquilo é o rei dos homens (sem desfazer em quem está). Por êle punha eu as mãos numas Horas. Por êle punha eu as mãos no fogo. Vale quanto pesa. Tem melhores barbas que F. Honra lhe seja. || Ela é uma mulher de armas. É o homem da casa. Ninguém lhe põe o pé adeante. || O filho é um rapaz duma cana. É um rapaz de alma. Os

vizinhos põem-no nos cornos da lua. || A filha não é nenhuma peste. É uma môça de mão cheia. É uma môça de encher o ôlho; é uma môça de trus. (V. *bondade, excelência, probidade).*

Luta. — Deitou-se ao outro com unhas e dentes. Atirou-se a êle como gato a bofes. Deitou-lhe as unhas, deitou-lhe as manápulas. Queria-o engulir. Mandou-o por ares e nuvens. Fez-lhe jogar os pés por cima da cabeça. — «Vocês cuidam que eu como abóbora?!» Foi lá uma bulha suja. Foi lá o bom e o bonito. Foi lá o dia de juízo. Viram o diabo em guedelha. Viram o diabo azul. Houve mosquitos por cordas. Houve mosquitos por cordas e rôlas assadas. Houve o diabo a quatro. Queriam-se comer uns aos outros. Eram como cães. Eram como as formigas com o solimão. Caíam como tordos. Já gritavam «áque d'el-rei» (1). Fizeram scenas tristes. Ficou lá tudo feito em bagaço. Lá se avenham; quem as armou que as desarme. || Está feito, — acomodaram-se; porque, emfim, já sabem como elas mordem. (V. *cólera, pancadas, reacção).*

Luxo. — Naquela casa, espalha mais a mulher com o bico da agulha do que o homem ajunta com o forcado. Deixá-lo! a ordem é rica e os frades são poucos... (V. *prodigalidade).*

Má fé. — (V. *arteirice).*

Magreza. — Está sequinho como um pau. Está na espinha. Não tem senão o ôlho na cara. Não tem senão a pele e o osso. Deve muita obrigação à pele (por lhe não ter deixado cair os ossos). Parece um carapau sêco. É um az de paus. Podem-se-lhe contar as costelas. É uma carga de ossos. É um pau de virar tripas. Parece a morte em pé. (V. *fraqueza).*

Maldade, malevolência. — Aquilo é homem sem fé nem lei. Tem um coração de pedra. É de má contrição. Tem costela de judeu. Tem maus fígados. É das febras, é da raça, é da braga do diabo. Pede-lhe sempre o corpo para fazer mal. Leva tudo à má cara; leva tudo à ponta da espada. É mau como as cobras. Tem as inquirições tiradas. (V. *aspereza, malefícios).*

Maledicência. — Tem a língua muito comprida, o tal sujeito; tem língua danada. Açoita tudo com a língua. Aquilo é uma espada. É capaz de arrasar Céus e Terra. Põe tudo de rastos; põe tudo a assar. Homem, aquilo? não; aquilo é uma

---

(1) O P.e Fernão Cardim, na sua *Narrativa Epistolar* (séc. XVI), escreve *ai que del-rei.*

regateira. Quem lhe tirou da cabeça a gamela da roupa e o sabão das mãos, não soube o que fêz. Anda sempre a armar meadas. Diz tudo o que lhe vem à bôca. Diz coisas do arco da velha. Diz o que ao diabo não lembrou. Agora traz-me entre dentes; agora anda a esgravatar os dentes comigo. Quando não gosta de alguém corta-lhe no fato, rói-lhe na pela, põe-no à rasa. Diz cobras e lagartos Tira dos cães da rua para lhe pôr. Põe-lhe, até, o que se não põe aos cães. É bem certo: a língua é o melhor e é o pior bocado! (V. *descomposturas).*

Malefícios. — Deu-lhe com a porta na cara. Pô-lo a pão e laranja. Pregou-lha na menina do ôlho. Tirou o pão ao pobre homem. Tinha-a fisgada. (V. *maldade).*

Malevolência. — (V. *maldade).*

Malôgro. — Encontrou-se a ronda com a justiça. Ia buscar lã e veio tosquiado. Saiu-lhe o gado mosqueiro. Mijou-lhe o cão na carreira. Não pegaram as bichas. Saíram-lhe as contas furadas. Enganou-se no número da porta. Entalaram-lhe lá o rabo. Deram-lhe com a pá no rabo. Trazia o rabo a arder. Cuidava um cuido e saiu-lhe um burro. Cuidava que se benzia e quebrou o nariz. Deram-lhe com o *chiça*. Ficou mamado. Ficou a vinte e nove. Ficou com cara de asno. Ficou com os gostos aguados. Três vezes nove, vinte e sete... (1). Pagou uma cabra. Foi como burro e veio como asno. Pode limpar as mãos à parede. Eu não te dizia, — que papas à noite faziam azia? Agora chore-lhe na cama, que é parte quente. (V. *revés).*

Maluqueira. — (V. *desequilíbrio).*

Mêdo, receio. — Tem mêdo que se fina. Tem mêdo que se mija. Meteu o rabinho entre as pernas. Até abana. Anda com o Credo na bôca. Pela-se com mêdo. (V. *susto).*

Meio têrmo. — Meteu bastante gente, o noivado; mas ainda lá havia muito chão para camas. A comida era escapatória; o vinho era assim vá que não vá. Não é bonita que espante, a noiva, nem feia que meta mêdo; é assim e assim. O enxoval não é lá essas coisas; é assim — tem-te, Maria, não caias.

Memória, lembrança. — O que você disse assentou êle logo no canhão (2). Lá lhe fica. Não caíram no chão, as suas

---

(1) Completam a frase as palavras: «noves fora, *nada*».

(2) *Canhão* em vez de *canhenho.*

palavras. Não caíram em cesto roto. Êle não come esquecidos (V. *perigo)*.

Mendicidade. — É um irmão das portas. Anda à fatia. Anda a jogar o pau com os cães. Anda pelos fiéis de Deus. Mais vale pedir que furtar. Atrás de quem pede ninguém corre. «Perdoe, irmão (1); Deus o favoreça, irmão. Deus o remedeie. Deus lhe depare quem bem lhe faça». (V. *pobreza)*.

Mentiras, patranhas. — Nunca mente senão quando abre a bôca. Põe sempre alguma coisa de sua casa. Dum agreiro faz um cavaleiro. Quer meter os dedos nos olhos a tôda a gente. — «Que dizes?! isso são histórias da carochinha. Não me entra. Olha cá para mim sem te rires... Sim; mete-lhas gordas, que são boas para assar. Essa é muito calva. Abram lá a janela; deixem passar». O velho na sua terra e o moço na terra alheia podem mentir à vontade.

Meteoros. — Que ventania! certamente morreu algum escrivão. Até corta! A velha, esta noite, peneirou (2). Está frio como cão. O dia, hoje, já mostrou umas poucas de caras. O vento está a puxar, a puxar... No verão, anda a água em odres novos; mas agora... Está já a cair uma chuvinha de molha tolos. O cavador pirou-se; diz êle que não tem nenhuma horta nas costas. Ontem cobriu-se com um saco (3) e foi agüentando; mas ali à tardinha aquilo caía água se Deus a dava! Quando chegou a casa ia feito numa sopa, ia feito num pinto. Entrava-lhe a água no pescoço e saía-lhe aos pés.

Mimaça. — (V. *amor)*.

Mocidade. — Rapazes, nem quietos nem calados. Têm bicho carpinteiro. Estão com o sangue na guelra. A brinca, para êles, é como o pão para a bôca.

Modéstia. — Êsse lugar ocupei-o eu já, à falta de homens. || Querem que lhes diga?... oiçam lá então um conselho de ruím cabeça.

Morosidade. — Há que veníssimos ali anda aquela gente trabalhando! aquilo são as obras de Santa Engrácia. Leva

---

(1) *Dar o perdão* a um mendigo é desculpar-se por não poder socorrê-lo.

(2) Caíu geada.

(3) Quando chove, alguns rurais ajeitam o fundo dum saco em forma de carapuça, que enfiam na cabeça.

tempo, mas fica bom (1). O jôgo não quer pressa (2). (V. *preguiça).* || Demos um bom passeio; agora vamos puxando para casa. Devagar; ninguém corre atrás de nós. Olhem aquele velhito, coitado! anda tanto como uma lesma. Anda tanto como um caracol num alqueive; anda tanto como um sapo peado. Vai em passo de boi velho.

Morte. — Tão certa e tão estranhada! || A criança foi-se como um passarinho. Não disse ai! Aquilo não era do mundo. || Morreu o pobre aleijado? fez-lhe Deus uma esmola. Coitado! já não faz sombra. Foi para os loireiros. || O doente piorou; está a dar a alma a Deus. Ontem esteve um pouco aliviado; foi a visita da saúde. Já acabou; pagou já a sua dívida. Já deu contas. Já sabe o bem e o mal que fêz. Deus lhe perdoe os seus pecados. Deus o tenha à sua vista. Deus o tenha em descanso.

Namôro. — Êle anda a atirar batatinhas à púcara. Está prêso pelo beiço. Não se agarra a tojos! A môça é um torrão de açúcar. E para ela, outro burro não vai à feira. Casarão? parece que sim; aquilo já anda no chôco. São amores da azeitona (3); mas aqueles vão à igreja. A irmã, essa fica para tia.

Ociosidade. — Aquele manaça anda por aí aos paus, anda por aí aos grilos. Anda a passear as tardes. É oficial da boa vida. Quer andar de costa direita. Quer estar de perna estendida. Gosta de matar pulgas com as costas. Passa o tempo a olhar para o Norte. Passa o tempo com uma mão em cima da outra. (V. *preguiça).*

Oportunidade. — Veio-lhe agora aquilo do Céu aos trambolhões. Duma cajadada matou dois coelhos. Duma via fêz dois mandados. (V. *êxito).*

Paciência. — (V. *resignação).*

Pancadas, pauladas. — Chegaram-lhe a roupa ao corpo. Chegaram-lhe ao pêlo. Chegaram-lhe à figura. Tocaram-lhe a pavana. Levou por as ventas. Apanhou para o tabaco. Escovaram-lhe as costas. Sacudiram-lhe o pó. Apalparam-lhe as

---

(1) Frase irónica.

(2) Idem.

(3) *Os amores da azeitona || São como os da cotovia; || Acabada a azeitona: || «Fica-te com Deus, Maria».* (Trova popular).

costelas. Assentaram-lhe as costuras. Deram-lhe uma esfrega. Deram-lhe uma carga de pau. Puseram-lhe umas asas de pau. Deram-lhe comida de urso. Apanharam-no à mão de semear. Assentaram-lhe as mãos na cara. Choviam-lhe em cima os murros. Aquilo era às mãos ambas. Era zás trás nó cego. Era como quem se despedia. Era como quem batia no chão. Tocaram-lhe ao Senhor fora na freguesia das costelas. Amolgaram-lhe o canastro. Por fim levou uma data de pedra. As pedras voavam. Até feriam lume. Viu lá as estrêlas. Viu lá as estrêlas ao meio-dia. Se por uma parte lhe chovia, por outra lhe ventava. Puseram-lhe as uvas em pisa. Puseram-no em lençóis de vinho. Como deu o corpo ao manifesto, levou a sua conta. Vinha depois feito num feixe. Houve lá pancada por um sarilho. Aquilo era bordoada de cego. Só se perderam as que caíram no chão. Ficou tudo feito em bagaço, ficou tudo feito em bôrra. Ficou tudo feito em isca. Ora a Justiça não perdoa. E agora têm alguns de pagar as favas. Têm de pagar a pescada, têm de pagar o pato. Têm de pagar uma grande bezerra. Quem bate, bate em si. (V. *luta; participação)*.

Parasitismo. — Aquele, vive à custa da barba longa. Carda-lhe bem a lã. Come-lhe os olhos. Ali, é quem mais pode. É só rapinhar. (V. *furto)*.

Parentes. — Aquele homem não me é nada; nem da água nem do sal. E que o fôsse! parente ruím não me é nada. Parentes são os meus dentes. O outro, sim; é meu irmão, — mas de outra cama [1].

Participação, cumplicidade. — Aquele sujeito quis também molhar a sua sopa. Tem rasca na assadura. Andam todos cosidos uns com os outros. (V. *pancadas)*.

Pauladas. — (V. *pancadas)*.

Paz, harmonia. — (V. *concórdia)*.

Perigo, risco. — Eu não lhe queria estar na pele. Êle anda a brincar com o fogo. Está-lhe o corpo a pedir chuva. Bem se pode êle meter pelo chão abaixo!... Está entre o martelo e a bígorna. Está entre a cruz e a caldeirinha. Há-de se ver em calças pardas. Meteu-se em maus lençóis. Meteu-se em camisa de onze varas. Meteu-se em talas, meteu-se em danças. Há-de lhe sair cara a bolada. O outro trá-lo de ponta. Pois espe-

---

[1] Irmão consanguíneo, ou irmão uterino.

rem-lhe pela pancada. — Mas quem tem bens ao luar... [1]. As noites não têm cancelas [2]. (V. *ameaças, memória).*

Pobreza, indigência. — É pobre como Job. Não aveza vintém. Não tem uma de xis. Não tem com que mandar cantar um cego. Não tem onde caia morto. Não tem senão o dia e a noite. Nunca passa da cepa torta. Anda de quarta para meio alqueire. Ganha-o de dia para o comer à noite. Anda a apitar, anda a tinir. Anda a pau de pírulas, anda pela piranga. Não lhe chega a farinha ao tender. Anda com as mãos a abanar. Anda a cair aos pedaços. Chegou à pena última. Se o voltarem, não deita nada. Está à divina. Não tem eira nem beira, nem ramo de figueira. Não tem senão as estradas livres para passear. É um pobre de Cristo. (V. *fome, mendicidade).*

Pragas. — (V. *imprecações).*

Pregões. — Compra chita! Sardinha *(ou* carapau) de corrida! [3]

Preguiça, indolência. — Aquele servo é dado à boa paz. Faz tudo tarde e a más horas. Não ata nem desata. Põe a mão debaixo do braço. É mole como um caldo, como umas papas, como uma abóbora. Faz muita cera; faz cera de oito tostões. (V. *morosidade, ociosidade).*

Prejuízo. — «Não me dá a mecha para o sebo. Não me dá o ganho para a relação. Venha de lá agora mais isso, para a corda do sino! Assim se me vai tudo quanto Marta fiou». Coitado! perdeu as orelhas. Ficou à dependura. (V. *prodigalidade).*

Pressa. — Está com o pé no estribo. Está-se-lhe a derreter uma banha. Está pelos cabelos. Mordem-lhe as pulgas. — «Depressa, que sou de Alcanhões!» (V. *aesejo).*

---

(1) Quem tem prédios rústicos onde, de noite, possa alguém introduzir-se furtivamente...

(2) Dispensam autorização para entrar em sítios defesos.

(3) O primeiro pregão usaram-no até há poucos anos os *tendeiros* (fanqueiros ambulantes); o segundo é o das peixinheiras que trazem o seu peixe em canastras. O reclamo dos sardinheiros era, em tempo, um molho de campainhas pendurado no pescoço das bestas de carga; depois serviam-se, às vezes, duma buzina. Os capadores tocam ainda hoje uma espécie de gaita de Pan.

Pressentimento. — Bem me dizia uma voz cá de dentro!... Parece que o coração me adivinhava.

Presunção. — Êste faz-se de bôca lavada. Aquele quer ensinar o Padre-Nosso ao vigário. O outro é o homem das mãos grandes (1). A mocinha olha já para a sombra (V. *soberba).*

Prevenção. — «Por sim por não levo uma arma. É para o que der e vier». Estava de pé atrás. Pôs as barbas de môlho. Não o apanham descalço. (V. *previdência, suspeita).*

Previdência. — Aquele ganhou-o em bom tempo. Ganhou-o com os dentes para o comer com as gengivas (2). (V. *prevenção).*

Prisão e encarceramento, degrêdo. — Foi prêso por quatro soldados e um cabo (3). Meteram-no na gaiola. Puseram-no à sombra. Está debaixo dos ferros de el-rei. Está onde não vê sol nem lua. Está a comer o pão que o diabo amassou. Brevemente lá terá de ir num cavalinho de pau (4).

Probidade, honradez. — Aquele homem, pode-se-lhe confiar oiro em pó. Não se lhe pega nada às mãos. Para êle, o alheio é sagrado. Não quer rabos de palha. Vive sem vergonha de Deus nem do mundo. (V. *firmeza, louvor).*

Prodigalidade. — Dinheiro na mão dêle é como sebo em nariz de cão. Como lhe não custou a ganhar... Não pode dormir quando sente dinheiro no bôlso. Dá com tudo em vasa-barris. Está aqui está sem nada; para o quê, vocês verão. Tem enterrado muito dinheiro; tem atirado com muito dinheiro à rua. Não coalha vintém. Agora pôs uma lojita, mas dá lá um a quem lhe compra outro. Aquilo é chapa ganha, chapa gasta. Assim, vai-se-lhe tudo à festa, vai-se-lhe tudo à gagosa; vai-se-lhe tudo por água abaixo. Se é [se fôsse] poupado, outro galo lhe cantara.

Propriedades rústicas. — Agradam, quási sempre, as que se podem lavrar para quatro lados (5). E também as que ou-

---

(1) Presume de muito despachado.

(2) Diz-se dum velho que vive com o produto do que na mocidade adquiriu com o seu trabalho.

(3) Os dedos da mão.

(4) Num navio, a caminho do degrêdo.

(5) Em virtude da sua horizontalidade.

vem ferver a panela (1). Mas estas, quem as tem chama-lhe suas. (V. *agricultura).*

Prosperidade, medrança. — F., corre-lhe tudo ao pintar. Corre-lhe tudo por uma têlha. Vai-lhe tudo num sino. Tirou o pé do lodo. E agora teve o seu S. Martinho. Entrou por criado e saiu por amo (2). Parece que tem cabeça de víbora (3). Está, agora, nas suas sete quintas. (V. *riqueza).*

Protecção. — (V. *adjutório, empenhos).*

Proximidade, iminência. — Aquilo está por um fio; está por um fio de lã podre. Está por uma unha negra. Está por um tris. Está vai não vai. Ainda não comi nem bebi depois que mo disseram. Qualquer dia rebenta. A coisa estoira, olá se estoira!

Prudência, ponderação. — «Esperemos», — disse eu com os meus botões. «É bom ver em que param as modas. Não é sangria desatada». || «Você, deixe lá falar quem fala. Aquilo, quanto mais se lhe mexe, mais fede. Não acorde moscas que estão a dormir. Deite isso para trás das costas. Coma, se quiser, e cale-se; coma e não esbagoe. Meta a mão na consciência». — Falou pela bôca dum anjo. (V. *cautela).*

Publicidade. — Deitou voz e fama que ia casar, e agora nega. Mas sabe-o já Deus e todo o mundo. Já não há cão nem gato que o não saiba. (V. *linguarice).*

Pusilanimidade, irresolução. — Trinta alfaiates para matar uma aranha! São homens de càqueràcá. Olhem: aquele agora está a fazer têrmo (4). Está em balanços. Nem cá nem lá. Nem para o mar nem para a terra. Aquilo não é carne nem peixe. Não cheira nem fede. Não é capaz de deitar uma pulga fora da cama. Não é capaz de deitar uma galinha fora de casa. Pobre ovelha! (V. *mêdo).*

Quizília. — Não o pode ver nem pintado. Não o pode ver tinto numa parede. Foge dêle como o demo da cruz. O que quer é vê-lo pelas costas. Faz-lhe figas. Vê-lo, é como se visse um lobo. Acompanhá-lo, é como se lhe arrancassem os dentes. Com êle nem para o Céu. São como o cão e o gato. — «É

---

(1) Por estarem juntas à vivenda de seu dono.

(2) Diz-se do serviçal que casa com a patroa.

(3) Veja o meu opúsculo, *Superstições*, pág. 76.

(4) *Fazer têrmo*, estacar, indeciso, como o burro de Buridan.

que eu trago cá uma espinha!...» Se alguma vez falam, é por entre dentes. Andam a ferro e fogo. (V. *cólera, luta)*.

Rapidez. — (V. *efeito imediato)*.

Reacção, desfôrço. — Levantou-se a ronda contra a justiça. Voltou-se o feitiço contra o feiticeiro. Tomou o pulso ao outro. Ganhou barlavento. Deu-lhe o trôco. Pagou-lhe na mesma moeda. Curou a ferida com o pêlo do mesmo cão. Já não deixa que lhe ponham o pé no cachaço. Até a formiga se encrespa, quando a pisam. A razão pode muito; a razão tem muita fôrça. (V. *malôgro)*.

Recato. — A tal môça não põe pé em ramo verde. Está fechada a sete chaves. Ninguém lhe põe a vista em cima.

Reconsideração, retractação. — «Já aqui não está quem falou». Deu a mão à palmatória. Entrou no rêgo. O outro tinha carradas de razão; todos lhe dão os ámens. (V. *arrependimento)*.

Recusa. — «Não toma nada. Não toma nada sem açúcar. Não me dá a conta. Não estou em casa. Não estou pelos autos. Não estou para aí virado. Não sirvo de remendo. Não quero saber de *desgrácias*. Quem lhe comeu a carne que lhe roa os ossos. Cuide ela das suas agulhas e eu cuidarei dos meus alfinetes. Vá bater a outra porta. Para cá vem de carrinho. Pois não foste! Não é o filho de meu pai... Rala-te! Xô, rôla! Nem que me doirassem. Nem que viesse Deus do Céu à Terra. Nem que o mundo se voltasse de baixo para cima. Tó, carôcho! Vens bem guiada! E ela a dar-lhe! Paulino tem ôlho. Vá cantando! Já não corro a foguetes. Está nas malvas! Resposta? está nas tintas! Ver-me? não sou pano de amostra. Se a atendo? isso atende êle, que é curioso!» Abanou as orelhas. Passou-lhe as palhetas. Não lhe deu corda. (V. *desdém)*.

Referências. — (V. *alusões)*.

Refôrço, intensificação. — (V. *repetição)*.

Remoques, reprimendas. — «Vossemecê trata-me por tu?! não me lembro de guardarmos juntos as cabras. Ah, sim; custa-lhe a dobrar a língua. Não ria tanto, que se faz feio. Veja como fala, que estão os telhados baixos (1). Temos de o prender mais curto!» — Dei-lhe nas ventas para trás. Ensinei-lhe a regra do bem-viver.

Repetição. — Eu cá de mim vou já já para a Granja. Se

(1) Pode alguém ouvir essas indecências.

quero o meu bordão? quero, quero. Aquela propriedade é muito boa, mesmo muito boa. Tenho lá um jardim lindo lindo. Eu é que cuido nele; eu, só por só. ‖ Olha: ali está a pequenita que ontem nos pediu esmola; coitada! vinha a tremer a tremer, com frio. E trazia fome; aquilo comeu, comeu... e depois falou, falou... Pobre criança!

Resignação, esperança. — «Está mau, o tempo? está bom, que o manda Deus. Mau para os pobres? atrás dum dia vem outro. Pobre é o diabo, que perdeu a graça de Deus. Deus que nos cá tem, algum rumo nos há-de dar. Todos nós nascemos sem camisa. A gente não tem senão o que Deus Nosso Senhor nos empresta. A caridade ainda se não acabou». — «Deus o oiça. Deus queira que sim; senão, paciência. Êste mundo são dois dias. Seja o que Deus quiser. Todos têm a sua cruz. A minha, a Deus Nosso Senhor a ofereço. E seja em desconto dos meus pecados». — «Tudo se remediará, querendo Deus. Nosso Senhor ainda está onde estava. Dêmos tempo ao tempo».

Resolução, audácia. — Deu-lhe na cabeça fazer a asneira. Quiseram retirá-lo, mas a êle ninguém o volta. — «Já disse; pronto! Não quero; acabou-se!» Não gosta que lhe digam as coisas duas vezes. Um dia pegou em si, e êle lá vai. Ia de peito feito. Pois se bem o disse, melhor o fêz. Topou o outro, e foi-lhe logo às ventas. Foi-lhe logo para cima com vento fresco. Não esteve lá com uma nem com duas. Não esteve com meias medidas, não esteve com mais aquelas. Quando diz que vai, já lá está. Aquilo é dito e feito. — «O que se há-de cozer, asse-se», — diz êle. «Um homem é um homem (e um gato é um bicho). Agora, do Céu venha o remédio». A mulher é também de cabelinho na venta. É mulher de faca e calhau. Se vestisse pelos pés assim como veste pela cabeça, nem o diabo tinha contas com ela. (V. *irascibilidade).*

Revés. — Coitado! bateu a má porta. Ferrou com as ventas num sedeiro. Estalou-lhe a castanha na bôca. Caiu-lhe o raio em casa. Foi de cabeça abaixo. Enterrou-se até às orelhas. Tudo ali deu em droga. Tudo deu em água de bacalhau. Foi tudo à vela. Foi tudo para Pantana. Ficou a ver navios. Ficou a chuchar no dedo; ficou a olhar ao sinal. Já não levanta cabeça. (V. *malôgro).*

Riqueza, abastança. — É um ôvo cheio, aquela casa. Ainda lá não viram o fundo à tulha. O dono tem a bôlsa quente. Tem muito caroço. Tem muita massa, muito bago,

muita bagalhoça. Recebe tudo limpo e sêco (1). Tem dinheiro como terra, tem dinheiro como milho. Tem dinheiro como bagaço. Tem dinheiro a rôdo. Podia, em sua casa, ter pregos de oiro. Tem mais nos farelos que eu tenho na farinha. Não sabe o que tem de seu. (V. *prosperidade).*

Satisfação. — (V. *alegria).*

Segrêdo, reserva. — F. sabe da negociata, mas tapou-se (2). Puseram-lhe o dedo no nariz (3). Não se lhe tira nada do bucho. Preguntei-lhe; — «não é da sua loje!» Não abriu bico (4). Não deu pio. Não disse chis nom bis. Meteu-se em copas. Aquilo são arcas encoiradas. É o segrêdo da abelha. Lá os fazem, lá os baptizam. Agora diz-se à bôca pequena... mas cala-te, bôca! São coisas, são coisas!... São coisas e loisas. Digo-lho? mas bico calado! que nem o chão o sonhe!... — Pôs-se-lhe pedra em cima.

Silêncio. — (V. *segrêdo).*

Símiles (5). — Cabeça de dòninha. Cara de lua cheia. Ôlho de goraz. Olhos de cobra. Olhos de mocho, olhos de gato. Olhos de porca morta. Nariz de papagaio. Bôca de arraia. Dentes de fava. Língua de trapos. Barba de chibo. Pescoço de amotolia. Goela de ganso, goela de pato. Goela de lobo. Mãos de sapo. Barriga de bicho. Pernas de galgo; pernas de paviola. Fome de lobo. Vergonha de cão. Partidas de leão e saídas de sendeiro. (V. *apodos, comparações, definições).*

Simpleza, ingenuidade. — É homem de ideia pequenina. Tem lembranças que parecem esquecimentos. Não vê dois palmos adeante do nariz. Tem peneiras nos olhos; tem os olhos abotoados. Cuida que todo o mato é ourégãos. Estava contando com o ôvo da galinha. Esperava por sapatos de defunto. Cuidava que ia para a missa do galo. E foi meter-se na bôca do lobo. Caiu como um pato. Caiu na asneira. Caiu na ratoeira, caiu no laço, caiu na esparrela. Tirou-se da lama e meteu-se no atoleiro. (V. *inexperiência, malôgro, toleima).*

---

(1) Diz-se de quem recebe rendas em géneros.

(2) Calou-se.

(3) Intimaram-lhe silêncio.

(4) Sôbre o assunto em questão, — entende-se.

(5) Alguns dêstes símiles empregam-se também como apodos.

Soberba, vaidade. — É muito senhor do seu nariz. Não lhe cabe no rabo uma seda [*ou* cerda] de sapateiro. Todo se desengonça. Até dobra; até quebra. Bebe ventos. Está de verga de alto. Cuida que tem o rei na barriga. Faz pouco de todos. Anda por aí a mijar sentenças. Anda a arrotar postas de pescada. Só êle é gente. Não mata nunca porco magro. Nunca deixa o seu crédito por mãos alheias. Pois como é que ela canta?!... (V. *gravidade afectada).*

Sondagem. — Está a deitar óculo. Está com sete olhos. Não perde pitada. Não deixa cair nada no chão. Apanha tudo no ar. Basta-lhe só meia palavra. Quer ver se tira nabos da púcara sem se escaldar. Deitou a rêde. Estendeu toalha para apanhar guardanapo. Tomou o pulso aos mais; puxou-lhes pela língua. Já descobriu por onde o gato vai às filhoses. (V. *arteirice, esperteza, fingimento).*

Sonolência. — Está a fazer contas de cabeça. Caiu mortal. Foi como uma pedra que caiu num poço. Está como um prego.

Sugestão. — (V. *insinuação).*

Superioridade. — (V. *excelência).*

Surpreza. — Apanharam-no com a bôca na botija. Eu fiquei parvo [quando o soube], fiquei de bôca aberta. Daquela moita não se esperava tal coelho. (V. *desapontamento).* ‖ Por que carga de água resolveste passar aqui? Que bom vento te trouxe à nossa terra? Se estivesse ao pé da tôrre tocava o sino.

Suspeita. — F. doeu-se do cabelo. É que anda mordido da abelha. Anda com a pulga no ouvido. Anda com a pedra no sapato. — «Tenho cá uns zuns-zuns... Rosna-se por aí... Anda moiro na costa! Eu tenho um dedo que me adivinha». (V. *prevenção).*

Susto. — Ficou passado como um figo. Estava desmaiado como a cal da parede. Ficou sem pinga de sangue. Tinha o coração como uma ervilha. Os cabelos pareciam espetos. Tremia como varas verdes. Até urinou pelas pernas abaixo. Até sujou as ceroilas. Chamou lá pelo seu Deus. Gritou por quantos santos havia. Não sabia onde se havia de meter. (V. *mêdo).*

Tardança. — (V. *demora).*

Teimosia. — Arrumou os pés à parede. Não, aquele não se volta! Nem à mão de Deus Padre. Ofereçam-lhe lá cinco réis, a ver... — «Não me desço da burra!»

Tempo, duração. — Há que veníssimos eu não vou ao

campo ganhar a jorna! Há tempos esquecidos. É longe? mas é que eu acho tempo e não acho dinheiro. (V. *dia e noite, meteoros*).

Toleima. — (V. *incapacidade*).

Tolerância. — O homem tem opinião (1), lá isso tem; mas, emfim, pode com ela. Para os criados é êle um passa-culpas. Deixa passar carros e carretas; faz vista grossa. Diz êle que, melhores, só mandando-os fazer nas Caldas. Agora por Caldas: não se esqueçam de ir com os marruchos à feira. Êste aqui assim é ordinário, mas também pode ir na rêde; Maria vai com as outras.

Trabalho. — (V. *actividade*).

Trabalhos. — Puseram-no lá a pão e laranja. Viu-se da côr da melra; viu-se da côr da abelha. Viu-se azul. Deu-lhe a água pela barba. Suou-lhe o topete. Suou as estopinhas. Teve de correr Seca e Meca. Andou a correr a Via-Sacra. Andou de Herodes para Pilatos. Deu mais voltas que um cão num cesto. Deu voltas no inferno. Agora anda de rastos, como a cobra. É para dar volta ao miolo! (V. *perigo*).

Tristeza; compaixão. — Ficou como o espargo no monte. Ficou na escuridão. Andou pelas ruas da Amargura. Chorava como uma Madalena. Chorava como uma criança. Bebia as lágrimas. Aquilo até fazia chorar as pedras. Até cortava os fios de alma. Cortava o coração. A gente não é de pedra. — «Trago uma nuvem no coração! Trago o coração apertado!» Anda triste como a noite. Não há sol que o aquente. É uma dor de alma.

Uso, praxe. — Isso é dos livros. Isso é velho. Mais velho que o azeite e vinagre nas tendas. Já lá vem de trás. Tôda a vida assim foi. Não queremos cá modas novas.

Vagabundagem. — Aquele sujeito não tem casa nem vida. Apareceu aí um dia como cão de má casta. A terra dêle? arredada do inferno sete léguas. Não tem eira nem beira nem ramo de figueira. Anda por êsse mundo de Cristo. Anda por aí a Deus e à ventura. Anda ao Deus dará. Tem corrido Seca e Meca e olivais de Santarém. É de Deus e de todo o mundo. — «Não estou bem aqui (diz êle)? Portugal tem três mil pias (2) e eu não vivo três mil anos».

---

(1) Basófia.

(2) Freguesias.

Vaidade. — (V. *soberba).*

Velhice. — O tal homem tinha moio e meio de anos [1]. Tinha já uma boa carga às costas. Era mais velho que a Saragoça; era mais velho que a Sé. Lembrava-se de Judas ter sarampo [2].

Vergonha, acanhamento. — Come como são e fala como doente. Cai-lhe a cara no chão, com vergonha. Parece que se some pelo chão abaixo. É um bicho do mato.

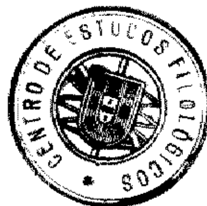
Vestuário. — Aquela môça é um brinco de cantareira. Quanto ganha, tudo põe em cima de si. Perdia muito quem a comprasse no domingo para a vender na segunda-feira [3]. — «Ó rapariga: olha não caias das saias abaixo» [4]. — «Até ao joelho é do concelho». || Olhem o garoto! com um chapéu às três pancadas. A respeito de fato é que êle está quási como S. Sebastião de calções.

Vigilância. — Êles trazem-no de ôlho. Trazem-no debaixo de ôlho. Andam com sete olhos. Querem ver o fundo à canastra.

Volubilidade. — (V. *inconstância).*

Zombaria. — Fizeram lá gato sapato dêle. Estavam-lhe em casa sem êle o saber. Serviu de palito. Metiam-lhe os pés nas algibeiras. Fartaram-se de arreganhar a tacha. Foi lá um papel de comédias.

III



Ditados

Acção directa

Quem recados manda, recados lhe vêm. — Quem quer, vai; quem não quer, manda. — Quem quer ser rico, anda; quem quer ser pobre, manda. — Cartas são papéis. — Aonde eu não vou, todo o meu bem se acabou. (V. *inspecção).*

---

(1) Isto é: 60 + 30.

(2) «E a Prudência foi-lhe ao entêrro», ajuntam alguns.

(3) Aos domingos é que certas môças ostentam os seus arrebiques.

(4) Diz-se às que trazem saias muito curtas.

Acomodação

Todo o tempo é tempo. — Tudo o que não há se escusa. — Sempre se encontra um têsto para uma panela. — Sempre se encontra um chinelo para um pé doente. — Por um alho não se desmacha uma alhada.

Actividade, diligência

Não deixes para àmanhã o que podes fazer hoje. — Pela manhã é que se começa o dia. — Trabalho começado é meio acabado. — Rêgo aberto é meia jeira dada. — Na taberna, emquanto se bebe; na igreja, emquanto se reza; à mesa, emquanto se come; na cama, emquanto se dorme. — Barco parado não faz viagem. — Lobo que não anda não come carne fresca. — Em tempo de guerra não se limpam armas. — Pedra roliça não cria bolor. — Muito pode a velhinha para a sua casinha. — Guarda que comer, não guardes que fazer. — Para a missa e para o moinho não esperes pelo vizinho. — Cabra manca não tem sesta (1). — Quem quer a môça, anda com os pés e fala com a bôlsa. — A Diligência é mãe da Boaventura. — Quem faz o que pode não é a mais obrigado. — Faze da tua parte, e Deus te ajudará. (V. *trabalho).*

Agricultura

Terra de ladeira é terra de canseira. — Terra de pimenteira (2) não pode ser boa, ainda que queira. — Terra que se não veste a si, não veste o dono. — Chão de silva é para a minha filha; de feto, para o meu neto; de grama, para a minha dama; de jero, êsse é o que eu quero. — Quem mal amanha, mal apanha. — O que se amanha a cantar apanha-se a chorar (3). — O cuidado do lavrador está no fim do rêgo (4).

---

(1) Alguns acrescentam: «e se a tem, pouco lhe presta».

(2) Erva-pimenteira, lepídio.

(3) Ao que se amanha sem esfôrço corresponde escasso produto.

(4) Porque dando êle aí volta ao cingel, poderá reduzir o tempo ordinàriamente empregado nessa manobra.

— Chão mudado, pão dobrado [1]. — Estruma, não ponhas marco, saberás por onde eu parto. — Cada camalhão um saco de pão [2]. — Salomão, cem anos semeou pão; perdeu sempre no serôdio e só uma vez no temporão. — «P'ra onde vais tu, serôdio?» «Vou atrás do temporão». «Nunca tu o apanharás, nem na palha nem no grão». — Ao pé do [trigo] acamado está o grado. — [Trigo] branco e galego, água pelo rêgo [3]; durásio e tremês, espera-lhe a vez. — O milho quer sol na fôlha e água na raiz. — Perca-se a sementeira, não se perca a ocasião. — Pão ralo põe o dono a cavalo. — Tira-te daí, e eu darei por mim e por ti [4]. — Deitem-me no pó, e de mim não tenham dó [5]. — Os nabos querem-se chorados [6]. — Alface menininha e couve mulherzinha [7]. — Deitem-me na lama, mas façam-me boa cama [8]. — Nunca o teu ôlho veja o que a fava e o linho deseja [9]. — Fava, um ano entre outro, ou daí a sete ou oito [10]. — Levanta faval, semeia linhal. — Oliveira em flor é cortar e dispor. — A água é o sangue da terra. — Há sol que rega e chuva que seca. — O lavrador é cego [11]. — Deus é criador. (V. *arboricultura*, *economia*, *épocas*, *meses*, *prognósticos*).

---

(1) A mobilização e a acção meteórica melhoram-no.

(2) Corrigindo-se com os seguintes amanhos a imperfeição da lavoira.

(3) Não é um grande inconveniente a chuva, na ocasião da sementeira.

(4) Supõe-se uma fala das plantas às suas vizinhas mais chegadas.

(5) Diz isto a semente do nabo, que convém ser semeada antes das primeiras chuvas do outono.

(6) Por nascerem ralos, — condição para o seu bom desenvolvimento.

(7) Isto, na ocasião da transplantação.

(8) Dizem isto as favas aos respectivos semeadores. Boa cama = boa adubação.

(9) Chuva bastante, é o que essas plantas desejam.

(10) Não aproveita semear essa leguminosa no mesmo terreno senão com o intervalo dum ou mais anos.

(11) Porque não prevê as intempéries.

Alegria, contentamento

Mais vale pão com amor que galinha com dor. — Homem pobre com pouco se alegra. — Pobrete, alegrete. — Bem se lambe o gato depois de farto. — A cabra com o viço dá com o corno no toitiço. — Quando o arrais canta, bem vai a embarcação.

Aliança, camaradagem

Deus os fèz, Deus os ajuntou. — Semelha com semelha, cada qual com sua parelha. — Lobo não mata lobo. — Barqueiro não paga a barqueiro. (V. *companhia).*

Aliciação, venalidade

Boa demanda ou má demanda, o escrivão por minha banda. — Pela bôca é que se aquenta o forno (1). — Candeia que vae adeante alumia duas vezes (2). — O dinheiro acaba tudo.

Alimento, sustento

Comer e beber são espeques da vida. — O frade, por onde anda, não lhe falta o pão na manga. — Azeitonas com pão alvo é comer de fidalgo. — Carne, carne cria; nenja o peixe de água fria. — Carne magra de porco gordo. — Água ao figo; e à pera, vinho. — Depois de peras, vinho bebas (e tanto que nadem as peras). — Em cima de melão, vinho de tostão. — O vinho é o sangue dos velhos. — O vinho dá vista a cegos e pernas a coxos. — Água-pé nova e vinho velho. — Pão de hoje, carne de ontem e vinho do outro Verão põem o homem são. — Azeite de cima, mel do fundo e vinho do meio. — Chá do último, café do primeiro. — Desta idade em que estou nunca o doce me amargou. — Abóbora e nabo enganou o

---

(1) Alusão aos presentes com que se subornam pessoas venais.

(2) Alusão às dádivas que têm em mira obter, de futuro, qualquer favor.

diabo (cozidos de três dias) (1). — Pelo S. João [a sardinha], pinga no pão. — Quem em Maio não merenda, aos finados se encomenda. — Não come Maria, come quem na cria. — Quem põe a mesa põe a despesa. — A hora do comer é a mais curta. — Comida feita, companhia desfeita (V. *fome*, *higiene*, *economia*).

Alternativa

Ou armas ou letras (2). — Ou sangue ou criação (3). (V. *disjunção*, *revezamento*).

Ambição e suas conseqüências

Quem mais tem, mais deseja. — Bem parece em casa cheia o que vem da alheia. — Quem mais me dá, mais meu amigo é. — Quem muito sobe, muito desce. — Quem muito corre, muito cansa. — Quem muito come, mal mastiga. — Quem muito quer, muito perde. — Em bens do mundo ninguém se enleve; quem todo lo quer, todo lo perde.

Ameaças

Almocreves *semos*, na estrada nos encontraremos. — Largos dias têm cem anos. — A cadeia não se fêz para os cães.

Amizade

Percam-se as ocasiões, não se percam os amigos. — Nos trabalhos se conhecem os amigos. — Quem me quer bem, diz-me o que sabe e dá-me do que tem.

Amor

Quem quer bem sempre se encontra. — Amor não quer

---

(1) Por estarem quentes, quando se supunha haverem perdido já o calor.

(2) Em virtude das modernas condições sociais caiu em desuso êste provérbio, que há muitos anos ouvi.

(3) Isto é: ou natureza ou educação.

senhoria (1). — *Escândula* (2) aparta amor. — Não há amor como o de mãe.

Amos, superiores

Nem deveras nem zombando com teu amo jogues as peras. — Com teu amo não jogues as peras, que êle come as maduras e dá-te as verdes. (V. *criados*).

Ânimo, resolução

Quem se não aventurou, não perdeu nem ganhou. — O homem quer-se mudado, como a couve. — O que mais custa é o que mais vale. — Escorregar não é cair, é meio caminho andado.

Anuência, consentimento

Albarde-se o burro à vontade do dono. — Quem gosta sopeteia. — Quem cala consente.

Aparências ilusórias, falsos indícios

Nem tudo que luz é oiro. — Nem todo o mato é ourégão. — De noite todos os gatos são pardos. — Porca velha, de noite é marrã. — Quem vê caras não vê corações. — O mundo nos vê e Deus nos conhece. — Por fora, cordas de viola; por dentro, pão bolorento. — Não julgues o bom por bom nem o mau por mau (3). — O caro é barato e o barato é caro. — Quem não o conhecer que o compre, saberá a prenda que leva (4). — O negociante é como o porco; só se sente depois de morto (5). — Os homens não se medem aos palmos. — Um burro carregado de livros é um doutor. — Cão que ladra não morde. — Há males que vêm por bens. — O ramo, às vezes, está numa parte e o vinho noutra. — Deus que o assinalou, alguma coisa lhe achou. — Homem ruivo, porco saro, nunca dêle bom bocado.

(1) Prefere o tratamento de *tu*.
(2) Escândalo, ofensa.
(3) Isto é: não te fies só em aparências.
(4) Fecho dum conto popular.
(5) A prosperidade de alguns negociantes é ilusória.

Aprovação

Não há missa sem ajudante. — Não há padre celebrante sem o seu ajudante. — A uma boa razão não há que dizer.

Aproveitamento

Nunca te verás vingado de quem for aproveitado. — Quem não se abaixa a um feijão não se abaixa a um tostão. — A grão e grão enche a galinha o paparrão. — Muitos poucos fazem muito. — Por aquilo que uns não querem estão outros morrendo. (V. *utilização*, *economia)*.

Arboricultura, viticultura

De rico passará a pobre quem cavar pomar duro e vinha mole. — Pomar e vinha, por uma linha [1]. — Pode-me quem souber, empe-me quem quiser. — Escave-me quem quiser, pode-me quem souber e cave-me seu dono; faça que me arranca, mas não de todo.

Astúcia (V. *sagacidade)*

Atenção (V. *observação)*

Atracção

Puxa o bem para o bem e o mal para quem o tem. — Um mal nunca vem só. (V. *tendência*, *tentação)*.

Aviso

Quem me avisa, bem me quer. — Foi ordem que deixou S. Miguel: quem não quer ser lobo não lhe vista a pele. (V. *prevenção)*.

---

[1] Plantas com o tronco desfalcado ou, em parte, carcomido, alimentam-se mediante um reduzido número de canais, ainda intactos.

Ausência

Quem não aparece, esquece. — Longe da vista, longe do coração. — Pena que não vejo, não a sinto.

Autoridade, mando

Haja um que nos governe. — Mestre mandar, marinheiro fazer. — Muito pode o galo no seu poleiro. — Cada um em sua casa é rei.

Boa vontade

Mais faz quem quer do que quem pode. — Quando nós queremos, todos nós podemos. — Quem corre por gôsto não cansa. — Quem caça do coração é o dono do furão.

Camaradagem (V. *aliança*)

Cara, semblante

O mal e o bem à face vem. — Na cara se vê quem tem maleitas.

Caridade, beneficência

Faze o bem, não olhes a quem. — O Sol quando nasce é para todos. — O que comi, nunca mais o vi; o que dei, lá o achei [1]. — Quem bem fizer, lá o achará.

Casamento

Antes que cases, olha o que fazes. — Não há casamento pobre nem mortalha rica. — Casamento, apartamento [2]. — Misturadas, só de feijão e couve. — Boda molhada, boda aben-

---

[1] Supõe-se uma revelação acêrca das futuras recompensas.

[2] Pois que os recém-casados se apartam de suas famílias, para constituírem novo lar.

çoada [1]. — Viúva rica, casada fica. — Casa Maria com Pedro? Casamento negro!

Castigo, punição

Quem com ferro mata, com ferro morre. — Fugir ao dever, que o pagar é certo. — Deus castiga sem pau nem pedra. — Deus não dorme. — Pragas com razão, nem ao meu cão. — Filho és e pai serás; assim como fizeres, assim acharâs. — Quem adivinha vai para a casinha [2]. — Quem bate com a mão, fica com o seu quinhão. (V. *conseqüências*).

Cautela, precaução; circunspecção

Cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a doente. — O seguro morreu de velho. — Não ouvem as moitas, ouve quem está atrás delas. — Quem tem calos não vai a apertos. — Quando vires as barbas do teu vizinho a arder, põe as tuas de môlho. — Livra-te dos perigos e eu te livrarei dos trabalhos. — Nem de Inverno nem de Verão largarás o teu gabão. — Nem médico novo nem barbeiro velho [3]. (V. *aparências, prudência*).

Civilidade, cortesia

Quem quer honras, dá-as. — A honra é de quem a dá. — «Adeus» a ninguém se nega. — Aceitar é cortesia. — Quem vai, vai; quem está, está [4].

Comodismo

Ande eu quente, ria-se a gente. — Onde me vai bem, aí

---

[1] Êste prolóquio funda-se num preconceito popular, segundo o qual serão felizes os noivos que se consorciarem num dia chuvoso.

[2] Isto é, para a cadeia, onde eram outrora encerrados adivinhos e necromantes.

[3] O primeiro é inexperiente; o segundo é trémulo.

[4] Não se contenda com pessoa alguma.

é a minha terra. — Ceremónias são boas para a igreja. — Emquanto em pé, sentado; emquanto sentado, deitado (1).

Companhia, convivência

Só se veja quem só se deseja. — Até a formiga quer companhia. — Antes só que mal acompanhado. — Chega-te aos bons, serás um dêles; chega-te aos maus, serás pior que êles. — Dize-me com quem lidas, e eu direi as manhas que tens. — Quem com os cães se deita, com pulgas se levanta. — Quem lida com coxos, aos três dias coxeia. — Quem se mete com cachopos sempre fica borrado.

Compensação

O que não vai na farinha vai no farelo. — O que não vai em alhos vai em bugalhos.

Compras e vendas, negociações

Quem compra, casa; quem vende, viúva. — Vender a fidalgo quando quer comprar, e comprar a fidalgo quando quer vender. — Venda desmancha renda (2). — O dado, dado; e o vendido, vendido. — Quem dá o empreito (3) espera-lhe o proveito. — Quem troca odre por odre, algum dêles é podre. — Meias são boas para as pernas (4). — Amigos, amigos, negócio à parte. — Quem paga adeantado fica mal servido. — O mau recebedor faz o mau pagador. — Ajuste é lei. — O segrêdo é a alma do negócio.

Comunidade

Burro de todos, comem-no os lobos. — Favores ao comum, por modo nenhum.

(1) «Como dizia o espanhol», — acrescentam alguns.
(2) *Renda* por *arrendamento*.
(3) O mesmo que empreita ou empreitada.
(4) Alude-se ao contrato de meação.

Conexão

Quem bate no cão bate no dono. — Quem meu filho beija, minha bôca adoça. — Por causa dos santos beijam-se as pedras.

Conhecimento de si próprio

Abre um porco, se queres ver teu corpo. — Nós somos espelhos uns dos outros.

Conselhos

Dá-me dinheiro, não me dês conselho. — Todo o conselho ouvirás, só o teu não deixarás. — Quem obra mal, não aconselha bem.

Consentimento (V. *anuência)*

Conseqüências, resultados

Grande recuada, grande marrada. — Quem quer festa sua-lhe a testa. — Quem vai à festa, três dias não presta. — Quem se obriga a amar obriga-se a padecer. — Quem abrolhos semeia, espinhos colhe. — Quem com o diabo cava a vinha, com o diabo a vindima. — Quem protege o mau, nas mãos lhe morre. — Quem semeia ventos recolhe tempestades. — Quem diz o que quer, ouve o que não quer. — Quem pica a bêsta ature-lhe os coices. — É manha do açougue: quem mal fala, pior ouve.

Construções

Sôbro da serra e carvalho do mar. — Pinho, machada no pé e serra no focinho [1]. — A água é o prego da cal [2]. — Risca torta, valiosa. — Em obra de risco, sete palmos não é diferença [3]. — Feio e forte. — Gema o dono, não gema a obra.

---

(1) *Pinho* por *pinheiro*. Esta árvore, depois de abatida, convém ser logo serrada.

(2) Isto é, reforça a aderência da argamassa, a que também chamam *cal*, tomando a parte pelo todo.

(3) Observação enfática.

Contentamento (V. *alegria)*

Continuação, persistência

De vagar se vai ao longe. — Água mole em pedra dura, tanto dá até que fura. — Usa, serás mestre. — A continuação gasta a rudeza. — Roma não se fêz num dia. — Pancada feita vá abaixo. — Por mais um cacho vá a parreira abaixo. — O que se não faz no dia de Santa Maria, faz-se no outro dia.

Conveniência, correlação

Como cantarem, assim balharemos. — Confissão de castanheta, absolvição de burra preta. — Dá a torta com a raigota. — Não há festa sem foguetes. — A boi bravo, corda larga. — Quem seu carro unta, seus bois ajuda. — Para um coxo, um arrôcho. — Para um coxo, um calvo; e para um calvo, o diabo.

Conversação, debate

Casa que não é ralhada não é bem governada. — Palavra puxa palavra. — As palavras são como as cerejas. — Tem vontade de ser santo quem à noite se confessa (1). — Sim, senhor, não, senhor, que é confissão de rapazes.

Cooperação

Mão posta, ajuda é. — Onde todos pagam não é o vinho caro.

Cortesia (V. *civilidade)*

Costume (V. *uso)*

Criados, serviçais

Quem tem um criado tem um chocalho. — Quem mete o escaravelho por seu cozinheiro, come mal com o seu dinheiro.

---

(1) Referência maliciosa a conversas noturnas de namorados.

— O moço do meu moço também quer o seu mocinho. (V. *amos*).

Crianças

O cão e o menino vão aonde lhe fazem mimo. — «Como criais vós tanto menino?». «Sempre com mimo ao mais pequenino». — Uma criança é um anjinho; duas, são dois diabinhos. — Uma mãe é para cem filhos, e cem filhos não são para uma mãe. (V. *educação*).

Cuidado, preocupação

Quem tem amores não dorme. — Quem tem filhos tem cadilhos (e quem os não tem, cadilhos tem). — A cobra, onde tem os ovos, para lá lhe fogem os olhos. — Quem porcos procura, as moitas lhe roncam.

Curiosidade, indiscrição

Preguntar não ofende. — Quem escuta, de si ouve. — Quem tudo quer saber, nada se lhe quer dizer.

Dádivas

Quem me dá um tremoço não me deseja morto. — Burro dado, não se lhe olha o dente. — Quem aceita não escolhe. — Cada qual dá o que tem. (V. *caridade, mesquinhez*).

Defeitos ingénitos; hereditariedade

Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita. — O que o berço dá, a tumba o leva. — Quem a Coimbra vai e juizo não tem, burro vai e burro vem. — Morgado, ou tolo ou avisado. — Quem sai aos seus não degenera. — O diabo nunca foge para a igreja. — Filho de porco sempre sai bácoro. — Filho de burro não chega a cavalo. — Filho de peixe sabe nadar. — Vai a cabra pela vinha; tal a mãe, tal a filha. — Se queres cão de caça procura-lhe a raça. — Não há geração sem trapalhão. — As dívidas de nossos avós, fizeram-nas êles, pagamo-las nós. (V. *excepção*).

Demasia, excesso

Três vezes é moléstia. — Tudo que é demais é moléstia. — Quando a cera é muita, abrasa a igreja. — Não puxem tanto, que se quebra a corda. — Muita gente junta não se salva. — Casa muito visitada, ou pobre ou pouco honrada. — Além de corno, aperreado. — Quem mais se apura, menos dura. — Quem se faz mel, moscas o comem. — A mãe aguçosa faz a filha preguiçosa (1). — O pai ardente faz o filho desobediente. — Quem muito burro toca, algum lhe fica atrás. (V. *importunidade*).

Depreciação

Se queres ver tua filha mal lograda, mete-a entre a sogra e a cunhada. — Sogra, nem de barro à porta. — Madrasta, o nome lhe basta. — Amparo de irmãos é sebe rôta. — Vinho de parreira, azeitona de balseira, lenha de figueira, terra de ladeira e filha de estalajadeira, nenhuma pode ser boa, ainda que queira. — Trabalho de cachopos e lavoira de novilhos é estrago de pampilhos. — Nunca de moiro bom cristão. — Rapaz: vai-te à vindima, que acomoda bom e mau. — Ruim é o cão que, se lhe atiram carne, êle não lhe pega.

Desamparo (V. *desprotecção*)

Desânimo (V. *pessimismo*)

Desconfiança, receio

Quem cabritos vende e cabras não tem, de algures lhe vêm. — Sardinha gorda por pouco dinheiro, ou é podre ou tem cheiro. — Galinha gorda a maltês, ou é choca ou morta dum mês. — Quando a esmola é grande, o pobre desconfia. — Cesteiro que faz um cêsto faz um cento, se lhe dão verga e tempo. — Dote que não vai com a noiva, tarde ou nunca lá irá. — Gato escaldado, de água fria tem mêdo. — Muita fôrça

---

(1) Por lhe dispensar a cooperação.

tem o boi, e as moscas tentam-no. — Palavras, leva-as o vento. — O papel tudo consente. — Os olhos são buracos (1).

Desconhecimento

O futuro a Deus pertence. — Ninguém sabe para o que está guardado.

Desconveniência

Ovelhas não são para matos. — O mel não é para a bôca do asno.

Descuido, negligência

Quem tarde quer cear, à noite o vai buscar. — De manhã em manhã perde o carneiro a lã. — Se queres ser pobre sem o saber, mete servos e não os vás ver. — Em casa de ferreiro, espêto de pau. — Ferreiro de maldição! quando tem ferro não tem carvão. — Ovelha que berra, bocado que perde. — Por um cravo se perde uma ferradura; por uma ferradura, um cavalo; por um cavalo, um general; por um general, uma batalha. (V. *extemporaneidade*, *inspecção*, *preguiça*).

Desculpa, tolerância

Quem não tem, não pode dar. — Bem jejua quem mal come. — Cada qual é como Deus o pinta. — Ninguém nasce ensinado. — Há casos que podem mais que as leis. (V. *emenda*, *fragilidade*).

Desdém, indiferença

A palavras loucas, orelhas moucas. — Tenho um ouvido para ouvir e outro para deixar ir. — Cantigas não me adormecem (2). — Quando quero conselhos vou ao letrado. — Livros velhos não regulam. — Quem encomendou o sermão que o pague. — Vozes de burro não chegam ao Céu. — As pragas são como as abelhas (3). — Quem tem fôrça vá para alfân-

---

(1) Quer dizer: às vezes iludem-nos.

(2) Alusão às cantigas para acalentar crianças.

(3) Voltam ao cortiço; isto é, caem sôbre quem as proferiu.

dega. — Bem está o lobo com o coice da ovelha. — Partidos são cacos [1]. — Depois de os mais comerem não faltam colheres. — Não conheço framengos à meia noite.

Desforra

Prêso por mil, prêso por mil e um. — Prêso por mil, prêso por dez mil. — Para vilão, vilão e meio.

Desgovêrno (V. *prodigalidade*)

Despreocupação

Quem não deve não teme. — Guardado é o que Deus guarda. — Quando aqui me não querem, acolá me rogam. — Em tôda a parte se come pão. (V. *paciência*).

Desprotecção, desamparo

Quem não tem padrinho morre moiro. — Homem sem homem não é homem. — Quem é velho, roa umas côdeas. (V. *injustiça*).

Destino (V. *fado*)

Destreza

Para um bom oficial não há má ferramenta. — Ôlho é régua. — Mais vale jeito que fôrça.

Desvergonha, cinismo

Quem não tem vergonha, todo o mundo é seu. — Quem tem vergonha anda magro. — Ao corvo já se lhe não fazem as penas mais negras.

Diferença; excepção

Os dedos não são iguais. — De ruím madeiro sai às vezes

(1) Alusão aos partidos políticos.

uma boa cavaca. — De um pau torto sai às vezes uma cavaca direita. — Não há regra sem excepção. (V. *restrição*).

Diligência (V. *actividade*)

Dinheiro

Negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro. — Dinheiro suado (1) é dinheiro abençoado. — O dinheiro é sangue. — O dinheiro é água (2). — Quem dinheiro tiver, fará o que quiser.

Disjunção

Quem cava na vinha não cava no bacelo. — Ou cova ou dente. — Ou casar ou meter freira. (V. *alternativa*).

Dissenção; incompatibilidade

Duas pedras rijas não fazem boa farinha. — Honra e proveito não cabem num saco estreito. — O que é bom para o fígado é mau para o bofe.

Diversões

Um dia bom mete-se em casa. — Um dia não são dias. — Quem canta, seu mal espanta. — Os olhos não comem sopas.

Divulgação

Gato furtado, sempre lhe aparece o rabo. — Ao macaco sempre lhe aparece o rabo. — Ralham as comadres, descobrem-se as verdades. — Ao desaparelhar a bèsta é que se lhe descobrem as mazelas. — O diabo tem uma manta e um chocalho (3).

---

(1) Honesta e esforçadamente adquirido.
(2) Escoa-se como água.
(3) Com a manta, cobre; e com o chocalho, descobre.

Doença

Nosso Senhor não dê ao corpo os males com que êle pode. — Se soubesses o que o teu filho padece quando endentece, não havia vale nem oiteiro que não corresses. — Uma doença é um ladrão. — Cada qual sente o seu mal.

Domicílio (V. *família*)

Duração

Uma sebe dura três anos; um cão, três sebes; um cavalo, três cães; um homem, três cavalos; um corvo, três homens; e uma serpente, três corvos. — Não deixa nada aos herdeiros quem faz casa de adobes e pomar de pessegueiros. — O piolho e o cogumelo, aos três dias é velho. — Até ao lavar dos cestos é vindima.

Economia doméstica e rural

Gado novo e pastor velho. — Milho novo e trigo velho. — Massa (1) testa vai à festa; mole, quer lá ir e não pode. — O pão alvo (2) e o menino, debaixo da roupa apanham frio. — Mais vale todos os dias pão que um dia sim e outro não. — Migalhinhas também é pão. — No tempo da favinha faz o moleiro pouca farinha (3). — No tempo da fava, a mãe não faz mais nada; no da ervilha é a mãe e a filha (4). — No tempo dos tomates qualquer gato é cozinheiro. — A manteiga quando fala, e o azeite quando cala (5). — Quem não poupa água nem lenha, não poupa nada que tenha. — Lenha torta, o lume a

---

(1) Amassilho.

(2) Quando leveda na amassadeira.

(3) As favas, comem-nas os camponeses sem pão. E também as batatas. *Batata é pão*, — dizem êles.

(4) O trabalho de apanha, descasque e escolha das ervilhas é moroso; muito mais que o das favas.

(5) Postos ao lume em frigideira, êsses temperos atingem a conveniente temperatura quando aqueles fenómenos se dão.

corta [1]. — Figueira verde [para lenha], rache-a um velho e acarrete-a um novo; sêca, rache-a um novo e acarrete-a um velho [2]. — Não é mulher inteira a que não cria um porco nem faz uma teia. — Mulher inteira coze ao sábado e lava à segunda-feira [3]. — Do meu ponto [4] te virás; o meu dinheiro não levarás. — Gado de bico nunca fêz seu dono rico. — Semeia e cria, terás alegria. — Quem não cria, não tosquia [5]. — Quem quiser uma bêsta ruím compre um burro bom. — Cavalo, comer e descansar; mula, comer e andar; burro, nem para comer nem para o ganhar. — Não enfeira quem não compra macho eguariço ou mula asneira. — Boi grande e bèsta que ande. — Quem não tem bois, ou semeia antes ou depois. — Quem sua bêsta trata, seu dinheiro poupa. — Quem seu carro unta, seus bois ajuda. — Um carro [de bois] dura três anos: um ano verde, outro sêco e outro podre. — Mais valem cantos que campos [6]. — Uma horta é meio celeiro. — Quem tapa, avizinha [7]. — Quem não tem pão não tenha cão. — Quem não poupa não tem. — Quem não poupa reais não ajunta cabedais. — Quem empresta não melhora. — Quem mata o seu moiro perde o seu oiro. — Em tempo de leite [8] não vendas azeite. — O azeite é meio serralheiro [9]. — Casa em que caibas, terra que amanhes e olivais que não saibas. — Compra casas feitas e fazendas por fazer [10]. — Compra mato

(1) Dispensa-se, portanto, o trabalho do lenhador.

(2) Toros de figueira, emquanto verdes fendem-se bem, mas pesam muito; depois de secos são leves, mas custosos de rachar.

(3) Em regra, a cozedura do pão e a lavagem da roupa fazem-se uma vez por semana.

(4) Da minha costura.

(5) Quem não cria gado lanigèro.

(6) Cantos férteis, campos sáfaros.

(7) Quem tapa as suas fazendas facilita aos vizinhos o trabalho da pastoreação.

(8) Na Primavera.

(9) Porque opera o desemperramento de molas, fechaduras, etc.

(10) Porque, de ordinário, o valor real duma casa, como o dum prédio rústico descurado, é superior ao seu valor venal.

ao aguçoso e estrume ao preguiçoso ([1]). (V. *agricultura, aproveitamento).*

Educação

De pequenino se torce o pepino. — Dos meninos se fazem os homens. — Os homens fazem-se. (V. *instrução).*

Egoismo, individualismo

Turquel, cada qual o seu farnel. — Anda o fogo na praça? livre Deus a nossa casa; anda o fogo no mato? livre Deus o nosso fato ([2]). — Cada um chega a brasa à sua sardinha. — Cada um leva a água ao seu moinho. — Cada um caça com o seu cão. — Quem é o teu inimigo? O oficial do teu ofício. — Primeiro, nós; depois, vós. — Não dá o frade bocado que bem lhe sabe. — Amigo, amigo: de longe te trouxe um figo; assim que te vi, comi-o. — Morrer por morrer, morra meu pai, que é mais velho. — O sogro e o furão só dão interêsse debaixo do chão. — Em eu morrendo cá fica Lisboa. — Quem vier atrás que feche a porta *(ou* que cerre a cancela). — Quem lhe doer a cabeça que a aperte. = Não mura o gato pelo amor de Deus. — Toiro em curral alheio, até as vacas os escornejam.

Embuste

Burro gabado é burro do diabo. — Vaca que não come com os bois, ou comeu antes ou come depois. — Contas na mão, borracha à cinta. (V. *aparências).*

Emenda, reabilitação

O bom filho à casa torna. — Onde há êrro há emenda. — Ninguém se levanta senão depois de cair. — Mais vale tarde que nunca.

([1]) O mato do aguçoso é miúdo e tenro, por ser novo; o estrume do preguiçoso, longo tempo na montureira, é desfeito e bem curtido.

([2]) O nosso rebanho.

Épocas do ano e fases da Lua

Em ano bem temperado é o Natal ao Sol e a Páscoa ao borralho. — Não há Entrudo sem Lua nova nem Páscoa sem Lua cheia. — Pelo Entrudo, cartaxo penudo; pela Páscoa, cartaxo na casca; pelo S. João, três vezes são [1]. — Ramos [2] que não são molhados não são louvados. — Chuvinha da Ascensão, das palhinhas faz pão. — Em dia da Ascensão, quem não come carne não tem coração; mas há-de ser pele pequena ou ave de pena [3]. — Água na paveia [4], milho como areia [5]. — O Verão é capa de órfãos. — Amora madura, serena e madruga [6]. — Lua nova, não quites hora. — Abóboras semeadas em Lua nova, muita parra e pouca abóbora. — Lua cheia, não cortes veia; nem tua nem alheia [7]. (V. *meses*).

Eqüivalência

Oiro é o que oiro vale. — Tanto faz correr como saltar. — Tanto faz dar-lhe na cabeça como na cabeça lhe dar.

Especialidades

Quem lhe dói o dente vai ao barbeiro [8]. — Quem sabe da tenda é o tendeiro. — Quem sabe das coisas não se rala. — Cada qual no seu ofício.

Esperança, confiança

Console-se quem penas tem, que atrás de tempo tempo

---

(1) Dizem que o cartaxo cria três vezes no ano.

(2) Referência a Domingo de Ramos.

(3) Por ser de abstinência o dia seguinte.

(4) Isto é, sôbre as gavelas do trigo acabado de ceifar.

(5) Variante: «Água nas paveias, milho nas areias».

(6) Em Setembro já as noites dão para *serenar* (seroar) e madrugar.

(7) Nem sangrias nem corte de árvores.

(8) Barbeiro-curandeiro, — espécie vulgar nas vizinhanças de Leiria.

vem. — Quem espera sempre alcança. — Cada noite *paire* [1] um dia. — Uma hora melhor que outra. — Nem sempre chove, nem sempre venta. — Deus é pai. — De hora a hora, Deus melhora. — Não há fome que não dê em fartura. — O primeiro trigo é dos pardais. — Uma porta se fecha, outra se abre. — Mais tem Deus para dar que o Diabo para levar.

Esperança vã

Boas contas deita preto! — Quem se atém a sapatos de defunto tôda a vida anda descalço.

Esquecimento (V. *olvido)*

Eventualidade, contingência

Hoje nós, amanhã vós. — Hoje por mim, amanhã por ti. — O mundo dá muita volta. (V. *insubsistência, perigo)*.

Exactidão

Medida cheia não leva mais. — Contas de perto e amigos de longe. — As boas contas fazem os bons amigos. — Contas com Jorge e Jorge na rua.

Exagêro

São mais as vozes que as nozes. — Dum *agreiro* fazem um cavaleiro. — O Diabo não é tão feio como o pintam. — Nunca chove como troveja. — Quem conta um conto sempre acrescenta um ponto.

Excepção (V. *diferença)*

Excesso (V. *demasia)*

Experiência

Ditados velhos são evangelhos. — Ao cuco não cuques e

(1) Do verbo *parir*, 3.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

ao ladrão não furtes. — Quem me fez alveitar foi o mal dos meus burricos. — Mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio. — Porque sabe o Diabo tanto? porque é velho.

Extemporaneidade

Temporã é a castanha que em Maio arreganha. — Depois do coelho fugido, conselho havido. — Quem não tem bois, ou semeia antes ou depois. — Burro morto, cevada ao rabo. — Casa roubada, trancas à porta. (V. *descuido).*

Facilidade

Para baixo, todos os santos ajudam. — Em casa cheia, depressa se faz a ceia.

Fado, destino

Casamento e mortalha no Céu se talha. — Guardado está o bocado para quem o há-de comer. — Cada um para o que nasce. — Ninguém pode fugir à sua sorte. — Quem nasceu para burro nunca chega a cavalo. — Quem nasceu para dez réis nunca chega a vintém. — Cavalo que tem de ir à guerra, não o come o lobo nem o move a égua. — O que houver de ser meu, à mão me há-de vir.

Fama, nomeada

A fama ao longe voa; mais depressa a ruím que a boa. — Cobra boa fama e deita-te a dormir (1). — Morra o homem, fique fama. — O bom vinho escusa ramo.

Família; domicílio

Nossa casa, nossa brasa; nossa casinha, nossa brasinha (2). — Guerra na rua e paz em casa. — O homem faz a mulher e a mulher faz o homem. — Filhos criados, trabalhos dobrados.

---

(1) A boa fama eclipsa, muita vez, acções menos louváveis.

(2) Referência ao conchêgo do lar.

— Segundos primos, verdadeiros sobrinhos (1). — O sangue corre as veias (2). — Quem diz mal dos seus, diz mal de si. — Casa de pombos, casa de tombos. — Casa ao canto, ou morte ou descanso. — Ruím é aquele que ao pé duma pedra nasce e para ela não puxa.

Finalidade

Todos os caminhos vão dar a Roma. — Todos os tombos da enguia são para a água.

Fome, necessidade de alimento

Quem tem fome, cardos come. — Não há melhor mostarda que a fome. — Caçador de pau e pescador de cana, quando chegam ao comer sempre lhe têm gana. — Quem não tem conduto come pão enxuto. — Pão de padeira, fome lazeira. — Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão. — Barriga vazia não tem alegria. — Cantigas antes do almôço não chegam ao sol pôsto. — Conversas em jejum não têm gôsto nenhum. — Quem perdeu a colher não come quando quer. — Quem se deita sem ceia tôda a noite esperneia. — A gente não tem raízes no chão. — Tudo teme o *home*, menos o lobo com fome. — A fome é que mete a lebre a caminho. — A fome não faz bom cabelo. — A fome é negra. — A barriga não quer fiador. (V. *pobreza).*

Fortuna, sorte (V. *ventura)*

Fragilidade humana

O homem embebeda-se com vinho e a mulher com palavras. — No melhor pano cai a nódoa. — Da primeira ninguém se livra. — Todos somos do mesmo barro. — Ninguém as calça que as não borre.

Franqueza, sinceridade

Pão, pão, queijo, queijo. — Por o falar é que a gente se

(1) Sobrinhos em relação aos co-irmãos de seus pais.
(2) Parentes puxam uns para os outros.

entende. — Quem mal não usa, mal não cuida. — Mais vale um bom desengano que andar sempre enganado. — Ninguém diz «ai» que lhe não doa.

Furto, gatunice

Mandamento de Sevilha: ôlho vê, mão pilha. — Coisa furtada, nunca bem lograda. — O furtado chora por seu dono. — Ajude-nos Deus com o que é nosso. — Do pão do nosso compadre, grande fatia ao nosso afilhado. — Do que não custa dinheiro, bom mercado. — Tão ladrão é o que vai à vinha como o que fica de vigia. — À custa dos castelhanos comem os aldeanos. — Quem furta a ladrão tem cem anos de perdão. — Quem lida com azeite sempre se unta. — Quem pede para a candeia nunca se deita sem ceia. — Quem o tem de manha sempre rapinha a baganha. — Quem o alheio veste, na praça o despe. — Caseiro, nem que seja duma barrajola (e o dono a cem léguas). — Três moleiros, três lagareiros e três *escrivões* são nove ladrões.

Gostos; mau gôsto

Mais vale um gôsto que quatro vintens num bôlso. — Em gostos não há disputas. — Quem o feio ama, bonito lhe parece. — Cada qual come do que gosta. — Se não houvesse mau gôsto não se rompia o amarelo.

Gula, glutonia

Barriga de maltês é caldeira de inferno. — Pouca peste não mata. — O que não mata, farta. — Morra Marta, morra farta. — Doente da perna, são da goela. — Quem bom pão alvo come, bom vintém lhe custa. — Quem não se fartou ao comer, não se fartou ao lamber. — Quem tudo mete no fole (1), tudo põe ao sol. — Muito come o tolo; mais tolo é quem lho dá.

Hereditariedade (V. *defeitos ingénitos*)

(1) Na barriga.

Higiene; efeitos da sua inobservância. Medicina doméstica

Almôço cedo cria carne e sebo. — Quem ceia e logo se vai deitar, má noite há-de passar. — Das grandes ceias estão as sepulturas cheias. — [A laranja] pela manhã é oiro; à tarde, prata; e à noite, mata. — Beber e não comer é cegar e não ver. — Quem em novo é odre, em velho é podre. — Quem se deita com a cabeça para o Norte, deita-se fraco e levanta-se forte. — Perna ao leito e braço ao peito. — O que arde cura. (V. *alimentos)*.

Honradez (V. *probidade)*

Ignorância, incapacidade

Todos é que sabem tudo. — A ignorância é atrevida. — Quem não sabe é como quem não vê. — Quem sabe pouco, depressa o reza. — Quem nunca foi à igreja não pode conhecer santos. — Burro velho não toma ensino.

Imperfeição, desar

Não há carne sem osso. — Não há bonita sem senão. — Puro, só Deus. — O bom oficial, ou cadeia ou hospital [1]. — Não há gôsto sem desgôsto.

Importunidade

Dois pobres a uma porta, algum há-de ficar sem esmola. — Quem muito pede, muito fede.

Impossibilidade, impotência

Contra a fôrça não há resistência. — Quem não tem pé não pode dar coice. — Quem não tem dedo não toca viola. — Quem

---

[1] Ou desequilibrado ou doente.

não tem aviamentos não fia tomentos. — Quem não tem não pode dar. — Quem não pode, trapaceia. — Dá Deus nozes a quem não tem dentes. — Ninguém voa sem ter asas.

Imprevidência

Quem compra sem poder, vende sem querer. — Quem adeante não olha, atrás fica. — Quem se deserda antes que morra, merece com uma cachamorra. — Quem dá o que tem, a pedir vem.

Incomodidade

Quem se assoldada pelo S. Miguel, não se deita nem se levanta quando quer (1). — Bem está quem está no Céu. — Todos têm a sua cruz.

Inconstância (V. *variação)*

Indício (V. *sinal)*

Indiferença (V. *desdém)*

Ineficácia

Com águas passadas não moem acenhas. — Do contado come o lobo (2). — Quando Deus não quer, santos não rogam. — Quem não tem dinheiro, para que quer mealheiro?

Infelicidade, azar

Quem tem mazela, tudo lhe dá nela. — Quem tem senão, todos lhe dão. — Quem não tem ventura, na cama quebra as pernas. — Ninho feito, pêga morta. — Perdigão perdeu a pena, não há mal que lhe não venha.

---

(1) Pelo S. Miguel, isto é, ao cabo do ano agrícola, pagam-se as rendas de prédios rústicos e ajustam-se serviçais.

(2) A contagem, só por si, não impede que o lobo, ou o larápio, vá dizimando o rebanho.

Ingratidão

Por bem fazer, mal haver. — Quem mais faz, menos merece.

Injustiça

Uns fazem o mal e outros o pagam. — Uns comem os figos e outros arrebentam-lhe (1) os beiços. — Paga o justo pelo pecador. — Uns são filhos, outros enteados. (V. *perseguição)*.

Inspecção, exame visual

Ver e crer com S. Tomé. — Vista faz fé. — O ôlho do dono engorda o cavalo. — Quem o seu não vê, o Diabo lho revê *(ou* lho leva; *ou* lho cubiça). — À vista do pano é que se talha a obra.

Instrução

Quem dá o pão dá o ensino. — O saber não ocupa lugar. — Até morrer, aprender. — Salomão a morrer, Salomão a aprender (2).

Insubsistência

Nem sempre há rabo de sardinha. — Um dia melhor, outro pior. — Ninguém diga: «Bem estou eu». — Ninguém diga: «Desta água não beberei». — Não há bem que sempre dure, nem mal que não acabe.

Intermitência

Emquanto o pau vai e vem, folgam as costas. — Quem bebe por corda e come por vento (3), falta-lhe às vezes o sustento.

---

(1) Na linguagem do povo, como na de alguns clássicos, o pronome *lhe* é invariável.

(2) Exclamação do sábio ao notar o artifício dum menino que lastrara de cinza a palma da mão, para aí levar uma brasa sem se queimar. É lenda popular.

(3) Isto é, quem se serve de água de poços e de farinha feita em moinhos de vento.

Inveja

Quem diz mal das barbas é quem as não tem. — A galinha da minha vizinha é mais gorda que a minha. — Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé dêle morou. — Se a inveja fôsse tinha, muita gente era tinhosa.

Ironia

Bem o prega Frei Tomás; oiçam o que êle diz, não façam o que êle faz (1).

Jornadas

Quem cedo vai, cedo vem. — De manhã espera-se pelo dia, e à tarde espera-se pela noite. — Com pão e vinho se anda o caminho. — Quem tem bôca vai a Roma.

Julgamento, suposição

Cada qual ponha o ponto em si. — O bom julgador, por si é que julga. — Como usais, cuidais. — Cuida o ladrão que todos o são. — Quem se não fia não é fiel. (V. *parcialidade).*

Justiça

Livrar de justiça nova e de barca velha. — Todos clamam por justiça e ninguém a quer em casa.

Liberdade

Galinha de campo não quer capoeira. — Boi sôlto delambe-se todo. — Antes magro no mato que gordo no c... do gato (2).

Limpeza e porquidade

A água tudo lava (menos a má palavra). — Mais lava água

---

(1) Além dêste anexim recolhi muitas frases irónicas, que incluirei no fascículo *Jovialidades e argúcias.*

(2) Fecho dum conto popular, ainda em voga.

suja que mulher limpa. — Não há porco que tenha nojo da sua gamela.

Maldade ingénita

Árvore ruim não dá bom fruto. — Toiro não berra por filho. — O espinho nasce já com o seu biquinho.

Maledicência, linguarice

Queres saber o que dizem de ti? Escuta o que te dizem dos outros. — Mais vale um dito que um feito (1). — A espada das mulheres é a língua. — Quem muito fala muito erra.

Mediania

Almocreve só dum burro e ferreiro só dum malho, pouca perca, pouco ganho. — Almocreve só dum burro ganha pouco, come tudo. — Lavrador de boi e vaca, nunca o pão vai à fragata.

Mediocridade

Na terra dos cegos, quem tem um ôlho é rei. — Maria vai com as outras; se não cantar, balhará.

Mêdo

Quem tem mêdo compre um cão negro. — O mêdo é que guarda a vinha.

Mentira

Quem compra e mente (2), na bôlsa o sente. — Quem mente, nunca acerta. — Uma mentira descobre outra. — Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo. (V. *exagêro*).

---

(1) As conseqüências dum dito, duma mentira, duma calúnia, são às vezes desastrosas.

(2) ... jactando-se de hábil negociador, ...

Meses do ano

JANEIRO:

Luar de Janeiro não tem parceiro. — Lá virá o de Agôsto que lhe dá de rosto. — Trigo tremês, não o comas nem o dês; guarda-o para Janeiro, encherás o taboleiro. — Em Janeiro não se dá pêro inteiro. — Alqueiva em Janeiro se queres bom milhareiro. — San-Vicente de Janeiro sobe àquele oiteiro; se vires verdejar, põe-te a chorar; se vires terrear, põe-te a cantar (1). — Grão (2) de Janeiro enche o celeiro. — Ervilha de Janeiro vai ao poceiro. — Pinto de Janeiro dá o ôvo ao ceifeiro. — Pinto de Janeiro põe no rolheiro. — Pintos de Janeiro são como os filhos de clérigo, que andam sempre: *tio! tio!* — Em Janeiro corta madeiro. — Em Janeiro mede o celeiro; se o achares meante, come como ante. — Ora vai-te, Janeiro; cá me fica a ovelha e o cordeiro (3). — Ora vai-te lá, Janeiro; cá me fica a ovelha e o cordeiro. Aí vem meu irmão Fevereiro, que levará a ovelha e o cordeiro e as orelhas ao pegureiro; virá também meu irmão Março, que fará o que eu não faço. — Janeiro fora, uma hora (4); e quem bem contar, hora e meia há-de achar.

FEVEREIRO:

Se queres saber o meu primeiro dia, jejua na véspera de Santa Maria. — Donde vens, para onde *vás?* Venho de Santa Maria, vou para o S. Brás (5). — Quando não chove pelo S. Brás, o inverno ou vai adeante ou fica atrás. — Fevereiro quente traz o diabo no ventre. — Fevereiro, fêveras de frio, nenja de linho.

JANEIRO E FEVEREIRO:

Inverno de Janeiro e Fevereiro dá azeite ao madeiro.

---

(1) Naquele tempo, as terras verdejam se estão ainda incultas; se estão já amanhadas, terreiam.

(2) Grão de bico, gravanço.

(3) Isto disse Fevereiro; mas Janeiro pediu-lhe 2 dias (pois só tinha 29), e levou-lhe então a ovelha e o cordeiro.

(4) Cresceram os dias uma hora.

(5) A 2 e a 3 de Fevereiro.

MARÇO:

Março, ugarço: uga a noite com o dia, a erva com o pão e o pasto com o sargaço. — Em Março aparelha o cabo e o braço (1). — Em Março queima a velha o maço para aquentar o pernegaço. — Março marçagão, pela manhã cara de burro e à tarde Verão. — Março marceja; pela manhã chove e à tarde calmeja. — Em Março, de manhã pinga a têlha e à tarde sai a abelha. — No tempo do cuco, chove de manhã e à tarde está enxuto (2). — Quem poda em Março vindima no regaço.

JANEIRO E MARÇO:

Ervilha de Janeiro vai ao poceiro; a de Março traz-se no regaço.

ABRIL:

Abril, águas mil, coadas por um mandil. — Em Abril vai a velha aonde há-de ir e a sua casa vem dormir (*ou* torna ao seu covil). — Abril frio e molhado enche a tulha e farta o gado.

MARÇO E ABRIL:

Disse Abril a Março: Deixa-me os barrocos cheios [de água] e verás o que eu faço (3). — Se o cuco não vier entre Março e Abril, ou é morto ou não quer vir.

MAIO:

Em Maio semeei e em Maio derreguei (4). — Maio couveiro não é azeiteiro nem é vinhateiro. — Maio pingado enche o celeiro e farta o gado. — Maio pardo e ventoso faz o ano formoso. — Não é nado, está ainda por nascer, quem os sete

---

(1) Em razão da afluência de trabalhos agrícolas.

(2) Variantes: ... *pela manhã molhado e à noite enxuto; ... tanto está molhado como está enxuto.*

(3) Verás o que eu faço a favor dos agricultores.

(4) Inculca-se neste adágio a derrega das sementeiras, ainda quando as chuvas são já escassas.

estrêlos em Maio houver de ver (1). — Favas, Maio as dá, Maio as leva.

Abril e Maio:

Guarda pão para Maio e lenha para abril (2). — Poupa, Poupil (3), pão para Maio e lenha para Abril. — O que Abril achou nado, deixa-o Maio espigado (4). — Duas águas de Abril e uma de Maio valem os bois e o carro (5). — Uma água de Maio e duas de Abril valem mais que os bois e o carril (6).

Março, Abril e Maio:

Março, maçaroca (7) e pedaço; Abril, maçaroca e dormir; Maio, de sono caio. — Enxame de Março apanha-o no regaço; o de Abril, se o vires não o deixes ir; o de Maio, a quem to pedir, dá-lho.

Junho:

Junho claro, pão grado. — Água de S. João (8) bebe vinho e come pão. — Água de S. João tira azeite e vinho, e não dá pão. — Po-lo S. João, sardinha gorda pinga no pão. — Santo António avisa; S. João cita; S. Pedro penhora (9). — Junho, foice no punho. — Dia de S. Pedro vai ver o teu olivedo; se vires um bago espera por um cento.

---

(1) Em Maio não aparecem os sete estrêlos.

(2) Abril ainda às vezes é frio; em Maio, muitos celeiros estão exaustos.

(3) Alteração de Pompílio?

(4) Maio, ao despedir-se, deixa espigadas as gramíneas que Abril achou nadas, quando chegou.

(5) Assim exprimiu um velho lavrador a sua estima acêrca dum carro e bois de oiro que certo rei mandara fazer, e sôbre cujo valor quis ouvir alguns de seus súbditos.

(6) V. a nota anterior.

(7) Maçaroca de fiado, feita ao serão.

(8) Celebra-se a festa de S. João a 24 de Junho.

(9) Alusão aos vários aspectos das searas de pão branco, quando se vão chegando à foice. As festas dêsses santos celebram-se a 13, a 24 e a 29 de Junho, respectivamente.

JULHO:

Em Julho debulho. — Se não queres comer saramago faze canteiros pelo Santiago [1]. — Santiago, vai à vinha e apalpa o bago.

AGÔSTO:

Quem debulha em Agôsto, debulha contra seu gôsto. — [A cortiça] em Agôsto tira-se a sôco. — S. Lourenço [2], vai à vinha e enche o lenço. — S. Bartolomeu [3], apanha as nozes que Deus te deu [4].

MAIO E AGÔSTO:

Não há maltês que não possa sustentar um burro em Maio e um cão em Agôsto [5]. — Quem em Maio os não vê nados [os figos], não os come em Agôsto arregoados.

SETEMBRO:

Estes [nabos], ou são meus, ou os semearam pelo S. Mateus [6].

---

(1) A 25 de Julho.
(2) A 10 de Agôsto.
(3) A 24 de Agôsto.
(4) «Senão apanho-tas eu», ajuntava certo larápio. E um velhaco acrescentava: «Para dar; não para guardar», porque a êsse tempo estão ainda um pouco verenas.
(5) Em muita parte se encontram: Em Maio, bons relvevedos; e em Agôsto, ameixas caídas das árvores, e que os cães aproveitam.
(6) Solilóquio duma velha muito sabida em horticultura, ao encontrar alguns belos nabos esparsos no caminho que seguia. Eram efectivamente da velha. Um vizinho, que se propusera saber por que artes obtinha ela todos os anos os melhores nabos do sítio, tinha-lhos subtraído e ali os espalhara, para provocar aquelas palavras reveladoras. — S. Mateus comemora-se aos 21 de Setembro.

AGÔSTO E SETEMBRO:

Em Agôsto e Setembro secam-se as fontes e ardem os montes.

OUTUBRO:

Outubro seca tudo. — Outubro, recolhe tudo. — Aí vem o S. Simão (1), que despeja o seu quartão. — S. Simão, fava na mão (2). — S. Simão, fava e linho ao chão. — Do S. Simão ao pão (3), três dias são.

JUNHO E OUTUBRO:

Não peças sol a João nem água a Simão, que êles tudo isso te darão (4). — Não peças água a Luzia e a Simão nem sol a António e a João, que êles tudo isso te darão (5).

NOVEMBRO:

Novembro entra com Santos e sai com Santos (6). — Po-lo S. Martinho (7) espicha o teu vinho. — Po-lo S. Martinho semeia o teu cebolinho. — Po-la Santa Catarina (8) semeia a tua favinha; mas a velha já a tinha nadinha. — Dos Santos ao Santo André lameie quem puder (9); e daí até o Natal não deixe de lamear. — Santo André, sete-estrêlo pôsto, manhã é.

---

(1) A 28 de Outubro.

(2) Começa a sementeira das favas.

(3) Ao dia do pão-por-Deus, — o 1.º de Novembro.

(4) S. João e S. Simão, que se celebram a 24 de Junho e a 28 de Outubro.

(5) A 13 de Dezembro, 28 de Outubro, 13 e 24 de Junho, respectivamente.

(6) No primeiro dia, Todos-os-Santos; no último, Santo André e outros.

(7) A 11 e 12 de Novembro.

(8) A 25 de Novembro.

(9) Lameie; isto é: cave, semeie, surribe.

DEZEMBRO:

Entre mim e ti, Tomé, três dias é [1]. — Po-lo S. Tomé segura o porco po-lo pé. — S. Tomé, quem não tem porco mata a mulher [2]. — Po-lo Natal, nem nadas nem por semear [3]. — Po-lo Natal, bico de pardal [4]. — Esteja o frio além do mar, que o Natal o irá buscar.

Mesquinhez, tacanhice

Mãos que não dais: porque esperais? — Quem diz: «se quer...», não quer dar. — Um dado ruím duas mãos suja. — Na vinha do diabo não fica rabisco.

Moderação, meio têrmo

Nem por muito madrugar amanhece mais cedo. — Nem muito ao mar, nem muito à terra. — Tanto se perde por carta de mais como por carta de menos. — Uma graça [5] por graça passa.

Morte

Antes morte que má sorte. — Quem mal vive, mal acaba. — A morte, para os bons, é descanso. — Tudo que nasceu, morreu.

Mudança

Quem em muita parte muda o fato, em cada uma lhe fica um trapo. — Quem na sua terra não pode viver, à estranha que vai fazer?

---

(1) Supõe-se uma fala do Deus-Menino. S. Tomé comemora-se a 21 de Dezembro.

(2) «Mata-o a mulher», — emendam as atingidas pelo anexim. Também costumam dizer: — «S. Tomé querido, quem não tem porco mata o marido».

(3) Refere-se às favas.

(4) Refere-se aos alhos.

(5) Uma, não mais.

Necessidade (V. *pobreza)*

Negociações (V. *compras)*

Obras

Obras desmancham sinais [1]. — Pelas obras e não pelo vestido é o homem conhecido.

Obrigação; direitos e deveres

Está primeiro a obrigação que a devoção. — A lei manda guardar, não manda tapar [2]. — El-rei manda marchar, não manda chover. — Manda quem pode, obedece quem deve.

Observação, atenção

Mais vêem quatro olhos que dois. — Quem joga não guarda cabras. — Emquanto se capa não se assobia [3].

Ocasião

Porta aberta, o justo peca. — O furto asado faz o ladrão confiado. — A ocasião faz o ladrão. — Foge da ocasião e eu te livrarei do pecado. (V. *oportunidade).*

Olvido, esquecimento

Encomendas sem dinheiro esquecem ao recoveiro. — Não lembra Santa Bárbara senão quando troveja. — Novidades são três dias. (V. *ausência).*

---

(1) Factos substituem indícios.

(2) Manda guardar os gados; não manda tapar as fazendas.

(3) Não se toca o assobio — espécie de flauta de Pan — que serve de reclamo aos capadores. — Variante do provérbio: Emquanto se canta não se assobia.

Oportunidade

Quando te derem o porquinho, acode logo com o baracinho. — Quando há maré é que é embarcar. — Emquanto venta, molhar a vela. — Emquanto o pau dá a casca é que é tirar-lha. — Mais vale o moinho vazio que o moleiro por amigo. (V. *ocasião*).

Paciência, resignação

Vão-se os anéis e fiquem os dedos. — Viva a galinha com a sua peninha. — Quando mal, nunca maleitas. — Tristezas não pagam dívidas. — Contenta-te, papo, que já fôste farto. (V. *esperança*).

Parcialidade

Cada qual fala da festa como lhe vai nela. — Donde comemos, de lá *cantemos* (1). — Ninguém é bom juiz em causa própria.

Perda

Onde não há, el-rei perde. — Vai-te, ganho, não me dês perca.

Perfeição, acabamento

Quem bem ata, mal desata (2). — O Bemfeito bem parece. — O Bemfeito mora ao pé do Vagar. — O rabo é o pior de esfolar. (V. *vagar*).

Perigo, risco

Quem anda à chuva, molha-se. — Em tôda a parte há um pedaço de mau caminho. — Do prato à bôca se perde às vezes a sopa. — Tantas vezes vai o cântaro à fonte que lá lhe fica a asa. — Quem mulher longe da sua terra vai buscar, ou vem enganado ou vai enganar.

---

(1) *Cantemos* por *cantamos*.

(2) Um nó bem amarrado, a custo se desfaz.

Perseguição

Prêso por ter cão e prêso por não ter cão. — Quem o cão quer matar, a raiva lhe vai buscar. — Quando se diz que o cão é danado, todos o correm. (V. *injustiça*).

Pessimismo, desânimo

Nova ruím é sempre certa. — Pouca saúde, mais vale nenhuma. — As fazendas, elas o dão, elas o levam. — Sardinha que o gato leva, gualdida vai ela.

Piedade

Graças a Deus, sempre; graças com Deus, nunca. — Quem com Deus anda, Deus o ajuda. — Melhor é um com Deus que dois com o Diabo.

Pleitos

Quem vai ao letrado sempre traz conselho. — Se não fôssem as cunhas não rachava o pau. — A corda sempre quebra pelo mais fraco. — Com ditos e mexericos se fèz a Casa-dos-bicos [1]. — Teimas de homens pobres e scismas de homens ricos, fizeram a Casa-dos-bicos. — Mais vale ruím composição que boa demanda. (V. *aliciação*).

Pobreza, necessidade

Quem precisa, precisa sempre; e quem dá, não pode dar sempre. — Graças a Deus que já cozemos; catorze [pães] fizemos e quinze devemos. — Muito pão há em Castela; quem o não tem, lazera. — O não ter é que faz a velha correr. — O que te faz meter com o teu inimigo é a fome e o frio. — A necessidade não tem lei. (V. *fome*).

---

[1] A Casa-dos-bicos mandou-a fazer um antigo letrado (jurisconsulto), que enriquecera no exercício da sua profissão, — diz o povo, explicando o adágio.

Preferência

Fidalgo arruïnado, antes rôto que remendado. — Mal por mal, antes cadeia que hospital [1]. — De mal o menos. — Mais vale um «toma» que dois «te darei». — Mais vale um hoje que dois amanhã. — Mais vale um pássaro na mão que dois voando. — Não deixes o certo pelo duvidoso. — Antes burro que me leve que cavalo que me derrube. — Mais vale um que dois. — Mais vale um farto que dois famintos. — Mais valem arráteis que arrobas. — O que se há-de dar ao rato, dê-se ao gato.

Preguiça, indolência

A preguiça é mãe da fome. — Quem dorme, dorme-lhe a fazenda. — Lenha verde mal se acende; quem muito dorme, pouco aprende. — Barriga cheia, pé dormente. — Quem tudo dá a fazer, tudo dá a comer. — Corpo deitado agüenta muita fome. (V. *descuido*).

Pressa

Quem muito corre, muito cansa. — Depressa e bem, há pouco quem. — Quanto mais depressa mais devagar.

Presunção, vaidade

Presunção e água benta, cada qual toma a que quer. — Ninguém vê o *agreiro* no seu ôlho. — Não há cego que se veja, nem torto que se conheça. — Disse a caldeira à sertã: «Tir-te lá, não me enfarrusques». — Não está bem o louvor em bôca própria. — «Bem te conheço, besugo!» (e êle era uma faneca). (V. *soberba*).

Pretextos (V. *perseguição*)

Prevenção

Quem vai para o mar avia-se em terra. — Há viver e morrer. — Homem prevenido vale por dois. (V. *aviso*).

---

[1] Em caso de conflito, antes *dar* que *levar*.

Previsão

Atrás de mim virá quem bom me fará. — Meu dito, meu feito (1).

Prioridade

Quem primeiro alça, primeiro calça. — Quem primeiro chega à fonte, primeiro enche o cântaro.

Probidade, honradez

Quem paga o que deve, sabe o que lhe fica. — O fiel é senhor do seu e do alheio (2). — O seu a seu dono. — Cada qual o que é seu.

Prodigalidade, desgovêrno

Quem dá o que tem, a pedir vem. — Dá, que não peças. — Muito come o tolo; mais tolo é quem lho dá. — Quem vive sem conta, morre sem honra. — Donde se tira e não põe, falta faz. — Quem ganha três e gasta quatro, não precisa bôlsa nem saco.

Prognósticos, predições

Encarnado para a serra (3), água na terra; encarnado para o mar (4), bois a lavrar. — Encarnado para a serra, ceiva os bois e deixa a terra; encarnado para o mar, toma os bois e vai lavrar. — Vermelho para o mar, velhas a assoalhar. — Arco da velha, de manhã, enxuga roupa e lã; de tarde, não vem cá de balde (5). — Manhã de nevoeiro, dia soalheiro. — Névoa na serra, água na terra. — Névoa nos oiteiros, água nos regueiros. — Lua nova trovejada, trinta dias é molhada. E se venta, chega a quarenta. — Geada na lama, chuva na

(1) O que eu previa, realizou-se.

(2) V. *fiel*, no vocabulário (cap. I).

(3) A serra dos Candieiros ou de Albardos, a leste desta região.

(4) Para o lado do mar, para oeste.

(5) Pressagia chuva.

cama [1]. — Canta o melro em Janeiro? teremos geada em Maio. — Norte bravo, ou soão ou orvalho. — Quando Deus queria, do Norte chovia. — Quando Deus queria, de baixo ventava e do Norte chovia [2]. — Vento de Teira [3], solta os bois e larga a geira [4]. — Vento de Teira, toma os bois, derrega a geira. — Ano de soão, ano de pão: chovendo; senão, não. — Ano de peras, ano de perdas. — Ano de muita ieixa *(in-eixa)*, ano de muita queixa. — Como vires favais, espera pelo mais. — Sábado, ou melhor ou pior [5]. — Natal à sexta-feira, compra bois, alarga a eira. — Ano-bom à segunda-feira, vende o pão no cômoro da eira. — Dos dois para os três, verás como vai o mês. — A Lua, como quinta, assim pinta. — Como o sexto, assim tudo a eito.

Promessas

A rico não devas, e a pobre não prometas [6]. — O prometido é devido. — Quem não tem bois não promete carrada.

Proporcionalidade

Grande nau, grande tormenta. — A grande cão, grande osso. — Tal a paga, tal a cura. — Quem melhor as tem, melhor as joga. — Em pouco, pouco se perde.

Prosperidade (V. *ventura)*

Protecção, patronato

Quem quer àgua vai à fonte. — Quem a boa árvore se

---

(1) Se, logo depois de chover, gear, a chuva prosseguirá.

(2) «O vento está cá de cima», «o vento está de baixo», são expressões usuais, referentes aos ventos dos quadrantes do Norte e do Sul, respectivamente.

(3) Lugarejo a Sussueste de Turquel, além-serra.

(4) Porque pode sobrevir chuva.

(5) O tempo estará melhor ou estará pior.

(6) O primeiro não esquece a dívida, nem o segundo a promessa, por cujo cumprimento insistirá.

chega, boa sombra o cobre. — Quem está ao pé do lume é que se aquenta. — Com as botas do meu pai sou eu um homem.

Providência

Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo. — Dá Deus o frio conforme a roupa.

Prudência, ponderação

Mais vale calar que mal falar. — Bom é saber e calar até ser tempo de falar. — Bôca fechada não recolhe môsca. — O parvo, se é calado, por sabido é reputado. — O calado é o melhor [1]. — O calado vence tudo. — Não se fale em corda em casa de enforcado. — Viver não custa; o que custa é saber viver. — Mais vale dizer «bem fiz eu» que «se eu soubera...» — Quem tem telhados de vidro não jogue pedras ao do vizinho. — Quem não tem barriga para odre não se meta a azemel. — Nem tanto puxar que rebenta a corda. — Quando o partido é desigual, antes fugir que ficar mal. — Ninguém pegue em carga com que não pode. — Quem está bem deixe-se estar. (V. *moderação*).

Quizília

Ama-se a traïção, aborrece-se o traidor. — O Diabo nunca foge para a igreja.

Reciprocidade

Uma mão lava a outra (e as duas lavam o rosto). — Amor com amor se paga.

Recompensa, retribuïção

O frade, onde canta, lá janta. — Quem boa cama fizer, nela se deitará.

---

(1) A um indivíduo prêso por suspeitas remeteu um seu amigo dois melões — um dêles calado e o outro intacto —, acompanhados dum bilhete, que dizia: *O calado é o melhor*. Assim explicam a origem do provérbio.

Recusa

Quem tem bôca não manda assoprar. — Quem lhe comeu a papa que lhe reze a *Salva*. — Cabeça perdida não quer conselho.

Responsabilidade

Sua alma, sua palma. — Cada qual paga por si. — No malfeito ninguém quer quinhão.

Restrição

A carapuça é para quem serve. — Não se mede tudo pela mêsma bitola. (V. *diferença*).

Retraïmento

A boda e a baptizado não vás sem ser convidado. — Antes desejado que aborrecido. — Entre pai e irmãos não metas as mãos. — Entre marido e mulher não metas a colher. — No sertão, ou santo ou ladrão.

Revezamento

O pão e a roupa, uma semana melhor que outra. — Quem vai à guerra, dá e leva. — Não há brinco sem chorinco. — Dia de muito é véspera de pouco. (V. *intermitência*).

Riqueza, abastança

Quem tem pão e capelo não lhe falta mancebo (1). — Em casa cheia, depressa se faz a ceia. — Bem sôbre bem nunca fêz mal a ninguém. — O ano não perde por farto. — Quanto temos, tanto valemos. — Mais vale o ser que o ter.

---

(1) Não lhe falta quem o sirva.

Sagacidade, astúcia

Queres saber o que é teu? mete marcos no alheio [1]. — Como cuidas, cuidamos. — Muito sabe o rato, mas mais sabe o gato. — Quem fala com Tomé, com todos é. — A bom entendedor meia palavra basta. — O que se não pode haver, dá-se pelo amor de Deus. — Todo o homem come palha; o caso é saber-lha dar. (V. *simulação*).

Segrêdo

Cada qual sabe de si (e Deus sabe de todos). — Quem confessa pela bôca morre pelo pescoço [2]. — As penas do meu Jacinto, Deus as sabe e eu as sinto. — Tu, que sabes, e eu, que sei, cal'-te tu, que eu me calarei. — Segrêdo de três, segrêdo de todos.

Semelhança, conformidade

Quem vê um vê outro. — Tambor um, tambor outro. (V. *aliança*).

Sinal, indício

Pela carruagem se sabe quem vai dentro. — Pelos domingos se tiram os dias santos. — Onde há fumo há fogo. — Homem grande, bêsta de pau. — Boi ruim, o corno lhe cresce. — Muita parra, pouca uva. — Muita palha, pouco grão. — Guarda-te do homem que não fala e do cão que não ladra.

Silêncio (V. *prudência*)

Simulação

Quem desdenha quer comprar. — Quem fala em barco quer embarcar. — Pede o guloso para o desejoso. — Não quero, não quero (meta-mo aqui neste saco). — Ora! quem há-de ga-

---

(1) Os lesados apressar-se hão em restabelecer os limites.
(2) Referência a antigas penas judiciárias.

bar a noiva, senão o pai que a quer casar? (V. *embuste, sagacidade).*

Soberba

Queres ver o pobre soberbo? dá-lhe a chave do palheiro. — Não peças a quem pediu nem sirvas a quem serviu. — Ninguém cuspa para o ar, que lhe podé cair na cara. (V. *presunção).*

Suborno (V. *aliciação)*

Sucessão

Rei morto, rei pôsto. — Criados e bois, um ano até dois.

Superiores (V. *amos)*

Susceptibilidade

Quem se não sente, não é filho de boa gente. — Quem se queima, alhos come (1).

Teimosia

Quer Deus queira quer não queira, o meu burro há-de ir à feira (2). — «Emenda-te, preto». «Negra emenda, mê sior».

Tempo; tardança

O tempo tudo gasta. — Se queres ver o teu companheiro a andar, põe-te a mijar. — Quem aos vinte não barba, aos trinta não casa e aos quarenta não tem, tarde barba, tarde casa e tarde tem. (V. *duração).*

---

(1) Quem toma a peito alguma disfarçada alusão, enfia a carapuça.
(2) Dum conto popular.

Tendência

O porco sempre puxa para o lodo. — Para onde pendes, porco? Para o enxurdeiro. — Com que sonhas, porco? Com a lande. — Há olhos inclinados à ramela. (V. *defeitos ingénitos*).

Tentação

O pecado chama. — Os demónios são muitos e a água benta é pouca. — Em casa do Diabo não se pode ser santo. — Guarda-te da primeira e eu te livrarei da segunda. (V. *ocasião*).

Toleima, necedade

Beijos é comida de tolos. — Com papas e bolos se enganam os tolos. — Muito riso, pouco siso. — Quem não tem cabeça escusa carapuça.

Trabalho

Quem não trabuca, não manduca. — Não há oiro sem fezes. — Quem quer uste, que lhe custe. — Quem quer boleta, que atrepe. — Quem tem ofício, tem benefício. — Lá em casa do tal *home*, quem não trabalha não come (1). — Quem trabalha, Deus o ajuda. — O suor da mocidade é o pão alvo da velhice. — Antes deixar aos maus que pedir aos bons. (V. *actividade, boa vontade*).

Trabalhos

Debaixo dos pés se levantam os trabalhos. — Quem deixa caminhos por atalhos, não se livra de trabalhos.

Uso, praxe

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. — Por onde *vás*, como vires, farás. — Quem se não quiser perder,

(1) Dum conto popular.

faça como vir fazer. — Depois do S. Miguel, cada um vai por onde quer (1). — O que se usa não se escusa.

Utilização

Guarda o que não presta, acharás o que te é preciso. — Fui a casa do vizinho, envergonhei-me; voltei à minha, remediei-me. — Um pau torto também às vezes tem serventia. — O trabalho do menino é pouco; mas quem o despreza é louco. — Maria vai com as outras; se não cantar, balhará. (V. *aproveitamento).*

Vagar, lazer

O vagar é engenhoso. — Quem tem vagar faz colheres. — A minha dama não tem que fazer; descose a fralda e torna-a a coser.

Vaidade (V. *presunção)*

Variação, inconstância

Nem sempre sardinha, nem sempre galinha. — Pelos amores novos esquecem os velhos. — Com santos de ao pé da porta não há devoção.

Variedade

Cada cabeça, cada sentença. — Há muita maneira de matar pulgas.

Velhice, decrepitude

Ao menino não o mandes brincar; e ao velho não o mandes sentar (2). — Velho mudado é velho acabado. — Velhos, só figos e sôrvas. — Duas vezes somos crianças.

Venatória

O melro em Janeiro cria carne como um carneiro. — [Diz o coelho]: Quem meus passos seguir, acabará a pedir. — O coe-

---

(1) Porque já então se colheu a maior parte dos frutos.
(2) Por ser isso desnecessário; êles o farão.

lho é de quem o levanta; a lebre, de quem a mata; a perdiz, de quem a acha (1).

Vendas (V. *compras*)

Ventura, prosperidade

Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga. — Quem boa sorte tem, a Deus a agradeça. — A quem Deus promete não falta. — Quem tem ventura, os gatos lhe põem ovos. — Quem tem ventura, o vento lhe ajunta a lenha. — Mais vale cair em graça que ser engraçado.

Verdade

A verdade é como o azeite, que anda sempre à tona de água. — A língua foge sempre para a verdade. — A verdade, manda Deus que se diga. — Quem com a verdade anda, Deus o ajuda.

Visitas, hospedagem

O hóspede e o peixe, aos três dias aborrece. — Pessoa por quem não espero, hospedo-a como quero.

Vizinhos

Ninguém é bom senão emquanto os vizinhos querem. — Deus nos livre dos maus vizinhos de ao pé da porta, e de quem bem nos fala e mal nos quere.

Vontade (V. *boa vontade*)

Zanga

Quem espera, desespera. — Um homem não é de gesso.

(1) Esta ave vai às vezes morrer longe do local onde a feriram.



IV

APÊNDICE

Alterações fonéticas; variantes; termos antigos, ainda em uso na linguagem regional (1)

A

a, as (—) Particularidades nas seguintes dições: *parece a ser bom; resolvi a comprar; cheguei a quando a êle; algumas as vezes;* etc. Em *vim à correr* emprega-se *à* por *a*.

abetoar (abotoar). Quando as vogais de duas sílabas seguidas soam *u*, a primeira profere-se como *-e: quetovelo* (cotovelo), *preporção* (proporção), *incómedo* (incómodo), *velume* (volume).

aboar (voar).

aboo (voo).

abóbeda (abóbada). Em palavras esdrúxulas, a vogal da penúltima sílaba profere-se vulgarmente como *e* surdo: *sábedo* (sábado), *múseca* (música), *cómedo* (cómodo), *títelo* (título). Exceptuam-se aquelas cuja última sílaba consta só de vogal, como *dália, óleo,* etc.

abobra (abóbora).

abogão (abegão).

aborinho (abrunho).

abrenger *ou* **abringer** (abranger).

abrótiga (abrótea).

absorvição (absolvição).

açalarado (acelerado). Emprega-se êste têrmo com a significação de *agitado, convulso*.

açanar (acenar).

açano (aceno).

acarditar (acreditar).

acartar (acarretar).

acarvar (acravar *ou* cravar). Usa-se no sentido de enterrar os pés num solo movediço, ou impregnado de água.

acasião (ocasião).

acedente (acidente).

ácedo (ácido).

acobrantado (quebrantado).

acrecentar (acrescentar). O *s* do grupo *sc* é sempre mudo: *nacimento* (nascimento), *conciência* (consciência).

acrécimo (acréscimo).

(1) Incidentalmente notarei aqui também algumas particularidades sintáticas.

acrèdor (crèdor).
açúcre (açúcar).
acupar (ocupar). Nos verbos da 1.ª conj., as desinências populares da 1.ª pess. do pl. do pres. e do pret. imperf. do ind. são, respectivamente, *emos* e *ávemos*: *acupemos*, *achemos* (ocupamos, achamos), *acupávemos*, *achávemos* (ocupávamos, achávamos).

À 2.ª pess. do s. do pret. perf. do ind. de qualquer das conjugações pospõe-se *s*: *lavastes*, *comestes*, *partistes* (lavaste, comeste, partiste).

Em vez de *-ámos*, *-emos*, *-imos*, desinências da 1.ª pess. do pl. do mesmo pretérito, dizem alguns — *armos*, *ermos*, *irmos*: *dançarmos* (dançámos), *devermos* (devemos), *fugirmos* (fugimos).

A tmese não é usada pelo povo, que diz, por exemplo, *escreverei-te*, *escreveria-te*, etc.

A 1.ª pess. do pl. do pres. subj. de alguns verbos, fazem-na geralmente esdrúxula: *dígamos*, *fáçamos*, *pônhamos*.

Em vez de *-am* final, ouve-se às vezes *-om* e *-um*; e em vez de *-em*, ouve-se *-im*: *mândom*, *mândum* (mandam); *mândim* (mandem).

Para alguns, *ou* profere-se, não como *o* fechado *(ô)*, mas como ditongo.

Na zona serrana da vizinha Benedita, a desinência *ou* soa *âu*, ouvindo-se o *u* distintamente: *jantâu* (jantou), *andâu* (andou).
Ade-Maria (Ave-Maria).
aderne (aderno).
adiente (adeante).
adocer (adoecer).
adonde (aonde; onde).
adquerir (adquirir); — indic. presente: *adqueres*, *adquere*, *adquerem* (adquires, adquire, adquirem).
adragar (adregar).
afectivamente (efectivamente).
afectivo (efectivo).
afègar (ofegar).
aflegir (afligir); — ind. pres.: *afleges*, *aflege*, *aflegem* (afliges, aflige, afligem).
afoite (afoito).
afrimar-se (afirmar-se).
agardecer (agradecer).
agreiro (argueiro).
Àgusto (Augusto).
Airora (Aurora).
alamão, alamoa, alamões (alemão, alemã, alemães).
alâmpeda (alâmpada, lâmpada).
albernoz (albernó).
alcabusar (arcabusar).
alcaduto (aqueduto).
Alcanjo (Arcanjo).
alco (álcool).
alembrar (lembrar).
alemento (alimento).
alevanca (alavanca).
alfácia (alface).
alfândiga (alfândega).

alfanete (alfinete).
Alforedo (Alfredo).
alforze (alforge).
algramassar (argamassar).
algravio (algarvio).
algrouvão (alcaravão).
algumentos (argumentos).
alinhar (aninhar).
Alintejo (Alentejo).
alifante (elefante).
alinterna (alanterna, lanterna).
aljarós (algerós).
Aljebarrota (Aljubarrota).
almagra, f. (almagre, m.).
almairo (armário). De *-ário* faz-se, por transpos., *-airo*; e, às vezes, de *-ório* faz-se *-óiro*: *vigairo*, *rosairo*, *finóiro*, *oratóiro* (ou *àratóiro)*, etc.
almargear (margear).
almarzio (almargio).
almazém (armazém).
almícere (almice, almece).
almorródias (hemorróidas).
alomeada (nomeada).
alomear (nomear).
Alonquer (Alenquer).
alpendurada (alpendrada).
alqueve (alqueive).
alquitete (arquitecto). Chama-se aqui *alquitete* a um sujeito pretencioso, entremetido, às vezes um pouco intrigante.
alseluto (absoluto).
alservar (observar).
altarar (alterar).
Altíssemo (Altissimo).
altéia (artéria).
alvaiada, f. (alvaiade, m.).
alvarrala, adj. (alvarral, subs.).
alvíceras (alviçaras).
alvite (arbítrio).
alvoraçar (alvoroçar).
alvoredo (arvoredo).
alzebeira (algibeira).
amadornado (amodorrado).
amagoar (magoar).
amaricano (americano).
Amerca (América).
amberdois, ambesdois (ambos dois).
ametolia (almotolia).
amexigueira (ameixieira).
amezidade (amizade).
amodes que... (a modo que...).
amolegar (amolgar); — indic. presente: *amolego*, *amolegas*, *amolega*, (amolgo, amolgas, amolga).
amonjo (amojo).
amorable *ou* **amoravle** (amorável). A terminação *-vel*, quando átona, muda-se em *-ble* ou *-vle*: *possible* (possível), *terrivle* (terrível).
amôre (amor). Às palavras terminadas em *r* pospõe-se *e* surdo, o qual, em cantoria e fim de verso, descai para *i*: *comêre*, *fugire*; *eu morro por le falári.*

Idêntica observação cabe fazer quanto às palavras terminadas em *l*: *favale*, *papele*; *eu hê-de-me vestir de azúli.*
Anastázia (Anastácia).
anauga (anágua).
ande (onde).
ândolas (andas, subst.).
anecril (alecrim).
ânemo (ânimo).
antão (então).

antes que (ainda que).
Antóino (António).
antre (entre, prep.).
antrevespra (antevéspera).
anúcio (anúncio).
apa, f. (mapa, m.). A dição: *um mapa* soa quási: *uma apa*; daí, a supressão do *m*.
aparelha (parelha).
apascer (aparecer).
apegar (pegar [aglutinar]).
apensionado (pensionado).
apesciar (apreciar).
apoisar (poisar).
apor-se (opor-se).
apor-se (propor-se). *Após-se a fazer a festa* (propôs-se fazer a festa).
aporrear (aperrear).
apréstimos (aprestos, aprestes).
apulento (opulento). O povo emprega essa palavra no sentido de *soberbo e arrebatado*).
aquecorar-se (acocorar-se).
aquemodar (acomodar).
aquestumar (acostumar).
aquidade (equidade).
arage (aragem). O ditongo *-em*, quando átono e final de substantivo, muda para *-e*: *home*, *orde*, *viage*, *ferruge*.
àratóiro (oratório).
argência (agência).
Arnesto (Ernesto).
artemija (artemisia).
arrã (rã).
arratalar (arratelar).
arrate, arratle (arrátel).
arrebaldes (arrabaldes).
arreceber (receber).
arredóis (arredores).
arregaço (regaço).
arreigar (arraigar).
arrelíquia (relíquia).
arrencar, arrincar (arrancar).
arrilhada (arrelhada).
arve (árvore).
asil (asilo).
asmo (ásimo).
asoado [fruto] (ensoado).
assame (massame). A origem desta corruptela é idêntica à de *apa*. (V. esta palavra).
assezoado (assazoado, sazoado, sazonado).
assoga (soga).
assucesso (sucesso).
astres (astros).
astrever-se (atrever-se).
atágueda (tágueda).
atanaz (tenaz, subst.).
atareia (tareia).
atentação (tentação).
atentar (tentar).
atente (atento).
aterdoado (atordoado).
actevidade (actividade). Quando duas ou mais sílabas seguidas de palavra não esdrúxula têm *i* por vogal, só o último *i* conserva o seu valor, soando os outros como *e* surdo: *cevil* (civil), *vezinho* (vizinho), *habelidoso* (habilidoso), *cevelidade* (civilidade).
atimar (intimar).
atitular (entitular).
atreiçoar (atraiçoar).
atrevessar (atravessar).
atripar (trepar).
atromentar (atormentar).

auga (água).
augar (aguar).
augueiro (agüeiro).
auguentar (agüentar).
austentação (ostentação).
austúcia (astúcia).
avagar (vagar, v.).
Aveiros (Aveiras).
avençar (avançar).
aventejado (avantajado).
aventage (vantagem).
aventar (inventar).
aventairo (inventário).
averguar (averiguar). Significa *concluir; despachar: vamos a averguar êste negócio; veja se me pode averguar*.
avir-se; — ind., pret. perf.: *avi-me, avistes-te, aviu-se*, etc. (avim-me, avieste-te, aveio-se, etc.); conj., pres.: *avisse, avisses*, etc. (aviesse, aviesses, etc.).
azáfema (azáfama).
azêmbola (azêmola).
azule (azul). (V. *amóre*).

B

bábula (válvula).
bacatela (bagatela).
bacro (bácoro).
badelada (badalada).
badelo (badalo).
bagage (bagagem).
balancia (melancia).
bàlhar (bailar).
balharico (bailarico).
balho (baile).
balhurdo (balurdo).
balsa (valsa).
bálsemo (bálsamo).
Baltezar (Baltazar).
Banadita (Benedita).
banafício (benefício).
Banavente (Benavente).
baranda (varanda).
barboleta (borboleta).
Barbra, Bárbora (Bárbara).
barrasco (varrasco).
barrer (varrer).
barzabu (belzebu).
bazar (vazar, v.).
basculho (vasculho).
bassoira (vassoira).
batarraba, patarraba (beterraba).
bátiga (bátega).
batume (betume).
bauneta (baioneta).
bazio (vazio).
beitilha (baetilha).
bedum (bodum).
Belbina (Balbina).
belinguim (beleguim).
Bela-cruz (Vera-cruz).
belor (bolor).
beludo (veludo).
bênçoa (bênção).
berbulha (borbulha).
berdoada (bordoada).
berendeira (merendeira).
berruga (verruga).
bertoeja (brotoeja).
Bèrtolameu (Bartolomeu).
besbelhoteiro (bisbilhoteiro).
bespra (vespa).
bichoco (bichoso).
bober *ou* **boer** (beber).
bofatada (bofetada).
bondança (abundância).
bonecro (boneco).
bonso (bôlso).
bôrra (meter-se de) (gorra).

botes (votos).
botes, adj. (botos). Usa-se tão só na expressão *dentes botes*.
boticairo (boticário).
brabante (barbante).
brabeiro (barbeiro).
brabo (bravo).
Brabosa (Barbosa).
brasonar *ou* **brasomar** (blasonar). Ouve-se às vezes essa palavra, que significa falar com alguma aspereza, manifestando *zanga* ou *desagrado*.
brêço (berço).
brigalho (vergalho).
brilha (virilha).
Brízeda (Brígida). Emprega-se às vezes *z* por *c*, ou *g* toante: *Anastázia*, *Cezília*, *Brízida*, *Jorze*, *Remízio*, etc.
brincheiro (bricheiro).
buano (guano).
bulto (vulto).
burmelho (vermelho).
burnir (brunir).
burniz (verniz).
busão (abusão).

C

cabacear (cabecear).
caber; — ind., pret. perf.: *cube*, *còbestes*, etc. (coube, coubeste, etc.).
cácere, cáçaro (caço, subst.).
caçareiro (carcereiro).
cadavre, cadavle (cadáver).
cadilha (cavilha).
cagulo (cogulo).
cãimba (camba).
cãinga (canga).
caige, caise *ou* **acaise** (quási).
cal (qual).
calar; — imperativo: *cal-te* (cala-te).
calco (cálculo).
cales (cálix).
calhaboiço (calaboiço).
calhamaço (canhamaço).
calipes *ou* **inquelipes** (eucaliptos).
calquer (qualquer).
Calros (Carlos).
cambalhão (camalhão).
cambeche (campeche).
cambra (câmara).
canairo (canário).
cando (quando).
cângaro (cancro).
cangrena (gangrena).
canquelheiro (quinquilheiro).
cante (canto [de cantar]).
canto (quanto).
cantro (cântaro).
capitões (capitães). Também se diz, aqui, *irmões*, *cristões*, *tabaliões*, *escrivões*, *capelões*, *sacristões*.
caplicho (capricho).
carátele (carácter).
carcumelo (cogumelo).
Carma (Carmo). À mulher de sobrenome ou apelido *Carmo*, nomeiam-na a *Carma*. Anàlogamente, dizem também a *Rosária*, a *Patrocínia*, a *Livramenta*, etc.
carôcha (carocha).
caroché (cròché).
caroicho (carôcho).
carreto (carrete [de máquina]).
carruage (carruagem).
carumba (caruma).

cassaca (casaca).
cástego (cáustico).
casulhos (casulos).
caterizar (catequizar?). Usa-se no sentido de *persuadir*, talvez *embair*.
catolco (católico).
catracego (catacego).
catrefa (caterva).
causo (caso).
cavelharice (cavalariça).
celca (acelga).
celitro (decilitro).
cemento (cimento).
cerimóina (cerimónia).
cètil (ceitil).
cevandilha (cevadilha).
Cezília (Cecília).
chanquilho (chinquilho).
chàguão (saguão).
charume, cherume (chorume).
chefre (chefe).
cheminé (chaminé).
chicalho (ciscalho).
choitar (choutar).
choramingar (choramigar).
chòriço *ou* **choiriço** (chouriço).
chuiva (chuva).
cintopeia (centopeia).
cioso (cicioso [balbuciante]).
cireija (cereja).
ciroilas (ceroilas).
citerna (cisterna).
clássia (classe).
clergo (clérigo).
clúbeo (clube)
co (com; que o).
cobrantar (quebrantar).
cobranto (quebranto).
cobrar (quebrar).
cócigas (cócegas).
cocras (cócoras [de]).
cólara (cólera).
colca (cólica).
cole (colo).
coliado (coligado).
coleirinho (colarinho).
coléjo (colégio).
còlhar (coalhar).
colidade (qualidade).
colra (cólera [doença]).
cômbaro (cômoro).
combater-se (com alguém) (combater).
cómeda (cómoda).
comenhão (comunhão).
comestivle *ou* **comestivos** (comestiveis).
compascer (comparecer).
compestura (compostura).
comprender (compreender).
comprimento (cumprimento [de *cumprir*]).
Conçalves (Gonçalves).
conciência (consciência).
condensa (condessa).
confrário [Vimeiro] (confrade).
confrimar (confirmar).
congra (côngrua).
conrespondência (correspondência).
conromper (corromper).
cônsere (cônsul).
considrar (considerar); — ind., pres.: *considro* (considero), etc.; conj., pres.: *considre* (considere), etc.
constar-se (constar). Exemplo: *Consta-se que houve na feira um grande barulho.*
contenência (continência).
contenuar (continuar).
contia (quantia).

contidade (quantidade).
contínio (contínuo).
contrairo (contrário).
convinar (combinar).
convir; —ind., pret. perf.: *conviu-me* (conveio-me); conj., pres.: *convisse* (conviesse); etc.
cope (copo).
côrcha (colcha).
corchão (colchão).
corchête (colchete).
cordevão (cordovão).
corenta (quarenta).
coresma (quaresma).
cornel (coronel).
correr; — imp.: *curre* (corre).
còrteirão (quarteirão).
còrtilho (quartilho).
côscaro (côscoro).
Costantino (Constantino).
côvedo (côvado).
culmeia (colmeia).
crugidade (curiosidade).
crugidoso (curioso). Emprega-se no sentido de *cuidadoso, diligente.*
cuma, cume, cumo (como, conj.).

D

da (—). É supérflua esta partícula na dição: *à própria da hora.*
dar; —ind., pret. perf., 3.ª pess. do s.: *dou* (deu). *Dou* em lugar de *deu*, ouve-se tão só na vizinha freguesia da Benedita.
dávita (dádiva).
debadoira (dobadoira).
de burços (de bruços).
decedir (decidir); — ind. pres.: *decedes, decede*, etc. (decides, decide, etc.).
décema (décima).
decer (descer).
deciplo (discípulo).
decumento (documento).
decór (decoro). Usa-se apenas na expressão: *guardar decór a* (alguém).
defeitoso (defeituoso).
definder (defender).
defrença (diferença).
degradar (degredar).
demóino (demónio).
dênos de, dêsnos de (desde).
denúvio (dilúvio).
depóseto (depósito).
derector (director). No comêço de palavra, *di* átono seguido de invogal soa quási sempre *de*: *dereito, descreto*, etc.
deregir (dirigir).
dereito (direito).
desacarditação (descrédito).
desafamado (azafamado).
desanho (desenho).
desarrezoado (desarrazoado).
desavir-se (V. *avir-se).*
descompestura (descompostura).
descreto (discreto).
descudar-se (descuidar-se).
descudo (descuido).
desestrado (desastrado).
desfarce (disfarce).
desfegurado (desfigurado).
desgrácia (desgraça).
desijar (desejar).
desimparar (desamparar).
desinfeliz (infeliz).

desintéria (disenteria).
desleixado (deseixado). Diz-se de canivetes, navalhas, tesoiras, etc.
desmenuir (deminuir).
desmasiado (demasiado).
desnerar (degenerar).
dêsnos de (desde).
desparate (disparate).
despensar (dispensar).
despois (depois).
despor (dispor).
desquerçoar (descoroçoar).
destino (instinto).
desvirar (virar).
devedir (dividir).
devidor (devedor).
devoção (devoção e doação).
devogado (advogado).
dezer (dizer); —ind., pres.: *dezemos* (dizemos); pret. imperf.: *dezia*, *dezias*, etc. (dizia, dizias, etc.); pret. perf.: *dixe* (disse); imper.: *diz* (dize); conj., pres.: *digamos* e *diguêmos* (digamos).

Nestas formas do imper.: *dize*, *faze*, *traze*, o povo elimina sempre o *e* final.

diabolco (diabólico).
diairo (diário).
diata (dieta).
didal (dedal).
diente (deante).
díveda (dívida).
dízemo (dízimo).
domenío (domínio).
dosa (dose).
dòtrina (doutrina). Em sílabas átonas, *ou*, às vezes, soa *ó*: *dòtor*, *òvir*, *còberam* (doutor, ouvir, couberam).
dromir (dormir).
dúveda (dúvida).

E

é, ê, ei (eu). Estas formas antepõem-se sempre a verbos ou a advérbios: — «*Queres?*» — «*É não; ê já to disse; ei vou*».
...e (—). A uma dição composta de duas palavras, terminando a primeira em *s* e começando a outra por *j*, *ch* soante ou *x*, interpõem alguns um *e* surdo: *âse chaves* (as chaves); *dúase jinelas* (duas janelas).
Eiropa (Europa).
eivaca *ou* **envaca** (aiveca).
êle (—). Emprega-se às vezes êsse vocábulo expletivamente: *êle já chove; êle já deram nove horas*.
entabuleirar (entabular).
era (pedra de) (ara).
espinhar-se (abespinhar-se).
éuga (égua).
Evra (Évora).
excomunicado (excomungado).

F

fácele (fácil).
fácia (face).
fadairo (fadário).
falhença (falha, falta).
fantesia (fantasia).
fardumage (frandulagem).
fariséu (fariseu).
farnesim (frenesi).
farramenta (ferramenta).

farrejal (ferrejal).
faz impossible (parece impossivel).
fazer; — ind., pret. perf.: *eu fige, eu fize-o, êle feze-o* (fiz, fi-lo, fê-lo).
feixo (fêcho).
feiteceira (feiticeira).
feleira (fileira).
Feles (Félix).
felosa (folosa).
Ferciano (Feliciano).
Fercidade (Felicidade).
fesçura (fressura).
festelidade (festividade).
festivle (festivo).
fermoso (formoso).
fertuna (fortuna).
fevre (febre).
fialdade (fieldade).
filhós, filhoses (filhó, filhós).
fituro (futuro).
folgos (fogos [famílias]).
formento (fermento).
fosfes (fósforos).
Fracisco, Frecisco (Francisco).
fragelo (flagelo).
framácia (farmácia).
framengo (flamengo).
fraqüentar (freqüentar).
fráveca (fábrica).
fravicar (fabricar).
freimão (fleimão).
Freira (Freire, *apelido).*
frescal (fiscal).
friesta (fresta).
froixo (frouxo).
froja (forja).
fromiga (formiga).
fruncho (funcho).
fugir; — imper.: *fuge* (foge).
fulaita (flauta).
fulineiro (funileiro).
furminante (fulminante).

G

gadelha (guedelha).
gàfanhoto (gafanhoto).
galéria (galera).
garalhada (gralhada).
gardanapo (guardanapo).
gargulho (gorgulho).
garnada (granada).
garnel (granel).
garrear (guerrear).
garrilha (guerrilha).
gazula (gazua).
geropia (geropiga).
gérrenos (géneros).
giestra (giesta).
golo (gole).
gôme (gomo [de laranja]).
gomitar (vomitar).
gómito (vómito).
gòrdar (guardar).
Gração (Garção).
Grabiel (Gabriel).
graces a Deus (graças a Deus).
grães (grãos [de bico]). É já pouco usada essa forma.
gragalhada (gargalhada).
graganta (garganta).
graixa (graxa).
gratuítes (grátis, gratuitamente).
grave (grávida [mulher]).
gravelho (garavelho).
grêde (greda).
gressura (grossura).
Grigóiro (Gregório).
guelodice (gulodice).
gueloso (guloso).
guerdura (gordura).

Guitéria (Quitéria).
gurita (guarita).
gurnição (guarnição).

H

hable (hábil).
hástea (haste).
haver; — ind., pres.: *hêde, hades, hádim* (hei-de, hás-de, hão-de); pret. imperf.: *havia-de* (havia); pret. m. q. perf.: *havera, haveras*, etc. (houvera, houveras, etc.).
herdança (herança).
herejo (hereje).
home (homem).
húmedo (húmido).

I

ilhós, s., **ilhoses**, pl. (ilhó, ilhós).
imbarcação (embarcação). Em sílabas iniciais átonas (às vezes também nas mediais), *em* e *en* soam quási sempre *in*: *imbaraço* (embaraço), *immalar* (emmalar), *mintira* (mentira), *innevoado* (ennevoado), *aprinder* (aprender), *atincioso* (atencioso), etc.
imbigo (embigo, umbigo).
imor (humor).
imora (embora).
impalastrado (emplastrado).
imparador (imperador).
imparo (amparo).
impedemia (epidemia).
impertenente (impertinente).
impestor (impostor).
impossible (impossível).
imposto (exposto [enjeitado]).
imprasto (emplastro).
imprensa (prensa).
impulheta (ampulheta). Dão hoje êsse nome a um relógio de sol, portátil.
impunir (pugnar, punir [por alguém]).
im (em, prep.).
inçàimar (açaimar, açamar).
incantareirar (encanteirar, isto é, colocar pipas sôbre canteiros ou baixetes).
incarcer (encarecer).
inçarrar (encerrar).
incavar (encabar).
incelência (excelência).
incèção (excepção).
incesso (excesso).
inculto (oculto).
incultura (agricultura).
inda (ainda).
inda agora (ainda há pouco tempo).
indas que (ainda que).
inderecção (direcção; endereço).
indestão (indigestão).
índola (índole).
indrences (enderenço, aderenço ou aderêço). O povo emprega o têrmo no sentido de *engenho* ou *mecanismo* para a execução de certos movimentos difíceis.
inducação (educação). *E* e *i*, quando sílabas iniciais átonas, são freqüentemente nasaladas: *infeito* (efeito), *inludir* (iludir), etc.
infalìvlemente (infalìvelmente).

infarnisado (enfrenesiado).
infeciado (enviciado).
infeito (efeito; enfeite).
infruência (influência).
ingardiente (ingrediente).
ingives (gengivas).
ingnorância (ignorância).
Ingola (Angola).
ingrècer (engraecer, engradecer).
ingreja (igreja).
ingríme (íngreme).
ingüento (ungüento).
inlástego (elástico).
inleição (eleição).
inlogio (elogio).
inludir (iludir).
inluminação (iluminação).
inlústria (indústria).
inlustríssemo (ilustríssimo).
inquelipes (eucaliptos).
inquenomia (economia).
inquive (equívoco).
inquevocar-se (equivocar-se).
inrar (errar).
insência (essência).
insonso (ensosso).
intaliano (italiano).
inté (até).
Intevidade (Natividade).
interter (entreter); — ind., pretérito perfeito: *interti*, *interteste*, *interteu*, *intertemos*, *interteram* (entretive, entretiveste, entreteve, entretivemos, entretiveram); pretérito mais que perfeito: *intertera-se*, etc. (entretivera-se, etc.); fut.: *interter*, *interteres*, etc. (entretiver, entretiveres), etc.).
intreluo (interlúnio).
intriçado (inteiriçado).
intropeçar, intropecer (tropeçar).
intupir (entupir); — ind., pres.: *intopes*, *intope*, *intopem* (entupes, entupe, entupem).
invitar (evitar).
invïusar (enviesar).
inzame (exame). O prefixo *ex* soa *inz* quando se lhe segue vogal: *inzato* (exacto); seguindo-se-lhe invogal soa quási sempre *in*: *incesso* (excesso).
inzato (exato).
inzegir (exigir).
inzemplo (exemplo).
inzercício (exercício).
inzestir (existir).
ir; — indicativo, pres., 2.ª pessoa do singular: *vás* (vais), pretérito perfeito, 1.ª pessoa do singular: *fũi* (fui).
irmões (irmãos).

J

jagaz (jangaz).
Jaquim, Xquim (Joaquim).
Jasus (Jesus).
jazido (jazigo).
jeropia (jeropiga).
jemento, jimento (jumento).
jenela, jinela (janela).
Jorze (Jorge).
juar, jumar (jejuar).
jubiléu (jubileu).
judéu (judeu).
jum (jejum).
juniôr (júnior).
jurdição (jurisdição).
juro (júri).

L

labaceiro (lambaceiro).
labarinto (labirinto). Na sua forma popular, êste vocábulo significa *alarido, agitação, tumulto.*
laberco (laverco).
labisome (lobisomem).
lágrema (lágrima).
lâmpedo [figo] (lampo).
lançol (lençol).
landa (lande),
lapes (lápis).
lástema (lástima).
lateiro (nateiro).
látigo (látego).
latomia (litania).
lavandeira (lavadeira).
le (lhe e lhes). Em orações subordinadas, precede às vezes o sujeito: *fez-me o que le eu pedi.*
lecre (leque).
legítemo (legítimo).
lember (lamber).
lésaro (leso [paralítico]).
lestro (lesto).
letrina (latrina).
léuga (légua).
lêvado (lêvedo).
levertino (libertino).
Lianor (Leonor).
Libana (Libânia).
libaral (liberal).
libardade, livardade (liberdade).
lijonja (lisonja).
linhada (ninhada).
linheiro (ninheiro).
linho (ninho).
líquedo (líquido).
listra (lista).
Lixandre (Alexandre).
lo, la, los, las (o, a, os, as). O artigo definido, quando se segue imediatamente a flexões verbais terminadas em *r*, *s* ou *z*, toma às vezes as formas *lo*, *la*, *los*, *las*: *José foi visitá' lo primo; desejo vê' la cidade; tu tinha' los papéis no bôlso; o menino já fê' las contas.*

Enclìticamente apôsto à 2.ª pess. do s. do pret. perf. do ind., também o pron. da 3.ª pess., quando compl. directo, toma essas formas: *êste livro, já tu o lêstes; lêste-lo já (lêstes* e *lêste-lo* em vez de *lêste* e *lêste-o).*
Loirenço (Lourenço).
loje (loja).
lombrigar (lobrigar).
Loirinhã (Lourinhã).
lúcaro (lucro).
lucarar (lucrar); — ind., pres.: *lucáro, lucáras,* etc. (lucro, lucras, etc.).
luno (nulo).
lutrido (nutrido).

M

má (má, mau, maus). Exemplos do emprêgo dessa forma: *má hora; má dia; má génio; má home; má raios!...*
madamentos (mandamentos).
Madanela (Madalena).
madorna (modorra).
Madril (Madrid).
maginar (imaginar).

mais eu, mais tu (comigo, contigo). Ex.: *o João foi mais eu; o Manuel vai mais tu.*
mais melhor (melhor).
malçoado (amaldiçoado).
malfeio (morfeia).
malino (maligno).
malmiquer (malmequer).
malvarisco (malvaisco).
mancipal (municipal).
mancipar (emancipar).
Manel, Menel (Manuel).
manhẽ (manhã).
mánica, máneca (máquina).
manjaricão (mangericão).
manjarona (mangerona).
manjestada (majestade).
manjór (major).
màpérola (madrepérola).
máquedame (macadame).
màquenista (maquinista).
marafim (marfim).
marçanêta (maçaneta).
marcela (macela).
margulhar (mergulhar).
marino (merino).
marma (pedra) (mármore).
marmilo (mamilo).
marmurar (murmurar).
maroiço (moroiço).
marte (mártir).
márzea (margem).
marzear (margear).
masaricórdia (misericórdia).
massionairo (missionário).
Matildes (Matilde). O povo diz *a Matildes*, como diz *o Gamas, o Varelas).*
matrafícias (metafísicas? artifícios?). Processos ocultos e reservados, mais ou menos dolosos.
máuga (mágua).
Maurízio (Maurício).
médeco (médico).
mei-dia (meio-dia).
mê *ou* **mei, tê** *ou* **tei, sê** *ou* **sei** (meu, teu, seu). Estas formas precedem sempre os respectivos substantivos: *êste chapéu é o meu; é êste o mê chapéu* (ou *o mei chapéu); tê pai* (ou *tei pai); sê filho* (ou *sei filho).*
meitade, ameitade (metade).
melto (mélton).
mentrasto (mentastro).
menuto (minuto).
menza (mesa).
merciana [couve] (murciana).
mes (mas, conj.).
mescimento (merecimento).
méscula (mescla).
mesturar (misturar).
metrial (material).
migalheiro (mealheiro).
mim, ti (eu, tu). Em frases comparativas e precedidos da prep. *a*, empregam-se êsses pronomes, respectivamente, por *eu, tu: és mais novo qu'a mim; — eu sou cum'a ti, não gosto de toiradas.* — A dição «*se fôsse a ti*», equivale a «*no teu lugar, no teu ajo*»: *eu, se fôsse a ti, mercava o prédio.*
mimóira (memória).
minaral (mineral).
mingar (minguar).
mintira (mentira).
misaravle (miserável).
modura (moedura [de azeitona]).

moiral (maioral [pastor]).
monger (mungir).
morim (amorim [pêra de]).
mossiço (massiço ou maciço).
môstro (mosto e monstro).
mundice (imundície).
munteplicar (multiplicar).
muntidão (multidão).
munto (muito).
murta (multa).
múseca (música).

N

ná (nada [não]): — *Vais aos toiros?* — *Ná.*
nã (não). Precede sempre o verbo: — *Queres?* — *Não; nã quero.*
nacente (nascente).
nacer (nascer).
naufrajo (naufrágio).
navoeiro (nevoeiro).
nécio (néscio).
nedota (anedota).
negrigência (negligência).
nele, nela (lo, la). Empregam-se às vezes essas dições por *lo, la: o trigo, andam agora por hi a semear nele.*
nenja (nanja).
nessairo (necessário).
nessidade (necessidade).
nhôr (senhor). Usa-se às vezes como resposta a uma chamada: — « *Ó Maria* ». — « *Nhôr* ».
nicre (níquel).
nim (nem).
no, na, nos, nas (o, a, os, as). Em seguida a ditongos nasais, em vez de *o, a, os, as*, empregam-se freqüentemente as formas *no, na, nos, nas: rapazes são no diabo!; quem na viu e quem na vê!; os meus óculos, não nos acho; chegaram nas andorinhas.*
noda (nódoa).
nonjo (nojo).
Nório (Honório).
númaro (número).
nume (nome).
nunes (nones).
núvia (nuvem).

O

ò, à, òs, às (o, a, os, as). Em frases comparativas, o art. toma alguma daquelas formas: *ligeiro cum' ò vento; maior qu' à légua da Póvoa;* etc.
ò (ao): *fui ò Pôrto* (fui ao Pôrto).
ò (...o o): *todò dia* (todo o dia).
obiseque (obséquio).
oclo (óculo).
ò depois, òs despois (ao depois, depois).
ofinder (ofender).
ofescer (oferecer).
oirela, oirêlo (ourela, ourêlo).
oiriço (ouriço).
oirina (ourina, urina).
oirive (ourives).
oitaniço (outoniço).
Oitono (Outono).
Oitubro (Outubro).
ôndea (onda).
ònião (união).

onte (ontem).
òparairo (operário).
orde (ordem).
ordinairo (ordinário).
ò redol (ao redor).
orego (ourégão).
orfo (órfão). O ditongo *ão*, quando terminação átona de substant., substitui-se por *o*: *orgo* (órgão), *soto* (sótão).
òvir (ouvir); — part.: *òvisto* (ouvido). *Tenho òvisto dezer...* (tenho ouvido dizer...).

P

padejaria (padaria).
palmatorada (palmatoada).
pândiga (pândega).
pantar (pôr).
pantasma, f. (fantasma, m.).
papino, pipino (pepino).
paraísos (países).
paralta (peralta).
pa trás (para trás).
par dento (para dentro).
parecer; — ind., pres.: *parece-me-que* (parece-me). — «*Que horas são?*» — «*São oito, parece-me-que*».
parir; — ind., pres.: *páiro, páires, páire, páirem;* subj. pres.: *páira, páiras, páira*, etc. (Na linguagem culta não há formas correspondentes).
párreco (párroco, pároco).
parteleira (prateleira).
pascela (parcela).
pássero (pássaro).
pastana (pestana).
patamal (patamar).
patarraba (beterraba).
patenta [pagar a] (patente).
pavoação (povoação).
pavoar (povoar).
pecanino (pequenino).
pedra de era (pedra de ara).
pedra-uma (pedra-ume).
pedroso (poderoso).
pêicego [Benedita] (pêcego).
pelingrino (peregrino).
pena (penha).
penariz (panarício).
penedro (penedo).
peneroso (pesaroso).
perciosa [febre] (perniciosa).
perçovejo (percevejo).
pernóstico (pronóstico).
pernunciar (pronunciar).
pertender (pertencer). *Eu não quero senão o que me pertende* [o que me pertence].
Pertugal (Portugal).
perzedente (presidente).
pesceber (perceber).
pesceito (preceito).
péssemo (péssimo).
pessuir (possuir).
pestelência (pestilência).
pestura (postura).
pexigueiro (pecegueiro).
piadade (piedade).
pifre (pífaro).
pindurar (pendurar).
pingureiro (pegureiro).
pinhor (penhor).
pinhora (penhora).
pintessilgo (pintassilgo).
piqueno (pequeno).
pirângula (pirâmide).
pírula (pílula).
pirum (perum, peru).
piscoço (pescoço).

pitrole (petróleo).
plantaforma (plataforma).
poisia (poisio).
pòjeira (poeira).
po-lo, po-la (pelo, pela).
poleirinho (pelourinho).
políteca (politica).
polvarinho (polvorinho).
pólvra (pólvora).
pôr; — ind., pret. perf.: *eu puse-o, êle pôse-o* (pu-lo, pô lo).
porável (provável).
por o, por a (per o, per a; pelo, pela).
portecção (protecção).
portegir (proteger).
poscição (procissão).
poses (pós).
possible (possível).
postema (apostema).
Pova (Póvoa).
povaréu (povoléu).
povide (pevide).
povre (pobre).
pra (para, prep.).
prà amor de (por amor de).
praina (plaina).
prainice (planicie).
pranta (planta).
prantar, pantar (pôr).
práteca (prática).
prauso (praso).
preças (preces).
precauço (percalço).
precurar, porcurar, pocurar (procurar).
prèguejar (praguejar).
prenha (prenhe).
premeiro, prumeiro (primeiro).
prémio (prédio).
premetir (permitir).
premudar (permutar).
prepor (propor).
prepóseto (prepósito).
préstemo (préstimo).
pri abaixo, pri além (por aí abaixo, por ai além).
prigatóiro (purgatório).
princepal (principal).
princepiar (principiar).
prò, prà (para o, para a).
profeição (perfeição).
pròguntar (preguntar).
proparar (preparar).
propèssão (propensão).
propiadade (propriedade).
propriatairo (proprietário).
própio (próprio).
provenir (prevenir).
provir (proïbir).
provisto (previsto).
próxemo (próximo). Em *próxemo*, o *x* tem o valor inicial.
públeco (público).
pucro (púcaro).
pulgueira (purgueira).
púlpeto (púlpito).
purdência (prudência).
purso (pulso).

Q

quadrises (quadris).
que (—). Usa-se como partícula expletiva em frases como estas: *dizem-me que as searas que estão bonitas; — se me acompanhas, muito que bem; se não, abalo.*
Quiètano (Caetano).
quejila (quizilia).
queluna (coluna).

querer; — ind., pret. perf.: *quije* ou *quise* (quis).
questã, quistã *ou* **çristã** (questão).
questódia (custódia).
questume (costume).
quetovelo (cotovelo).
quitanga (quitanda).

R

rabo (rábão, rábano).
raçocino (raciocinio).
rafia (ráfia).
ralidade (raridade).
rápeto (rápido).
rapilau [pêro] (rapinaldo).
rebanada (rabanada).
rebeira (ribeira).
reção (ração).
recendência (descendência).
recender (rescender; descender).
recluta (recruta).
recrimento (requerimento).
recuparar (recuperar).
redol (redor).
regidor (regedor).
reimoso (reumoso).
Reimundo (Raimundo).
réises (réis). *Eu só tenho aqui dois cinco-réises.*
reixa (rixa).
Remaior (Rio-Maior).
rematismo (reumatismo).
Remízio (Remígio),
reprinder (repreender).
repunar (repugnar).
resaluto (resoluto).
reselva (reserva).
resgar (rasgar).
resisto (registo).
resmento (regimento).
resoira (rasoira).
resplandor (resplendor).
restairar (restaurar).
restolhado (rastolhado).
restolho (rastolho).
restuïção (restituïção).
retlos (réditos).
rètolcas (retóricas).
retrair (distrair).
réuga (régua).
revolve (revólver).
rezão (razão).
rezoavle (razoável).
rigor (vigor): *as minhas pernas não têm rigor*. E dão-lhe ainda o significado de *disciplina, subordinação: não há ali rigor, naquela casa.*
rigueiro (regueiro).
rigular (regular).
ringir (ranger).
rôina (ruina).
roixinol (rouxinol).
romendo (remendo).
rondana (roldana).
rosairo (rosário).
rosmar (rosnar).
rudo (rude).
ruívo (ruivo).
rũstego (rústico).

S

sabadoria (sabedoria).
Sabastião (Sebastião).
sábedo (sábado).
saber; — ind., pret. perf.: *sube, sòbestes*, etc. (soube, soubeste, etc.). O digrafo *ou*, quando silaba ou em silaba inicial átona duma forma verbal,

soa *ò*: *sòbemos* (soubemos), *òvistes* (ouviste), *tròssesse* (trouxesse).
saberoso (saboroso).
saçardote (sacerdote).
saclairo (sacrário).
sacorrer (socorrer).
sacrafício (sacrifício).
sacretairo (secretário).
safate (açafate).
sáfio (safo).
sagrêdo (segrêdo).
saibo (sábio).
sâingue (sangue).
sâinguexuga (sanguessuga).
salamim (celamim).
salapismo (sinapismo).
salavanco (solavanco).
saluço (soluço).
salvage (selvagem).
samear (semear).
sancristão (sacristão).
sancrestia (sacristia).
Santíssemo (Santíssimo).
Sarafim (Serafim).
sarapilheira (serapilheira).
sarneiro (cerneiro).
sarôdio (serôdio).
sarrabulho (serrabulho).
sarrado (cerrado).
sarralheiro (serralheiro).
sarrar (serrar).
sarrenho (serrenho, serrano).
sarrilha (serrilha).
sarrote (serrote).
sastifação, stifação (satisfação).
sastifeito, stifeito (satisfeito).
sbelto (esbelto).
sbrugar (esburgar).
scádia (escada).
scalamentado (escarmentado).
sçalêto (esqueleto).
scamisar (descamisar, escamisar). O prefixo *des* reduz-se às vezes a *es*, ou tão só a *s*: *sperdiçar*, *spedaçar*.
scândula (escândula, escândalo).
scardunçar (escarduçar).
scarlecer (esclarecer).
scarne (escárneo).
scôfa (escôva).
scolate (chocolate).
scolateira (chocolateira).
scomunicado (excomungado).
scontra vontade (contra vontade).
scórfulas (escrófulas).
scortinar (descortinar).
scravelha (escaravelha).
scuplo (escrúpulo).
sê, sei (seu). V. *mê*, *mei*.
sebordinação (subordinação).
secumbir (sucumbir).
sedar (assedar).
sei (seu). V. *mê*, *mei*.
selada (salada).
selão (solão).
selêncio (silêncio).
Selir (Salir).
sembrante (semblante).
sénica, f. (arsénico, m.).
sepor (supor); — imper.: *sepunhemos* (suponhamos).
seportar (suportar).
seclo (século).
ser; — ind., pres.: *sêmos*, *sendes* (somos, sois); pret. imperf.: *érmos* (éramos); pret. perf.: *fũi*, *fòstes* ou *fôtes* (fui, fôste); subj., pres.: *sêjamos* (sejamos).
seromenho (soromenho).
sestema, f. (sistema, m.).

sêsto, sêstemo (sexto).
sesudo (sisudo).
sétemo (sétimo).
Setuble (Setúbal).
seve (sebe).
sevela (sovela).
sevina (sovina).
sevocar (sufocar).
sezão (sazão).
sgarguelado (esgargalado).
sigundo (segundo).
sigurança (segurança).
sigurelha (segurelha).
sim (sem, prep.).
simpralhão (simplalhão).
simpre (simples).
singel (singelo).
sinoca (sineta).
sintido (sentido).
sintinela (sentinela).
sintir (sentir).
sipultura (sepultura).
Sirval (Silval).
Snoveva (Genoveva).
so, se, sôr, sior (senhor). Antepõem-se a nomes ou designações pessoais: *so Zé, se Manel, sôr João, sior doutor.*
sociadade (sociedade).
soudades, soidades (saudades).
sofrivle (sofrível).
soiso (choiso).
sòldado (soldado).
sóldo (sólido).
sòmentes (sòmente).
sonarento (sonolento).
soparar (separar).
sóto (sótão).
sovertedoiro (sorvedoiro).
spartejar (partejar).
spécia (espécie).
spensóiro (suspensório).
sperdiçar (desperdiçar).
sperregado (esparregado).
spicular (especular).
spilro (espirro).
spituosas [bebidas] (espirituosas).
sporêta (espoleta).
spória (espora).
sprago (espargo).
sprementar (experimentar).
spriência (experiência).
sprital, spital (hospital).
sprito (espírito).
stajaladeiro (estalajadeiro).
stâmago (estômago).
stância (distância).
stante (instante).
státula (estátua).
stàtura (estatura).
sterlidade (esterilidade).
sterrujar (estorrejar).
sterrujo (esturro).
stipor (estupor).
stóira (história).
straição (extracção).
streloucado (tresloucado).
stramalhar (tresmalhar).
strabuir, strebuir (distribuir).
strivo (estribo).
stronço (estrondo).
stròrdinairo (extraordinário).
strovar (estorvar).
strôvo (estôrvo).
struções (instruções).
Strudes (Gertrudes).
struir (destruir).
strumento (instrumento).
strutor (instrutor).
stúpedo (estúpido).
súbeto, súpeto (súbito).
sucena (açucena).
sudairo (sudário).

sufragante (flagrante). Breve espaço de tempo durante o qual surrateiramente se pratica algum acto censurável: *chegou o dono naquele sufragante e descobriu o larápio*
sulifato (sulfato).
suma (soma).
sumalha (cimalha).
suprefice (superfície).
suprêsa (surprêsa).
Supriano (Cipriano).
surgião (cirurgião).
surreição (ressurreição).
surveja (cerveja).
sustetuto (substituto).
Szé (José).

T

tã (tão, tam).
tabalião (tabelião).
tabulão (tabuão).
tãimpa, tãimpo (tampa, tampo).
tãinque (tanque).
talento (alento).
tal e qual (tal qual).
tamém (também).
tanaz, atanaz (tenaz, subst.).
tapum (tapume).
tarramoto (terramoto).
tarrão (terrão, torrão).
tataruga (tartaruga).
táuba (tábua).
taverna (taberna).
tê, tei (teu). V. *mê, mei.*
tejela (tijela).
temerato (timorato).
temor (tumor).
tempostada (tempestade).
tempras (têmporas).
ténica [coisa] (ténue).
tenir (tinir).
tépedo (tépido).
terrantóiro (território).
terrejar (terrear).
terrivle (terrível).
tertura (tortura).
testões (tostões).
têto (teta).
Tiadoro (Teodoro).
tinger, tenger (tingir).
tinor (tenor, teor).
tiracol (tiracolo).
tirar; — imper.: *tir-te* (tira-te).
tíseco (tísico).
tisoira (tesoira).
tisoireiro (tesoireiro).
títelo (título).
titor (tutor).
todes (todos). *Todes os dias*, etc.
tomão (temão).
tòpeira (toupeira).
Tôrres-Vedes (Tôrres-Vedras).
trabulento (turbulento).
traçado (terçado, subst.).
trace (traço).
tramagueira (tamargueira).
tramoço (tremoço).
trânzeto (trânsito).
trasentos (tresentos).
travage (trevagem).
travíncula (clavícula).
travoada, trevoada (trovoada).
trazer; — ind., pret. perf., 1.ª pess. do s.: *truve, truxe, troixe* (o *x* tem aqui o seu valor inicial).
trebunal (tribunal).
trebuto, trabuto (tributo).
treminar (determinar).
trepeça (tripeça).
tresbordar (trasbordar).
tresdantonte (tràsantontem).
treslado (traslado).

tresmissão (transmissão).
tresparente (transparente).
tresporte (transporte).
trestôrno (transtôrno).
triato (teatro).
trocer (torcer); — ind., pres.: *trôço*, *troces*, *troce*, etc. (torço, torces, torce, etc.).
tromento (tormento).
troquês (torquês).
trosquiar (tosquiar).
Truquel (Turquel).

U

Ufrásia (Eufrásia).
ugaldade (igualdade).
ugalha (igualha).
ugar (igualar).
ugarias (iguarias).
Ulália, Ulaia (Eulália).
últemo (último).
umage (imagem).
úneco (único).
ures (urze).
urmo (ulmo).
usurairo (usurário).
utle (útil).
uviar (uivar).

V

vais (vales).
val (vale).
vairo (vário).
valume (volume).
vamos que (suponhamos que).
varêda (vereda).
varja (várzea).
veia (aveia).
vê-lo aí (ei-lo aí).
ventage (vantagem).
ventejoso (vantajoso).
verba (berma).
vêrgamota (bergamota).
vertude (virtude).
vestuairo (vestuário).
vibra (víbora).
vigairo (vigário).
vinder (vender).
virze, virzem (virgem).
vítema (vitima).
viver; — ind., pres.; *veves*, *veve*, *vevem* (vives, vive, vivem).
vòmecê, voncê, vuncê, vacê, vòssancê, vòssuncê; vòcêses (vòssemecê, vòcê; vòcês).
vridaça (vidraça).
vridão (bridão).
vrido (vidro).

Z

Zabel (Isabel).
Zaquiel (Ezequiel).
Zé, Szé (José).
zicutar (executar).
Zidório (Isidoro).

Rematando o glossário, darei aqui uma parlenda exemplificativa da linguagem do vulgo.

— Boa noite nos dê Deus.

— Boa noite, ó copadre.

— Nã sabe? incontrei inda agora ali o Fradico. Aqui há dias falámos a gente aqui a respeito dêle; nã sei se...

— Mes quem?! O Fradico?...

— Fradico ò Fadrico... nã me chega à lingua.

— *Frederico*; é cume lá di'lo siô Prior.

— Sim; é isso. (Os impostos sempre às vezes le põe uns numes mais avessos!...) Pois, cume ia dezendo, topei-o ali além — já as galinhas me nã tirávum no pão das mãos —, e digo-le assim: «Ólha cá: tu tens algumas scândulas minhas? Diz que andas pra aí a botar voz e fama que eu que sou êste, que sou aquele, que faço e que aconteço...» E vai êle antão diz-me assim: «Nã faça causo; isso nã são senão contos do Zé das Lérias». E daí steve que tempos a stinder fiado, muntas clausúras, que sim e mais que também, mais isto, mais aquilo, porque torna e porque deixa, porque assim e porque assado,... e frito e cozido! Coitado! o que êle é, é um grande badeleiro, — nã sei se sabe. Sabe; ora, a quem no digo eu! Stá pra ali pê-á-pá Santa Justa a pisar, a repisar, êle dito, êle por dezer... inté aborrece. Há-de contar sempre tudo tim-tim por tim-tim; é uma séca. E às vezes alevanta cada uma! Aqui há anos inté o fizérum ir ò mocho; nã sei se se alembra.

— Alembra: mes soube-se ò depois que caíra por inocente.

— Ah! antão já me calo. Isso assim muda de fegura. Steve dois ò três dias à sombra, mes isso adeus! Tem lá por dezer que a cadeia que é pròs homes.

— Sim; ela nã se fêz pròs cães.

— Já vê! Pois — voltemos à vaca fria — lá o tal Zé das Lérias é home de munto dito; isso é que êle é. Aquela inxada sempre assim cavou. E antão caloteiro? Isso nã se fala! Vindi-le um farroupo po-la Santa Maria, já hoje stemos a vint-a-um do mês das Festas, e a respeito de paga, três vezes nove...

— Nã vá sim reposta, que a mim me mercou êle uma jimenta fêz já po-la Santa Suzana um ano, e, nã sei se le conte!... nã me astrevi ainda a ver-le as cruzes ò dinheiro. E antão, pra mais ajuda...

— Nã squeça o que quer dezer; a vòmecê tem êle tinção de pagar, segundo se consta.

— Sim; lá se alimbrou que comia por uma vez, se ferrasse o cão logo à premeira. Não! que êle é pássero caçado. Sabe-a tôda. Mes já me nã faz o linho atrás da orelha. Gato scaldado... Da premeira ninguém se livra...

— Bem; deixe-me acabar de vinder a minha sardinha;

inda nã despejei a canastra. — O Calros, no ano da sêca, largou-le um saco de milho, e òs despois teve de le prantar a paga. Os da loje nova nã le acólhim um real gèrado; dízim-no êles pra aí à bôca cheia. Ò tindeiro rosna-se que tamém êle deve uma boa maquia. E antão ò sapateiro? e ò alfaiate? Olhe: sabe que mais?... Mais nada! — Ah! alembra-me agora um pecado velho. Q'ando êle se casou (há já um par de anos), dei-le creto na loje dos Capitões, em Remaior, pra êle mercar um fato. Pois sabe o que êle fêz? Q'ando, passado tempo, le pedírum a chelpa, arrumou os pés à parede, que nã devia e que nã devia. Mes cheirou-lhe a sturro. Um dia a Justiça calmou-lhe im riba e fê-lo pra ali scarrar inté òs últemos cinco réis.

— Bem feito. Pra aprinder.

— Sim; devia aprinder que quem o alheio veste, na praça o despe; mes squeceu logo tudo: burro velho nã toma insino. E co esta me vou. Inté àmanhã se Deus quisér.

— Boa noite, ò copadre.

José Diogo Ribeiro.

Usos & costumes, contos, crenças e medicina popular

I — Usos & costumes

1.º) — *Processão de Ramos:* — Em domingo de Ramos na frèguesia de Caldelas (Braga), todos os filhos varões até 12 anos de idade, levam para a igreja, por ocasião da missa, um grande ramo de oliveira, direito e muito mais alto que o seu portador, enramalhetado com flores naturais, fitas de seda, santos, etc. Estes ramos, que são aparelhados a despique pelas raparigas, andam antes da missa em exposição pelo adro, para se ver qual é o mais artístico.

Depois entram na igreja e colocam-nos todos em grande monte na capela-mor, para que o padre os benza. Acabada a bênção, o «mordomo do Senhor» pega neles a um e um, e entrega-os aos seus donos, organizando-se em seguida a «procissão de ramos», que dá volta ao adro. Nela se encorporam homens e mulheres que levam na botoeira ou na mão uma pequena galha que colheram do ramo mais próximo.

Finda a procissão, dá-se começo à missa, tendo a igreja o aspecto dum olival florido.

Estes ramos, que depois se levam para casa, servem para queimar quando «trovoa», pois tem os privilégios do «canhoto» do Natal e das cascas das pinhas mansas assadas na noite do nascimento do Senhor.

Juntamente com aqueles ramos, o padre também benze um grande feixe de galhos de oliveira que serve para queimar e dêle se extrair a cinza para a cerimónia de quarta-feira de Cinza do ano seguinte.

Neste domingo ninguém vai à horta, para que esta não se encha de piolho. Colhem-se de véspera as couves para os porcos, e os lavradores comem caldo de castanhas piladas com feijão branco.

*

Na frèguesia de S. Julião de Passos (Braga), os ramos são de oliveira e palmeira à mistura, apenas ornamentadas com flores naturais, tendo as raparigas também direito de levar um ramo.

2.º) — *Visita pascal e procissão dos ovos:* — Na frèguesia de S. Julião de Passos (Braga), o mordomo da Cruz, na visita Pascal, veste «beca» de seda vermelha, sendo a cruz, que vai carregada de jóias antigas e «peças» de oiro, forrada de seda de igual côr e abundantemente perfumada com «espírito de cravo».

Todos põem «folar» ao abade, mas êste só o levanta nas casas que não lho levarem à «residência». Às vezes, além do «folar», em dinheiro, põem maçãs, que os rapazes, «moços do folar» levam em cestas. Em casa de pobres o pároco deixa dinheiro de seu bôlso para lhes mitigar as necessidades.

Onde há raparigas, ao centro do «folar», espeta-se numa lima ou numa maçã um lindo ramo de flores artificiais que em geral é feito no Colégio da Regeneração em Braga, e que o abade leva para ornamentar os altares.

Finda a visita, numa recta de estrada que conduz à igreja, junta-se muita gente, que com o pároco se organiza em procissão, cantando a Ladaínha dos Santos, sendo às vezes acompanhados de música e deitando-se foguetes. É a «procissão dos ovos».

*

Em Caldelas (Braga), o mordomo da Cruz leva a tiracolo uma alva toalha de linho, que tem marcadas a encarnado na altura do peito as iniciais «J. N. R. J.». Cobre a cabeça com um gorro de seda branca e enfeita a Cruz com flores artificiais da mesma côr.

Nas casas em que há raparigas encontra-se o mesmo ramo de flores artificiais para ornamentar a igreja. Não há «procissão dos ovos» mas muitas vezes a visita Pascal é acompanhada de música.

*

3.º) — *Casamentos:* — Em Outeiro (Viana do Castelo) os noivos nunca vão à missa em que se leem os «banhos», tendo muitas vezes de procurá-los fora da frèguesia.

Há umas dezenas de anos, porém, iam os nubentes áquela em que se liam os segundos proclames, ficando o noivo numa roda de rapazes amigos, e a noiva entre um rancho de raparigas também suas amigas. Finda a missa, ia o noivo esperar a noiva à porta da igreja e então os dois grupos atiravam sôbre êles fortes saraivadas de confeitos, chegando muitas vezes a envolverem-se uns e outros em verdadeiras batalhas de confeitos, isto tudo com grande gáudio do rapa-

zio que podia no fim encher os bolsos com que rilhar por largo tempo.

Se a noiva era de fora da frèguesia, o noivo ia lá com muitos amigos bem municiados. Chamava-se a isto «ir botar os confeitos», a êste ou aquele.

Na véspera do casamento os noivos «vão à doutrina» a casa do páraco, que chamando de parte o noivo, lhe expõe os deveres e obrigações do seu novo estado. Chama depois a noiva e faz-lhe igual prédica. Junta no fim os dois e faz-lhes terceiro sermão que é da praxe acabar sempre em choradeira.

Na volta da igreja, depois de casados, deitavam os noivos confeitos sôbre tôdas as pessoas que encontravam pelo caminho e davam uma «fatia» ou rodela de trigo, que à vista se cortava dos «petins» que se levavam dentro duma saca. Se o noivo era rico, dava a cada pessoa uma «pada» de vintém.

Foi ainda costume antigo levarem os noivos a «fatia» a casa dos seus amigos e constava esta duma saca de «petins», 6, 8, ou 10 vinténs de trigo.

No jantar da boda, havia rijas batalhas de confeitos.

Oito dias depois do casamento, saía de casa do que deixava a seus pais, *a caixa*, uma grande arca de castanho onde ia a roupa e os trastes do enxoval, bem como uns alqueires de milho para seu mantimento, se o casamento se realizou depois do S. Martinho. Nesta despedida havia sempre grande choradeira de pais e filhos.

*

Em S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo) quando os noivos «se vão receber» ou casar à igreja, levam uma *panada* (grande pano cheio e atado pelas pontas) de fatias de trigo que distribuem por todos os presentes à cerimónia e que encontram pelo caminho. Ao padre dão meio quarto de feijões brancos e *meio carreiro* (uma dúzia) de «padas» das antigas de vintém.

4.º) — *Botar o navio ao mar:* — Quando um rapaz ou rapariga aparece pela primeira vez a namorar em público, encostado à parede em tarde domingueira, diz-se que «botou o navio ao mar», com fulano ou fulana.

O facto levanta grande celeuma, muitos vão ver, e se acontece serem os jovens namorados dois fedelhos, fazem-lhes

grande troça, chegando a pôr-lhes à frente um cesto velho e uma sachola ferrugenta, para que vão pelos caminhos apanhar excrementos de boi.

Seria interessante investigar-se a origem de tal frase.

Pensando um pouco nela, vemos que não é de todo destituída de bom senso. Um navio que se deita ou «bota» ao mar, começa uma era de labuta, uma vida nova. Aqueles que começam a namorar dão um novo rumo à vida, que irá pròvàvelmente terminar no pôrto do lar, ao abrigo das leis do casamento, com a criação de filhos, etc.

Um navio que começa as suas carreiras, estreita relações entre povos, contribui para o bem estar e felicidade humana. Um par de namorados aperta os laços entre duas famílias, contribui num futuro mais ou menos próximo para o bem da humanidade, dando-lhes braços para o trabalho.

Que de coisas lindas não poderíamos ainda fantasiar sôbre tal dizer!

Depois não é êle interessante na bôca dum povo que ao mar e às navegações marítimas deve o seu maior quinhão de glória?

(Outeiro — Viana).

5.º) — *Escrivães:* — Nunca esta classe social logrou as boas graças do povo. Êste lá sabe o mal de que tem sido vítima através dos séculos.

No Minho diz-se em dia de muito frio: «Morreu algum escrivão» ou «morreu algum galego». No Algarve dizem em dia de forte vendaval: «Morreu algum escrivão». O Minhoto ainda chama «escrivão» a um jumento pequeno, e por todo o Portugal aos varredores de ruas se dá o nome de «escrivães de pena grande».

6.º) — *Rébios:* — Em Lisboa chamam «saloios» aos camponeses dos arredores.

Os Minhotos que veem trabalhar para o Ribatejo e outras terras não longe da capital, chamam «rébios» aos seus habitantes, têrmo que não encontro em Cândido de Figueiredo.

Aos filólogos envio mais êste vocábulo para decifrarem a origem etimológica e o enfileirarem ao lado do «saloio».

7.º) — *Romeiros:* — Costumam certos doentes fazer a promessa dum «romeiro» para sararem. Atendida a sua peti-

ção, juntam um grupo de raparigas de 10 a 12 anos, e em domingo de tarde, com ar de festa, vão cantar o «romeiro» à roda da capela do santo protector. Os versos são sempre os mesmos, variando apenas o nome do santo ou santa da devoção?

Exemplo dum «romeiro» de Santa Quitéria:

Senhora Santa Quitéria
Nós hoje aqui vimos,
A cumprir a promesssa
Do que vos pedimos.

Senhora Santa Quitéria
Que estais na capela,
Lançai-nos a benção
Lá de dentro dela.

A devota do *romeiro*
Pediu-vos por caridade,
Pois deixava os filhinhos
Ainda de tenra idade.

Senhora Santa Quitéria
Estrelinha do Norte,
Vós destes a vida
A quem estava à morte.

A que estava à morte
A que estava a morrer,
Senhora Santa Quitéria
Quem lhe havia de valer?

Senhora Santa Quitéria
Estrelinha do dia,
Vós destes a vida
A quem na merecia.

Senhora Santa Quitéria
Que estais no andor,
Lançai-nos a benção
Com todo o amor.

Senhora Santa Quitéria
Que estais no altar,
Abri-nos a porta,
Queremos entrar.

Senhora Santa Quitéria
De roda, de roda,
Cumprida a promessa
Nos imos embora.

(Outeiro — Viana).

II — Contos

1.º) — *O coelho rabicho:* — Era uma vez um coelhinho rabicho que foi pedir rabo a um gato. O gato lhe respondeu:

— Só se me deres leite.

Foi o coelhinho ter com a vaca:

—Ó vaquinha dás leitinho para o gatinho, para o gatinho dar rabinho?

—Só se me deres erva.

Foi o coelhinho ter com o «paülo»:

—Ó «paülo» dás erva para a vaquinha, para a vaquinha dar leitinho para o gatinho, para o gatinho dar rabinho?

—Só se me regares.

Foi o coelhinho ter com a fonte:

—Ó fonte, dás água para regar o «paülo», para o «paülo» dar erva para a vaquinha, para a vaquinha dar leitinho para o gatinho, para o gatinho dar rabinho?

—Só se me limpares.

Foi o coelhinho ter com a velha:

—Ó velha, limpas a fonte, para a fonte dar água para o «paülo», para o «paülo» dar erva para a vaquinha, para a vaquinha dar leitinho para o gatinho, para o gatinho dar rabinho?

—Só se me deres umas chinelas.

Foi o coelhinho ter com o sapateiro:

—Ó sapateiro, dás umas chinelas à velha, para a velha limpar a fonte, para a fonte dar água para o «paülo», para o «paülo» dar erva para a vaquinha, para a vaquinha dar leitinho para o gatinho, para o gatinho dar rabinho?

—Só se me deres toucinho.

Foi o coelhinho ter com o porco:

—Ó porco, dás toucinho para o sapateiro, para o sapateiro dar umas chinelas à velha, para a velha limpar a fonte, para a fonte dar água para o «paülo», para o «paülo» dar erva para a vaquinha, para a vaquinha dar leitinho para o gatinho, para o gatinho dar rabinho?

—Só se me deres farinha.

Foi o coelhinho ter com o moínho:

—Ó moínho, dás farinha para o porco, para o porco dar toucinho para o sapateiro, para o sapateiro dar umas chinelas para a velha, para a velha limpar a fonte, para a fonte dar água para o «paülo», para o «paülo» dar erva para a vaquinha, para a vaquinha dar leitinho para o gatinho, para o gatinho dar rabinho?

—Só se me picares.

Foi o coelhinho ter com o ferreiro:

—Ó ferreiro, picas o moinho, para o moinho dar farinha

para o porco, para o porco dar toucinho para o sapateiro, para o sapateiro dar umas chinelas à velha, para a velha limpar a fonte, para a fonte dar água para o «paülo», para o «paülo» dar erva para a vaquinha, para a vaquinha dar leitinho para o gatinho, para o gatinho dar rabinho?

— Só se me deres um cêpo.

Foi o coelhinho ter com o carvalho:

— Ó carvalho, dás um cêpo para o ferreiro, para o ferreiro picar o moinho, para o moinho dar farinha para o porco, para o porco dar toucinho para o sapateiro, para o sapateiro dar umas chinelas à velha, para a velha limpar a fonte, para a fonte dar água para o «paülo», para o «paülo» dar erva para a vaquinha, para a vaquinha dar leitinho para o gatinho, para o gatinho dar rabinho?

— Só se me arrancares.

Depois foi o coelhinho arrancar o carvalho, que caíu por cima dêle e o matou.

(Outeiro — Viana do Castelo).

2.º) — *O peçado da feiticeira:* — Uma vez uma feiticeira foi confessar-se e disse ao padre no fim da confissão que tinha um pecado muito grande, mas que êsse não o dizia. Teimou o padre para que confessasse, caso contrário não a absolvia. Depois de muito instada lá se resolveu a feiticeira a dizer que tinha feito três mortes e estava para fazer outra. Perguntou o padre como aquilo fôra, respondendo que matara três crianças a fio a uma mulher e que esta, estando para ter outra, também lha havia de matar.

Perguntou o padre como as matava, e ela respondeu que quando a criança acabava de nascer, descia pela chaminé abaixo em forma de aranha e a abafava.

Ouvido tudo isto o padre mandou-a embora sem a absolver, e como ela dissesse quem era a mulher a quem matara as crianças, mandou chamar o marido e disse-lhe que quando estivesse para nascer a criança o chamasse, se não queria que ela morresse como as outras. O homem assim combinou e o padre preveniu-se com um saco novo de linhagem bem forte.

Certa tarde foi o homem chamar o padre porque a criança estava para nascer. Agarrou êste no saco e foi pôr-se ao canto da chaminé à espera que a aranha descesse para matar a criança. Quando a viu, abriu o saco e meteu-a dentro. Atou-o bem pela bôca e bateu com êle numa parede até ma-

tar a aranha. Esta morreu, e a feiticeira apareceu morta em sua casa, salvando-se assim a criança.

(Ibidem).

3.º) — *O sapateiro e a feiticeira, sua mulher:* — Era uma vez um sapateiro que casado havia bem pouco tempo, começou a notar a falta da mulher de noite na cama e não sabia a que atribuí-la. Uma noite fingiu que dormia para ver o que se passava e a certa hora a mulher levantou-se com todo o cuidado, foi buscar debaixo da cama um caco com borralha e voltada para o homem começou a benzê-lo, dizendo: «Eu te benzo brazabú, com as fraldas do meu c... e emquanto eu vou e venho não acordes tu». Depois untou-se com a borralha do caco e dizendo: «por riba de tôda a folhinha» desapareceu.

O homem que tudo viu e ouviu, levantou-se e disse consigo que ia fazer o mesmo para ver onde ela fôra. Fêz tudo como a mulher, mas em vez de dizer «por riba de tôda a folhinha», enganou-se e disse «por baixo». Desapareceu num redemoinho e por entre ramagens e silvedos, todo magoado e arranhado por ter dito as palavras trocadas, foi ter à beira dum rio onde estava o diabo no meio das feiticeiras. Estas não o conheceram nem êle conheceu a mulher porque estavam todos transfigurados.

Batiam elas com as mãos na água e cada uma por sua vez ia beijar o c... ao diabo. Quando chegou a vez do sapateiro, êste que levava no bôlso a sovela do seu ofício, em vez de o beijar deu-lhe uma valente sovelada. Então o diabo, gemendo, disse: «Êste que não torne cá porque tem os beiços muito grossos».

Depois o homem, como já estivesse tudo visto, foi-se embora para chegar a casa primeiro que a mulher. Quando esta entrou, fingia êle que dormia e ela não desconfiou de nada.

No dia seguinte levou o homem para o quarto um cabo de enxada que arrumou à cabeceira da cama. À noite deitaram-se como de costume, fingindo êle que dormia. A mulher levantou-se e foi buscar o caco da borralha. Quando ia para benzer o homem, êste levantou-se num repelão e agarrando no cabo da enxada sovou-a valentemente, dizendo: «eu te benzo corni-cabra, com o cabo desta enxada». Depois disto a mulher não quis saber mais de feitiçarias.

(Ibidem).

III — Crenças populares

1 — Tem amor por sete anos aquele que achar um gancho de cabelo (Outeiro — Viana do Castelo).

2 — Fica careca aquele que estando debaixo dum fumeiro lhe pingarem os chouriços na cabeça (Ibidem).

3 — Cai o cabelo que lhe deitarem urina por cima (Ibidem).

4 — Não cresce mais o cabelo da pessoa que lhe puserem um ninho sôbre a cabeça (Ibidem).

5 — Dá a gota à criança que comer com as lágrimas nos olhos. As mães nunca deixam comer os filhos sem lhas enxugar, se estão a chorar (Ibidem).

6 — Em dia de S. Pedro de Rates não se deve pegar em agulhas, pentes, alfinetes, tesouras, etc., porque nascem os filhos aleijados (Ibidem).

7 — A criança que beijar um espelho, só muito tarde começa a falar (Ibidem).

8 — Não casam os rapazes e raparigas que deitam lenha por cima da trempe (Ibidem).

9 — Não cresce mais a criança que lhe passe uma galinha choca sôbre a cabeça (Ibidem).

10 — Duas crianças que ainda não falam e se beijam, não começam a falar uma sem a outra (Ibidem).

11 — A criança que passar por debaixo duma vassoura não cresce mais (Ibidem).

12 — Também não cresce a criança que passar por baixo da mesa de jantar (Ibidem).

13 — Fica tolhida a criança que lhe tocarem com uma vassoura no corpo (Ibidem).

14 — Não se deve vestir roupa lavada às crianças, sem primeiro a passar por sôbre o lume (Ibidem).

15 — Quando uma mulher grávida deseja conhecer se o ser que trás no ventre é rapaz ou rapariga, deite ao lume uma espinha inteira de sardinha grande. Se esta torcer é rapariga. Se se mantiver direita será rapaz (Ibidem).

16 — Não se cortam as unhas a uma criança, senão não vai para o céu. As mães roem-lhas (Ibidem).

17 — Uma criança não pode sair de casa depois do sol pôsto, sem levar na cabeça um chapéu ou outra qualquer peça do vestuário do pai (Ibidem).

18 — Para que o cabelo duma criança cresça corta-se um pouco e enrodilha-se numa silva (Ibidem).

19 — Não se deve amamentar uma criança sôbre chão molhado (Ibidem).

20 — Para que uma criança goste de vinho dá-se-lhe ao nascer vinho quente com mel.

21 — Não cresce nem aprende uma criança que coma miolos de porco (Ibidem).

22 — Quando os pais querem que nasça um filho, devem no acto da cópula ter a janela do quarto fechada, abrindo-a se desejam uma filha. Por isso os quartos de casal tem sempre janela (Ibidem).

23 — Quem tiver sete filhos do sexo masculino, o último será lobisomem (Algarve).

24 — Para tornar uma criança habilidosa, cortam-se-lhe as unhas numa quinta-feira debaixo duma árvore (Ibidem).

25 — Para fazer as crianças bonitas, dá-se-lhes «água de rabinho» (Minho — Algarve).

26 — A mulher que estando grávida tocar no baço de qualquer animal, nascem-lhe os filhos com uma mancha encarnada na parte do corpo correspondente aquela com que tocou (Outeiro — Viana do Castelo).

27 — Quando está uma criança por baptizar, a família não dá nem empresta nada, para que ela não fique com o hábito de emprestar ou dar tudo (Ibidem).

28 — Não se devem mostrar os dentes às salamandras senão apodrecem (Ibidem).

29 — Tem dor de dentes aquele que deitar canas sêcas à fogueira na noite de S. João (Ibidem).

30 — Quando cai um dente, deita-se no borralho para que as galinhas não o comam, porque se o fizerem não nasce outro (Ibidem).

31 — Fica esquecido aquele que comer da sertã ou do tacho (Ibidem).

32 — A uma vaca que dê à luz um bezerro, dão-lhe couves roubadas na horta do vizinho (Ibidem).

33 — Não sara a ferida ou arranhadura produzida por uma silva sem que esta seque, sendo preciso cortá-la logo (Ibidem).

34 — Quem se espetar num prego ferrugento, deve enterrá-lo numa cebola para que a ferida se não apeçonhe (Ibidem).

35 — Não se deve comer pão roído dos ratos sem primeiro

o passar por cima do lume, para que não nasçam feridas nos lábios (Ibidem).

36 — Se duas ou três pessoas bebem ao mesmo tempo, a mais velha morre primeiro (Ibidem).

37 — Aquele que fizer mal às andorinhas fica com as mãos a tremer (Ibidem).

38 — Para que a massa levede depressa, espetam-se-lhe alhos e faz-se em cima um Signo Saimão dizendo:

S. Simão faça bom pão,
S. Vicente te acrescente,
S. Mamede te levede.

39 — Para que a levedura da massa seja rápida põe-se sôbre a masseira um chapéu de homem (Ibidem).

40 — Quando troveja devem acender-se candeias bentas para que os relâmpagos (raios) não façam mal (Ibidem).

41 — As cascas de pinhas mansas assadas em noite de Natal, bem como o «canhoto» que ardeu na noite do Nascimento, no dia de Ano Bom e de Reis, guardam-se muito bem e deitam-se ao lume por ocasião de trovoadas para que os relâmpagos não façam mal (Ibidem).

42 — Quando troveja, devemos fechar tôdas as portas e janelas para que não entrem os relâmpagos (Ibidem).

43 — Aquele que plantar uma nogueira morrerá logo que ela atinja a sua grossura. Por isso só os muito velhos é que plantam ou semeiam destas árvores (Ibidem).

44 — Quando os noivos, depois de casados, veem da igreja, não devem voltar pelo mesmo caminho. O primeiro que olhar para trás será o primeiro a morrer (Ibidem).

45 — Um mocho que pia ou um cão que uiva são sinal de morte (Ibidem).

46 — Quando levam o Senhor (Viático) a algum enfermo e as velas se não apagam pelo caminho, é sinal de que o doente morrerá muito em breve (Ibidem).

47 — Terá maleitas aquele que despindo-se para tomar banho, se arrependa e não chegue a meter-se na água (Ibidem).

48 — A quem contar as estrêlas nascem verrugas nas mãos, tantas quantas as estrêlas contadas (Ibidem).

49 — Quem está doente dos olhos não deve olhar para um espelho, pois o aço dêste faz-lhe mal à vista (Ibidem).

50 — Encontrar uma ferradura é sinal de felicidade (Ibidem).

51 — Nas encruzilhadas dos caminhos aparecem coisas más (Ibidem).

52 — No primeiro de Maio põe-se o maio (ramo de giesta florida) à porta, para o diabo não entrar (Ibidem).

53 — No dia de Santa-Cruz anda o diabo à solta (Ibidem).

54 — Quando se abre a bôca, fazem-se cruzes nesta para que o diabo não entre (Ibidem).

55 — Em quarta-feira de Trevas não se fia na roca, porque neste dia fiaram as judias as cordas com que se prendeu o Senhor (Ibidem).

56 — Não se cospe em ninguém, porque só os judeus é que cuspiram o Senhor (Ibidem).

57 — Quando alguem se deitar a afogar faz-se uma cruz num carvalho. Se êste secar o afogado foi para o inferno (Ibidem).

58 — Não se deve beber com a luz acesa na mão (Ibidem).

59 — Aquele que urinar e andar ao mesmo tempo vem o diabo atrás dêle (Ibidem).

60 — Aquele que pegar no lume urina na cama (Ibidem).

61 — Urinar no lume dá dor de pedra (cólica vesical) (Ibidem).

62 — Para passar os soluços, diz-se:

Soluço me deu,
Soluço me é dado;
Mandei a minha sogra
Um saco atado;
Ela me mandou
Um soluço assado.

(Algarve).

63 — Para passarem os soluços, põe-se o pão de «patas para o ar» (com o lar para cima) (Aljustrel — Alentejo).

64 — Quando duas pessoas teem o mesmo pensamento e o dizem ao mesmo tempo, teem que apertar-se logo as mãos, senão uma delas morre nesse ano (Ponte do Lima).

65 — Para saber o número da sorte grande, apanha-se um sardão de dois rabos, cortam-se estes e deitam-se na areia ou num caixote de farinha. Os seus movimentos descrevem um número que é o da sorte grande (Viana).

66 — Comer e fumar ao mesmo tempo faz vir a gota às pessoas (Alvarães — Viana).

67 — Quando se deita uma galinha, para que não venha tudo galos diz-se:

Em nome do Senhor Salvador
Tudo pitinhos, só um galador.

(Ancora).

68 — Quem vai pela primeira vez a uma terra deve levar sal na bôca para aprender bem o caminho (Valença).

69 — Para saber se ainda temos muitos anos de vida, corta-se o rabo a um lagarto e quando êste começar a «rabiar» diz-se:

«Conta os teus, não contes os meus»

e quantas voltas êle der, tantos anos teremos ainda de vida (Outeiro — Viana).

IV — Medicina popular

1 — Para curar uma catarreira ferve-se vinho com unto e toma-se com açúcar (Outeiro — Viana).

2 — Para atalhar a um catarral (pneumonia) coze-se um pinto preto, metendo-o vivo dentro da panela a ferver. Parte-se ao meio, ligando cada uma das partes com uma ligadura à planta dos pés (Alentejo).

3 — Para curar uma rouquidão e constipação, batem-se em castelo quatro claras de ovos com açúcar, tomando-se depois uma colher por dia (Algarve).

4 — Para passar uma rouquidão esfregam-se as «solas» dos pés com alhos e toma-se chá de perpétuas roxas (Ibidem).

5 — Para curar uma dor de dentes, mete-se um ramo de arruda no ouvido do lado contrário à dor (Outeiro).

6 — No Algarve usam para esta dor, colocar um pano molhado por detrás da orelha, ou põe-se sôbre a cara água em que se dissolveu goma de roupa (Algarve).

7 — Também se cura a dor de dentes fritando em azeite a ferrugem da chaminé, metendo-a depois na cova do dente (Outeiro — Viana).

8 — Para sarar um deslocamento (luxação) produzido por

uma queda, põe-se sôbre a parte magoada papas de borralha e urina de menino macho (Ibidem).

9 — Cura-se uma picada de abelha ou vespa, untando-a com lama ou barro (Ibidem).

10 — Para livrar da gota toma-se nas ladaínhas de Maio leite de vaca, de mãe e de filha, pela manhã em jejum. Tomam também êste leite, até aos sete anos as crianças que foram amamentadas sôbre as águas do mar (Ibidem).

11 — Curam-se as sezões bebendo-se o sumo de nove limões, ou comendo uma coisa que se deseje muito (Algarve).

12 — Para curar uma febre esfrega-se o corpo do doente com urtigas (Outeiro).

13 — Para curar uma criança que tenha o ventre elevado (febres palustres), corta-se aos bocadinhos uma fressura de carneiro que se ata com uma ligadura sôbre a barriga, ao anoitecer. De manhã tira-se, pois com o calor da febre os bocados ficam duros, como que cozidos (Algarve).

14 — Para que as feridas sarem a uma pessoa, mete-se-lhe, sem que o saiba, sal no bôlso, quando fôr à missa (Outeiro).

15 — Para curar um golpe, une-se êste, e põe-se em cima a pregar uma casca de fava verde ou demolhada, até sarar (Algarve).

16 — Para curar um cancro nos lábios, antes de ulcerar, moiem-se cascas de ameijoas, pondo o pó em cima (Ibidem).

17 — Curam-se as impingens, untando-as de manhã em jejum com tinta de escrever, dizendo: «Impingem rabinja, assim tu medres tanto como eu hoje comi e bebi (Outeiro).

18 — No Alentejo curam as impingens untando-as com «garro» de cachimbo. Garro é a cinza negra que fica no fundo do cachimbo.

19 — Cura-se uma dor de ouvidos, deitando-lhes dentro suco de amêndoas pisadas (Algarve).

20 — Também se cura a dor de ouvidos deitando-lhes leite dos peitos duma mulher (Alentejo).

21 — Para livrar os bezerros da «bicha», dá-se-lhes depois de nascer farinha de centeio com alhos, vinagre e mel (Outeiro).

22 — Para curar um «terçôlho» esfrega-se um anel no fato até aquecer, colocando-o depois sôbre a parte doente (Ibidem).

23 — No Algarve curam o «terçôlho» colhendo uns «pastinhos» (ervinhas) secos, deitando-lhes fogo e colocando sôbre

a fogueira, sem queimar as pestanas ou o cabelo, o ôlho doente, dizendo: «Aqui d'el-rei que se queimou a cazinha do meu terçolho».

24 — Também há no Algarve quem cure um terçol deitando-lhe tôdas as manhãs, até desaparecer, um pingo de vinho tinto.

25 — Para passar as «verrugas» ou «cravos» é bom esfregá-los com uma couve que se encontre no caminho, escondendo-a depois detrás duma pedra, desaparecendo as «verrugas» à medida que a couve fôr secando (Outeiro).

26 — No Alentejo para passar as «verrugas», esfregam-se as mãos em cruz sôbre as costas dum marido atraiçoado sem êle o saber.

27 — Para curar doenças dos olhos, é bom lavá-los com água de videira branca. Quando se poda uma videira, esta às vezes «resume», isto é, deita seiva, que se recolhe num frasco e tem a propriedade medicinal citada (Outeiro).

28 — Para livrar de «fígado nos olhos» — orla vermelha no rebôrdo palpebral *(bleforite)* — colhe-se uma cebola albarrã ou alhos-pôrros, sem olhar para o lugar donde se tirou, e escondem-se sem ver (Algarve).

29 — Curam-se as escrófulas rasgando-as até fazer sangue, com a unha do pé esquerdo dum morto. Limpa-se o sangue com um pano que se mete no caixão que vai para a cova (Algarve).

30 — Aquele que tiver sarna tem de o declarar, porque «sarna negada não é curada». Trata-se assim: Mata-se uma cobra e depois «vara-se». Vara-se uma cobra, segurando-a pela cabeça e batendo-a valentemente com uma vara para que todo o veneno vá para o rabo. Corta-se o rabo e frita-se aos bocados em azeite crú. O môlho resultante dêste cozinhado serve para untar a sarna (Alentejo).

31 — Para passar uma dor de cabeça põe-se na testa uma moeda de cobre com muito azebre (Algarve).

32 — Também se cura a dor de cabeça colocando nas fontes uma sopa de pão embebida em vinagre (Ibidem).

33 — Ainda se cura uma dor de cabeça salpicando com aguardente um lenço dobrado em triângulo, perfumando-se com alecrim e atando-se à roda da cabeça (Ibidem).

34 — Para livrar do sarampo embrulha-se o doente numa manta encarnada e dá-se-lhe a beber *água de ouro* (água em que esteve ouro) (Ibidem).

35 — Para curar um panaricio mete-se o dedo dentro dum ovo cru, e aí se conserva oito dias (Ibidem).

36 — Para curar uma enterite, deve o doente urinar sete dias seguidos em púcaros de barro, novos, que o mesmo doente enterra diàriamente (Ibidem).

37 — Para criar bom cabelo depois da doença que o fêz caír, rapa-se a cabeça à navalha esfregando-se o casco com água em que estiveram charutos de môlho durante 8 dias (Ibidem).

38 — Para crescer o cabelo, fregem-se em azeite virgem as «searas» de trigo do presépio. Depois de fritas e bem pisadas, junta-se-lhes cêra amarela, amassa-se tudo bem até se obter pomada com que se esfrega a cabeça (Ibidem).

39 — Cura-se uma ictericia tomando «triaga» (fezes torradas e moídas, misturadas com farinha, açúcar e canela) em bolos untados com mel ou caldos (Ibidem).

40 — Para curar uma íngua, fixa-se em noite estrelada uma estrêla muito luzente e diz-se:

Estrêla luzente
Eu tenho uma íngua.
Ela diz que morras tu e viva ela,
Eu digo que morra ela e vivas tu,

ao mesmo tempo que se fazem cruzes sôbre a íngua. Repete-se esta reza três dias seguidos (Ibidem).

41 — Cura-se a asma, matando-se gatos recém-nascidos, de que se fazem caldos comendo-se a carne depois de passados por manteiga (Ibidem).

42 — A quem deitar sangue pela bôca, dá-se-lhe um copo de vinho em que se deitou uma fita encarnada cortada aos «pícaros» (bocados pequenos) (Ibidem).

43 — Para curar uma fraqueza põe-se dentro duma garrafa com vinho, bocadinhos pequenos de marmelada, tomando-se disto um copinho tôdas as manhãs em jejum (Ibidem).

44 — Também se cura a fraqueza pondo uma fatia de pão com mel ao serêno, que no outro dia se come em jejum. Faz-se isto durante oito dias (Ibidem).

45 — Há ainda quem cure uma fraqueza de peito, partindo caracóis, tirando-lhes a casca, e comendo-os depois de muito bem envolvidos em açúcar (Ibidem).

46 — A uma pessoa que deite sangue pela bôca, dá-se-lhe

a beber um copo cheio de urina duma pessoa mais nova que o doente (Ibidem).

47 — Também se cura uma doença de peito, tomando uma fatia de pão torrada e pisada em almofariz, e uma moeda de dez réis de pó de alecrim torrado e moído, que se deitam num «calderanito» novo, conjuntamente com uma pele de cobra torrada e moída. Mistura-se-lhe mel caseiro e quatro ovos bem batidos com canela. Leva-se ao forno e toma-se às colheres (Ibidem).

48 — Há ainda quem cure a doença do peito, rachando três pitas (piteiras) a que se tiram os bicos e colocando-se açúcar branco sôbre a parte rachada. Põem-se ao serêno e tôdas as manhãs se come um bocadinho (Ibidem).

49 — Os algarvios ainda curam um princípio de tuberculose, tomando *espécies* de manhã em jejum. As *espécies* fazem-se cozendo conjuntamente numa panela nova, até ficar pastoso, «martunhos» (bagos de murta), mel e quatro ovos.

50 — Ainda há no Algarve quem cure a mesma doença, desfazendo num litro de vinho branco, uma quarta de marmelada, uma quarta de açúcar branco e quatro gemas de ovos. Deita-se tudo dentro duma garrafa, ficando cinco dias em maceração, bebendo-se depois, disso, um cálice tôdas as manhãs.

51 — Cura-se a tosse e as constipações, tomando chá de milho vermelho cozido (Outeiro).

52 — Num parto difícil, para que a criança saia depressa, a parturiente agarra-se à cabeceira da cama e com tôda a fôrça dos pulmões sopra no bico duma almotolia (Algarve).

53 — Para curar um golpe, envolve-se em teias de aranha (Outeiro).

54 — Curam-se as almorroidas untando-as com unto (Algarve).

55 — Cura-se uma constipação em que esteja o nariz tomado, pondo a arder num caco três pinhas verdes, uma pouca de palma de vassoura, fôlhas de alhos, alecrim e excremento de boi de três cantos da porta do forno (tapa-se a porta do forno com uma tampa de pedra, cujas fendas se cobrem com excremento de boi), tomando-se disto fumigações (Outeiro).

Lisboa, Novembro de 1928.

TENENTE AFONSO DO PAÇO.

MISCELANEA

As naus GARÇAS [1]

O sr. comandante Quirino da Fonseca publicou em 1926 uma obra intitulada «Os portugueses no mar — Memórias históricas e arqueológicas das naus de Portugal», à qual já por mais de uma vez nos temos referido no boletim «Arqueologia e História», no «Boletim da Agência Geral das Colónias», nos «Anais do Club Militar Naval» e em comunicações à secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos, salientando, em muitas delas, o alto serviço que o seu erudito autor prestou aos estudos da arqueologia naval portuguesa. Inventário-biográfico de mais de 860 naus, além de muitos outros navios, a obra do sr. comandante Quirino da Fonseca, pode, sem favor, classificar-se de importante e utilíssima.

Evidentemente, um trabalho dêstes não podia sair logo completo, definitivo. O seu próprio autor o reconhece, dizendo que êle «não deixa, em muitos pontos, de ser omisso, nem, com freqüência, por entanto inevitável, poderá ir além de conjecturas problemáticas, meras suposições que se esboçam para serem rectificadas ou preenchidas nos seus espaços lacunares».

Nesta obra ocupa-se o seu autor das naus «Garças», dizendo, a pág. 206:

«*Garça* — (Veja-se *Nau Graça* ou *N.ª S.ª da Graça*, pois que a êsses nomes se deve referir aquela forma ortográfica errónea)».

Mais adiante esclarece:

«*Graça* (ou *Nossa Senhora da Graça*, ou *Garça*) — Em referência à mesma nau encontram-se, por vezes, os nomes *Graça* ou *Garça*, cujas significações são diferentes. Pela confrontação de vários documentos, concluímos que o nome das

---

(1) Comunicação feita na secção de Arqueologia Histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 10 de Maio de 1930.

naus a que nos vamos referir era *Graça* ou *Nossa Senhora da Graça*, embora em autorizados textos se lhes dê o nome de *Garça*».

Julgamos que não deve ser assim.

Das fontes impressas em que se apoia o sr. comandante Quirino da Fonseca, só conseguimos consultar, em ed. «princeps», Castanheda, no qual se lê, por ex.: «E deulhe (a D. Francisco Coutinho) para fazer aquela viagem hũa grande & fermosa nao chamada nossa senhora de Nazaré», e nomeando depois os capitães da frota menciona, entre êles, «Ruy freire na garça» (liv. II, cap. CXXII). No liv. III, cap. CXXXVI, lê-se também: «Vasco fernandes coutinho na nao garça».

Êstes livros da «Hist. do Desc. e Conq. da India» foram impressos em 1552, em vida do autor.

A Década II da «Asia» de João de Barros (1496-1570), impressa em 1553, portanto, também em vida do autor, não existe na Bib. Nac. de Lisboa, que contudo possue vários exemplares da Década I, impressa em 1552.

Há, porém, muitas outras referências. Em Gil Vicente temos também *Garça*:

«Fomos na volta do mar
quasi, quasi a querelar
a nossa Garça voaua
que o mar se espedaçaua».

A nossa Garça *voava*... Cousa bem natural, aliás, numa garça!

Outros autores quinhentistas a que recorremos, escrevem correctamente Garça ou Graça, conforme a acepção. Assim, Camões, nos «Lusíadas», emprega diferentes vezes a palavra «graça». (Ed. «princeps», 1572).

No poema não se referiu à ave «garça», mas escreveu «garcenha», que é espécie de garça pequena:

«Vendo no rosto o férreo cano erguido
Para a garcenha ou pata conhecida».

(Canto 9, est. 79).

A impressão das *Cartas* de Afonso de Albuquerque, feita,

com todo o rigor diplomático pela Academia das Sciências, insere também, referindo-se ao nome das naus, a forma Garça.

Na *Ementa* publicada por Anselmo Braamcamp Freire, manuscrito do século XVIII, mas copiado dos livros da Casa da Índia que se perderam no fogo de 1755, aparece *Garça* no ano de 1509, e *Graça* em 1540, 1542, 1544 e 1556, e *N. S. da Graça* em 1558.

Êste elemento tem muita importância para o ponto de que tratamos e reforça a nossa opinião de que, pelo menos, nos dois primeiros decénios do século XVI, existiram naus com a designação de *Garças*. Mais tarde houve naus e outros navios com a invocação de Nossa Senhora da Graça, a que a gente do mar, por simplificação, chamava *Graça*, como chamava *Atalaia* à invocação de Nossa Senhora da Atalaia, *Livramento* à de Nossa Senhora do Livramento, *Begonha* à de Santa Maria de Begonha (1), etc., etc. E foi, possivelmente, por terem existido navios com a invocação de Nossa Senhora da *Graça*, ou só *Graça*, que se julgou errónea a forma *Garça*, nascendo daí a confusão. Nem com todos, porém, essa confusão se deu. O Padre Manuel Barradas, por exemplo, sabia muito bem que a nau a que se refere na sua Relação se chamava *Garça* (Vidè «Relação da viagem, e sucesso que tiverão as naos Aguia, e Garça vindo da India para este Reyno no Anno de 1559...»).

Mas porque haviam de enganar-se os cronistas clássicos quinhentistas escrevendo *Garça* em vez de *Graça* e se não enganavam quando indubitàvelmente escreviam, em seu ver-

---

(1) Begonha e não *Bigonha* ou *Bidonha*, como se lê em algumas obras. No comêço do século XVII existiu em Portugal uma nau ou galeão dêste nome, que vem referido no *Livro de Toda a Fazenda*. Em Espanha havia também navios desta invocação e de lá certamente foi trazida para o nosso país. Santa Maria de Begonha tinha um santuário situado sôbre um cêrro que domina Bilbau. «La Virgen de Begoña es muy venerada en toda Vizcaya, especialmente por los marinos...» (Enciclop. *Espasa*). «Nuestra Señora de Begoña» era a nau capitânea de uma armada castelhana que em 1579 partiu para as Indias. («Las naos españolas», por Frederico de Castro y Bravo. Madrid, 1927).

dadeiro sentido, esta última palavra? E, caso curioso, não vimos ainda que algum escrevesse Nossa Senhora da *Garça*, escrevendo, contudo, no mesmo passo, como Castanheda, Nossa Senhora da Nazaré.

As naus chamadas *Garças* por Castanheda, pelo menos, como já dissemos, as dos dos dois primeiros decénios do século XVI, e também a do Padre Manuel Barradas, eram sem dúvida *Garças* e não *Graças*.

Garça é uma ave aquática, grande e formosa, bem conhecida dos navegantes (1). E não só dos navegantes: os nossos poetas, a um pescoço alto, bem lançado, elegante, chamavam *Colo de garça*. *Olhos de garça* se diz dos olhos cuja côr participa do verde e do azul, mas mais do verde que do azul, ensina Domingos Vieira.

As garças deram o nome a muitas terras em várias partes do mundo e até a um rio da Itália. Nos Açores, ilha de S. Miguel, temos a Ponta da Garça.

Na nossa história dos descobrimentos marítimos têm mesmo registo memorável: Nuno Tristão, a uma das ilhas que descobriu, em 1443, no golfo de Arguim, deu o nome de ilha das Garças, pela abundância que destas aves lá havia. E porque não *Garça* se, coexistindo com as *Garças*, havia as *Cirnes*? (*Cirne* é forma antiga de *Cisne* — «Cancioneiro de Rèsende», fl. 80).

Na denominação dos navios não se usavam só as invocações da Virgem, de Jesus, dos Santos da Igreja. «Espadarte» era o nome de uma nau que 1520 partiu para a Índia sob a capitania-mor de Jorge de Brito. «Aguia» se chamava, como já vimos, outra nau quinhentista, etc.

Em documentos do séc. XVI (*Tôrre do Tombo*, Cartas mis-

---

(1) Num interessantíssimo volume manuscrito (que compulsámos devido à amabilidade do sr. comandante Quirino da Fonseca), contendo diários de viagens de Lisboa para a Índia e da Índia para Lisboa, de 1608 a 1612, escritos por pilotos e sota-pilotos, amiude se deparam referências a diferentes aves, como alcatrazes, garazinas (?), garças, etc. «Apareceu oje um bando de garças», anota o sota-piloto Sebastião Prestes, no dia 10 de Dezembro de 1608, e já para lá das Canárias, no navio biscaínho «por nome Santo Antonio», e do qual era piloto Gaspar Ferreira, o do «Roteiro».

sivas, Maço 2.°, n.° 4) encontra-se a forma antiga *guarça*, designativa de uma caravela, e esta grafia parece-nos ser bom argumento a favor da opinião por nós exposta [1].

FRAZÃO DE VASCONCELOS.

Carregal de Sal

Da primeira parte dêste nome (de *carex)* falei nos *Opusc.*, III, 379, 380. Na segunda parte pode ao repente parecer que não entra a palavra *sal*, pois que no Carregal o não há nativo, e isso dar ensejo a que se proponha outro étimo, como a mim, creio, já me aconteceu algures; todavia devemos tomar em conta o sal, como se vai ver.

É tradição local (como lá averiguei em 1929) que houve na vila pelos meados do séc. XIX, ou antes, depósitos de sal, para venda, trazido da Figueira, pelo Mondego, até à Foz do Dão, e de lá para aqui em carros de bois. À entrada do Carregal, para quem vai de Oliveirinha, há de facto um sítio chamado *as Salinas*, onde passei. Faziam-se depósitos de sal também noutras casas, e diz-se que às vezes, ainda hoje, aparece salitre em alicerces antigos.

A junção de *do Sal* a *Carregal* é relativamente moderna, pois na casa da Câmara consultei vários livros de actas em que se lê *concelho do Carregal*, sem *do Sal*, por exemplo: de 1837, 1842, 1854, 1863, 1869, 1883, 1887, 1893-1895, 1901, 1907, 1911.

Ainda oficialmente se escreve agora, quer só *Carregal*, quer *Carregal do Sal*. A primeira das duas grafias oficiais representa o uso primitivo.

Vemos que o nome é comparável, quanto à segunda

---

(1) O sr. dr. José Leite de Vasconcelos quis ter a bondade de comunicar-nos a sua concordância com o modo de ver exposto nesta comunicação. Diz-nos êle que, segundo as normas da língua portuguesa, o *r* nestas condições não muda de lugar, excepto em casos especiais, que têm explicação também especial.

parte, a *Alcácer do Sal*, posto que o sal seja nativo aqui, e fonte de indústria directa.

*

Depois de feitas estas observações no Carregal, falei daí a instantes lá mesmo com um indivíduo de nome Manuel Dias Ferreiro, nascido em 1861, o qual me disse que na vila havia dantes mais de cincoenta *salinas* ou «casas com depósito de sal», e se vendia para Mangualde, etc. O pai negociava nisto, para o que tinha duas salinas na Foz do Dão. E havia lá mais algumas. O mesmo indivíduo lembra-se não só de tais salinas da Foz do Dão, mas das do Carregal.

J. L. DE V.

Notas à margem da 3.ª edição do "Dicionário" de Cândido de Figueiredo

As sucessivas edições do «Dicionário» de Cândido de Figueiredo têm sido enriquecidas com muito vocabulário novo, isto é, não constante das edições anteriores.

Contribuindo pela minha parte com pequena parcela para a 4.ª edição, mais ampliada, ai vai uma série de vocabulos colhidos na quási totalidade nos arredores de Viana do Castelo, principalmente na frèguesia de Outeiro, dispensando-me esta informação de indicar para cada palavra o local onde foi colhida, excepto quanto às que tenham procedência diversa.

A

aberta, f. — Abertura da saia.
abregoar, v. t. — O mesmo que *averiguar*.
afangoado, adj. — Cheio de calor. Afogueado.
afangoar, v. r. — Encher de calor.
afeturar, v. t. — O mesmo que *futurar*.
aguadoiro, m. — Vasinho de fôlha, com longo cabo de madeira, que serve para regar ou molhar roupa.
alancar, v. i. — Agüentar, suportar.
albertinas, f. p. — Bexigas mouras (Alentejo).
albezes, f. — Às vezes.

alimpar, v. t. — *O tempo está a alimpar:* O dia está a pôr-se claro, sem nuvens.
alrotinas, f. p. — Bexigas mouras (Algarve).
alupar, v. r. — Espreitar.
antrecosto, m. — Costelas.
arcem, m. — Coluna vertebral.
arco, m. — Tira de madeira vergada ao lume e que serve para apanhar a barbela dos animais contra o jugo.
argal, f. — Qualidade de maçã.
arijão, m. — O mesmo que *arjão.*
arijoar, v. r. — O mesmo que *arjoar.*
arribar, v. i. — Subir, trepar.
assuco, m. — Arado pequeno. Morgidoiro (Braga).
astiçar, v. t. — O mesmo que *atiçar.*
ataralhoado, adj. — Desordenado, atarantado.
ataralhoar, v. r. — Atarantar, desordenar.
atreito, adj. — Achacado.
azinha, f. — O mesmo que *rabisco* (P. Lima).
aziumado, adj. — Com azedia.

B

bacarêlho, m. — Pessoa que fala muito.
bacaróla, f. — O mesmo que *bacarêlho.*
bacharêlo, m. — O mesmo que *bacarêlho.*
bagada, f. — Lágrima.
barra, f. — *Barra do lenço:* parte exterior do lenço, da côr do fundo.
barrenar, v. r. — Dar barrênos.
batumia, f. — Caldo que pela abundância de pão ficou compacto.
beleguim, sub. — Malandro, tratante.
bibi... bibi, m. — Voz com que se chamam as galinhas.
bibo, m. — Grande quantidade de ovelhas ou galinhas.
bijação, m. — Abcesso.
boche, m. — Pulmões e baço dum animal. Miudezas.
bomba, f. — Tubo de madeira para tirar água numa nora.
bonina, f. — Úlcera maligna (Algarve).
brésca, f. — Aguaceiro.
bresqueiro, m. — Chuvada forte. Aguaceiro.
brôcho, m. — Abertura feita no rêgo da água para conduzir esta a regar um determinado terreno.

brôco, adj. — Estúpido.
brósque, m. — Bosque.
bucha, f. — Tubo de madeira por onde sai a água das prêsas ou tanques. Peça esférica do *rosário*, que passando por dentro da bomba de madeira faz sair a água duma nora.
bucho, m. — Estômago dos animais.
buzanheira, f. — Bôca dum poço (Braga).

C

cabanão, m. — Alpendre grande.
cabanél, m. — Alpendre (Braga).
cabeçalho, m. — Teimoso.
cacifro, m. — Cesto de verga que serve para levar o furão à caça.
cagueira, f. — Intestino grosso. *Chouriça cagueira:* Intestino grosso com carne ensacada.
caídela, f. — Queda.
calheira, f. — Grande epiploom.
cambão, m. — Corda forte de esparto que serve para jungir duas juntas de bois ao mesmo carro.
cambo, m. — Série de cebolas entrelaçadas entre si pela rama com auxílio de palha.
cancêlo, m. — Pequena porta tôsca de madeira, num muro.
canga, f. — Fig.: Parelha.
carrão, m. — Carro forte para transporte de pedras (Braga).
carreiro, m. — Série de 12 padas cozidas juntas, ligadas entre si.
casbião, m. — O que rouba, ladrão.
casbiar, v. r. — Roubar.
cascabêlho, m. — Desinquieto.
catrônhos, m. p. — Chancas de madeira.
cernêlho, m. — O mesmo que espinha ou arcem.
chavéco, m. — Pessoa ou objecto de pouca valia.
chavêlha, f. — Suporte de madeira para conservar o carro horizontal. Peça de ferro que segura os arcos ao jugo nas ensôgas.
chavelhote, m. — Pequena peça de pau que serve para ligar o tamoeiro à cabeçalha do carro.
chêchas, f. p. — Pessoa que não guarda um segrêdo.
chincar, v. i. — Obter, vir a possuir.
ciscar, v. i. — Divulgar, espalhar.

coêlho, m. — Réto do abdomem (?).
coneiro, m. — Fig.: Porcalhão.
conicas, f. p. — Medroso como as mulheres.
côto, m. — Penedo.
couçoeira, f. — Viga grossa e rectangular de madeira; fig.: estúpido.
crausto, m. — Cáustico.
curta, f. — Fig.: Meretriz.
cusma, f. — Espuma.
cusmalha, f. — O mesmo que *cusma*.
cutra, f. — Nuca.

D

debique, m. — *Ter por debique:* ter por costume.
delfo, adj. — Mau, malfazejo.

E

embersar, v. r. — Fazer versos.
enfusa, f. — Caneca, pichela.
ensôga, f. — Entrelaçado de tiras de coiro no jugo, onde se prende o arco por intermédio da chavelha de ferro.
esboirar-se, v. r. — Pleb.: Emitir ventosidades pelo ânus.
escrivideira, f. — O mesmo que *esgravadeira*.
esgravadeira, f. — Aves cujos ovos são cheios de riscos.
estadulho, m. — Pessoa desageitada.
estiroque, m. — Pedaço de sabugueiro onde com buchas de estopa e pela compressão do ar se fazem tiros.
estonóda, f. — Descasque e petada da cebola para a matança.
estornejar, v. r. — Matar.
estraboicha, adj. — Estragado.
estucha, f. — Bucha de pão (Âncora).

F

faquinéu, m. — Faca pequena de lâmina estreita.
farafôlha, f. — Fig.: Pessoa que não tem descanso.
ferrão, m. — Ferro curto redondo e aguçado que serve para fender pedras.
ferrêlha, f. — Pá grande de ferro, com cabo de madeira, com que se tiram os bolos do forno (Braga).

ferrêta, f. — Pequena pá de ferro com que se rapa a massa na masseira.
flausinha, f. — O mesmo que *farafôlha* (Caminha).
fodeguins, m. p. — Tarecos pequenos.
fodióla, f. — O mesmo que *caranguejola.*
fóle, m. — Pele inteiriça de carneiro ou cabrito, que depois de curtida serve de saco. Fig.: Pessoa que por muito que coma nunca tem a barriga cheia.
forriqueira, f. — Senhora presunçosa e de pouca valia.
frósteiro, m. — Aquele que gosta de vestir e apresentar-se bem. Chieirento.

G

gafar, v. r. — Asfixiar.
galopear, v. r. — Apanha do trigo (Aljustrel).
gaméla, f. — Cuba de madeira que substitui os cestos na vindima.
ganilho, m. — Comilão pequeno.
garnisé, m. — Galinha Guernesey. Fig.: Pessoa baixa e atrevida.
gido, excl. — Bem feito! Fig. m.: Patusco.
gimbra, f. — Gir. de Braga: Dinheiro.
graüinhos, m. p. — Milho levemente triturado no moinho, que se come cozido à moda de arroz.
grôlo, m. — Aquele a quem falta um testículo.
grunhento, m. — Fig.: Porco.
guarda-pé, m. — Roda-pé (da cama).
guêlho, m. — Zaragateiro, intrometido.

I

inguinada, f. — O mesmo que *guinada.*

L

labrêgo, m. — Porcalhão.
labrosca, f. — V. *labrosta.*
laçada, f. — Objecto de oiro em forma de broche. *Laçada brasileira:* laçada grande usada por mulheres e filhas de *brasileiros.*
lateiro, m. — Lugar onde se guardam os *latos.*

láto, m. — Caibro ou vara de madeira apodrecida na vinha e que só serve para queimar.
lavadura, f. — Comida para porcos. Fig.: porcalhão.
leirinha, adj. — Leve, ágil. Que deslisa suavemente.
léstre, adj. — V. *lesto.*
lindôira, f. — Mentira, historieta.
linguarêlho, m. — V. *linguareiro.*
lisbandeira, f. — Alvéola.
lispôso, m. — Pessoa que tem nojo de tudo.
lòrvinha, adj. — Mimosa, macia, assetinada.

M

marendeiro, m. — Estúpido, lorpa.
matuqueira, f. — Beata, resadeira.
manhusco, m. — Enovelado.
medoicho, m. — Meda pequena de centeio ou trigo.
meládo, m. — Choramingas, mimalho.
moina, f. — Merenda.
molengrar, v. r. — Andar devagar. Fazer qualquer coisa vagarosamente.
monja, adj. — Pessoa pouco desembaraçada. Nênho.
monelheira, f. — Pessoa que arma intrigas.
monêlho, m. — Novelo de farrapos ensarilhados.

N

nóta, f. — Nota de 100$00 do Banco de Portugal. Substituiu nas feiras a *libra* ou a *moeda*. Diz-se que qualquer coisa custa 3, 10, 20 notas, etc., quando o seu preço é de 300$00, um conto, dois contos, etc.

O

òlhar, m. — Lugar na cozinha onde se coloca a lenha para o lume.
olibres, m. — Ourives.

P

pá, f. — Omoplata.
páda, f. — Pão de trigo em forma de ꓭ (B grande). Doze padas cozidas juntas formavam um *carreiro*, e seis *meio-carreiro*.

palheta, f. — Espicha de roca (Braga).
pardejos, m. p. — Pedaços de carne de porco fresca, cozidos em banha e convenientemente temperados.
parlapatanas, m. p. — Pessoa que merece pouco crédito.
parranhão, m. — Pote grande.
pedro, m. — Chouriço de carne ou sanguinha feita do estômago do porco.
pêia, f. — Chavelha de ferro que na canga liga o arco à ensôga (Braga).
perique, m. — Gafanhoto.
pichéla, f. — Caneca de barro.
pichêlo, m. — Caneca pequena de barro grosseiro, quási sempre sem bico.
pincharreira, f. — Água que cai da bica duma fonte.
pincho, m. — O mesmo que *pincharreira*.
potriqueiro, m. — Pessoa de poucas fôrças. Pessoa que se julga alguém, mas pouco vale.
podão, m. — O mesmo que *podengo*.
podengo, m. — Pessoa mal vestida e suja.
podoiro, m. — Pequeno trapo que se segura entre os dedos e por entre o qual passa o fio do linho para se lhe tirarem as arestas.

Q

quemua, f. — Retrete.
quênha, f. — Quelha.
quitanga, f. — Pessoa ou coisa de nenhum préstimo.

R

rabisco, m. — Cacho de uvas que por estar oculto escapou na vindima. Acto de procurar rabiscos (Minho, Algarve).
rébio, m. — Habitante da Borda d'Água ou Ribatejo.
rêde, f. — Peritoneu.
regadeira, f. — Divisão duma leira para mais fàcilmente se regar (Minho). Abertura da saia (Algarve).
regatão, m. — Negociante de gado bovino.
rêlho, m. — Fig.: Tagarela.
rens, f. p. — *Dor de rens*: dor de rins.
reque, m. — Fig.: Pessoa que fala muito.
requinho, m. — Porco pequeno.

resinga, f. — Pessoa que está sempre a sarrazinar.
restiva, f. — Época da ceifa do trigo ou centeio.
riscas, f. p. — Tecido com riscas brancas, pretas e vermelhas com que as lavradeiras da roda de Viana fazem as saias de uso diário.

S

samêlo, m. — Fig.: Estúpido.
sanguinha, f. — Chouriço de sangue, cebola e alguma carne gorda.
sarrabulho, m. — Jantar do dia seguinte ao da matança, em que abundam cozinhados com carne de porco fresca, e para o qual se convidam os parentes e amigos.
sêmeo, m. — Seixo.
simão, m. — Lorpa, parvo.
sopeiro, m. — Estúpido.
sorrascadoiro, m. — Espécie de rodo para tirar brasas do forno.
sorrascar, v. t. — Esgravatar arrastando.
sotaina, m. — Pessoa que não gosta de trabalhar.
sulipa, f. — Objecto de cana para tirar vinho de pipas ou cântaros (pipeta).

T

talhada, f. — Pedaço de carne gorda de porco.
tapa-cu, m. — Cueiro.
tapume, m. — Trama (num tecido). Aquilo com que se faz a trama.
tarêlho, m. — Tagarela.
teipa, f. — Toupeira.
têno, m. — Naco de pão. Fatia de pão que se dava aos pobres e demais pessoas presentes num funeral.
tira, f. — Cós da saia.
tolete, m. — Pau curto,
trambalazana, m. — Pessoa desageitada e desengonçada.
trópes-trópes, m. p. — Chuviscos.

V

viruta, f. — Estopada. Coisa desagradável.

X

xixa, f. — Carne gorda de porco.

Z

zàpada, f. — Queda.
zoupeiro, m. — Pessoa que leva pancada de todos.

Lisboa, Março de 1925.

TENENTE AFONSO DO PAÇO.

Em prol da lingua portuguesa

I

Alvará de D. José I

EU EL REY. Faço saber aos que este Alvará virem, que em consulta da Real Meza Censoria me foi presente, que sendo a correcção das linguas Nacionais hum dos objectos mais attendiveis para a cultura dos Póvos civilizados, por dependerem della a clareza, a energia, e a magestade, com que devem estabelecer as Leis, persuadir a verdade da Religião, e fazer uteis, e agradaveis os Escritos: Sendo pelo contrario a barbaridade das linguas a que manifesta a ignorancia das Nações; e não havendo meio, que mais possa contribuir para polir, e aperfeiçoar qualquer Idioma, e desterrar delle esta rudez, do que a applicação da Mocidade ao estudo da Grammatica da sua propria lingua; porque sabendo-a por principios, e não por mero instincto, e habito, se costuma a fallar, e escrever com pureza, evitando aquelles erros, que tanto desfiguram a nobreza dos pensamentos, e vem a adquirir-se com maior facilidade, e sem perda de tempo, a perfeita intelligencia de outras differentes linguas; pois que tendo todas principios communs, acharaõ nellas os principiantes menos que estudar todos os rudimentos, que levarem sabidos

na Materna, de sorte que o referido methodo e espirito de educação foi capaz de elevar as linguas Grega, e Romana ao gráu de gosto, e perfeição, em que se viram nos formosos Seculos de Athenas, e Roma, e que bem testemunham as excellentes, e inimitaveis Obras, que delles ainda nos restam: Conformando-me Eu com o exemplo destas e de outras Nações illuminadas, e desejando, quanto em Mim he, adiantar a cultura da lingua Portuguesa nestes meus Reinos, e Dominios para que nelles possa haver Vassallos uteis ao Estado: Sou servido ordenar que os Mestres da lingua Latina, quando receberem nas suas Classes os Discipulos para lha ensinarem, os instruam previamente por tempo de seis mezes, se tanto forem necessarios para a instrucção dos Alumnos, na *Grammatica Portugueza*, composta por Antonio José dos Reis Lobato, e por Mim approvada para o uso das ditas Classes, pelo methodo, clareza, e boa ordem, com que he feita. E por quanto me constou, que nas Escolas de ler e escrever se praticava até agora a lição de processos litigiosos, e sentenças, que sómente servem de consumir o tempo, e de costumar a Mocidade ao orgulho, e enleios do Foro: Hei por abolir para sempre hum abuso tão prejudicial: E mando, que em lugar dos ditos processos e sentenças se ensine aos meninos por impressos, ou manuscritos de differentes natureza, especialmente pelo *Catecismo* pequeno do Bispo de Montpellier Carlos Joaquim Colbert, mandado traduzir pelo Arcebispo de Evora para instrucção dos seus Diocesanos, para que por elle vam tambem aprendendo os Principios da Religião em que os Mestres os devera instruir com especial cuidado, e preferencia a outro qualquer estudo. E este se cumprirá tão inteiramente como nelle se comtém, sem dúvida, ou enbargo algum. Pelo que manda á Real Meza Censoria, Meza do Desembargo do Paço, Director Geral dos Estudos, Senado da Camara, e a todos os Dezembargadores Corregedores, Provedores, Juizes, e mais as pessoas destes meus Reinos e Dominios o cumpram, e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar este Meu Alvará com inviolavel observancia, e registar em todos os livros das Camaras das suas respectivas jurisdicções. E ao Doutor João Pacheco Pereira, do Meu Conselho, Desembargador do Paço, que serve de Chanceller Mór destes Reinos, mando que faça publicar na Chancellaria registando-se em todos os logares que saon do costume, e manda-se o Original para a Torre do Tombo. Dado no Pala-

cio de N. Senhora da Ajuda, aos trinta de Setembro de mil setecentos e setenta.

REY ·:·

Bispo de Beja P.

Alvará, por que Vossa Magestade he servido ordenar, que nas Classes de Latinidade sejam os Mestres obrigados, quando receberem Discipulos, a instrui-llos previamente na Grammatica Portugueza, *composta por Antonio José dos Reis Lobato, abolindo para sempre das Escolas de ler, e escrever o prejudicial abuso dos processos litigiosos, e sentenças que até agora nellas se liam, e que em seu lugar se ensinem os meninos por impressos, ou manuscritos de diferente natureza, especialmente pelo Catecismo de Montpellier, tudo na fórma assima declarada.*

Para Vossa Magestade ver.

Por Resolução de Sua Magestade de 11 de Setembro de 1770.

José Bernardo da Gama e Ataide o fez escrever.
João Vidal da Costa e Sousa o fez.
João Pacheco Pereira.

Foi publicado este Alvará na Chancellaria Mór da Corte, e Reinos. Lisboa 9 de Outnbro de 1770.

D. Sebastião Maldonado.

Registado na Chancellaria Mór da Corte, e Reino, no livro das Leis, a fol. 24. Lisboa 9 de Outubro de 1770.

Antonio José de Moura.

Na Regia Officina Tipografica.

*

Este documento é copiado de um in-folio impresso, de 4 páginas, que me veio casualmente à mão, e obtive, em Alegrete, em 1930.

Apesar de se proibir nele o costume de se ensinarem os

alunos a *ler sentenças* (isto é, documentos judiciais, testamentos, etc.), para se habituarem á letra manuscrita, o costume levou tempo a extinguir-se, pois eu ainda assim aprendi, por 1860 e tantos.

II

Decreto do Govêrno da República

Vai ser publicado o seguinte decreto que foi ontem aprovado em Conselho de ministros:

«Considerando que ao Govêrno incumbe defender a pureza e o prestigio da lingua portuguesa; considerando que, a afixação de taboletas e cartazes em lingua estrangeira, além de favorecer a tendencia condenavel para tudo o que é estranho, em prejuizo do que é nacional, representa até certo ponto uma diminuição do culto que devemos á nossa lingua: usando da faculdade que me confere o n.° 2.° do art. 2.° do decreto n.° 12:740, de 26 de Novembro de 1926, por fôrça do disposto no art. 1.° do decreto n.° 15:331, de 9 de Abril de 1928, sob proposta dos ministros de todas as repartições: hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.° — É proibida a afixação de taboletas e cartazes em lingua estrangeira, excepto quando se trate de filiais de casas que não sejam portuguesas.

§ unico. — Ressalvam-se os direitos adquiridos á data da publicação deste decreto».

(D'*O Seculo* de 5-II-30).

*

Este salutar Decreto deve-se ao titular da pasta de Instrução Pública, o Ex.mo S.or D.or Gustavo Cordeiro Ramos.

Estando a lingua portuguesa actualmente ainda mais *estragada* do que no tempo de D. José, tudo será pouco quanto em favor d'ela se legislar.

J. L. DE V.

Apontamentos de Terapêutica popular (1)

I

Profilaxia

«É melhor prevenir que remediar», diz o povo. E, ao lado da riquíssima terapêutica popular, temos de considerar também as práticas higiénicas.

Quem trouxer um saquinho pendente do pescoço, cinco chavezinhas do sacrário, um sanguíneo (toalha em que o padre enxuga as mãos quando comunga) e um crucifixo, nunca mais adoece.

Pelo contrário arrisca-se a adoecer gravemente quem, ao levantar-se da cama, apanhar a terra da primeira pègada do pé esquerdo e lhe deitar água benta.

— A pedra de ara também evita todos os males.

— Não entram doenças nas casas em que houver uma galinha preta ou uma ferradura à porta.

— Também é bom, para evitar todos os males, trazer um alho porro ao pescoço ou no bôlso.

— Para adivinhar tôdas as coisas e prevenir malefícios, usa-se a «sorte de peneira», que consiste no seguinte: Espeta-se o bico de uma tesoura numa peneira, pendura-se-lhe um têrço e põe-se dentro uma moeda, um pente, um dedal e um novelo com uma agulha espetada. Depois a gente benze-se e diz a seguinte oração:

Peneira, peneirinha,
Já que peneiraste
O pão da Cristandade,
Dizei-me a verdade
Em poder de Deus
E da Virgem Maria:
Tudo se venceria.
Padre Nosso, Avè Maria.

Depois faz-se a pregunta à peneira. Se ela girar para a direita, afirma; se girar para a esquerda, nega.

---

(1) Colhidos em S. Simão de Novais (Vila Nova de Famalicão).

II

Gravidez, parto e amamentação

— Depois de nascer a criança, para auxiliar a saída das secundinas, põe-se um ovo estrelado na barriga da parturiente.

— Quando a mulher grávida tem dores, coloca-se-lhe na barriga um emplastro de pão de ló com um rabo de bacalhau e dá-se-lhe a beber dois ovos mexidos.

— A dismenorreia trata-se com caldos de galinha preta.

— Quando duas mulheres que amamentam bebem pelo mesmo copo, a que bebeu em segundo lugar tira o leite à outra. Para que o leite volte a esta, é preciso que tornem ambas a beber pelo mesmo copo. A que ficara sem leite dirá então: «Dá-me o meu leite e fica com o que é teu». E o leite volta.

Se uma mulher que amamenta der restos de comida a uma cadela com filhos, ela também lhe ficará com o leite.

Para que a mulher volte a ter leite é preciso dar-lhe, sem que ela saiba, um bocado de pão mastigado pela mesma cadela.

III

Doenças de crianças

— Quando uma criança é muda ou lhe tarda a fala, para ela vir a falar procede-se da seguinte forma:

Vai-se a um carvalho cerquinho novo e racha-se pelo meio, ficando as duas metades prêsas pelas extremidades. Depois, o padrinho e a madrinha da criança levam-na dentro de um saco, à hora da refeição, a três cozinhas, que tenham duas portas. Entram em cada cozinha por uma porta e saem pela outra, dizendo três vezes:

Quem dá esmola à criança do fole
Que quer falar e não pode!

Em seguida vão até ao carvalho cerquinho e passam a criança três vezes através da fenda.

Amarram depois as duas metades do carvalho e, quando elas soldarem, o menino falará.

Esta prática é usada noutras terras, para curar as hérnias congénitas.

— Combatem-se as bichas das crianças com hortelã mourisca.

— O bichoco (diarreia verde) talha-se com três caninhas de funcho, três pèdrinhas de sal, très pinguinhas de azeite e água da fonte pedral. E diz-se:

Para que não cresça nem *peneça*
Nem junte os pés com a cabeça.
Em louvor de S. Silvestre
Tudo o que faça me preste
Deus seja o verdadeiro mestre.

— Às crianças *ougadas* (emaciados) (dá-se-lhe bôlo de pão de milho untado com azeite, o qual deve ser metido por de baixo da porta do doente. A criança, ao comer o bôlo dirá:

«Quem te ougou
te torne a desougar.»

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA.

Nota sôbre a cabaça em Portugal

No Congresso de Antropologia, realizado êste ano (1930) em Coimbra-Pôrto, na primeira daquelas cidades, o sr. professor Eugénio Frankowski apresentou um formoso e exaustivo trabalho sôbre a *Lagenaria vulgaris* e a sua influência na cultura humana, quer sob o aspecto industrial (vasilhame, flutuador, vestuário), quer sob o artístico (mascarilha e instrumento de música), quer sob o espiritual (rito).

Ora, nos nossos passeios de estudo pelo nosso país tenho encontrado alguns elementos da influência espiritual da *Lagenaria vulgaris* (vulgò cabaça), arquivados em expressões e factos de prática correntia do povo português.

1.° — É costume dizer-se, sobretudo no Sul do país, que

um rapaz apanhou um cabaço, ou uma cabaça, quando, requestando uma rapariga, esta não aceitou a sua côrte. No Norte, usa-se a expressão *tampo*, *tampa* ou *tampada* com o mesmo significado. Em Castela encontramos *calabaza* com o mesmo significado, havendo, até uma canção que diz:

Tengo las calabazas
Puestas al humo...

2.º — Cabaço também se emprega, entre gente ordinária, como significando as vergonhas da mulher.

3.º — Quando alguém tem um proceder pouco sensato, diz-se, em sentido depreciativo, que não tem *cabeça*, mas *cabaça*. Há aqui, não só certa similhança fonética dos têrmos, mas similhança morfológica, com a diferença que a cabaça não tem... miolos.

4.º — Dá-se a alcnnha de *cabaça*, ou *calabaça* às pessoas de cabeça grande. Dois notáveis e conhecidos advogados do Norte, tio e sobrinho, que se distinguem pela sua macrocefalia, tiveram a alcunha de *calabaças* nos seus tempos de Coimbra, por êsse motivo. E há outros casos por todo o país.

5.º — Em Setúbal, importante centro piscatório, colhi um conto cujo entrecho é o haver duas raparigas que desejam casar; e na praia, vendo flutuar, ao sabor das ondas, duas cabaças flutuadores-de-rêdes, soltas, as confundiram com cabeças de nadadores; pelo que, resolveram fingir que se afogagavam, para que os nadadores as salvassem, oferecendo-lhes elas em recompensa, as suas mãos, em casamento; claro está que, dando pelo lôgro, ficaram desesperadas.

6.º — Há também no Norte o *jôgo da cabacicha*, muito praticado nas aldeias, pelo Carnaval, e aos domingos, como recreio. Um grupo de pessoas coloca-se em roda, distanciadas, umas das outras, atirando, entre si, ou uma cabaça, ou uma bilha de barro, o que obriga a pessoa que deve receber o objecto a ser muito destra.

É jôgo essencialmente de mulheres; e o uso da bilha de argila, motivado, de-certo, por carência de cabaças, obriga-as a grande exercício de destreza, porque terá de pagar a bilha a que a deixar cair. O uso da cabaça, mais vulgar e, de-certo mais antigo, neste jôgo, é mais fre-

qüente do que o da bilha de barro, por motivoss de ordem económica.

7.° — Há, ainda, a expressão *tem tanta graça como uma cabaça*, empregada em sentido depreciativo para com os engraçados. Além da rima que esta frase tem, deve lembrar-se que muitas cabaças são pouco elegantes na sua morfologia.

8.° — Vid. também Leite de Vasconcelos no *Bolet. de Etnografia*. n.° 4.

Eis o que encontrei sôbre a cabaça em Portugal.

Coimbra, 25 de Setembro de 1930.

FERNANDO FALCÃO MACHADO.

«de» antes de nome de rio

Epiphanio Dias, *Synt. hist.*, § 178, *a*, in fine, lembra: *rio de Tejo*, num texto arcaico.

Tenho colhido muitos outros textos, por exemplo:

.. *per fluvium de Tamega*, 1258, *Nova Malta*, II, 167;

.. *rio de Vouga* .., ibid., II, 136, nota;

.. *rio de Mondego* .., em Sá Soto Mayor, *Ribeiras do Mondego*, 1623, fl. 2;

.. *ryo de Nilo* .., Azurara, *Cronica de Guiné*, páginas 277, 289.

Até na linguagem popular há exemplos, como nesta cantiga que ouvi na Beira:

Rio d'Alva, rio d'Alva,
Rio d'Alva das *felores*:
À sombra do rio d'Alva,
Tenho eu os meus amores...

isto é, à sombra do arvoredo que margina ou avizinha o rio.

J. L. DE V.

«-eir > -er» em próclise

Outer' de Mulas, 1201, doc. em P.e Alves, *Memorias de Bragança*, IV, 162.

Tercer = terceiro, 1292, *Elucidario*, sub voce.

J. L. DE V.

Os rios na poesia popular

(Poesia d'amor)

1. — Os rios são locais onde se passa, e se encontra gente uma com a outra, e onde pois podem passar namorados:

Ao passar do ribeirinho,
Meu amor, dá cá a mão:
Inda espero de ser tua,
Mas por ora ainda não!

(Barroso).

Ao passar do ribeirinho,
Água sobe, água desce:
Nem a-i-água mata a sêde,
Nem o meu amor me esquece.

(Ibidem).

2. — São locais onde as mulheres lavam, e aonde os namorados vão ter:

a) Já morreu quem me lavava,
Quem era a minha lavadeira:
Fazia a roupa de neve
Naquela fresca ribeira.

b) Naquela fresca ribeira,
Amor do meu coração...
Fazia a roupa de neve
Sem lhe pôr nenhum sabão.

(Lageosa. — De origem culta?).

Adeus fontes, adeus rios,
Adeus pedras de lavar,
Onde eu passava o meu tempo...
Agora vai a acabar!

(Vilar Sêco de Nelas).

Se te eu quisera dar penas,
E ao mundo que falar,
Fôra-te ver à ribeira,
Onde estavas a lavar.

(Rapa: Celorico da Beira).

Mariquinhas, lave hoje,
Oh! que lindo dia tem!
Em tudo se quer fortuna,
Até no lavar também.

(Ibidem).

Vou-me despedir do rio
E das pedras de lavar,
Não me despeço de ti,
Só p'ra te não ver chorar!

(Barroso).

3. — São ao mesmo tempo separação de terras onde dois namorados moram, são obstáculos a encontrarem-se:

Coitadinho de quem tem
Seus amor's além do rio,
Que quer passar e não pode...
Do coração faz navio.

(Nelas).

Amores de além do rio
São caros, custam dinheiro:
Cada vez que vou e venho
Sempre pago ao barqueiro...

(Rapa).

4. — São mensageiros de amor:

Ó rio, que vais correndo,
Passa a ver o bem que adoro:
Se te faltarem as águas,
Leva as lágrimas que eu choro.

(Pires, *Cant. pop.*, I, n.° 1793).

5. — Ao pé dos rios trabalham homens e mulheres, e disso tiram tema de poesia:

Venho do longo do rio,
De regar o laranjal,
Inda trago uma folhinha
No laço do avental.

(Rapa).

Deixa-me ir, que eu vou de pressa,
Levo água p'ra regar:
Amanhã é dia santo,
Temos tempo de falar.

(Ibidem).

6. — A cada passo, em ocasiões várias, por qualquer corriqueiro motivo, o povo aproveita os rios para comparação com assuntos de amor, como outros quaisquer elementos da Natureza. Fala com êles, admira-os ao ver que a pessoa amada lhes freqüenta os arredores. Folga com a alegria quo êles dão ao campo e aos montes.

Nunca vi rio sem ponte,
Nem ponte sem corta-mar,
Nem bonitos sem amores,
— Só se os não quer tomar!

(Rapa).

À sua porta, menina,
Correm rios pela areia:
Se os seus olhos me não prendem,
Não tenho de ir à cadeia.

(Ibidem).

Adeus ribeira redonda,
Lá no meio canta a cobra (1):
Se tu queres e eu quero,
Porque é tanta demora?

(Cadafaz: Celorico da Beira).

Ó rio, que assim vais turvo,
Ó peixes, què assim nadais (2),
Ó ingrata, que assim dormes,
Não recordas (3) a meus ais.

(Ibidem).

Adeus, ó rio Mondego,
No meio ajunta a areia;
Ao fundo tens um jardim
Onde o meu amor passeia.

(Rapa).

Junto da beira do rio
Eu quisera sempre estar,
Para ver correr as águas,
E ouvir o melro cantar.

(Pires, vol. cit., n.° 1804).

*

As cantigas populares referentes a rios são, por assim dizer, inúmeras. Não só tenho colhido muitas, mas outros investigadores também, por exemplo, A. T. Pires, há pouco mencionado.

J. L. de V.

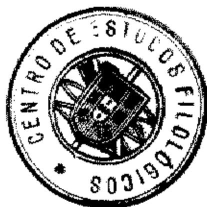
---

(1) O povo diz que «as cobras têm voz como as galinhas».

(2) *Assim*, isto é, dêsse modo.

(3) «Acordas».

Celorico da Beira [1]



I

Fases de Celorico [2]

De comêço, em tempos históricos, deve ter existido apenas o castelo: castelo roqueiro, como defesa local, por êste lado. Hoje resta dêle um alto cubelo ameado, e a muralha, cerceada porém na parte superior, donde saíram pedras, certamente para edifícios vizinhos. A muralha tem duas portas: uma delas, com escadaria talhada na roca; outra dizem-me estar próxima do solo. Houve tôrre de menagem que conhecemos pela tradição, e por notícias literárias. Tudo o que hoje existe, é reconstrução da fortaleza primordial. Dentro da muralha parece que não houve casario: haveria sòmente quartel para a guarnição militar, e casas para outras acomodações. Do local do castelo avista-se largo horizonte, até à Guarda, Castelo Rodrigo, Trancoso, Linhares, etc.: de modo que êle, além da sua robustez, servia de óptima atalaia.

Em volta do castelo, no môrro em que êle jaz, foram-se aglomerando edifícios a pouco e pouco. Quem o percorre, encontra aí ainda alguns de data antiga: com cachorros aos lados das janelas, para se pousarem vasos de flores ou tábuas para estes, e com gágulas para escorrer água, por exemplo, numa rua até chamada *do Castelo*, e na Rua Nova. Perto da muralha há uma capela brasonada, pertencente a casa nobre. Muitas casas são contudo do sistema geral na Beira: de escada ou *balcão* exterior, ao cimo com seu patamar ou patim, às vezes alpendrado. Temos neste môrro ou bairro, que o povo, de modo geral, denomina *Castelo*, a segunda fase de Celorico. Ao fundo fica a igreja de Santa Maria, com duas tôrres, res-

---

(1) Artigo reproduzido do *Correio*, de Celorico, de 28 de Setembro de 1930.

(2) Quanto os antigos escreveram da origem de Celorico: *rei Brigo*, *Celióbriga*, *Turdulos*, *Cerro rico*, *Celeiro rico*, — são tudo fantasias, contrárias à história e às leis da língua portuguesa.

taurada, quanto à frontaria, em 1796, como se lê sôbre a porta principal, mas já existente, pelo menos, desde o século XVI, pois vê-se dentro, no chão, umr sepultura com epitáfio de letra dêsse século. Uma inscrição exterior diz que a capela-mor e a sacristia foram feitas em 1614. Noutras sepulturas do interior do templo lêem-se as seguintes datas: 1657, 1660, 1665, 1688.

O bairro do Castelo, ou burgo, tem muitas ruas ladeirentas e tortuosas. É provável que êste bairro, na origem, date já dos primeiros tempos do castelo pròpriamente dito, isto é, da construção que, no todo ou em parte, precedeu a actual, e que os moradores se acolhessem à fortaleza em casos de guerra e de cêrco.

A esta fase de Celorico sucedeu a fase moderna. A povoação estendeu-se por sítio plano, com largos e praças, edificada aos lados da *estrada da Beira*, que vai para Coimbra, e serve de rua principal à vila. Esta disfruta de pouca vida: comércio escasso, e nenhuma indústria, a-pesar-de ser cabeça de comarca, e ficar a uns 3 kilómetros de uma estação ferroviária, onde se vai formando outra povoação: *Estação de Celorico*.

O concelho é que é extenso: ora montanhoso, ora chão, e rico de matas (carvalhais, soutos, pinhais), e de azeite, pão, vinho, hortaliça, e frutas.

A região é granítica: e de granito estão construidos todos os edifícios de que falei.

*

Sinto não possuir elementos para poder ascender a tempos mais remotos do que aos de D. Afonso Henriques, que deu foral a Celorico. Investigadores locais poderão procurá-los, e bem assim examinar arquivos, que são sempre fontes seguras, e às vezes importantes, para se escrever a história de uma terra.

O que fica dito é nada, e resultou de um passeio dado ontem até à vila, em companhia de meu Primo D.or José Crespo. Não tentei sequer rebuscar o que Rodrigo Mendes da Silva, natural de Celorico, e outros, já escreveram acêrca da vila.

De antigualhas do concelho apenas me ocorre referir as que a Ex.ma D. Jaca Furtado de Mendonça, da Rapa (senhora tão inteligente e ilustrada, como modesta, e generosa de ofe-

recer a outros as colheitas etnográficas que sempre faz), provàvelmente da época romana, ou lusitano-romana. Eu mesmo encontrei num campo, ao pé de Vale d'Azares, algumas miüdezas arcaicas numa excavação que lá fiz há anos, por indicação da mesma nobre senhora de quem agora falei. Na igreja de Açôres está uma lindíssima inscrição cristiano-latina do tempo dos Vizigodos (século VII), metida numa parede.

II

Algo de etnografia

O ser a Beira terra montanhosa, e cortada de muitos rios, faz que o povo considere aí inúmeras regiões, às vezes modestíssimas, e tôdas elas com seus nomes próprios, que não raro são os mesmos para os habitantes de duas margens de um rio, ou de duas vertentes de um monte. Quanto ao resto da nação, não vem a pêlo agora dizer nada.

Em Figueiró da Granja informaram-me de que os de Fornos de Algodres chamam *Terra Fria* às povoações que ficam ao N. e NO. do planalto da vila de Fornos, isto é, à Matança, Pena Verde, Carapito, Forninhos, Queiriz, Aguiar da Beira, Dornelas; e chamam *Terra Quente* à Muxagata, Figueiró da Granja, Sobral Pichorro, Fuínhas, Vila Chã de Algodres, Cortiçô de Algodres, Fornos. Até que ponto é isto exacto e geral não o poderei todavia dizer.

Em Nelas, que fica em território jacente à direita do Mondego, chamam *Além-Mondego* a S. Romão, Seia, Gouveia, etc.; e os de Fornos de Algodres dão igual denominação a Celorico, Vila Franca da Serra (Gouveia), etc.

Os de Fornos de Algodres chamam *Trás-de-Serra* à Covilhã, Valhelhas, Manteigas, Belmonte e outras terras (Serra da Estrêla); e vice-versa.

Os de Celorico, falando de Melo, Folgosinho, Figueiró da Serra, empregam a denominação de *Serra*.

Sòmente dou estes poucos exemplos, para não sair da Beira, ainda que as sub-divisões desta província são muitas outras, como mostrei na minha obra *De terra em terra*, vol. I (Apêndice).

Pois que estou escrevendo no concelho de Celorico, e falando principalmente dêle, acrescentarei que também os

naturais aqui distinguem três regiões secundárias: *Serra*, *Pé de Serra*, e *Mondego* ou *Vale do Mondego*.

I. — À **Serra** pertencem as seguintes terras: Salgueirais; Linhares; Vide-Entre-Vinhas; Prados; Cadafaz, com Souto-Moninho; Rapa; Cortiçô da Serra; Mesquitela, com Curral, Mogadouro e Carvalheda; e Aldeia da Serra, que é anexa da freguesia de S. Pedro da vila de Celorico.

Algumas das mencionadas povoações até têm como epítetos, segundo vimos, *da Serra*.

Esta sub-região prolonga-se nos concelhos da Guarda, Manteigas, Covilhã, Seia, e Couveia.

II. — **Pé de Serra.** Aqui se compreende, pelo menos, Val d'Azares, Carrapichana, e Cortiçô.

III. — O **Mondego** abrange: a vila de Celorico; Lageosa do Mondego; Açôres, com aldeia rica; Ratoeira; Baraçal; Maçal do Chão; Minhocal; Velosa; Forno Telheiro, com a Estação de Celorico e Casas do Rio.

Em Lageosa *do Mondego* e Maçal *do Chão* temos, como em I, epítetos designativos da situação respectiva. Incidentalmente ponderarei que *Maçal* se deve escrever assim, e não com *ss*, como já vi, porque esta palavra significa terreno em que se criam *maçans*.

A sub-região de que estou falando continua no concelho da Guarda, onde abrange as povoações de Vila-Cortês, Pôrto da Carne, Cavadoude, Porco, Faia, Pero Soares, Misarela, e Vila Soeiro.

*

Seria curioso coligir cantigas populares, se as há, respeitantes a estas designações genéricas. Por mais que procurei, não encontrei ainda nenhuma, conquanto colhesse umas tantas em Nelas que se referem a *Além-Mondego*. Uma cantiga como:

Venho da Serra da Estrêla,
D'apanhar o azevém:
Gosto muito de dançar,
Mas é com quem dança bem...

não se pode dizer que pertença à primeira sub-divisão, ou *Serra*, de que falei. Pelo contrário, o povo não esquece, no seu poetar, povoações particulares, ou as apresente com algumas feições próprias, ou aplique definições comuns a outras.

Ó lugar de Val d'Azares,
Barreirinhas a subir:
Quem já tiver seus amores,
Que há-de fazer senão ir?

Esta cantiga tem carácter local: *barreirinhas a subir*, o que todavia não exclue que a ideia apareça noutras cantigas.

Na vila de Celorico ouvi:

Então, então, porque não,
Então porque não há-de ir?
A ladeira do Castelo
É alta, custa a subir.

É alta, custa a subir,
Quem na há-de rebaixar?
Já morreu a Adelaidinha,
Já não há quem saiba amar!

Acêrca destas cantigas observarei o mesmo que acêrca da de Val d'Azares.

A primeira faz pressupor outra que a anteceda; porém, não consegui apanhá-la. Nos dois versos finais da segunda influiu a *moda da Adelaidinha*, que há muito corre por todo o Portugal, e veio acaso do teatro. O povo faz a cada passo misturas; umas mesmas cantigas servem de moldes a várias ideias.

Lageosa, 13 de Setembro de 1930.

J. L. DE V.

Um «caso» sucedido

A Senhora do Castelo é uma Senhora muito milagrosa e de grande nomeada nestas redondezas.

Quando há suspeita de alguém estar embruxado, é costume levar essa pessoa ao templozinho da Senhora e passá-la pela toalha do altar.

Um dia deu-se aqui um caso. Uma mulher daqui tinha uma filha muito boa rapariga e muito estimada.

Ora um dia a boa da rapariga entrou a andar muito doente. Nenhuma mèzinha de botica lhe fazia bem.

Começaram a dizer à mãe que a rapariga estava mas era embruxada. Mas a mãe não queria acreditar.

Até que um dia, certa pessoa lhe disse:

— Parece-me que vocemeceia (sic) vai mas é a ter um grande desgôsto com a sua filha. Parece-me que ela já não se cura. Mas, emfim, emquanto há vida há esperança, e eu, se fôsse a vocemeceia (sic), sempre ia passá-la pela toalha de Nossa Senhora do Castelo.

E ensinou à mulher o que ela havia de fazer. E foram. Numa sexta-feira à meia noite começou a cerimónia. Acenderam a lâmpada e uma vela no altar. Uma Maria de costas voltadas para o altar e um Manuel de frente, pegaram na toalha da Senhora, ambos com a mão esquerda.

Outra Maria colocou-se à esquerda da primeira Maria, e outro Manuel à esquerda do primeiro Manuel, em cruz. Se a pessoa embruxada fôsse criança, pegavam-lhe ao colo. Como era pessoa grande, abaixaram a toalha e ajudaram a pessoa a passar.

Diz a segunda Maria:

— Toma lá Manuel que te dá Maria.

Responde o segundo Manuel apanhando a criatura por baixo da toalha:

— Em louvor de Deus Padre e da Virgem Maria.

Depois é o Manuel que diz ajudando a passar por cima da toalha:

— Toma lá Maria que te dá Manuel.

Responde a Maria, apanhando a criatura:

— Em louvor de Deus Padre e da Virgem Maria.

Nove vezes, sempre assim. No fim, cada qual rezou o seu P. N. e a sua A. M., e vieram-se embora.

Mas já se vê, ninguém devia voltar-se para trás. Mas o que há-de suceder? Foi na companha [1] um primo da dita rapariga e lá a certa altura o estrafanário não se pôde ter e olhou... — Ó almas bemditas! até uma pessoa se arrepia. — O que há-de èle ver? Um novelão branco... atrás dèles, pela encosta abaixo. E todos ouviram aquela voz — Não te há-de valer o chorar!

---

[1] Companhia.

Ficaram muito descoroçoados, mas apesar disso, os ditos Manueis e as ditas Marias sempre foram colher as ervas [1]. — Colheram os marroios, a tasneirinha e a losna, já se deixa ver sempre com a mão esquerda e sempre pondo as ervas em cruz: fizeram três feixinhos, cada qual para a sua noite. Esta noite cozeram um, e a mãe da rapariga sempre com a canha e de arrepio esfregou a rapariga muito bem. À uma hora em ponto foi a pobre da mãe, sòzinha, solitária, coitada! e foi botar as ervas cozidas numa encruzilhada.

Bom. Desta feita não ouviu nada.

Na segunda noite, cozido o outro molho de ervas em cruz, emfim o mesmo, e foi outra vez à encruzilhada.

Ouviu ela grandes gargalhadas — Vai fazendo, vai. Ao fim das três é sinal de forca.

Vai a mulher não se conteve e disse: — Ó m...! — Vê ela vir aqueles novelões, e viu-se tão apertada que disse: — Cruzes! Diabo. — Aquilo desapareceu.

Quando chegou a casa, a filha estava nuns grandes gemidos, num grande suor (sic).

Na última noite, o mesmo. E a mulher foi para a encruzilhada deitar as ervas. Ouve ela:

— Ah! estás arranjada. Já dura poucos momentos.

A mulher coitadinha ficou sem pinga de sangue. Quando chegou a casa, a filha estava dando o último suspiro.

*

Para desembruxar e saber quem é a bruxa há uma variante:

Depois da cerimónia de passar pela toalha, colhem-se os marroios que se cozem com os preceitos acima descritos. Deita-se depois a água à rua; e a primeira pessoa que passar sôbre ela, antes do nascer do sol, essa é a pessoa que faz os feitiços.

Aljustrel, 14-7-1927.

MARIA DA C. PORTUGAL DIAS.

---

(1) [Aqui há uma falha na narrativa, pois antes não se falou de ervas nenhumas. — J. L. DE V.]

Palavras santissimas

Veio-me à mão um papel com as seguintes palavras, que não vão porém aqui transcritas com a mesma disposição das linhas do original:

PALAVRAS SANTISSIMAS
contra maleficios diabolicos.

IN nomine Pa † tris, & Fi † lii, & Spiritûs † Sancti. Amen. † Hel † Heloym † Sother † Emmanuel † Sabaoth † Agia † Tetragrammaton † Agios † ó Theos † Iſchyros † Athanatos † Jehovath † Ya † Adonay † Saday † Homouſion † Meſſias † Eſereheye † Increatus Pater † Increatus Filius † Increatus Spiritus Sanctus † JESUS † Chriſtus vincit † Chriſtus regnat † Chriſtus imperat † ſi diabolus ligavit, vel tentavit te *Antonio Maria* ſuo effectu, per ſua opera, Chriſtus, Filius Dei vivi, per ſuam miſericordiam liberet te ab omnibus ſpiritibus immundis, qui venit de cœlo, & incarnatus eſt in utero Beatiſſimæ Virginis MARIÆ cauſa humanæ ſalutis, & ejiciendi diabolum, & omnem malignum ſpiritum a te in profundum inferni, & abyſſi: Ecce Crucem † Domini, fugite partes adverſæ, vicit Leo de tribu Juda, Radix David.

Com licença da Meza do Deſembargo do Paço.

Há aí palavras de várias línguas, como é costume em fórmulas mágicas. Papéis como êste eram dados a devotos, com o nome dos mesmos respectivamente escrito num claro que a impressão deixava livre, como se vê acima. O papel de que se trata deve ter sido impresso nos fins do século XVIII; estava sôlto dentro de um livro.

J. L. DE V.

Um dicionário português-latino

Há tempos obtive para a secção filológica da minha livraria um exemplar da seguinte obra, algo deteriorado, infelizmente, porém, no ângulo superior direito de muitas das fôlhas, que parece estão pegadas com breu, porque êle, como me disse quem mo ofertou, foi encontrado numa adega:

Diccionario portuguez, e latino, no qual as dicções, e frazes da lingua portugueza, e as suas variantes significações, genuinas, e metaforicas, se achão clara, e distinctamente vertidas na Latina, e authorizadas com exemplos dos Authores classicos: *compilado do Vocabulario do Reverendo Padre D. Rafael Bluteau, e dos melhores Diccionarios de varias linguas:* a todos que estudão a Lingua Latina, não só utilissimo, mas summamete necessario. Offerecido ao Rei Fidelissimo Dom José I Nosso Senhor. Por Carlos Folqman, *Presbytero do habito de S. Pedro, Capellão mor de S. Bartholomeu dos Allemães na Paroquial Igreja de S. Julião desta Cidade.* (Gravurinha que representa a Fama, com asas, a tocar uma trombeta, e com outra na mão, e montada num cavalo também alado, ou Pégaso). Lisboa, na Officina de Miguel Manesial da Costa, Impressor do Santo Officio. Anno 1755. *Com todas as licenças necessarias.* — Volume in-4.º de VIII-591 páginas.

Innocencio fala desta obra no *Dicc. bibl.*, II, 31, e informa que o A., com quanto nascido em Lisboa, em 1704, provinha de pais alemães. Dá também a entender que a obra era rara já no seu tempo. Por isso me escapou mencioná-la no esbôço que em 1888 publiquei da história da nossa Filologia: reproduzido nos meus *Opusculos*, IV, 839-919; e agora atenuo de algum modo a falta, publicando esta brevissima noticia.

Livro muito útil, porque é rico de termos e de frases, e além disso de formato comodamente manuseável em comparação com o *Vocabulario* de Bluteau, como o próprio A. diz, e até com a *Prosodia* de Bento Pereira, a-pesar-do grande valor destas obras.

No prólogo dá o A. amostra do seu sistema: omissão de palavras que julgou de pouca monta, ou não traduzíveis em latim, ou baixas; acrescentamento de vocábulos; mudanças ortográficas.

Sem dúvida se podem fazer ao Diccionario várias observações, por exemplo: *afundar* não é palavra de «má língua-

gem», mas muito autorizada, como consta de Moraes; assim como o A. traduziu *Portugal* por *Lusitania* e *Portugallia*, também a par de *Lusitanus*, como tradução de *Português*, era natural que pusesse *Portugalensis*, que se encontra em tantos textos medievais (moedas, etc.); escreveu inexactamente *encertar* em vez de *encetar*, que não traz; se o A. acrescentou grande cópia de vocábulos, deixou de assinalar outros muitos, como: *cascabulho*, *encosta*, *engaço*, *granja*, e na marinha: *galeola*, *galera*, *governelho*.

Folqman possuia gôsto de estudos filológicos, pois também nos deixou uma *Grammatica hollandeza* (1742) e uma *Nomenclatura portugueza e latina das cousas mais communs e visiveis*.

J. L. DE V.

Cajon ou ocajon?

(A propósito do v. 12 do C. V. n.º 186)

Responde-se à nota do sr. Dr. José Joaquim Nunes, publicada na *Revista Lusitana*, XXVII, 300-3, deixando de parte a alusão pessoal, que se faz ao trabalho *O texto das cantigas d'amigo*, na pág. 302, n. 2:

1.º — Dá o ilustre filólogo como razão de ter imprimido *[o]cajon* a competência incontestável de D. Carolina Michaëlis, que propusera essa leitura. Será isso razão admissivel numa perfeita edição crítica do texto, o apoiar-se ùnicamente à autoridade de quem quer que seja? Nas cantigas trovadorescas não há só matéria filológica; há também ritmo, sensibilidade, principios artisticos.

2.º — E como há principios artisticos, muito mais conscientes e propositados do que geralmente se julga, o papel do editor consiste precisamente em explorá-los, com a ajuda da filologia, e dar a verdadeira ou, pelo menos, a mais provável lição dos textos. Êsse trabalho delicado de restituïção não é nem fantasia nem pedantismo. É já hoje uma imperiosa necessidade.

3.º — Entendo que deverá ler-se *caestes en atal cajon* por três razões principais: o ser *cajon* notòriamente palavra mais recente que *ocajon*, e a circunstância concomitante de ser

D. Denis trovador duma época já tardia, na qual, segundo tôdas as probabilidades, predominava já a forma simples; a verificação estatística das duas formas — 4 vezes *cajon*, contra 1 vez *ocajon*; e finalmente, o princípio exposto n-*O Texto das cantigas d'amigo*, p. 6 e 15 (da separata) de que para a contagem silábica, os trovadores usavam de refôrço, desenvolvendo silàbicamente certos monossílabos. *Tal* e *atal* estão precisamente nestes casos. Dadas estas razões, que, boas ou más, são verdadeiras razões, julgo ainda hoje, e cada vez mais, que deverá tocar-se no adjectivo e manter-se o substantivo, *cajon*.

RODRIGUES LAPA.

Sangue maçónico

Uma pessoa curiosa ofereceu-me um ofício que um administrador do concelho de Celorico da Beira enviára a um pároco em 29 de Abril de 1911, n.º 234, com a nota de «urgente», e que julgo dever transcrever aqui, por conter assunto de superstição.

«. . . . .

Tendo-se propalado o falso boato de que alguem pretende vaccinar as creanças com o sangue maçonico com o fim de alarmar o povo ignorante e incomodar as autoridades, peço a V. Ex.ª que amanhã por occasião da missa conventual faça ás pessoas que a ella assistirem uma predica sobre a impossibilidade de tal poder succeder, expondo-lhe ao mesmo tempo que as creanças e as pessoas adultas quando tiverem de ser vaccinadas para evitar a variola (o que é indispensável) o serão pelo Sr. Sub-delegado de saude ou por o medico do partido municipal.

. . . .»

*

O povo da localidade imaginava, sob influência ainda da antiga teoria fisiológico-médica do humorismo, que sangue de uma pessoa, injectado no sistema circulatório de outra, lhe transmitia o carácter moral daquela.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

I

LIVROS

HERMANN URTEL, **Beiträge zur portugiesischen Volkskunde** (= Hamburgische Universität. Abhandlungen aus dem Gebiet der Auslandskunde. Band 27. — Reihe B. Völkerkunde, Kulturgeschichte und Sprachen. Band 15.) Hamburg, L. Friederichsen & Co., 1928. 4 lâminas, 82 págs. 8.º

O valor do livro do professor hamburguês H. Urtel, falecido em 1926, sôbre vários aspectos do folklore português consiste de um lado na colheita minuciosa de materiais de livros e revistas muito raros nas bibliotecas não só da Alemanha, mas também de Portugal mesmo; de outro lado na indicação de novos caminhos nas interpretações dos fenómenos, já que não podemos sempre concordar com as explicações do autor (cf. L. Spitzer no LGRPH. XLIX, 369-371). Trata o Sr. Urtel de linguagem dos gestos, amuletos, calendário festivo, fôrças mágicas das árvores e ervas, espectros e fantasmas, lobishomem, medicina popular, estrêlas, água, pão, cama, espelho.

Da linguagem dos gestos em Portugal tratara já o Sr. J. Leite de Vasconcelos na *Etnografia* III: *A linguagem dos gestos*, Lisboa 1917 (também *Alma Nova*, vol. II, n.os 21 a 24), memória que escapou ao Sr. Urtel e que se ocupa de gestos portugueses não mencionados por êle. À mão que se vê no amuleto de forma de coração na estampa 4 (Abb. VI, 2; cf. pág. 25) podem comparar-se os amuletos de forma de mão usados pelos mouros e barbarescos do Norte da África. Há também amuletos de beduínos que se parecem com o que se figura na estampa: Abb. V, 1. O Sr. Urtel inclue várias vezes no seu estudo materiais do folklore brasileiro. Admiro-me de que no capítulo «Calendário festivo» nunca aluda à obra de Melo Morais Filho, *Festas e tradições populares do Brasil*, Rio de Janeiro — Paris s. a., que fala da noite de Natal (pág. 59 ss.) do Ano-Bom (pág. 17 ss.), do dia dos Reis (pág. 73 ss. e

193 ss.) e do dia de S. João (pág. 101 ss. e 185 ss.). Com o passar um doente por um machieiro (pág. 37) compare-se, além de Sébillot, R. Corso, *Reviviscenze (Serie prima)*, Catania 1927, pág. 35 ss., onde se explica êste uso por magia baseada na analogia. Sôbre o lobishomem veja-se também o romance de Aquilino Ribeiro *Andam faunos pelos bosques* (2.ª ed., Lisboa 1926).

Todos os que tratarem de costumes, tradições, crenças e superstições de Portugal ou de outros paises da Romania serão forçados a estudar êste livro póstumo do romanista hamburguês, e a tomar em conta as novas explicações, os resultados e as indicações motodológicas expostas nesta obra.

Hamburgo. WILHELM GIESE.

C. H. GRANDGENT, **Introduccion al latin vulgar,** traduccion del inglés, adicionada por el autor, corregida y aumentada con notas, prologo y una antologia por Francisco de B. Moll, Madrid, 1928.

Proseguindo na continuação da excelente biblioteca que serve como de apêndice aos seus ensinamentos, publicou a *Revista de Filologia española* um manual, indispensável a quem desejar conhecer a natureza e estrutura da língua falada pelo plebe romana e transmitida depois pelos soldados e comerciantes ao vastíssimo território sôbre que a sua acção se exerceu e implìcitamente a maneira como se formaram os vários idiomas, por isso chamados românicos.

Dêste livro havia já uma tradução em italiano, dada à estampa pela casa Hoepli de Milão, mas a que há pouco o Sr. Moll fêz do original inglês para espanhol sobreleva em merecimento àquela, pois que, não só contém adições do próprio autor, referentes quer à doutrina em si, quer à respectiva bibliografia, mas ainda aqui e ali alguns acrescentos do tradutor, tendentes a evitar uma ou outra obscuridade do texto, e sobretudo uma *Antologia* do latim vulgar, na qual se compreendem trechos das principais obras onde êle melhor se revela, com a *Cena Trimalchionis*, a *Peregrinatio Silviae*, a *Mulomedicina Chironis*, a *Regula Monachorum* de S. Bento, o texto completo do *Appendix Probi*, e ainda grande número de inscrições hispano-latinas, tudo acompanhado, para melhor

inteligência do leitor, da remessa aos parágrafos da obra que explicam as formas divergentes da língua clássica.

Com êste seu trabalho prestou o Sr. Moll grande serviço aos estudantes das nossas Faculdades, em especial aos que cursam o grupo chamado de filologia românica, os quais encontram nele não só o indispensável ao conhecimento do latim vulgar, mas também a indicação das principais obras que até agora se teem publicado sôbre a matéria e nas quais poderão ampliar aquele conhecimento. Para os professores dos nossos liceus também êle será auxiliar importante que lhes compendiará os estudos feitos nas Faculdades e lhes poupará mais extensas leituras, quando, nas suas explicações aos alunos, tiverem de ocupar-se da origem e formação da nossa língua. A todos estes por dever de ofício e a quantos se empenham em bem conhecer o nosso idioma recomendo esta, por todos os motivos, excelente publicação.

J. J. NUNES.

E. L. LLORENS, **La negacion en español antiguo con referencias a otros idiomas.** Madrid, 1929.

O *Centro de estudos históricos de Madrid*, criado pela *Junta de ampliação de estudos*, correspondendo plenamente ao fim para que foi instituído, procura por tôdas as formas difundir a sciência, e assim, afora a *Revista de Filologia española*, organizou nada menos de três colecções, uma que já no IX vol. onde se contam excelentes livros, quer originais, quer traduções, referentes em especial à língua e literatura castelhanas, outra a que deu o título de *anexos*, que compreende já XI volumes sôbre o mesmo assunto, e uma terceira, que vai no vol. VII, destinada a estudos sôbre o teatro espanhol e reprodução de obras dramáticas, dignas de serem dadas à estampa ou publicadas de novo.

Da segunda colecção o último volume que acaba de vir a lume tem o título acima indicado e ocupa-se em especial, como dêle se depreende, de matéria pròpriamente gramatical, qual é a maneira vária por que em castelhano antigo se indicava na frase a negação. Embora o autor se refira em especial a esta língua, a relação íntima em que ela se encontra com as demais de igual procedência condu-lo naturalmente a

estudar o mesmo processo noutras, sobretudo as dominantes na Península, isto é, afora aquela, o catalão e português, conjuntamente com o galego. Em abôno da igualdade da maneira como os três idiomas expressavam e ainda expressam, na maioria dos casos, a negação, aduz o autor grande cópia de exemplos, colhidos nas obras do tempo e demonstrativos da sua muita leitura e vasta erudição. Com respeito à nossa lingua aproveitou, para o seu intento, o *Cancioneiro da Ajuda*, o *de D. Denis* e ainda o *de Rèsende*, além do que se acha publicado da *Demanda do Santo Graal*.

É de merecimento incontestável o trabalho do snr. Llorens e por isso o recomendamos aos leitores da *Revista Lusitana*, em especial aos professores das nossas escolas, certo de que muito aproveitarão com a sua leitura.

Em refôrço ao que o autor diz lembrarei que:

(pág. 107) O português conhece também *nonada*, como se pode ver no Dicionário de Morais; (108) em C. V. 234 há igualmente *por cousa* no sentido de *por causa*; (118) também em português ocorre *algo* com o valor do substantivo: cf. *Glossários do Canc. da Ajuda e das Cantigas de Amigo*; (116) a ortografia usada no códice leva a ler antes *niente* do que *niinte*: cf. a minha *Evolução da Língua Portuguesa*, pág. 220; (177) ainda hoje persiste na lingua popular o emprêgo do advérbio *não* no caso citado; assim: «Os nossos filhos .. encontrarão uma época mais desafogada e feliz que nós *não* tivemos, *Diário de Notícias* de 25-5-1920.

A-pesar-do grande cuidado na revisão, ainda a ela escaparam a pág. 104, nota, *nicles* por *nicles*, 105 *ma-di an'eu* em vez de *mal-dia nad'eu* e em 147 *oussi* por *ousei*.

Anteriormente a êste volume foram, na mesma colecção, publicados por Carroli Mardin dois, intitulados: *Cuatro poemas de Bercio* e *Veintitres milagros* do mesmo poeta, segundo um novo manuscrito pretencente à Real Academia Espanhola, de grande importância para o conhecimento do velho castelhano e da vasta literatura mariana do tempo.

Na 3.ª colecção publicou o snr. José F. Montensinos *El Cordobés valeroso Pedro Carbonero* (Madrid, 1929), em adição a outras obras dramáticas que já tinha dado a lume na mesma.

J. J. Nunes.

II

REVISTAS

— *A Língua Portuguesa*, revista de Filologia: director RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA. — Estão publicados até o presente nove fascículos, datado o 1.º de 1929. Desejamos longa vida à nova e auspiciosa publicação.

— Na *Zeitschift f. roman. Philologie*, XLIX, 559, vem uma nota de Ramires Ortiz intitulado *Una* «cantiga de amigo» *provenzale*, onde estabelece relações das nossas cantigas de amigo com uma poesia de Raimbaut de Vaqueiras.

— *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.* Esta importante revista começou a aparecer a lume no Pôrto em 1919, e estão publicados dela até o presente (1930) quatro volumes.

— Na *Revista Portuguesa*, Vila Viçosa (1924), de que só saiu um número; na *Gente Minhota*, n.º 1 (1926) e seguintes; na *Penha-Fidelis*, n.º 1 (1927) e seguintes; e no *Portucale*, n.º 1 (1928) e seguintes: há artigos que podem importar aos etnógrafos e aos filólogos.

J. L. DE V.

III

VARIA QUAEDAM

A) FILOLOGIA:

— Trabalhos de J. J. Nunes:

a) **Crestomatia arcaica,** 2.ª ed., 1921;
b) **Evolução da Língua Portuguesa,** 1926;
c) **Cantigas de amigo,** 3 vols., 1926-1928.

— De José Pereira Tavares:

a) **História da Língua Portuguesa,** 1923;
b) **Selecta de Textos Arcaicos e Medievais,** 1923;
c) **Ortografia Portuguesa,** 1928.

— De J. Leite de Vasconcelos:

Opúsculos:

Vol. I, *Filologia* (1.ª parte), 1928;
Vol. II, *Dialectologia* (1.ª parte), 1928;
Vol. III, *Onomatologia*, 1930;
Vol. IV, *Filologia* (2.ª parte), 1929.

Publicados pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Estão no prelo os vols. V e VI, e seguir-se hão outros.

— A **Língua portuguesa e a sua metafonia,** por Augusto d'Almeida Cavacas, 1921.

— **Auto da Sibila Casandra** de G. Vicente, ed. e notas de Alvaro Giráldez, 1921.

— **Memorial dos adjectivos,** por Quirino da Fonseca, 1923.

— A **língua portuguesa e os seus mistérios,** por Jaime de Magalhães Lima, 1923.

— **História comparativa da Literatura Portuguesa,** por J. Barbosa Betencourt, 1923.

— **As três prosas: A Pobre; a Rica e a Nova-rica,** por Agostinho de Campos, 1923.

— **A Língua Portuguesa em Portugal e no Brasil,** por Cândido de Figueiredo, 1923.

— **A Sciência da Linguagem,** pelo Tenente Elias da Costa, 1927.

— **Língua minha gentil,** por Manuel de Sousa Pinto.

— **Locuções e modos de dizer,** por Fonseca Lebre (José), 1924.

— **Gírias militares Portuguesas,** por Afonso do Paço, 1926.

— **Auto da Alma** de Gil Vicente, edição de Pires de Lima, 1926.

— **Anthologie der geistigen Kultur auf der Pyrenäen-Halbinsel,** pelo Dr. Wilhelm Giese, 1927.

— **A Linguagem de Camilo,** por Cláudio Basto, 1927.

— **Sôbre o nome «Càmões»,** por Joaquim da Silveira, Coimbra 1927.

— **Linguagem Camiliana,** por P. A. Pinto, Rio de Janeiro 1927.

— **Os pretéritos com redôbro,** por Celestino Monteiro Soares de Azevedo, 1928.

— **An old portuguese work on manuscript illumination,** pelo Prof. David S. Bloudheim, 1928.

— **Il contributo dell'Italia agli studi lusitani negli ultimi cinquant'anni,** por Guido Vitaletti, 1928.

— **I lais portoghesi del codice vaticano lat. 7182,** por Silvio Pellegrini, 1928.

— **A Unidade da Língua Portuguesa,** por Júlio Dantas, 1929.

— No **Homenaje oferecido a Menéndez Pidal,** I-III — 1925 — entre os muitos artigos que contém de Filologia Românica, encerra também alguns de Filologia Portuguesa.

B) Etnografia:

— **Cancioneiro popular português e brasileiro,** por Nuno Catarino Cardoso, 1921.

— **Romances e canções populares da Minha Terra,** por Francisco Serrano, 1922.

— **A vida rural do Alentejo,** por Luís da Cunha Gonçalves, 1922.

— **Cancioneiro da Saüdade,** por Carlos Martins, 1922.

— **A Graça Portuguesa,** por Carlos Duarte (pseudónimo), 1923.

— **Guimarães:** *o labor da Grei.* Notícia circunstanciada da notável exposição de Guimarães, industrial e agrícola, realizada em 1923. Há nesta obra muitos artigos que importam aos etnógrafos.

— **Vestígios do culto da serpente na pre-história lusitânica,** por J. Betencourt Ferreira, 1924.

— **Estudo antropológico e etnográfico da população de S. Pedro** (Mogadouro), por Santos Júnior, 1924.

— **Crime e Prisões** (com tatuagem a pág. 215), por Rodolfo Xavier da Silva, 1925.

— **Nosso Senhor dos Passos da Graça,** pelo P.e Ernesto Sales, 1925.

— **O Fado,** por José Manuel Ribeiro Fortes, 1926.

— **O Minho Alegre e Cantador,** por Álvaro Lemos, 1926.

— **Flores de Portugal** *(Colecção de cem das mais lindas cantigas do povo português),* por Cláudio Basto, 1926.

— **Cancionerinho de Fozeva,** por Edmundo Arménio Correia Lopes, 1926.

— **Paletnologia Portuguesa e Peninsular** (Bibliografia), por Rodrigues Cavalheiro, 1926.

— **Le tatouage,** por A. A. de Santana Rodrigues, 1927.

— **O Folk-lore no Brasil,** por J. da Silva Campos, 1928.

— **Rifaneiro Português,** por Pedro Chaves, 1928.

— **Folklore do Concelho de Vinhais,** pelo P.e Firmino A. Martins, 1928.

— **Cancioneiro de Viana do Castelo,** por Afonso do Paço, 1928.

— **Cartas de Amor,** por José de Pinho, 1928.

— **A Música na sua relação filológica,** por Bertino Daciano, 1928.

— **Presépios de Évora,** por João Rosa, 1929.

— **Etnografia da Beira,** 3 volumes, por Jaime Lopes Dias, 1926-1929.

— **Bruxas e medicina,** por Luís de Pina, 1929.

— **Notas de Medicina popular transmontana,** por Santos Júnior, 1929.

— **Romances religiosos da Beira,** por Severo Portela, 1929.

— **Cancioneiro de S. Simão de Novais,** por F. de C. Pires de Lima, 1929.

— **Afinidades galaico-portuguesas de Folclore,** por Santos Júnior, 1929.

— **Etnografia da região de Vouga,** por Alberto Souto, 1929.

— **Os Flamengos no Faial,** por Ferreira de Serpa, 1929.

— **S. Gonçalo:** *culto e lenda,* por Alberto V. Braga, 1929.

— **Portugal,** 2 volumes. Colecção de opúsculos respeitantes à secção portuguesa da Exposição de Sevilha, publicados em 1929. Muitos dêles importam aos etnógrafos.

— **Curiosidades de Guimarães,** por Alberto V. Braga, 1930.

— **Trás-os-Montes,** por D. Ferreira Deusdado, 1930.

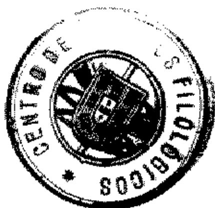
— **Em defesa do «folk-lore» nacional,** por Jaime Lopes Dias, 1930.

— **Alguns aspectos da vida portuguesa no cancioneiro de Simão de Novais,** por F. de C. Pires de Lima, 1930.

— **Os pelourinhos portugueses** (na colecção de Estudos Nacionais), por Luís Chaves, 1930.

J. L. DE V.

NECROLOGIA



Teófilo Braga

(† 28 de Janeiro de 1924)

II. — Como etnógrafo (1)

Porque foi Teófilo Braga — etnógrafo?

«Tendo concentrado — diz êle — todos os nossos estudos historicos nas manifestações da Civilisação portugueza, para bem comprehendel-as como expressão do genio nacional fomos levados à investigação das origens anthropologicas da raça, e ao exame comparativo dos costumes segundo o criterio da ethnologia. Porém, essas investigações eram apenas como preliminares elucidativos, a que tinhamos de referir-nos nas nossas conclusões. Embora passageiras, foram as indicações anthropologicas e ethnicas que nos revelaram:

«A unidade das tradições poeticas occidentaes, que transparece dos paradigmas do *Cancioneiro* e *Romanceiro Geral*, e *Contos tradicionaes do Povo portuguez*;

«As fórmas primitivas do Lyrismo occidental, que sob o typo de serranilhas se conservaram como base de expressão esthetica, na *Historia da Litteratura portugueza*;

«As superstições populares, como resto de cultos de um sobsolo social, de que ainda se conservam muitas sobrevivencias e recorrencias, como consignamos no *Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*;

«As condições naturaes do espirito separatista, que levam á autonomia dos pequenos estados ou Nacionalidades peninsulares, e á sua cooperação e solidariedade historica pelo Fe-

---

(1) [Vid. cap. I, Teófilo Braga como historiador da Literatura portuguesa, in *Rev. Lus.*, XXV, 334-337].

deralismo, que é o pensamento generativo da *Historia de Portugal*, que escrevemos.» [1]

Na «Autobiographia mental de um pensador isolado», com que abre o livro *Quarenta annos de Vida Litteraria*, explica-se o Escritor destarte:

«N'esse *estado de poesia* [2], em que me elevei da emotividade pessoal á concepção e tentamen da Epopêa humana, plano proseguido ininterruptamente durante trinta annos, viemos a fecundarmo-nos no estudo das Tradições das raças, sob a direcção de Vico. O que se me revelava como riqueza para a idealisação poetica, desdobrou-se na curiosidade scientifica das Tradições populares, que começámos logo a investigar sob o ponto de vista anthropologico e ethnologico. A minha situação de estudante de Coimbra em relação directa com uma mocidade de todas as provincias de Portugal, collocava-me em condições excepcionaes para obter os documentos do Romanceiro e Cancioneiro oral portuguez. Assim das grandes Tradições humanas transitava para as Tradições nacionaes; mas não acabava aqui a correlação esthetica. Essas Tradições nacionaes, comparadas com a dos outros povos occidentaes levavam á determinação de um fundo commum de themas epicos e lyricos; assim procurando o substratum d'essa unidade tradicional eramos levados á determinação de um fundo anthropologico commum, — a raça de que o Lusitano é representante, e a persistencia ethnica dos Costumes, do velho polytheismo árico, que se manifestam já inconscientemente nos cantos, dansas e poesias das festas populares.

---

(1) Teófilo Braga, *A Patria Portugueza — O Territorio e a Raça*, Pôrto 1894, pág. IX-X.

(2) Refere-se ao início da sua vida mental, à sua primeira fase. — «... o Poeta destaca-se por uma faculdade, que os allemães designam pela palavra Gemüth, pela qual, em toda a existencia intellectiva e activa, o Sentimento é o criterio supremo e o impulso suggestivo e intimo de todas as manifestações do seu sêr. Foi por este temperamento que o *estado de poesia* me salvou de muita calamidade.» *Quarenta annos de Vida Litteraria — 1860-1900 —*, Lisboa 1902, página XXXIV.

Por uma successão logica d'estes germens tradicionaes proseguimos para a sua elaboração artistica nas Litteraturas modernas, concentrando todos os nossos esforços na construção da *Historia da Litteratura portugueza*, especialmente. Assim como a *Sciencia Nova* de Vico influira para a comprehensão do elemento tradicional, a philosophia de Hegel veiu-nos interessar profundamente pelos phenomenos estheticos da morphologia litteraria; sobretudo na sua Esthetica e Philosophia da Historia encontrámos um novo impulso para alargar a nossa systematisação.» (1)

No «Plano das obras completas», que publicou no mesmo livro, *Quarenta annos de Vida Litteraria*, diz Teófilo Braga:

«Desde 1858, em que entrou no prelo o nosso primeiro livro de lyrismo pessoal *(Folhas Verdes)*, até á hora presente em que trazemos em circulação para mais de 100 volumes, acha-se toda esta actividade mental, que abrange quarenta anos, subordinada a um ponto de vista synthetico, que nos dirigiu em todos os continuos esforços.

«Essas Obras, inspiradas por uma noção *philosophica*, visam a servir uma intenção patriotica ou *nacional*. Assim todo esse vasto corpo coordena-se naturalmente em tres ordens de concepções, que psicologicamente se subordinam em manifestação ascencional, e que mutuamente se completam:

«Primeiramente, a elaboração *esthetica*, em que se patentea o artista, e em que a idealisação poetica provocou o desenvolvimento da meditação.

«Seguiu-se uma *phase scientifica*, especialmente dedicada á Ethnologia como base de investigação dos germens tradicionaes da Historia litteraria, juridica e politica, tendo exclusivamente em vista a Civilisação portugueza, como um dos factores da grandiosa Civilisação occidental.

«Por ultimo, a anterior idealisação da Epopêa da Humanidade, e o estabelecimento da solidariedade dos povos romanicos pela Historia, coadjuvaram-nos os trabalhos de especulação *philosophica*, que se concentram fundamentalmente em uma systematisação da Sociologia.» (2)

---

(1) *Quarenta annos de Vida Litt.*, já cit., pág. XLIX-L.
(2) *Loco cit.*, pág. LXVI.

E continua:

«N'este contorno geral de um labor continuo de quarenta annos, a concepção *philosophica* foi definindo-se nas diversas correntes doutrinarias a que o espirito obedeceu procurando a orientação normal; começámos pela influencia de Vico (de que nos proveiu o interesse pelos factos da Ethnologia); recebemos de Hegel a comprehensão dos phenomenos estheticos (e um exagerado *germanismo* na evolução historica); e assimilámos, em uma crise de renovação mental a synthese positiva de Augusto Comte, onde encontrámos bem definidas as relações theoricas d'esses trez eminentes pensadores.

«Esta doutrina completa reflectiu-se n'uma mais clara comprehensão do ideal da Humanidade e do seu destino normal, na obra poetica — *Visão dos Tempos;*

«Reflectiu-se na obra scientifica, relacionando os — *Materiaes para a Historia da Civilisação portugueza* — com a marcha geral da civilisação europêa do seculo XII a XIX nos seus elementos *affectivo, mental* e *social,* em que assentámos o campo das investigações concretas;

«Reflectiu-se nas concepções philosophicas pela comprehensão da unidade sympathica, synthetica e synergica como base da normalidade humana para attingir o progresso por um concurso consciente.» (1)

E comenta, por fim:

«Comprehende-se que esta obra complexa em uma tão larga trajectoria apresente as vacilações de um espirito que procura fixar um methodo, e as desegualdades de exposição de um escriptor que fez a sua educação á vista de todos. Apesar de derivarem de um plano fundamental, todos esses livros acham-se desmembrados conforme os accidentes da publicação. Não são escriptos de um polygrapho; mesmo desconhecido o nexo que os liga entre si, o publico pressente-o acceitando essas contribuições pelo simples valor concreto das amplas informações.» (2)

---

(1) *Loco cit.*, pág. LXVI-LXVII.
(2) *Loco cit.*, pág. LXVII.

Com mais franqueza dissera antes:

«Apesar da subordinação de toda a actividade mental *a um plano entrevisto, que se ia desvendando em consequencia do trabalho*, é certo que a minha educação intellectual se fez dia a dia diante do publico; todas as minhas vacilações, incertezas, incompletas ideias, vagas doutrinas e incoherencias de exposição ou de estylo, ficaram impressas na trajectoria do espirito, prestando-se á critica particularista de uns, lamentando errados caminhos que seguiamos, outros chasqueando das theorias, e quasi todos considerando a exuberancia da producção como inferioridade.» (1)

Das próprias palavras de Teófilo Braga, se apuram os motivos por que êle foi etnógrafo. A etnografia, para êle, não foi mais do que contribuïção para o estudo do aspecto *afectivo* da *civilização portuguesa*, em obediência às suas ideias filosóficas.

«Pelo poder do systema fomos levados do quadro geral da Historia da Litteratura a um pensamento mais vasto, o da Civilisação portugueza sob os tres aspectos fundamentaes — o *affectivo*, ou artistico, o *especulativo* ou scientifico, e o *social* ou propriamente politico.» (2)

Assim, no «Plano das obras completas», aparecem incorporados no *elemento afectivo*, para a História da Civilização portuguesa, os trabalhos etnográficos de Teófilo Braga.

Tal *elemento afectivo* abrange: os livros que o Escritor subordinou ao título geral de *A Patria Portugueza*; a *Historia da Litteratura portugueza* com o *Parnaso portuguez*; *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*; *Bibliotheca das Tradições portuguezas*.

Esta *Biblioteca*, que Teófilo Braga não deixou completamente publicada em volumes, constaria das obras seguintes:

---

(1) *Loco cit.*, pág. LIII. O itálico, na transcrição, é meu.
(2) *Loco cit.*, pág. XLVI [aliás XLVII].

I. *Historia da Poesia popular portugueza.*
II. *Cancioneiro popular portuguez.*
III. *Romanceiro geral portuguez.*
IV. *Theatro popular portuguez:* Reisadas — Lapinhas — Mouriscadas — Jogos figurados.
V. *Adagiario portuguez.*
VI. *Contos tradicionais do Povo portuguez* (1).

Entre os livros, a que Teófilo Braga chama *Pequenos Escriptos* no seu «Plano das obras completas», há ainda trabalhos de interêsse etnográfico (2).

Diz êle haver sido no ano de *1867* que iniciou a publicação das «investigações e estudos sobre as Tradições populares portuguezas». Já antes dêsse ano, porém, publicara o artigo *Poesia popular* na «Revista Contemporanea de Portugal e Brasil», vol. v (1864-1865), e artigos acêrca da *Discussão das formas da poesia popular portugueza* no «Jornal do Commercio» (2.º semestre de 1865). De 1867, datam as suas primeiras publicações «em volumes»: *Historia da poesia popular portugueza*, onde vêm os artigos referidos; *Cancioneiro popular*; e *Romanceiro geral.*

Nos *Ensaios Ethnographicos*, do S.or D.or J. Leite de Vasconcelos, vem a bibliografia, metòdicamente esmiüçada (até à data do último volume dos *Ensaios)*, relativa ao labor etnográfico de Teófilo Braga.

Os seus últimos trabalhos foram publicados na *Revista Lusitana.*

Os materiais etnográficos reünidos por Teófilo Braga são em grande quantidade. Perdem, porém, e muito, na importância, em virtude dos processos de que o Escritor se aproveitou nas suas colheitas.

Não foi até ao povo, escutando-o, surpreendendo-o em flagrante, estudando-o paciente e cautelosamente.

Acima, numa transcrição que fiz do livro *Quarenta annos de Vida Litteraria*, conta-nos Teófilo Braga como, a princípio, recolheu tradições, entre os seus companheiros de Coim-

(1) Vid. *Quarenta annos de Vida Litteraria*, pág. LXVIII-LXIX.

(2) Vid. *loco cit.*, pág. LXXI.

bra. Depois, nem coisa parecida voltou a praticar. Contentava-se com informações escritas, Deus sabe como baseadas e transmitidas!

Teófilo Braga era homem de gabinete. Faltava-lhe o jeito, a paciência, a devoção necessária para observar, registar, analisar os factos que se deparam ao etnógrafo e os que êle tem necessidade ou curiosidade de procurar.

Depois, no tocante à análise dos factos em si, à sua comparação com os de outros lugares e outras épocas, à sua interpretação e classificação, — as obras de Teófilo Braga são deficientes e apresentam muitos erros.

O autor deixa-se levar pelas primeiras impressões, pela sua fantasia, principalmente pela subordinação de tudo ao seu sectarismo filosófico. Conclui, como *deseja* concluir, tendo em vista o fim de antemão estabelecido.

Em resumo: Teófilo Braga foi etnógrafo, porque a etnografia lhe era exigida pela orientação filosófica em que se empenhara. Ajuntou materiais em grandíssimo número, cujo valor, inegável, é, todavia, diminuido pelos maus processos e métodos que seguiu na reünião dèles, e pelas más conclusões a que chegava, obcecado pelo seu sectarismo doutrinário.

Alonguei-me na referência ao motivo por que Teófilo Braga foi etnógrafo, porquanto me parece não ter sido ainda apreciado, nesse aspecto, pelo menos com reparo conveniente, o labor do Etnógrafo. Nos outros aspectos, a que aludo, a crítica de èsse labor está de há muito feita; são dispensáveis mais palavras.

Teófilo Braga trabalhou muito, e trabalhou muito em benefício da Pátria. O seu trabalho é extensíssimo — e calorosamente patriótico.

«Todos os nossos trabalhos — declara — versam sôbre assumptos portuguezes: costumes populares, tradições poeticas, evolução da Litteratura, das instituições pedagógicas, e formas politicas a par da vida historica da nacionalidade.» (1)

---

(1) *Quarenta annos de Vida Litt.*, pág. XV.

No «Preliminar» da 2.ª edição dos *Contos Phantasticos* (1), confessa Teófilo Braga:

«Foram reunidos em volume em 1865 os *Contos phantasticos* no meio das refregas da conhecida *Questão de Coimbra*; publicára a maior parte d'elles no *Jornal do Commercio*, em cuja collaboração litteraria auferia uns tantos réis com que ia seguindo o meu curso na Universidade. De repente achei-me cercado de odios; cortaram-me os viveres na empreza do jornal, nas aulas de Direito tiraram-me a mesquinha distincção academica, os criticos espalmaram-me rudemente, os livreiros recusaram-se a dar publicidade ao que escrevia, e os patriarchas das lettras com o peso da sua auctoridade sorriam com equivocos sobre o meu valor intellectual, chegando a circular lendas depressivas do meu caracter e costumes que só consegui desfazer com uma vida ás claras e cheia de ignorados sacrificios. Outro qualquer ter-se-hia rendido.

«Vi-me forçado a inverter as bases da minha existencia, abandonando a Arte que me seduzia, porque me abandonara a serenidade contemplativa, e lancei-me á critica, á erudição, á sciencia, á philosophia. N'este campo os meus erros e exageros bem merecem ser perdoados.» (2)

Merecem.

Trabalhou como poucos. Amou como poucos o seu País. E se nós, — em vez de nos colocarmos no tôpo final da sua vida, a olhá-la de diante para trás, — nos colocarmos no tôpo inicial da sua operosidade mental, e seguirmos atrás de Teófilo Braga, havemos de confessar que, por muito tempo, êle foi renovador, inovador, agitador útil do meio intelectual português.

Os seus erros, os seus exageros merecem ser perdoados.

Viana-do-Castelo, 1926.

CLÁUDIO BASTO.

---

(1) Lisboa 1894.
(2) Pág. V-VI.

Alfredo Ferreira de Faria

(† 7 de Julho de 1930)

Contabilista e jornalista.

Nasceu a 9 de Outubro de 1867 na cidade do Pôrto, onde faleceu a 7 de Julho de 1930.

Foi bairrista como poucos, — um autêntico «tripeiro». À terra natal dedicou a melhor parte da sua actividade. Com sacrifício da sua bôlsa, sustentou por largo tempo *o Tripeiro*, «repositório de notícias portucalenses», quinzenário onde, a par com muitas coisas inúteis, há muitas coisas deveras curiosas. De *o Tripeiro* saíram 6 volumes (em 3 séries); o 1.º número apareceu em 1 de Julho de 1908, e o último em 15 de Dezembro de 1927; em Junho de 1928, saiu um número extraordinário, para segurança do título, na conformidade da lei. Após a morte de Alfredo de Faria, foi publicado (1), em Outubro, mais um número extraordinário, consagrado à memória do fundador do periódico, e no qual vem, a respeito dêle, uma notícia bio-bibliográfica desenvolvida. Em 3 de Novembro corrente, reapareceu *o Tripeiro*, agora mensário, sob a direcção do Sr. Emânuel Ribeiro.

Alfredo de Faria foi também um coleccionador de tradições populares, — havendo tentado, em 1905, fundar no Pôrto a «Sociedade Portuguesa de Folk-lore» e iniciar a publicação de uma «Biblioteca das tradições populares», sob a forma de dicionário. A estas tentativas me refiro no mencionado número extraordinário de *o Tripeiro*, de homenagem à memória do seu fundador, em artigo com o título «Alfredo de Faria e as Tradições populares». «A *Sociedade* — digo eu nesse artigo — não vingou. A *Biblioteca* não se iniciou. Alfredo de Faria prosseguiu, no entanto, em seu trabalho, rebuscando, coleccionando, — sem desanimar, prazenteiro sempre, como se os seus planos jamais deixassem de ter o melhor êxito».

Do muito que reüniu — tradições portuguesas e estrangeiras, pois Alfredo de Faria conhecia várias línguas —, quási nada publicou; apenas um artigo acêrca de «bruxas», em

---

(1) Por um grupo de antigos colaboradores de *o Tripeiro*.

três números da revista *a Águia*, do Pôrto (2.ª série, vols. XIV, XV e XVI, de 1918 e 1919). O resto ficou inédito.

«A memória dêste investigador — concluo como concluí o referido meu artigo de *o Tripeiro* —, a memória dêste investigador, modesto e de raríssima persistência, merece o respeito de todos — Portuenses ou não. E de mim, muito especialmente, — pois foi de mim que Alfredo de Faria se lembrou para lhe arrecadar, depois da morte, as obras e notas etnográficas que conseguira reünir».

Pôrto, Novembro de 1930.

CLÁUDIO BASTO.

Por absoluta falta de tempo não dei ainda na RL, nem sei se poderei dar, notícia necrológica de alguns escritores estrangeiros falecidos ùltimamente, e a quem Portugal deve gratidão por causa de trabalhos que a respeito dêle publicaram.

Por exemplo: F. D'OVIDIO, HUGO SCHUCHARDT, URTEL.

Pelo menos a respeito de Schuchardt desejaria eu publicar um artigo, não só porque possuo um circunstanciado relato inédito que um seu amigo me ofereceu dos últimos momentos da vida do grande filólogo, mas porque êste usou sempre comigo de grande benevolência, já em escritos, já em me deixar em testamento um manuscrito do século XVII relativo a um dialecto crioulo português do Oriente.

Também faleceu (em 25 de Fevereiro de 1922) o nosso colaborador BRAGA BARREIROS, que entre outros trabalhos que inseriu na RL se conta o «Vocabulário barrosão» (XX, 137-161), que ficou incompleto, mas cuja conclusão será ali publicada logo que possa ser, porque êle m'a havia deixado com a parte que se publicou.

Braga Barreiros era um curioso, mas investigava com amor assuntos etnográficos e lexicais.

Finalmente, lembra-se aos leitores da RL que na Figueira da Foz se finou há anos PEDRO FERNANDES TOMÁS, autor de

muitos trabalhos de Etnografia. Infelizmente não posso indicar agora pormenores de datas biográficas. Verei se a lacuna se preenche de outra vez.

Os seus livros, no campo do *Folk-lore*, são, creio eu, os seguintes:

— *Canções populares da Beira*, 1896; 2.ª edição, 1923, sendo 100 exemplares impressos em papel de linho, os outros em papel comum;
— *Velhas canções e romances pop. portug.*, 1913;
— *Cantares do povo*, 1919.

E deixou outro inédito, que vai ser publicado pela benemérita Imprensa da Universidade de Coimbra.

Colaborou P. Fernandes Tomás, sôbre o mesmo assunto, em vários jornais, como a *Gazeta da Figueira*, e revistas, como a *Portugália*, o *Boletim da Figueira*, a *Rev. lusitana*.

J. L. DE V.

CRÓNICA

Celebrou-se em Setembro dêste ano, com grande concorrência e brilho, em Coimbra e Pôrto, a 15.ª reüniāo do Congresso de Antropologia e Arqueologia Prehistórica, e a 4.ª do Instituto Internacional de Antropologia.

Estas reüniões foram conjuntas, e nelas se ventilaram muitos assuntos de Antropologia e Etnologia nacionais.

Lamento não dispôr de tempo que me permitisse dar aqui notícia mais desenvolvida.

J. L. DE V.

Indice do volume XXVIII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA:

BIBLIOGRAFIA:

I — Livros:

NECROLOGIA: